

**INRC – INVENTÁRIO
NACIONAL DAS
REFERENCIAS CULTURAIS
DAS COMUNIDADES
POMERANAS DO ESPIRITO
SANTO**

**IPHAN-ES
Espaço e Cultura Ltda. – ME**

2013-2014

**Ministério da Cultura
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Superintendência de Espírito Santo
Processo 01409.000377/2012-81
Edital de Tomada de Preços nº 04/2012**

**DESENVOLVIMENTO DO INVENTÁRIO NACIONAL DAS REFERENCIAS
CULTURAIS- INRC EM COMUNIDADES POMERANAS DO ESPIRITO
SANTO, TENDO-SE COMO PRINCIPAIS REFERÊNCIAS DA SUA
DISTRIBUIÇÃO NO ESTADO OS MUNICÍPIOS DE SANTA MARIA DE
JETIBÁ, LARANJA DA TERRA, VILA PAVÃO, DOMINGOS MARTINS,
PANCAS, AFONSO CLÁUDIO, SANTA LEOPOLDINA, BAIXO GUANDU,
ITAGUAÇU, ITARANA, VILA VALÉRIO, SANTA TERESA, SÃO GABRIEL
DA PALHA, COLATINA, MARECHAL FLORIANO, SÃO ROQUE DO
CANAÃ, GOVERNADOR LINDENBERG**

Equipe Espaço e Cultura Ltda. – ME:

Diovani Favoreto
Fernando da Silva França
Gilson Moura Henrique Junior
Liliane Faria Corrêa Pinto
Luciano Faria Corrêa Lima
Luzimar Paulo Pereira
Nivaldo Santos
Tatiana Bicalho

Maio de 2014
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Superintendência de Espírito Santo
Espaço e Cultura Ltda. – ME

**DESENVOLVIMENTO DO INVENTÁRIO NACIONAL DAS REFERENCIAS
CULTURAIS- INRC EM COMUNIDADES POMERANAS DO ESPIRITO
SANTO, TENDO-SE COMO PRINCIPAIS REFERÊNCIAS DA SUA
DISTRIBUIÇÃO NO ESTADO OS MUNICÍPIOS DE SANTA MARIA DE
JETIBÁ, LARANJA DA TERRA, VILA PAVÃO, DOMINGOS MARTINS,
PANCAS, AFONSO CLÁUDIO, SANTA LEOPOLDINA, BAIXO GUANDU,
ITAGUAÇU, ITARANA, VILA VALÉRIO, SANTA TERESA, SÃO GABRIEL
DA PALHA, COLATINA, MARECHAL FLORIANO, SÃO ROQUE DO
CANAÃ, GOVERNADOR LINDENBERG**

**Projeto Desenvolvimento do
inventário nacional das referencias
culturais- INRC em comunidades
pomeranas do
Espírito Santo realizado pela empresa
Espaço e Cultura Ltda. – ME,
vencedora da licitação Edital de
Tomada de Preços nº 05/2014,
Processo nº 01409.000377/2012-81**

Vitória

2014

Índice:

	Lista de siglas	5
1.	Introdução	6
2.	Relatório Analítico	8
2.1	Identificação e delimitação da região a ser inventariada;	8
2.1.1	Mapa da região inventariada	40
2.2	Pomeranos	55
2.2.1	A Pomerânia	56
2.2.2	Contexto histórico da imigração para o Brasil	59
2.2.3	Espírito Santo	66
3	Relatório do trabalho realizado nas três etapas com descrição das atividades de todos os campos	78
3.1	Entrevistas	89
4.	Aplicação dos formulários do INRC;	93
4.1	Bens inventariados e identificados	95
4.1.1	Bens inventariados	96
4.1.2	Bens identificados	137
5.	Reuniões realizadas com os grupos	154
6.	Sistematização e interpretação das informações levantadas	169
7	Resenha crítica da bibliografia levantada	178
8	Relatório Final	189
8.1	Culinária	191
8.2	História das cidades	193
8.3	Ocupação de Terras	225
8.4	Língua	228
8.5	Arquitetura	229
8.6	Agricultura	237
8.7	Música e Concertina	240
8.8	Religiosidade pomerana	247
9	Bibliografia	251

Lista de Siglas

ADL	Associação Diacônica Luterana
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FARESE	Faculdade da Região Serrana
FUNCULTUR	Fundo de Cultura
A	
INCAPER	Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PROEPO	Programa de Educação Escolar Pomerana
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SECULT-ES	Secretaria de Cultura do Espírito Santo
UNIVIX	Grupo Univix

**IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO
NACIONAL – SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN – ES**

**DESENVOLVIMENTO DO INVENTÁRIO NACIONAL DAS REFERENCIAS
CULTURAIS- INRC EM COMUNIDADES POMERANAS DO ESPIRITO
SANTO, TENDO-SE COMO PRINCIPAIS REFERÊNCIAS DA SUA
DISTRIBUIÇÃO NO ESTADO OS MUNICÍPIOS DE SANTA MARIA DE
JETIBÁ, LARANJA DA TERRA, VILA PAVÃO, DOMINGOS MARTINS,
PANCAS, AFONSO CLÁUDIO, SANTA LEOPOLDINA, BAIXO GUANDU,
ITAGUAÇU, ITARANA, VILA VALÉRIO, SANTA TERESA, SÃO GABRIEL
DA PALHA, COLATINA, MARECHAL FLORIANO, SÃO ROQUE DO
CANAÃ, GOVERNADOR LINDENBERG: Relatório da Primeira Entrega**

1. Introdução:

Esse relatório é o relatório do produto final entregue ao IPHAN, Superintendência do ES, está previsto no Edital de Tomada de Preços nº 004/2012 do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Superintendência do IPHAN – ES, Desenvolvimento do Inventário Nacional das Referencias Culturais – INRC em comunidades Pomeranas do Espírito Santo, tendo-se como principais referências da sua distribuição no estado os municípios de Santa Maria de Jetibá, Laranja da Terra, Vila Pavão, Domingos Martins, Pancas, Afonso Claudio, Santa Leopoldina, Baixo Guandu, Itaguaçu, Itarana, Vila Valério, Santa Teresa, São Gabriel da Palha, Colatina, Marechal Floriano, São Roque do Canaã, Governador Lindenberg.

Esse produto segue com descrição de reuniões com a comunidade pomerana, a listagem e conteúdo das fichas dos bens inventariados, salientando as novas fichas propostas, acrescidas após a realização da atividade de campo do casamento pomerano, do Festival de concertina, da localização de novos concertinistas e benzedeiros e nos marcos das reuniões realizadas com a comunidade pomerana. É uma descrição sucinta dos registros audiovisuais realizados, uma sistematização e interpretação das informações levantadas, uma resenha crítica da bibliografia levantada, um resumo das entrevistas realizadas, os mapas da região inventariada com a localização dos bens identificados e um relatório da etapa.

Para a sua elaboração, a empresa vencedora da licitação, Espaço e Cultura Ltda. – ME, realizou uma pesquisa preliminar para identificação e delimitação da região inventariada, juntamente com uma pesquisa bibliográfica e uma incursão a campo que atingiu todas as cidades mencionadas no referido edital. Nesta incursão a campo, a equipe foi ao festival de concertina organizado pelo senhor Valdomiro Kosanke, na localidade de São Sebastião do Meio em Santa Maria de Jetibá no dia 27 de abril de 2014. Para complementar as atividades, nossa equipe buscou novas entrevistas com concertinistas e benzedeiros, ampliou a pesquisa bibliográfica e entrou em contato com as prefeituras e lideranças por meio de telefone e e-mail, buscando autorização para uso do material recolhido com os entrevistados neste relatório.

Nesse volume estão descritos o processo de pesquisa realizado, a identificação e delimitação da área a ser inventariada, com as principais observações das entrevistas realizadas, a documentação e bibliografia encontrada acerca dos pomeranos no ES, o mapeamento de bens inventariados e identificados e contatos abordados em entrevistas, por telefone e e-mails. Seguem também as fotografias, vídeos e fichas de campo, sítio, bens inventariados, bens identificados, audiovisual, bibliografia e contatos.

2. Relatório Analítico

Seguindo o Projeto Básico do IPHAN-ES, a equipe da Espaço e Cultura Ltda. – ME realizou um relatório analítico acerca do objeto estudado: referências culturais pomeranas. Um relatório consiste em uma “*exposição, mais ou menos minuciosa, do que se viu, ouviu ou observou*”¹. Assim, vamos relatar o que vimos, ouvimos e observamos acerca das referências culturais pomeranas no Espírito Santo, objeto desse trabalho. Esse relatório remete às experiências de campo com a descrição das entrevistas realizadas e uma comparação entre elas, dispostas no item “2.1. *Identificação e delimitação da região a ser inventariada*” e um relato acerca do material pesquisado, disposto no item “2.2. *Pomeranos*”.

2.1. Identificação e delimitação da região a ser inventariada;

Para identificar e delimitar a região a ser inventariada no projeto, partimos dos municípios definidos pelo Projeto Básico do Edital de Tomada de Preços nº 04/2012. Eles são Santa Maria de Jetibá, Laranja da Terra, Vila Pavão, Domingos Martins, Pancas, Afonso Cláudio, Santa Leopoldina, Baixo Guandu, Itaguaçu, Itarana, Vila Valério, Santa Teresa, São Gabriel da Palha, Colatina, Marechal Floriano, São Roque do Canaã e Governador Lindenberg. Nesses municípios identificamos, por meio de conversas com entrevistados das comunidades ou de instituições, como a Igreja Luterana, secretarias de cultura, educação, bibliotecas e associações, as localidades de

¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: editora Nova Fronteira, 1985.

povoamento pomerano, os principais traços culturais do grupo e indivíduos dos lugarejos e distritos para serem entrevistados.

Nossas atividades de campo foram divididas em quatro viagens diferentes à área de influência pomerana. A primeira foi em dezembro de 2012, antes do início do contrato, para uma conversa preliminar com funcionários do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo e com a Secretaria de Cultura de Santa Maria de Jetibá. No Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, conversamos com Cilmar Cesconetto Franceschetto cuja entrevista trouxe a oportunidade de coletarmos dados acerca da imigração pomerana no estado, arquivados no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo e indicações de possíveis entrevistados nas cidades a serem visitadas.² Em Santa Maria de Jetibá, conversamos com o vereador eleito e filho do prefeito eleito, Sr. Roberval Sthur e com o representante da secretaria, Sr. Nilton Capaz. Nessa conversa, coletamos materiais como folhetos, livretos, folders, endereços de rádios pomeranas online e calendários em pomerano e conhecemos um pouco da realidade pomerana no município. Em entrevista, o Sr. Roberval Sthur afirmou que alguns pomeranos não falavam a língua portuguesa, mas eram minoria e de uma faixa etária mais velha porque a partir dos anos de 1940 a maioria das crianças foi matriculada nas escolas para se alfabetizarem, onde aprenderam o português.³ A partir daí sinalizamos como deveria ser realizado o trabalho de campo e percebemos que não haveria dificuldades quanto à língua porque a maioria dos pomeranos em Santa Maria de Jetibá era bilíngue. Assim, elaboramos a hipótese de que isso se repetiria em outras cidades, o que foi confirmado posteriormente. Em Santa Maria de Jetibá, há a afirmação de que a cidade é a mais pomerana do país, fundamentada em números de habitantes de origem pomerana. Essa assertiva nos remeteu a uma observação em campo acerca da “intensidade” das tradições pomeranas nas cidades e localidades visitadas para traçarmos uma comparação e podermos discutir o argumento exaltado pela cidadania santamariense. Nesse sentido, a ida prévia a Santa Maria de Jetibá foi uma escolha para uma experimentação que nos trouxe elementos para orientar as atividades de campo futuras. Com isso pudemos salientar e confirmar a suspeita de que a língua não seria uma dificuldade e fundamentar as discussões sobre essas denominações e gradações de disseminação cultural

² Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Cilmar Cesconetto Franceschetto em Vitória, em dezembro de 2012.

³ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Roberval Sthur em Santa Maria de Jetibá, em dezembro de 2012.

pomerana, como “a mais pomerana”⁴, considerando-as como uma construção política e não uma realidade cultural dos moradores das localidades. Foi o que concluímos depois de visitarmos cada cidade do projeto. Os pomeranos da faixa etária acima de quarenta anos tiveram como primeira língua o pomerano em casa e aprenderam português na escola com professores brasileiros. Alguns, especialmente os mais velhos com mais de sessenta anos, aprenderam o alemão com os pastores da igreja luterana. Já os jovens, com menos de quarenta anos, falam o português fluentemente e aprenderam em casa, muitas vezes junto com o pomerano. Em alguns municípios como Laranja da Terra, Santa Maria de Jetibá e Itarana, os jovens aprenderam o português na escola, mas conversam em português e pomerano fluentemente.

A segunda incursão a campo foi de dez a dezenove de abril de 2013. A equipe iniciou as atividades em Afonso Cláudio, onde pesquisou na biblioteca e entrevistou o secretário de cultura, Sr. Paulo Henrique Falqueto da Silva. Ele observou sua experiência com os pomeranos na cidade, especialmente, quando ocorreu um evento em Vitória de comemoração da imigração pomerana e a prefeitura disponibilizou ônibus para o transporte de um grupo da localidade de Mata Fria. O ônibus foi à localidade para buscá-los e levou-os até a capital do estado para a participação no evento. Depois disso, foram para a praia porque muitos não conheciam o mar. No retorno para Afonso Cláudio, uma chuva atingiu a cidade e o ônibus não pode subir para Mata Fria. Os pomeranos precisaram ficar na cidade e a prefeitura reservou quartos nos hotéis para que pudessem descansar e voltarem no dia seguinte para a zona rural, mas eles não aceitaram e subiram andando para suas casas após a viagem. O secretário nos indicou a ADL – Associação Diacônica Luterana para conversarmos, na localidade de Serra Pelada.⁵ Na ADL, conversamos com Alex Reblim Braun e Vanderlei Boldt que nos forneceram muitas informações acerca das tradições luteranas, especialmente, dos enterros e da confirmação luterana. Em relação a essa última, os adolescentes começam a estudar três anos antes de confirmarem e após a confirmação tem certa autorização para namorar. Isso não é exatamente preciso porque muitas famílias deixam seus filhos

⁴ Expressão utilizada por diversas pessoas em campo, mesmo aqueles que não são de matriz pomerana e que conversamos durante a estada nas localidades. São indivíduos dos serviços que utilizamos nas cidades, como funcionários de hotéis, restaurantes, lojas, etc., transeuntes que abordamos ou conversamos, hóspedes nos hotéis que nos hospedamos.

⁵ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Paulo Henrique Falqueto da Silva em Afonso Cláudio, em abril de 2012.

namorarem antes da confirmação, mas em geral há essa orientação na cultura pomerana. Para os rapazes, a confirmação é um rito de passagem que os permitem pilotar motos ou carros, antigamente cavalos, ter propriedades e casar. É um rito que confere a entrada na vida adulta. Para as moças, o mesmo acontece. Após a confirmação, elas podem namorar, se casar e recebem peças para o futuro enxoval. Como o rito é a entrada na vida adulta, confirmando a relação individual com o sagrado e a igreja luterana, os padrinhos deixam de ser responsáveis pelos jovens.⁶



Fotos 1 e 2: À esquerda, Alex Reblim Braun e Vanderlei Boldt na ADL em Serra Pelada e, à direita, fachada da ADL, em Serra Pelada. Afonso Cláudio, abril de 2013. Fotos: Diovani

A equipe saiu de Serra Pelada, município de Afonso Cláudio, e se dirigiu para Laranja da Terra. Não foi possível ir até Mata Fria, localidade com maior concentração de famílias de origem pomerana, porque havia chovido e a estrada não estava acessível, havia muitos atoleiros e locais com risco de derrapagem na subida da serra, inviabilizando a chegada ao local. Pegamos alguns contatos de moradores na região, nomes e onde residem, mas eles não têm telefone.

Em Laranja da Terra, a equipe conversou com a secretária de cultura, Simone Mutz, que nos levou às diversas localidades de população de matriz pomerana: Picadão, Joatuba, Vila de Laranja da Terra e Crescíuma. Ela mencionou os grupos de trombonistas da cidade e os festivais de metais e concertinas que são promovidos com o

⁶ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Alex Reblim Braun e Vanderlei Boldt em Serra Pelada, município de Afonso Cláudio, em abril de 2012.

apoio da prefeitura. Citou que os casamentos pomeranos na região tem um sistema de convite pago para quem quiser participar das festividades, diferenciando-se dos casamentos pomeranos de outras cidades.⁷ A equipe foi à escola municipal do Picadão, EMEIEF Fazenda Alberto Littig, onde crianças pomeranas participavam do PROEPO – Projeto de Educação Escolar Pomerana. Filmamos as crianças cantando em pomerano e dançando uma cantiga de roda ao som da concertina. Ficamos sabendo que havia um casamento em andamento e chegamos ao terreno onde acontecia a festa. Era o primeiro dia da festa e estavam sendo preparados os bolos, pães e doces da festa, enquanto chegava a carne e as bebidas. A senhora responsável pela cozinha nos explicou como fazia a sopa e observamos como eram feitos os bolos e pães. Fomos, também, à cozinha de D. Noemia Flegler Schult, na Vila de Laranja da Terra, onde acompanhamos o preparo do brote (ou broto, como também é conhecido na região). D. Noemia faz o pão para vender na cidade e nos deu a receita dos pães que prepara.⁸ Coletamos fotografias das fotos de família do Sr. Valdomiro Schulz com ele quando criança juntamente com seus pais. Atualmente, ele mora na Vila de Laranja da Terra. Conversamos com Tarcila Tressmann que participa do projeto municipal de artesanato que ministra cursos de artesanato, incluindo os bordados pomeranos e as pinturas dos ovos da páscoa. Ela nos contou como são os bordados pomeranos e quais as suas principais características.⁹ Encontramos uma “puxadora” (trekka), D. Adélia, que “puxa”¹⁰ as pessoas enquanto faz orações. Ela segura os braços, acertando-os na mesma altura e direção para consertar a coluna. Ela se denomina “puxadora” porque o termo benzedeira não lhe parece certo. Segundo D. Adélia, ela não é pembeira e não faz macumba, nem reza de longe. Ela faz a oração que vem na cabeça e tem “muita ligação com deus”¹¹. Aprendeu o ofício de “puxadora” com sua tia Maria Hammer Erdmann que também sabia aplicar injeções. Sua tia aprendeu com a bisavó de D. Adélia, Martha Hammer.¹²



Foto 3: À esquerda, crianças na escola em Laranja da Terra. Foto: Liliane Corrêa. Foto 4: À direita, puxadora puxando Simone Mutz. Laranja da Terra, abril de 2013. Foto: Diovani Favoreto.



Fotos 5 e 6: Casamento em Joatuba, Laranja da Terra. Laranja da Terra, abril de 2013. Foto: Liliane Corrêa



Fotos 7 e 8: À esquerda, brote e, à direita, cemitério em Laranja da Terra. Laranja da Terra, abril de 2013. Fotos: Liliane Corrêa

De Laranja da Terra a equipe seguiu para Itarana. Na cidade, a senhora que atendia no hotel, D. Irene Boldt Felhberg, era de origem pomerana e contou-nos sua realidade. Aprendeu português na escola como quase todos os entrevistados e “trabalhou na roça”¹³ durante sua juventude. Hoje vive na cidade, mas ainda tem suas terras apesar de não se dedicar à produção agropecuária. Contou-nos sobre o brote, a linguiça, as comidas típicas e os costumes de sua família. Indicou, também, as localidades de Itarana com maior concentração de pomeranos: Alto Jatibocas, Santa Joana e Barra do Jatibocas.¹⁴ Em Alto Jatibocas, conversamos com o pastor Norberto que nos indicou algumas famílias para entrevistarmos. Ali combinamos com Luana Cláudia Kuster a filmagem do casamento dela com Rafael Klemz. Fomos à casa do Sr. Adolpho Brandenburg que nos contou as histórias de sua família. Perguntamos a ele sobre alguma técnica de plantio, mas ele não soube identificar nenhuma que pudesse ser específica dos pomeranos. Mencionou que antigamente eles tinham época para plantar alguns vegetais, mas essas indicações lunares eram também usadas tradicionalmente em outros lugares do Brasil, sendo provavelmente, algo aprendido aqui ou de uso comum de origem europeia. Atualmente, eles não plantam seguindo essas regras, especialmente, após a chegada de apoio de institutos como o INCAPER ou a EMBRAPA que trouxeram técnicas avançadas de plantio para melhorar o rendimento das pequenas propriedades dos pomeranos. Em sua entrevista, coletamos especialmente informações relativas a aspectos econômicos da agricultura pomerana e do papel masculino nos casamentos e na vida cotidiana.¹⁵ Enquanto tomávamos café, um casal chegou para convidar para o casamento próximo, eram Denise Stuhr e Josimar Ott. Não era um convidador nos moldes tradicionais, mas a mochila da moça e a garrafa de cachaça levada pelo rapaz estavam enfeitadas com fitas. O Sr. Adolpho bebeu um gole da cachaça e deu um dinheiro ao noivo. A tradição não se manifestou em toda a sua característica, mas ainda permanece em alguns detalhes. O convite se adaptou aos dias de hoje, mas ainda preserva parte da tradição. Outro importante entrevistado do município foi o Sr. Norberto Holz. Ele é benzedeiro e nos explicou como funciona o

¹³ Expressão utilizada por D. Irene durante a entrevista.

¹⁴ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Irene Boldt Felhberg em Itarana, em abril de 2012.

¹⁵ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Adolpho Brandenburg em Itarana, em abril de 2012.

ofício de benzedeiro que aprendeu com a tia, D. Albertina Holz. Segundo ele, o ofício deve ser passado de uma mulher para um homem e de um homem para uma mulher, assim, ele aprendeu com a tia e vai ensinar para uma sobrinha ou filha. O benzer é feito por meio de uma oração mental que o benzedeiro aprendeu com seu mestre, mas que requer fé por parte de quem reza e quem recebe a oração. Ele pode “rezar alguém” até à distância, até por telefone, porque o importante é a fé. Ele reza as pessoas e elas se curam das enfermidades que lhes afligem. Usa também as cartas sagradas, “cartas do céu” e “cartas de proteção”, que tem orações que protegem a casa de quem as guarda, colocando-as na parede no quarto. Elas têm relação com o sagrado e o ato de benzer, como se facilitasse ou iluminasse a ação do benzedor porque ela purifica e protege.¹⁶ Depois de conversarmos com o Sr. Norberto Holz, filmamos o grupo de metais de Alto Jatibocas e o grupo de dança de Barra do Jatibocas, o grupo de danças folclóricas Frau Karolin.



Fotos 9 e 10: à esquerda, casal pomerano fazendo o convite à família do Sr. Adolpho Brandembrug; à direita, Sr. Norberto Holz, benzedeiro. Itarana, abril de 2013. Fotos: Liliane Corrêa



Fotos 11 e 12: à esquerda, ensaio do grupo de dança Frau Karolin; à direita, conjunto de metais de Alto Jatibocas. Itarana, abril de 2013. Fotos: Liliane Corrêa

A cidade seguinte visitada pela equipe foi Itaguaçu, onde conversamos com o pastor Lourival Ernesto Felhberg, da igreja de Palmeira de Santa Joana, que nos indicou o Sr. Ernesto Ebermann para falar sobre a cultura e história pomerana na cidade. O pastor mencionou também a dimensão de sua comunidade e as localidades onde há pomeranos, sendo que eles se concentram em Palmeira de Santa Joana. As localidades de Itaguaçu são Itaguaçu (sede), Lajinha do Laje, Palmeira de Santa Joana, Paraju, Pontal, Sobreiro, Triunfo, e as que tem mais população de matriz pomerana são Palmeira de Santa Joana e Sobreiro. Na casa do Sr. Ernesto Ebermann, morador do distrito sede de Itaguaçu, conversamos com ele e sua esposa, D. Emília Buss, que nos contaram a história de suas famílias e das tradições pomeranas na cidade. Citaram a importante e recorrente história das dificuldades passadas pelos imigrantes quando chegaram e seus esforços para sobreviver diante de todas as adversidades encontradas. As dificuldades com o trabalho na lavoura, a comida que era toda de produção própria e a satisfação em comer o brote com trigo nas datas especiais. Mencionaram também a construção da Igreja Luterana de Palmeira de Santa Joana e pudemos perceber certo orgulho pela igreja e o lugar onde ela está. Outros entrevistados que mencionaram a igreja de Palmeira também se mostraram orgulhosos do lugar onde ela está, dos jardins, da serenidade e da grandiosidade do templo. Em Itaguaçu há um concertinista, Sr. Lourenço Hoffmann, mas não conseguimos conversar com ele.¹⁷

¹⁷ Entrevista realizada com o Sr. Ernesto Ebermann em Itaguaçu, em abril de 2013.



Fotos 13: Igreja Luterana de Palmeira de Santa Joana. Itaguaçu, abril de 2013. Foto: Liliâne Corrêa



Fotos 14: Registro de Entrada de Imigrante concedido pelo Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. “Fehlberg Ferdinand”, veio da Pomerânia para o Brasil em 1872 aos 44 anos. Era carpinteiro e luterano. Nasceu em 1829, era casado com Johanna Zich. Saiu de Hamburgo em 07 de abril de 1872, no navio Guttemberg e desembarcou no porto de Vitória em 26 de maio de 1872. Foi para o porto do Cachoeiro de Santa Maria da Vitória, em Santa Leopoldina. Esse registro está disposto na casa de uma senhora que conversamos em Itaguaçu. Ela era alemã, mas seu marido já falecido descendia do Sr. Fehlberg. Itaguaçu, abril de 2013. Foto: Liliâne Corrêa

Em Baixo Guandu, há a localidade de Alto Mutum Preto cujos habitantes são de matriz pomerana. Obtivemos informações que a maioria dos colonos pomeranos na região teria se dirigido para o município próximo, Itueta – MG. Ainda não apuramos se há pomeranos em Itueta, mas tentaremos junto ao IEPHA/MG identificar essas tradições para ilustrar o trabalho. A região de Alto Mutum Preto não estava acessível quando estivemos na região, mas em Vila Valério a equipe entrevistou uma senhora, D. Florinda Kipert Possebon, cujos pais eram de lá, Sr. Guilherme Kipert e D. Hulda Borchardt. A narrativa era muito similar a das outras histórias coletadas nas diversas entrevistas. São experiências das dificuldades de colonização, derrubada das matas para a construção de casas, lavouras de cana-de-açúcar e o plantio para subsistência e a luta

18 Entrev
em Vila

Espaço
&
Cultura



m Florinda Kipert Possebon

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
IS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Fotos 15: Igreja católica de Baixo Guandu. Baixo Guandu, abril de 2013. Foto: Liliane Corrêa

Em Colatina, fomos à Biblioteca Pública Municipal de Colatina, pertencente à Secretaria de Cultura, onde pesquisamos obras acerca da imigração na região e a história da cidade. Conversamos, também, com a funcionária Marcela dos Santos. Ela é estudante de história e sua monografia de conclusão de curso versa sobre a imigração na cidade de Colatina. Segundo ela, há pomeranos em São Pedro Frio, mas são poucas famílias e já perderam suas características culturais. A prefeitura não tem atividades ou políticas públicas voltadas para os pomeranos, apenas para os italianos que povoaram mais hegemonicamente a região. Acontecem feiras aos sábados no centro da cidade cujos produtos vêm da zona rural e, provavelmente, há a participação de descendentes pomeranos.¹⁹ Das peculiaridades pomeranas em São Pedro Frio, o gosto pela concertina parece ser o traço mais preservado, já que a localidade recebe festivais de concertina, como o que vai ocorrer em 22 de setembro de 2013. Só essa afirmação não é suficiente para definir a área como região pomerana porque a apresentação dos concertinistas não exclui a possibilidade da presença de outros grupos imigrantes no evento, já que a concertina é um instrumento muito apreciado por descendentes de italianos, alemães e portugueses. Pretendemos ir ao evento de setembro para conhecer melhor a realidade de São Pedro Frio.

A cidade de São Roque do Canaã tem as localidades de Tancredo, Alto Tancredo, Tancredinho e Barra de Santa Júlia com povoamento pomerano. Conversamos na Secretaria de Meio Ambiente com o Sr. Edson Wiedenhoeft, também de origem pomerana, que nos indicou a família Clabund em Tancredinho para entrevistarmos. O patriarca da família, Sr. Alfredo Clabund, nasceu em Santa Maria de

¹⁹ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Marcela dos Santos em Colatina, em abril de 2012.

Jetibá e se mudou com seus pais para Tancredo. Mais tarde, eles se mudaram para Tancredinho. Em seu depoimento, ele comentou das dificuldades do plantio e da “vida na roça”. Descreveu os alimentos que ingeriam no café da manhã, no almoço e no jantar. Mencionou que em seu casamento não teve festa porque seu pai era pobre e não podia arcar com as festividades de três dias, acontecendo em apenas um. Já os casamentos de seus filhos foram nos moldes tradicionais pomeranos, duraram três dias com a realização do quebra louças, da dança dos noivos e do preparo das comidas típicas.²⁰



Fotos 15 e 16: Casas pomeranas na localidade de Tancredinho. A foto de cima, mostra uma casa que pertence a uma benzedeira cuja entrevista não foi possível realizar porque ela estava na “roça”, na lavoura de café. São Roque do Canaã, abril de 2013. Fotos: Liliane



Foto 16: Casas pomeranas na localidade de Tancredinho. São Roque do Canaã, abril de 2013. Fotos: Liliane Corrêa

Em Santa Teresa, a equipe esteve na Secretaria de Turismo e Cultura, onde conversou com Norma Ferraz dos Santos. Ela indicou o pastor Nivaldo Geik Volz

²⁰ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Alfredo Clabund em Tancredinho, município de São Roque do Canaã, em abril de 2012.

que descreveu os ritos do enterro e as atividades dos benzedeiros. Mencionou o respeito pelo “ente falecido”²¹ e as tradições das cores adotadas para os caixões. Segundo ele, em sua comunidade há duzentas famílias pomeranas que vivem nas regiões de Serra dos Pregos e Alto Caldeirão. No distrito sede há cerca de vinte famílias e nas localidades de Rio Perdido e Vinte e Cinco de Julho existem poucos descendentes e que não vivenciam mais as tradições culturais de matriz pomerana.²² e nos sugeriu o Sr. Marcelino Wolfgang e D. Elza Lemhe para conversarmos. Ao chegarmos a casa deles, eles estavam na plantação de coentro cujo aroma se espalhava pelo quintal. D. Elza Lemhe nos contou sobre sua experiência pessoal, mencionando quando conheceu o marido em um casamento e como foi o início da vida de casada com a mudança para a região onde o marido morava e a casa nova. Observou que não acontece mais o casamento pomerano em Santa Teresa porque lá os pomeranos são misturados com outros grupos imigrantes e não preservaram totalmente sua cultura.²³ Por outro lado, ao compararmos com a entrevista do pastor, ele mencionou que os pomeranos tem uma relação diferenciada com a igreja e a fé e são conhecidos entre os pastores como “igrejeiros”. Assim, o pastor Nivaldo consegue identificar os pomeranos, mas para D. Elza suas tradições estão perdidas.



Fotos 17 e 18: Cemitério e igreja de Serra dos Pregos. Santa Teresa, abril de 2013. Fotos: Liliane Corrêa

²¹ Expressão utilizada pelo pastor para mencionar os mortos.

²² Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com o pastor Nivaldo Geik Volz em Santa Teresa, em abril de 2012.

²³ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com D. Elza Lemhe em Santa Teresa, em abril de 2012.

Na cidade de Santa Maria de Jetibá, nos reunimos com a secretária de turismo, D. Zilar Potier, que nos explicou como funcionam as festividades pomeranas do início de maio. Eles alugam roupas típicas para os funcionários da prefeitura e os comerciários da cidade, construindo uma ambientação que remete ao imaginário de uma cidade pomerana.²⁴ Um dos membros da equipe participou da festa e filmou o evento. Conversamos também com Ismael Tressmann que nos explicou diversos símbolos do casamento pomerano e citou algumas falas recitadas no casamento, como *“Eu piso sobre cominho e quando eu falar você cala”*.²⁵ Ele nos levou ao cemitério pomerano que fica na região próxima ao Rio das Pedras cujos túmulos eram enfeitados com flores artificiais muito coloridas. Segundo Tressmann, para os pomeranos o cemitério é a última morada e deve ser enfeitada. Encontramo-nos com o secretário de cultura de Santa Maria de Jetibá, Vanildo Kruger, autor do documentário *Pomeranos: a trajetória de um povo*. Fomos também à biblioteca da FARESE e a Biblioteca Municipal de Santa Maria de Jetibá onde encontramos uma boa bibliografia acerca da imigração pomerana e alemã no Espírito Santo. Na loja de artesanato da prefeitura, encontramos com D. Clara Lauvers Litke que reside na sede de Santa Maria de Jetibá. Ela faz bordados e outros artesanatos que são vendidos na loja. D. Clara, em concordância com a maioria dos pomeranos que entrevistamos, teve como primeira língua o pomerano e aprendeu o português na escola quando foi alfabetizada. Ela nasceu no Garrafão e morou em Rio Claro onde a mãe era empregada em uma venda e aprendeu a acrescentar alimentos brasileiros à dieta como feijão e carne seca. A história da família de D. Clara é muito similar aos outros relatos coletados que ressaltam as dificuldades dos pomeranos quando chegaram ao Brasil e seus esforços na derrubada das matas, construção das casas e abertura das lavouras.²⁶ Em Santa Maria de Jetibá conversamos com D. Lúcia Gunz Ramlovw que prepara brotes para vender. Ela tem uma cozinha com forno de barro em sua casa na cidade e faz do preparo e venda dos brotes sua atividade geradora de renda, especialmente após os cursos oferecidos pelo SEBRAE que a orientaram para

²⁴ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Zilar Potier em Santa Maria de Jetibá, em abril de 2012.

²⁵ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Ismael Tressmann em Santa Maria de Jetibá, em abril de 2012.

²⁶ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Clara Lauvers Litke em Santa Maria de Jetibá, em abril de 2012.

melhorar sua produção e seu lucro.²⁷ Do distrito sede seguimos para Jequitibá, onde está a primeira igreja luterana construída por pomeranos no Brasil e onde os primeiros pomeranos foram colocados pelo governo imperial. Conversamos com a esposa do pastor Marcos Vollbrecht, Lucinei Vollbercht. Segundo ela, são trezentas e cinquenta e oito famílias pomeranas na comunidade luterana que envolvem as localidades de Jequitibá, Alto Jetibá, Rio Claro, Caramuru 1 e Caramuru 2, Rio da Pedra, São Sebastião de Belém e Rio Bonito, com poucos pomeranos. Em Jequitibá, a igreja guarda os registros de batismo, casamento e óbito dos pomeranos cujos livros antigos são consultados apenas pela Lucinei por segurança. Eles pretendem aos poucos digitalizar, mas não há verba para isso.²⁸ Entrevistamos, também, o pastor Edgar Vollbrecht, pai do pastor Marcos e sogro de Lucinei. Ele foi pastor entre os luteranos pomeranos por muitas décadas e conhece bem a cultura pomerana. Contou-nos sobre o casamento, o enterro, a vida cotidiana, as dificuldades de acesso das localidades e das casas dos pomeranos. Mencionou a postura da igreja em combater algumas tradições pomeranas como as relativas aos enterros e aos benzedeiros. Observou que nos batismos a escolha dos padrinhos costumava ser trocada, a menina tinha como madrinha a avó paterna e o menino a avó materna. O mesmo acontecia com os irmãos que também eram escolhidos trocados, irmãos da mãe para o filho homem e irmãos do pai para a filha e do mais velho para o mais novo. Segundo o pastor, como tinha que ser ele aconselhava que pulasse os irmãos que eram irresponsáveis.²⁹



²⁷ Entrevista realizada por Liliâne Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Lidia Gunz Ramlovw em Santa Maria de Jetibá, em abril de 2012.

²⁸ Entrevista realizada por Liliâne Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Lucinei Vollbercht em Santa Maria de Jetibá, em abril de 2012.

²⁹ Entrevista realizada por Liliâne Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Edgar Vollbrecht em Santa Maria de Jetibá, em abril de 2012.

Fotos 19 e 20: à esquerda, cemitério do distrito sede de Santa Maria de Jetibá e, à direita, cemitério perto de Rio das Pedras. Santa Maria de Jetibá. Fotos: Liliane Corrêa



Foto 21: Prefeitura de Santa Maria de Jetibá. Santa Maria de Jetibá, abril de 2013. Foto: Liliane Corrêa. Foto 22: Edificações à sede de Santa Maria de Jetibá Santa Maria de Jetibá, abril de 2013. Foto: Diovani Favoreto



Foto 23: D. Lidia ao lado do forno onde ela assa os brotes que vende. Santa Maria de Jetibá, abril de 2013. Foto: Liliane Corrêa. Foto 24: Igreja Luterana de Jequitibá. Santa Maria de Jetibá, abril de 2013. Foto: Diovani Favoreto





Foto 25, 26 e 27: Peças de artesanato pomerano na loja de artesanato da Prefeitura de Santa Maria de Jetibá. Santa Maria de Jetibá, abril de 2013. Foto: Liliane Corrêa.

Santa Leopoldina é uma cidade com poucas referências pomeranas a não ser por ter sido o local de chegada dos imigrantes depois de aportarem em Vitória. Eles subiam o rio Santa Maria e desembarcavam no Porto de Santa Leopoldina que fica no Cachoeiro de Santa Leopoldina. De lá seguiam a pé para Santa Maria de Jetibá onde estavam os lotes disponibilizados pelo governo imperial brasileiro. Segundo D. Elza Lemhe, não há mais pomeranos em Santa Leopoldina.³⁰ Acreditamos que talvez algumas famílias de pomeranos tenham ido para Alto Rio das Pedras, depois da debandada para Santa Maria de Jetibá e outras estejam fixadas na divisa com Santa Maria de Jetibá, nas localidades de Caramuru e Rio Bonito. Em Santa Leopoldina acontece uma caminhada que percorre o percurso dos antigos imigrantes saindo das corredeiras do rio Santa Maria, onde havia o porto para as áreas onde se instalariam. Esse caminho segue de Santa Leopoldina para Santa Teresa e está mais relacionado à imigração italiana. Já para os pomeranos, o trajeto seguiu para Santa Maria de Jetibá e não é celebrado em Santa Leopoldina.



vaní Favoreto com D. Elza Lemhe em Santa

rio da
ura



Foto 28 (acima): Passarela onde ficava o antigo Porto do Cachoeiro de Santa Leopoldina. Foto: Liliane Corrêa.

Foto 29 (abaixo): Vista para a passarela onde ficava o antigo Porto do Cachoeiro. Foto: Rodnei Braum. Disponível em <<https://ssl.panoramio.com/photo/6702951>> Acesso 24 abril 2013.



Foto 30: Porto do Cachoeiro da Colônia de Santa Leopoldina. Santa Leopoldina, junho de 1877. Foto: Albert Richard Dietze. Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

Em Domingos Martins, coletamos o vídeo do casamento de Bruna Neitzel que fez um típico casamento pomerano com a ajuda da comunidade de Rio

Ponte.³¹ Encontramos também com o Sr. Joel Velten que compreende que os pomeranos são alemães porque vem da Alemanha. Essa discussão incomoda algumas lideranças pomeranas porque diminui a identidade pomerana, misturando-a com a alemã. Para ele, os vestidos pretos dos casamentos pomeranos são uma escolha de moda porque o preto significa elegância. O quebra-louças para ele simboliza sorte.³² Conversamos com D. Hilda Braun que nos contou que seus pais eram de Melgaço e os casamentos de todos os imigrantes eram semelhantes ao pomerano, mas os pomeranos preservaram. Nessa afirmação ela inverte o referencial do que foi dito por Joel Velten. Hilda Braun comentou o costume dos benzedeiros já se extinguiu no distrito sede de Domingos Martins, mas ainda permanece em Melgaço.³³ Na localidade de Melgacinho conversamos com D. Clara Haese. Ela foi enfermeira e trabalhou no posto de saúde durante toda a vida. Não confirmou a afirmação de D. Hilda Braun acerca da presença dos benzedeiros, mas contou a história de sua família muito similar às outras histórias dos pomeranos que chegaram ao Brasil e tiveram que abrir nas matas os largos para a plantação e a construção das casas. Comentou sobre os casamentos e os presentes que as moças recebiam quando iam se casar, ela ganhou uma máquina de costura, três panelas, oito galinhas e dois porcos. Suas irmãs receberam quatro garfos, colheres e pratos para receber visitas. Mostrou-nos os bordados que fez quando se casou cuja técnica ensina para outras moças.³⁴ Alguns de seus bordados eram parecidos com os bordados de Tarcila Tressmann, mas com cores mais suaves. Essa diferença pode estar no processo artístico da bordadeira ou representar uma variedade da tradição de bordados pomerana. Como os bordados são pouco difundidos e se perderam no cotidiano, provavelmente, pela grande diversidade de tecidos e materiais de cozinha acessível no mercado, não se perpetuou o sentido da noiva bordar um pano de prato ou lençol como símbolo de zelo com a casa.

³¹ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Bruna Neitzel em Domingos Martins, em abril de 2012. O vídeo do casamento segue em anexo.

³² Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Joel Velten em Domingos Martins, em abril de 2012.

³³ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Hilda Braun em Domingos Martins, em abril de 2012.

³⁴ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Clara Haese em Domingos Martins, em abril de 2012.



Foto 31: Paisagem rural de Domingos Martins, região de Melgacinho. Domingos Martins, abril de 2013. Foto: Liliane Corrêa.



Foto 32 e 33: Bordado de D. Clara Haese, frente e verso. Domingos Martins, abril de 2013. Foto: Liliane Corrêa.



Foto 34: Três crianças de matriz pomeranas em Melgacinho, ao fundo, crianças e jovens de matriz pomerana jogando futebol. Domingos Martins, abril de 2013. Foto: Diovani Favoreto.

Em Marechal Floriano, conversamos com Jackson Burini, funcionário da secretaria de turismo. Segundo ele, não há pomeranos em Marechal Floriano e sim em Alfredo Chaves, na localidade de Basílio. Ele sugeriu que conversássemos com o historiador Jair Littig que pode esclarecer essas informações. Ele mora em São Luís. Conversamos informalmente com a recepcionista do hotel que estávamos hospedados e ela nos contou que sua avó era pomerana e morava em Basílio, mas que não havia muitas outras famílias pomeranas lá e se havia já perderam as tradições.

A segunda incursão a campo ocorreu em julho de 2013 com o intuito de finalizar as cidades previstas no edital. A equipe foi a Pancas, São Gabriel da Palha, Governador Lindenberg, Vila Valério e Vila Pavão. Observamos que as histórias são as mesmas das relatadas nas entrevistas anteriores que contam as dificuldades da vida na lavoura, os problemas com a língua e seu processo de aprendizagem na escola e descrevem os mesmos conjuntos de ritos de passagem e traços culturais.

Em Pancas, conversamos com o Sr. Florêncio Romais durante o Encontro de Jovens Luteranos. Ele mora no distrito sede, mas nasceu em Alto Jatibocas, município de Itarana, onde seu avô morava. Seu avô, Max Romais, era de Alto Jatibocas e se mudou para Alto Santo Antônio, em Itueta/MG, mais tarde, foi para

Pancas com o intuito de ter mais terras para trabalhar, já que as terras em Pancas eram mais baratas que em Itarana. Comentou que seu pai tocava concertina e ensinou-lhe, mas não possui o instrumento porque seu pai o vendeu antes de falecer. Falou um pouco sobre seu casamento e sua lua de mel, comentando com um sorriso que a lua de mel foi no sítio onde já tinha a casa arrumada, mas como era dia de festa e não tinha outro lugar para dormir, um amigo dele dormiu no imóvel. Mencionou como aprendeu o português na escola e das dificuldades desse aprendizado.³⁵ Ainda em Pancas, fomos à Biblioteca Municipal fausto Luís de Sá Neto, mas encontramos poucas coisas sobre os pomeranos na cidade. Seguimos para Laginha de Pancas, onde conversamos com a Sra. Vanilda Haese Dettmann. Ela pertence à Associação Pomerana de Pancas e participa da Comissão Nacional dos Povos Tradicionais. Nessa última defende os direitos dos pomeranos, especialmente em relação ao parque criado nos pontões de Pancas, Parque Nacional dos Pontões Capixabas de Pancas e Águia Branca, e que retiraria as comunidades da região, impactando diretamente a vida das famílias de matriz pomerana.³⁶ No ginásio da localidade, conversamos com o concertinista Sr. Marcelino Schwanz e sua esposa, Elzira Schwanz. Eles nos receberam em sua casa e o tocador explicou como funciona o instrumento, sua afinação e as dificuldades do conserto das peças. O casal nos contou como era a vida quando criança em Pedra Bonita e que seus avós eram índios que acampavam nas lajes de Pancas. Não foram os primeiros pomeranos “misturados” que encontramos, mas eles foram os primeiros que mencionaram isso com naturalidade. Outras famílias cujos casamentos ou filhos nasceram em situações não convencionais, como filhos fora do casamento, casamentos que se desfizeram ou moças que tiveram relações com homens de outros grupos étnicos não europeus³⁷, são citados nas entrevistas com cuidado e tristeza. Há certa discriminação ou depreciação entre eles para com os que são fruto dessas relações e a compensação cultural disso é um comportamento muito pomerano por parte desses filhos. Em geral, falam melhor o pomerano, dominam a história e as tradições.³⁸ Citaram

³⁵ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Florêncio Romais em Pancas, em julho de 2012.

³⁶ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Vanilda Haese Dettmann em Pancas, em julho de 2012.

³⁷ Observamos vários entrevistados que mencionavam como negros todos os que não eram pomeranos ou alemães e, algumas vezes, isso nos incluía, com uma gargalhada em sequência. Não vamos citar os nomes dos que usaram essa expressão para preservá-los.

³⁸ Não citaremos os nomes dos entrevistados que vivenciaram essa experiência para preservá-los, principalmente, porque a maioria deles pediu que isso não fosse gravado nem comentado.

a caixa de cobras e como eram as serpentes que eles encontraram na região. D. Elzira ressaltou que hoje já não se fala tanto pomerano, mas que há dez anos mais pessoas conversavam na língua na cidade.³⁹



Foto 35: Paisagem dos pontões de Pancas. Pancas, julho de 2013. Foto: Luciano Lima.



Foto 36: Paisagem dos pontões de Pancas, com o distrito sede ao centro. Pancas, julho de 2013. Foto: Luciano Lima.

39

Marcelino Schwanz e Elzira Schwanz em Pancas, em julho de 2012.

com Sr.



Foto 37 e 38: Casas pomeranas na zona rural de Pancas. Pancas, julho de 2013. Foto: Liliane Corrêa.



Foto 39: Entrada da localidade de Laginha. Foto 40: Igreja Luterana e Católica de Laginha. Pancas, julho de 2013. Foto: Liliane Corrêa.



Foto 41 e 42: Sr. Marcelino Schanz e sua concertina e, ao lado, troféus recebidos por ele em festivais de concertina. Pancas, julho de 2013. Foto: Liliane Corrêa.

Em Governador Lindenberg, não conversamos na prefeitura nem na igreja luterana por incompatibilidade de horários, mas pegamos os contatos de nomes e telefones de ambas as instituições. Ali observamos que algumas pessoas não se definiam como pomeranos, mas alemães e, ao mesmo tempo, mantinham algumas tradições. Segundo D. Alzira Schulthais, de matriz alemã, as pessoas na região são mais misturadas e são pouco os pomeranos. Entrevistamos a Sra. Érica Schramm Hoffmann que é irmã do vice-prefeito, Sr. Frederico Schramm. Segundo ela, seus avós eram de Laranja da Terra e se mudaram para Laginha de Pancas. D. Érica se casou com um descendente de alemães e se mudou para Governador Lindenberg, onde ele tinha terras na localidade de Córrego Dr. Bemvindo. Segundo ela, há quatro famílias pomeranas na região formadas por esposas pomeranas que vieram de Laginha de Pancas, se casaram com descendentes de alemães e se mudaram para o município. São elas Schramm, Hasch, Kunz e Hoffmann. Essas senhoras falam pomerano e são as únicas que D. Érica conhece.⁴⁰ Enfim, a cidade tem pouco sentimento de pomerana e poucos herdeiros da cultura.



Foto 43 e 44: Igreja Luterana de Bemvindo o cemitério na porção posterior da igreja. Governador Lindenberg, julho de 2013. Foto: Luzimar Pereira.

Em São Gabriel da Palha fomos à Biblioteca Pública Municipal Dr. Eurico Salles de Aguiar para pesquisar no acervo a história da cidade e da imigração pomerana para o local. Coletamos o contato da secretária de cultura, Rosângela Martinelli, mas não conversamos com ela. Fomos para a zona rural e conversamos com Mercedes Discher da Silva que se casou com um não pomerano. Ela nasceu nos Três

⁴⁰ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com D. Érica Schramm Hoffmann em Governador Lindenberg, em julho de 2012.

Pontões de São Gabriel da Palha. Segundo ela, não funcionam as crendices como o pequeno rito que se aplica nas crianças de um ano para prever o que ela será quando crescer. Chegou a dar um exemplo de uma criança que pegou uma tesoura e hoje é lavrador. Por outro lado, se colocar alguma coisa quente na água, como um carvão ou alguma peça de ferro, e dar para uma “criança assustada” ela vai parar de se assustar a toa. As ferraduras colocadas no alto da porta também são eficientes para espantar mau-olhado. Se colocar uma ferradura na água para a criança que está “doentinha” ela melhora. D. Mercedes não acredita em benzedeiras, mas reproduz uma parte desse conhecimento em seu cotidiano, contrapondo o que ela afirmam com sua prática. Segundo ela, antigamente, não havia remédios e eles tomavam chás variados para se curarem das indisposições. Para dor de cabeça, bebiam chá de raiz de macaé, para enjoo, usavam o chá da folha de macaé, para curar verme bebiam uma mistura de três gotas de leite de mamão com erva de Santa Maria socada e espremida e usavam o leite de mamão também para curar micose.⁴¹ Essas ervas são mencionadas por outros entrevistados e partem de um conhecimento popular, mas não exclusivo dos pomeranos. Possivelmente, são fruto de um aprendizado da terra e adquiridos no Brasil com os brasileiros. Em Córrego Blei conversamos com a Sra. Luísa Borchardt que nasceu em Laranja da Terra e é irmã do Sr. Norberto Holz de Barra do Jatibocas, em Itarana. Ela se casou com o Sr. Frederico Borchardt e se mudou para um paiol até que conseguiram erguer sua casa. O marido trabalhava escondido e à noite para construir a casa, enquanto era meeiro de um fazendeiro, Sr. Frederico Timm. Ela nos contou experiências de sua vida antes de se casar e depois que se casou, observando as dificuldades de ambos os momentos porque não havia remédios, os alimentos eram apenas aqueles que produziam e para ter seus primeiros filhos precisou chamar uma parteira. Mais tarde, foi aberta uma farmácia na cidade e isso diminuiu os problemas com a saúde das crianças. Comentou sobre a dificuldade da época da segunda guerra quando seu pai escondeu a bíblia em alemão embaixo do assoalho para que não fosse confiscada. Os descendentes de pomeranos e alemães estavam sendo perseguidos pelo estado e por civis por falarem línguas diferentes.⁴² Outros comentaram sobre essas perseguições, mas a que nos deu mais detalhes foi D. Luísa.

⁴¹ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Mercedes Discher da Silva em São Gabriel da Palha, em julho de 2012.

⁴² Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Luísa Borchardt em São Gabriel da Palha, em julho de 2012.



Foto 45 e 46: Casa pomerana em Córrego Arara. Detalhe do salão onde aconteciam os casamentos. São Gabriel da Palha, julho de 2013. Foto: Luzimar Pereira.



Foto 47: Córrego Blei. São Gabriel da Palha, julho de 2013. Foto: Liliane Corrêa.

Na cidade de Vila Valério, conseguimos conversar com um pastor luterano sobre as tradições pomeranas na localidade, o pastor Carlos Emidiu Grill Lacerda. Na igreja do alto, conversamos com o Sr. Florêncio Schulz, casado com D. Hilda Schulz. Ele nos contou sua experiência com o trabalho na lavoura e sua história de vida. O contexto é muito semelhante ao das outras histórias coletadas – a vida era difícil com o trabalho agrícola de subsistência. Contou que um irmão de sua avó faleceu no barco na vinda para o Brasil e que jogaram o corpo no mar. Seu pai nasceu no Brasil em Paraju, município de Itaguaçu. O Sr. Florêncio também nasceu em Paraju e se casou em Palmeira de Santa Joana, em Itaguaçu, com as festividades que duraram dois dias. A esposa só falava pomerano e a celebração foi em alemão e ela “ficou meio boba”⁴³ porque não entendia a língua. Em sua casa só conversam em pomerano e seus filhos sabem o idioma, mas seus netos já não são fluentes. O casal comentou das dificuldades com os remédios e as ervas que usavam para curar verme. Citaram as técnicas de plantio do arroz no brejo e reafirmaram as facilidades dos dias de hoje. Comiam broto de inhame com banha de porco, galinha caipira e tudo o que plantavam.⁴⁴ Sobre os enterros pomeranos, entrevistamos o Sr. Valdir Braum, que cuida do Cemitério São Geraldo, no Padre Francisco. Ele comentou acerca dos enterros e de como são realizados. Citou que os antigos tinham o costume de colocar uma bíblia debaixo do travesseiro do falecido e usar uma roupa especial para os enterros. Sobre os casamentos, contou como foi que conheceu sua esposa, que dançou com ela numa festa de casamento, observou que



⁴³ Entrevista realizada por Eliane Faria Correa Pinto e Luciano Faria Correa Lima com Sr. Valdir Braum em Vila Valério, em julho de 2012.

Foto 48: Vista para Vila Valério da Igreja Luterana do alto. Foto 49: Cemitério da localidade de Padre Francisco. Vila Valério, julho de 2013. Foto: Luzimar Pereira.

Em Vila Pavão, fomos ao Museu Pomerano Franz Ramlow e lá conversamos com o Sr. Valter Ohnesorg e as Sras. Ivonete Morgan Tressmann e Maria da Conceição Santos Silva. O Sr. Valter cuida do museu e recebe os visitantes. Sua história se parece com outros relatos coletados nas viagens. Ele mencionou as dificuldades da vida na lavoura, a mudança para o norte onde se desbravou as matas como os pioneiros do século XIX em Santa Maria de Jetibá, as tradições das festividades pomeranas, a culinária pomerana e as dificuldades com a língua aprendida na escola no momento da alfabetização em português.⁴⁶ Sobre a culinária as duas entrevistadas são fabricantes de brote para vender na feira dos produtores rurais da cidade. O museu cede a cozinha e o forno para que elas preparem a iguaria cuja receita aprenderam com a família ou vizinhos. Elas frequentaram cursos do SEBRAE e com isso conseguem transformar um conhecimento tradicional em renda. Descreveram passo a passo o processo de preparo do brote enquanto iam misturando a massa de um biscoito conhecido como “cueca virada”.⁴⁷ O museu onde eles estavam é uma casa pomerana que pertenceu à família Ramlow. A edificação possui todas as características descritas na obra de Bianca Aparecida Corona. Há uma varanda frontal, um quarto lateral com entrada pela varanda e sem ligação direta com a casa para visitantes, um salão grande para as festas e quartos virados para ele. A copa fica no fundo e dá para a cozinha que muitas vezes é fora da casa. O banheiro também fica fora da edificação.⁴⁸ Hoje as casas já se modificaram, mas muitas das que vimos, especialmente em Vila Pavão e Laranja da Terra, guardam essas características. Entrevistamos o Sr. Jorge Kuster Jacob que nos forneceu muitos materiais de pesquisa e discutiu as questões relativas à identidade e

⁴⁶ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Sr. Valter Ohnesorg em Vila Pavão, em julho de 2012.

⁴⁷ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Sras. Ivonete Morgan Tressmann e Maria da Conceição Santos Silva em Vila Pavão, em julho de 2012.

⁴⁸ CORONA, Bianca Aparecida. **Pomerisch hus: a casa pomerana no Espírito Santo**. Vitória: GM, 2012. Corona publicou seu livro com recursos do FUNCULTURA da SECULT-ES a partir de seu trabalho de conclusão de curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIVIX, em 2005.

história pomerana. Ironizou a expressão “a mais pomerana” muito utilizada por Santa Maria de Jetibá e Pomerode-SC. Ele foi secretário de cultura, pertence à Comissão Nacional dos Povos Tradicionais e é autor de diversos livros acerca da cultura pomerana. Incentivou bandas a cantarem em pomerano, como a Up Pomerisch, que traduzia músicas conhecidas do português para a língua pomerana. Falou sobre os cinco presentes do casamento pomerano e das várias fases da festa do casamento pomerano.⁴⁹ Conversamos com o pastor da igreja luterana local sobre o cemitério e os enterros e ele nos indicou o Sr. Arthur Pagung, responsável pelo cemitério de Praça Rica, onde há as catacumbas transversais. Os túmulos seguem o padrão de estarem os pés dos mortos no leste e a cabeça no oeste para que o falecido possa ver o nascer do sol, já os suicidas eram enterrados na direção norte sul e nunca veriam o sol. Segundo ele, essa tradição foi abolida por trazer sofrimento para a família dos suicidas que eram enterrados na posição contrária aos outros túmulos.⁵⁰ Por fim, conversamos com o Sr. Valdir Wutke, concertinista de Vila Pavão, que abriu uma concertina para nós para que pudéssemos compreender como ela funciona e produz seu som. Tocou algumas músicas para nós e tem o costume de tocar em casamentos, festas e festivais.⁵¹

Entrevistamos o Senhor Angelim Zaager em Novembro de 2013 e este descreveu o processo de fabricação das concertinas, tendo sido indicado pelo senhor Norberto Holz como fabricante e confirmando isto em entrevista. No mesmo período conversamos com o Senhor Carlos Seidler e este nos deu um apanhado geral do coro de metais entre os pomeranos.

Em 2014 conversamos com senhor Valdomiro Kosanke, proprietário de clube onde foi realizado um festival de concertina que contou com a participação de centenas de instrumentistas, entre eles o concertinista Adenivaldo José dos Santos, o Zé do Fole. Com Zé do Fole conseguimos mais detalhes sobre a utilização da concertina e sobre o próprio processo de fabricação, como o reconhecimento do Senhor Angelim Zaager como único fabricante da região, e talvez do Brasil.

⁴⁹ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Sr. Jorge Kuster Jacob em Vila Pavão, em julho de 2012.

⁵⁰ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Sr. Arthur Pagung em Vila Pavão, em julho de 2012.

⁵¹ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Sr. Valdir Wutke em Vila Pavão, em julho de 2012.

O Senhor Valdomiro Kosanke explicou que organiza festivais de concertina há três anos sem qualquer ajuda da prefeitura e o faz como uma possibilidade de ganho comercial e também como meio de promover lazer à população rural. Além de proteger uma arte cara aos pomeranos.

Conseguimos localizar duas benzedeadas e um benzedeador. Uma benzedead, cujo nome nos foi passado como Elizabeth Feich, encontramos nas proximidades da localidade do Caramuru, em Santa Maria de Jetibá, e outra, a Senhora Glorinha Nimke Seibel em Luiz Potratz. O benzedeador, o senhor Alberto Braun, localizamos em Córrego Simão. Só conseguimos entrevistar o senhor Alberto Braun, as benzedeadas alegaram compromissos ou se recusaram a nos atender. A reação de ambas foi similar e nos deu a impressão de por serem mulheres e nós homens não nos receberia a sós. Além disso, a comunidade apresentou visível desconforto pela procura por benzedeadas na região. Todos com quem conversávamos apresentavam nítido desconforto, tentavam nos demover da ideia de entrevistá-las. Com o senhor Alberto Braun o caminho foi mais simples e ao encontramos sua casa obtivemos a entrevista, mesmo com sua desconfiança que o levou a chamar dois amigos policiais para fornecerem uma proteção não declarada, inclusive olhando a documentação de autorização do uso da entrevista e assim o autorizando a assinar. Após a chegada dos dois amigos policiais o senhor Alberto nos deu declarações e seguimos a entrevista obtendo confirmações e polêmicas sobre a função do Benzedeador.

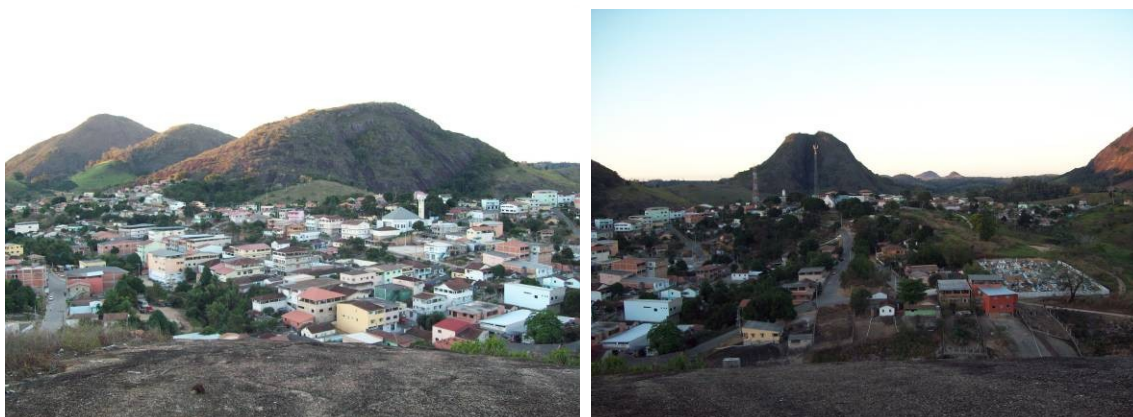


Foto 50 e 51: Vista do Morro do Cruzeiro para Vila Pavão. Vila Pavão, julho de 2013. Foto: Luciano Lima.



Foto 52 e 53: Casas pomeranas. À direita, sede do Museu Pomerano Franz Ramlow. Ele era um abastado pomerano que se mudou para Vila Pavão nos anos de 1940. Vila Pavão, julho de 2013. Foto: Liliane Corrêa.



Foto 54 e 55: Preparo do brote no Museu Pomerano Franz Ramlow. Vila Pavão, julho de 2013. Foto: Luciano Lima.



Foto 56, 57 e 58: Concertina e suas palhetas. Vila Pavão, julho de 2013. Foto: Luciano Lima.

Os campos foram realizados com ênfase na participação no casamento de Luana Kuster em Barra do Jatibocas, Itarana, viagem a campo para participação no período de finados entre os pomeranos, realização de reuniões com a comunidade, participação em um festival de concertina em Santa Maria de Jetibá em abril de 2014.

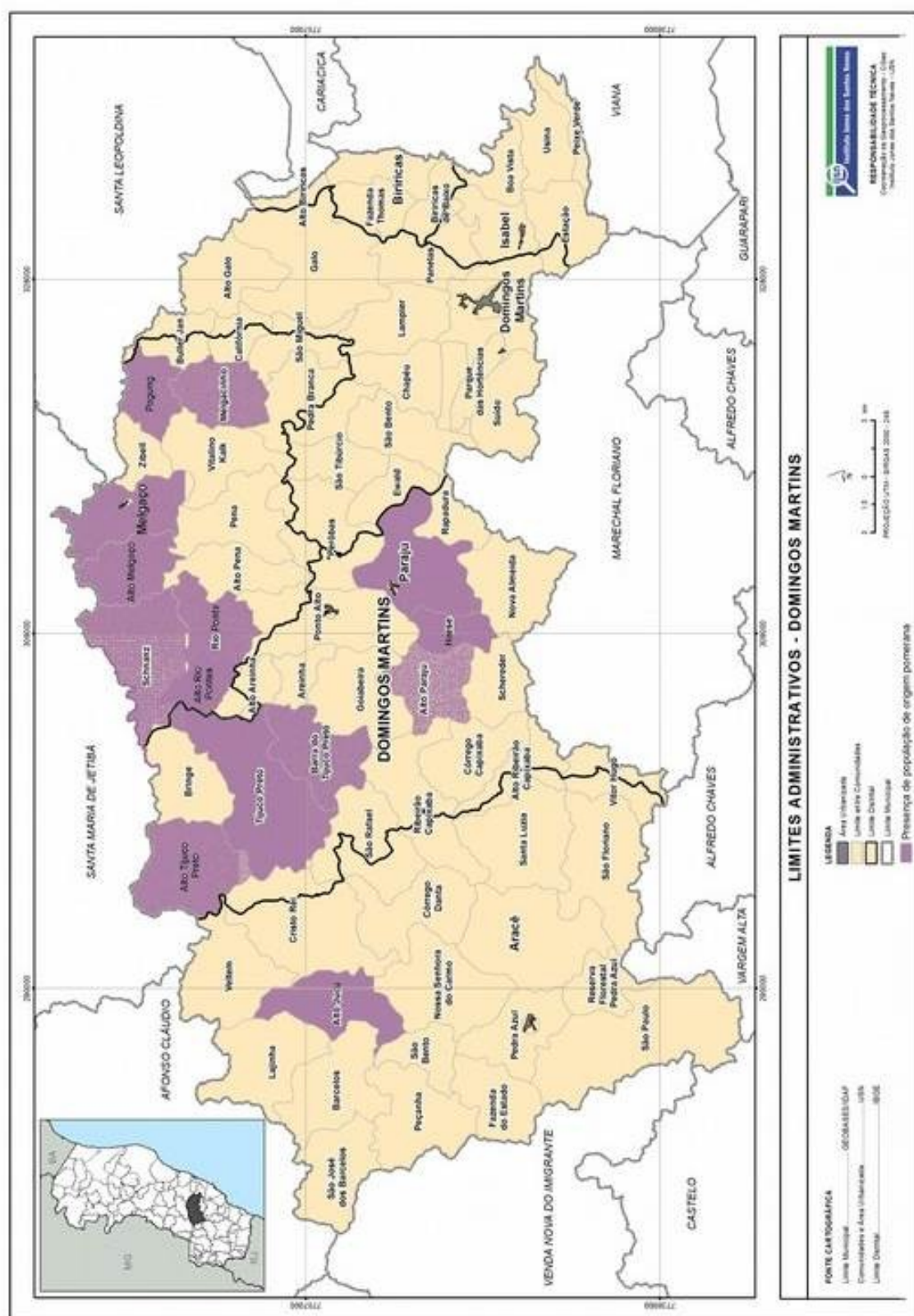
Com a realização das atividades de campo, identificamos a e delimitamos a região a ser inventariada, que segue nos mapas dispostos nas próximas páginas. Utilizamos, a pedido do técnico do IPHAN-ES, Clair Junior, mapas do Instituto Jones dos Santos Neves como base para os mapas municipais e o do IBGE como base para a indicação dos municípios no estado do ES. Um dos problemas encontrados foi ausência dos mapas referentes ao município de Laranja da Terra, tanto no instituto capixaba como no federal. Assim, adotamos como base um mapa da microrregião sudeste serrana para especificar as localidades⁵² pomeranas em Laranja da Terra. Nos mapas, marcamos em lilás as localidades de influência cultural pomerana cujos moradores conhecem, vivenciam ou se identificam com as referências culturais de matriz pomerana.

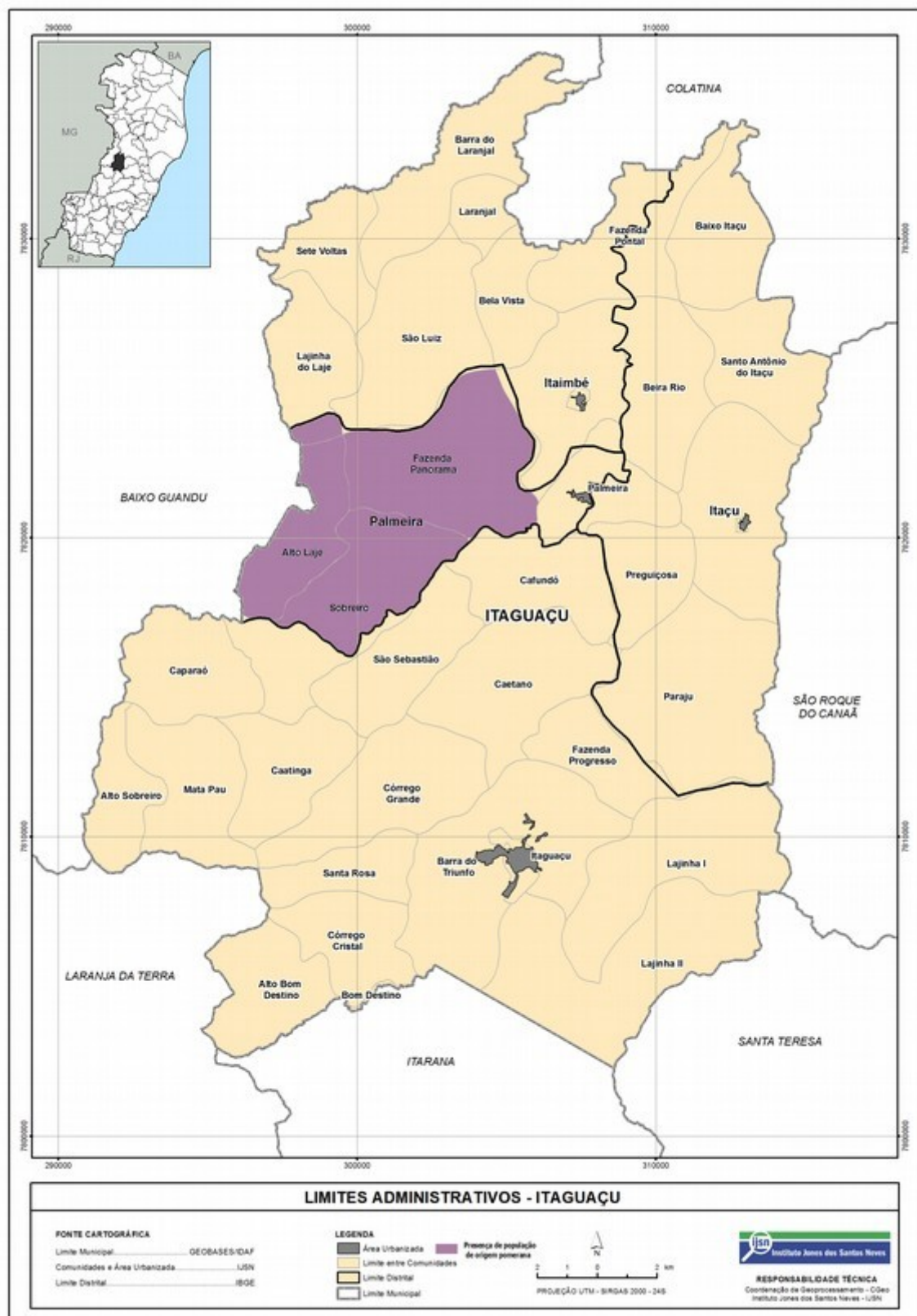
2.1.1. Mapas da região inventariada

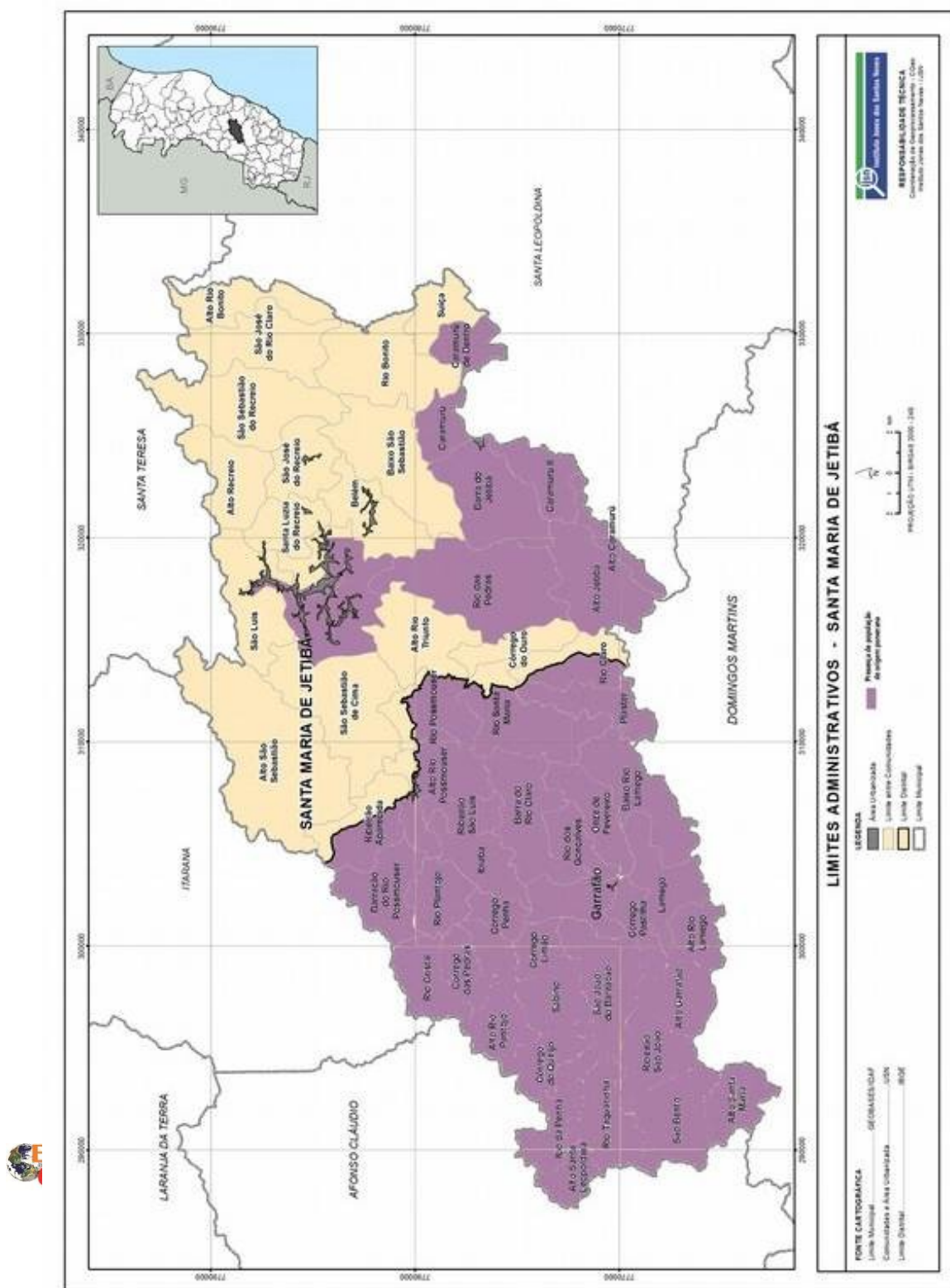
Os mapas do inventário de referências culturais pomeranas procuram ressaltar as regiões de maior influência pomerana, tanto no âmbito do estado do Espírito Santo como um todo, quando em um olhar mais apurado em cada município, destacando as áreas dos distritos onde a população pomerana é mais presente e conseqüentemente onde é mais facilmente encontrado os aspectos próprios dessa cultura.

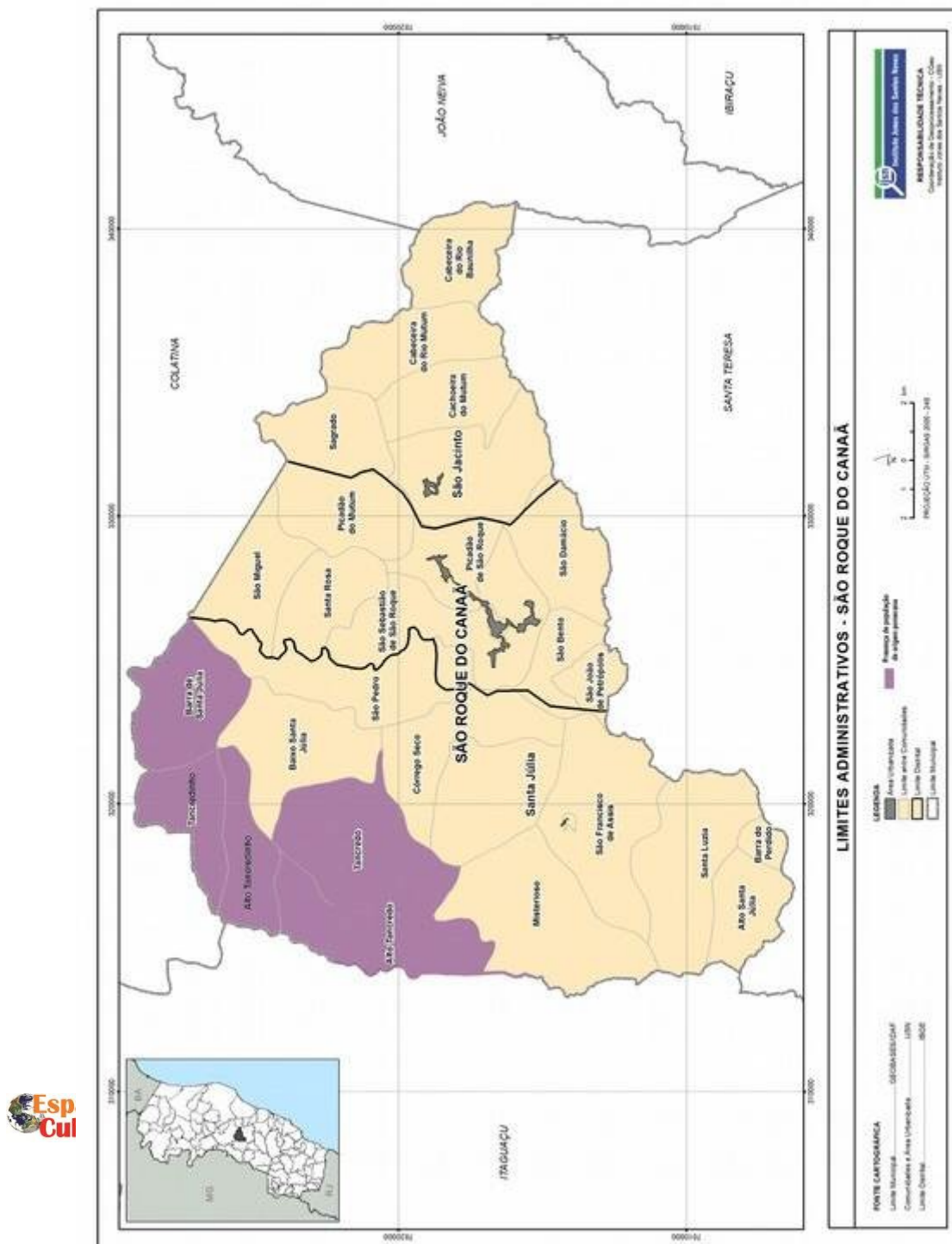
Os mapas, a princípio, poderiam acompanhar a divisão entre os vários elementos culturais encontrados, no entanto, as comunidades pomeranas apresentam traços muito semelhantes e se verifica a presença dos bens culturais encontrados no

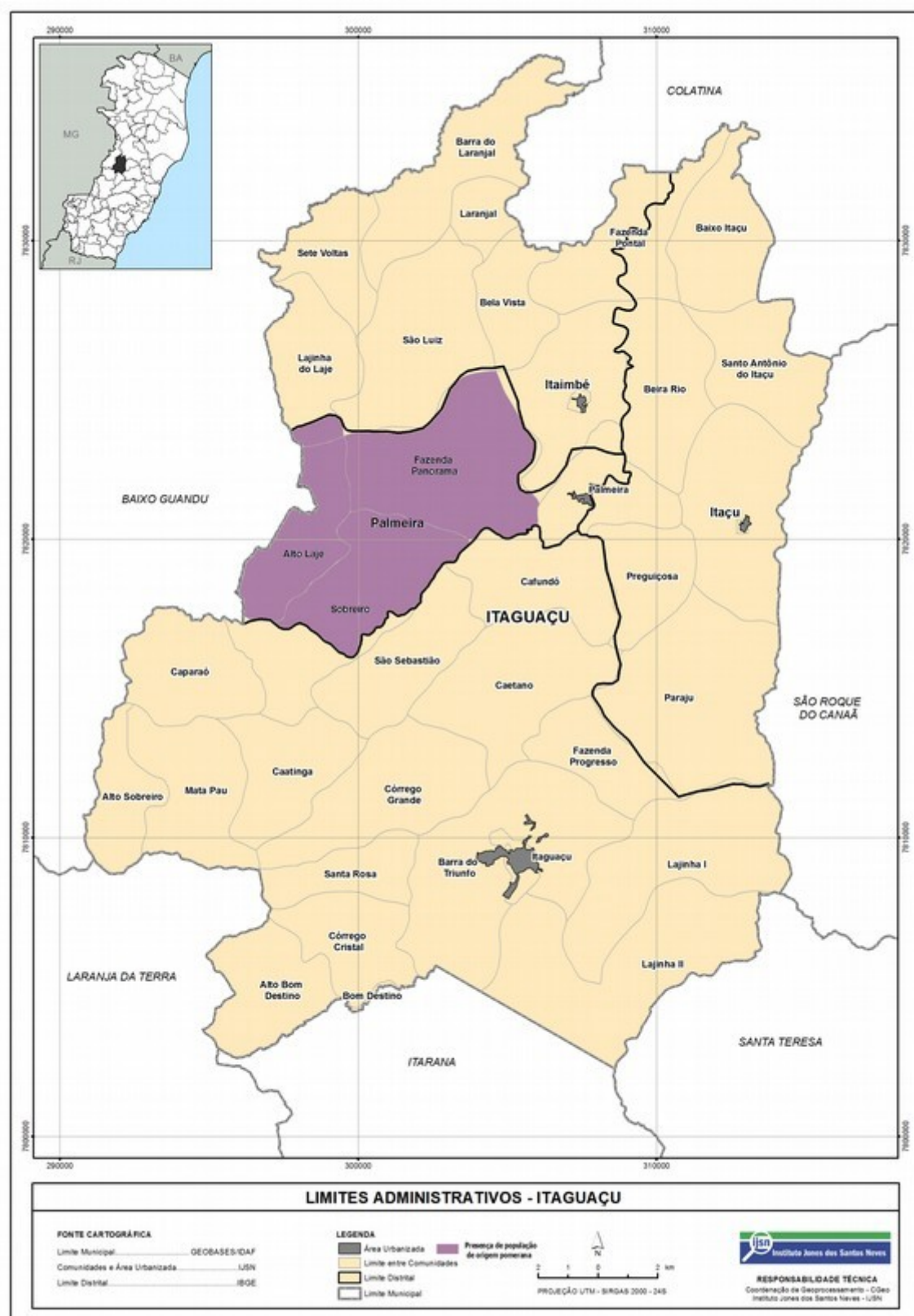
⁵² É importante ressaltar que o termo localidades não corresponde ao conceito de localidade adotado pelo INRC e sim o conceito genérico, definido por: “Localidade: s.f. 1. Lugar determinado; 2. povoação.” (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.)

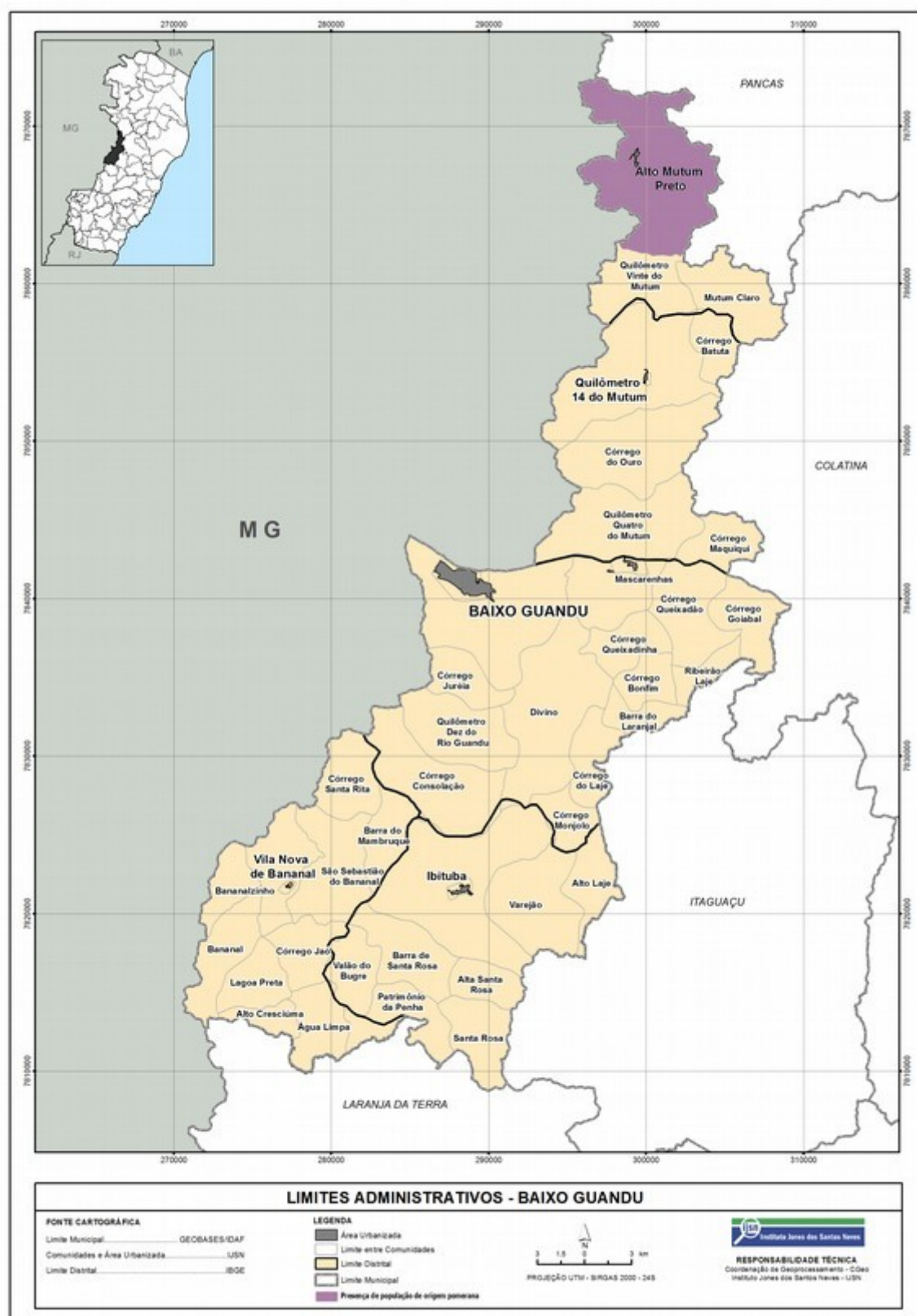


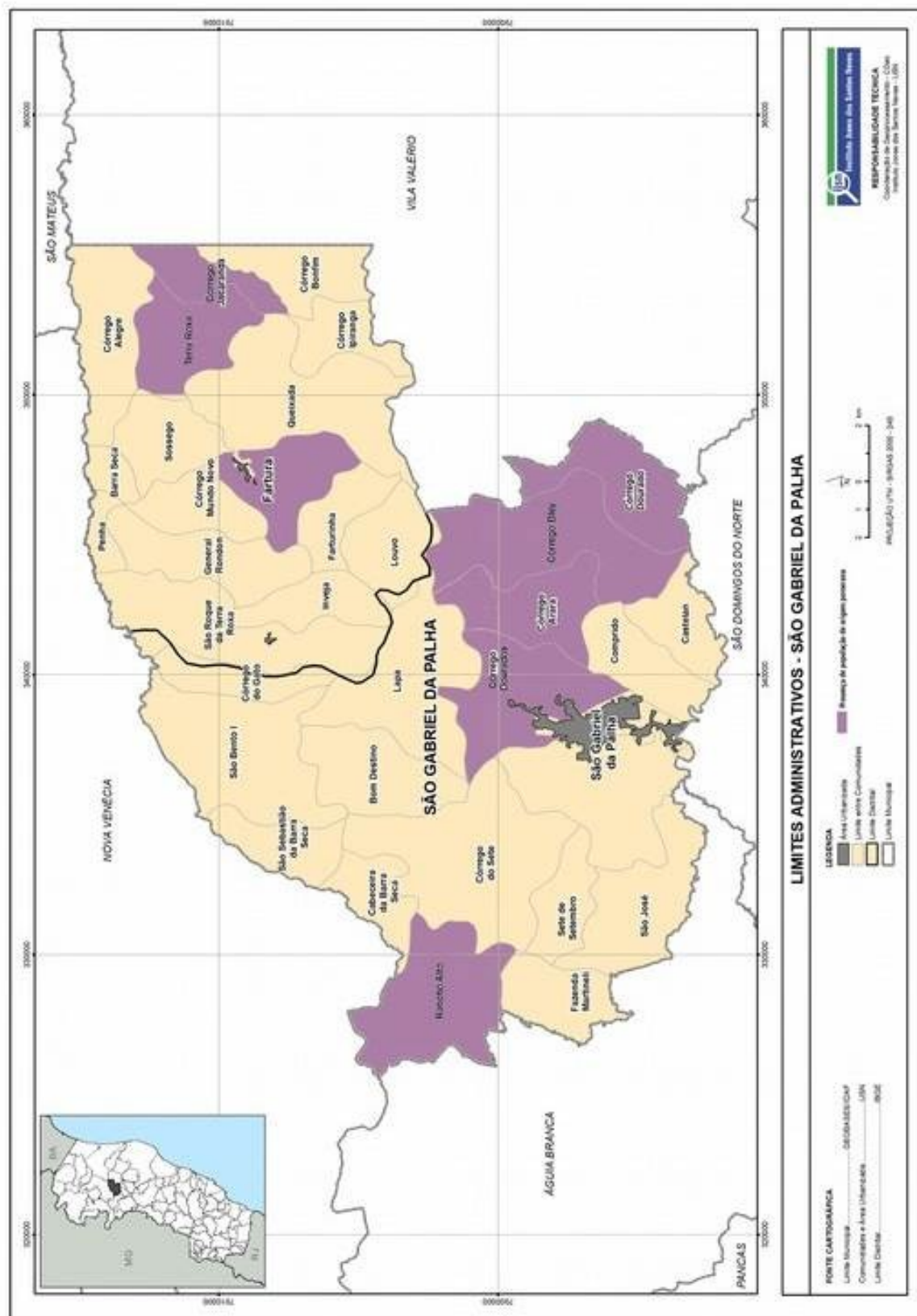


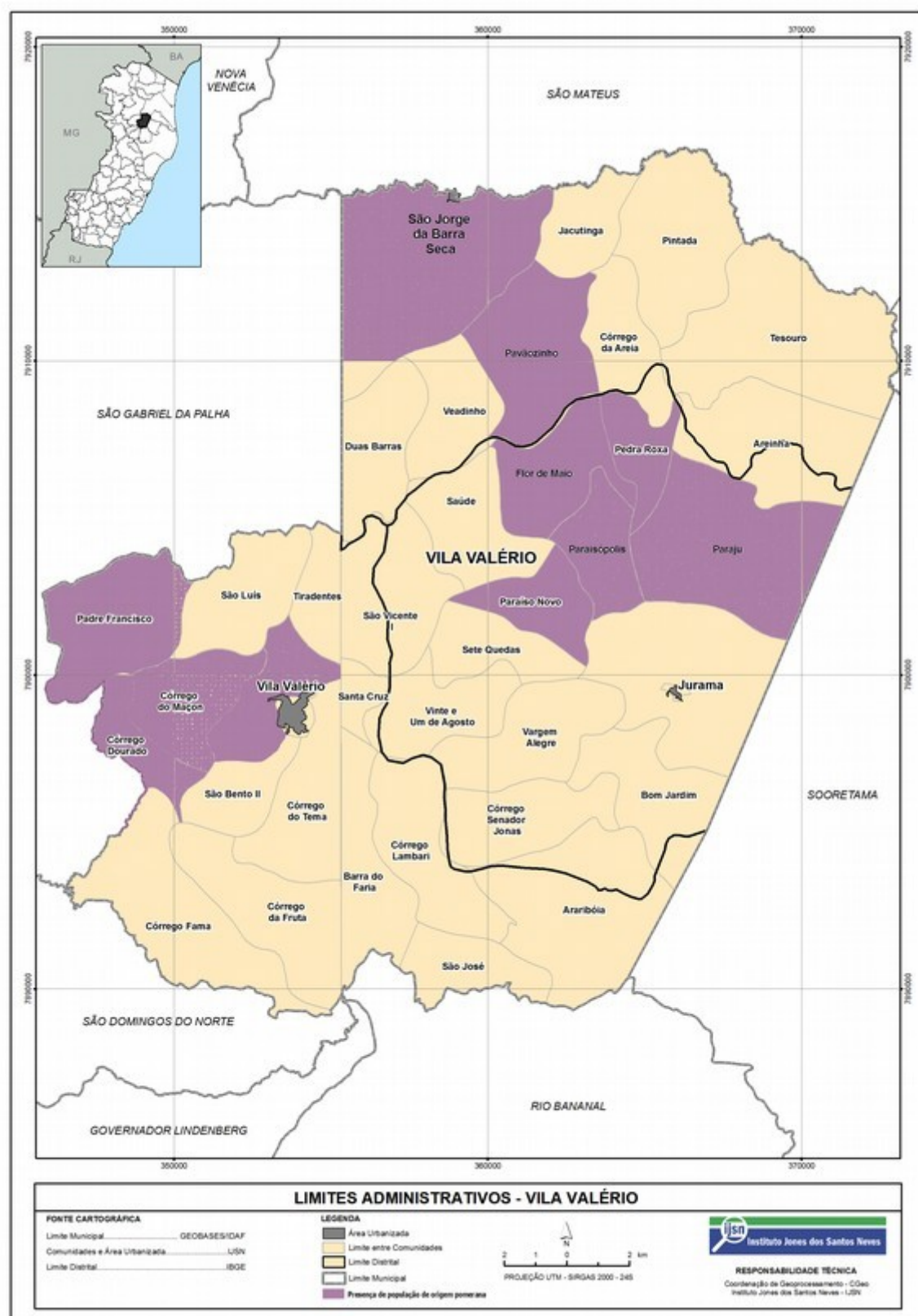


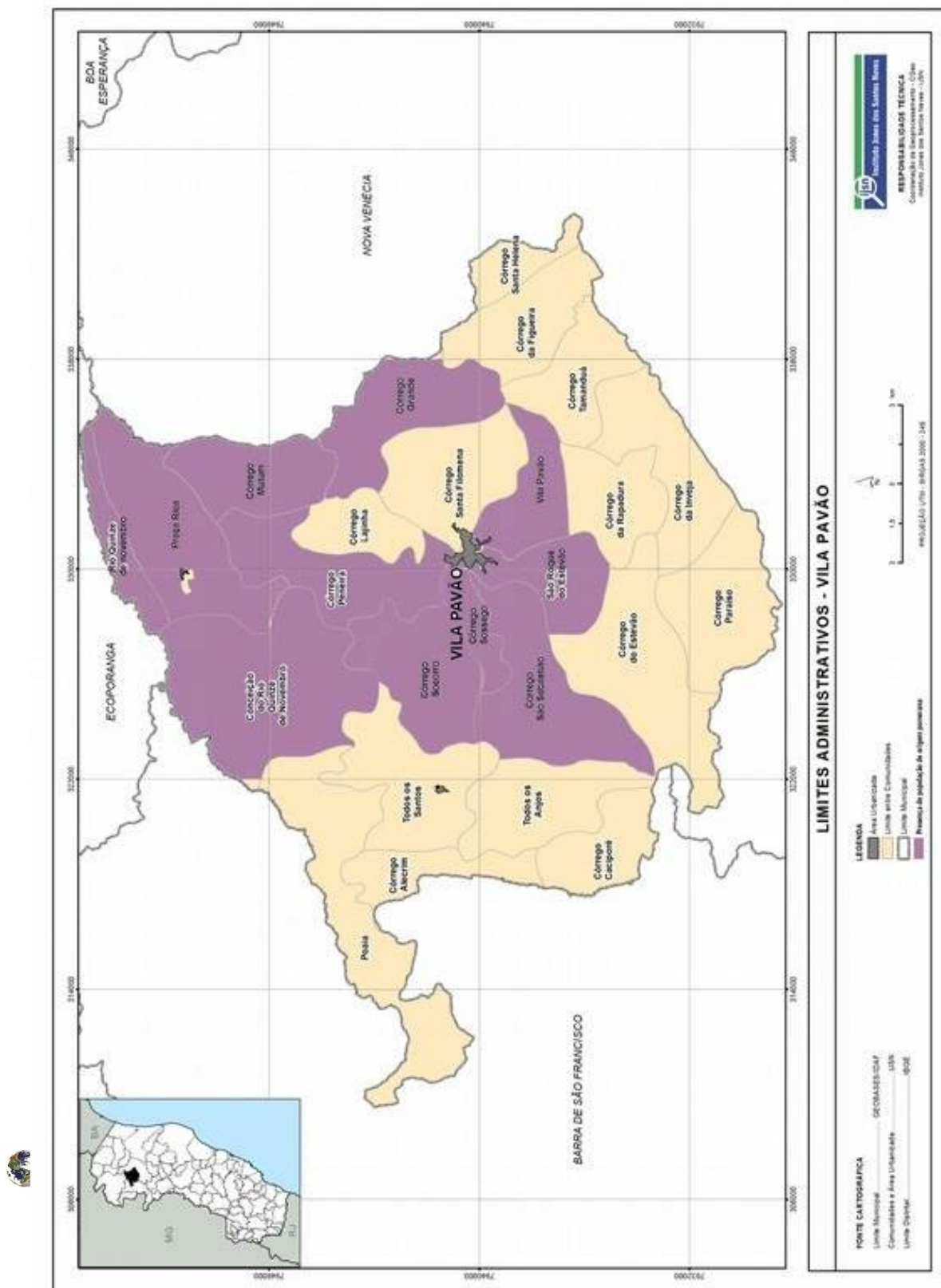


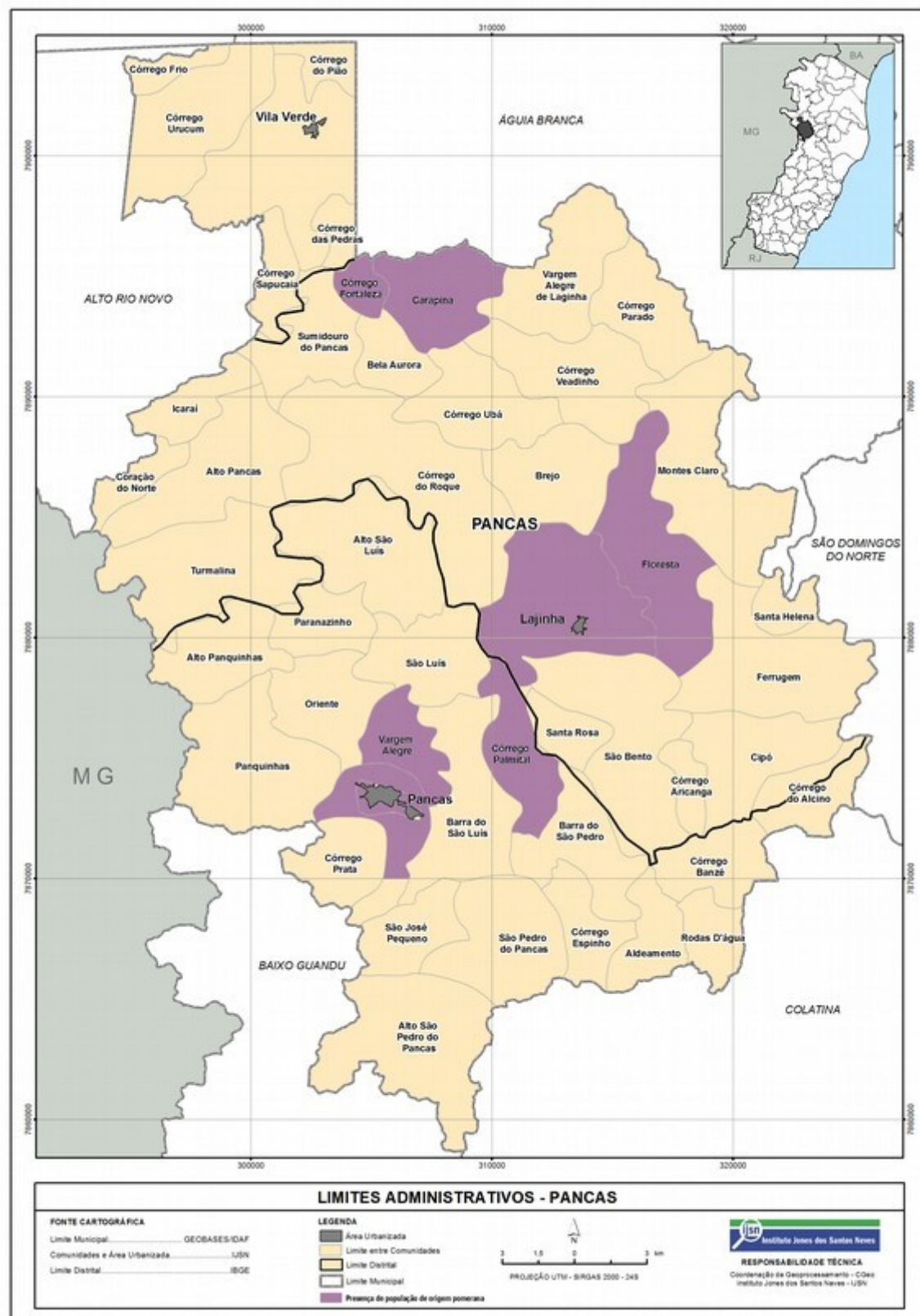


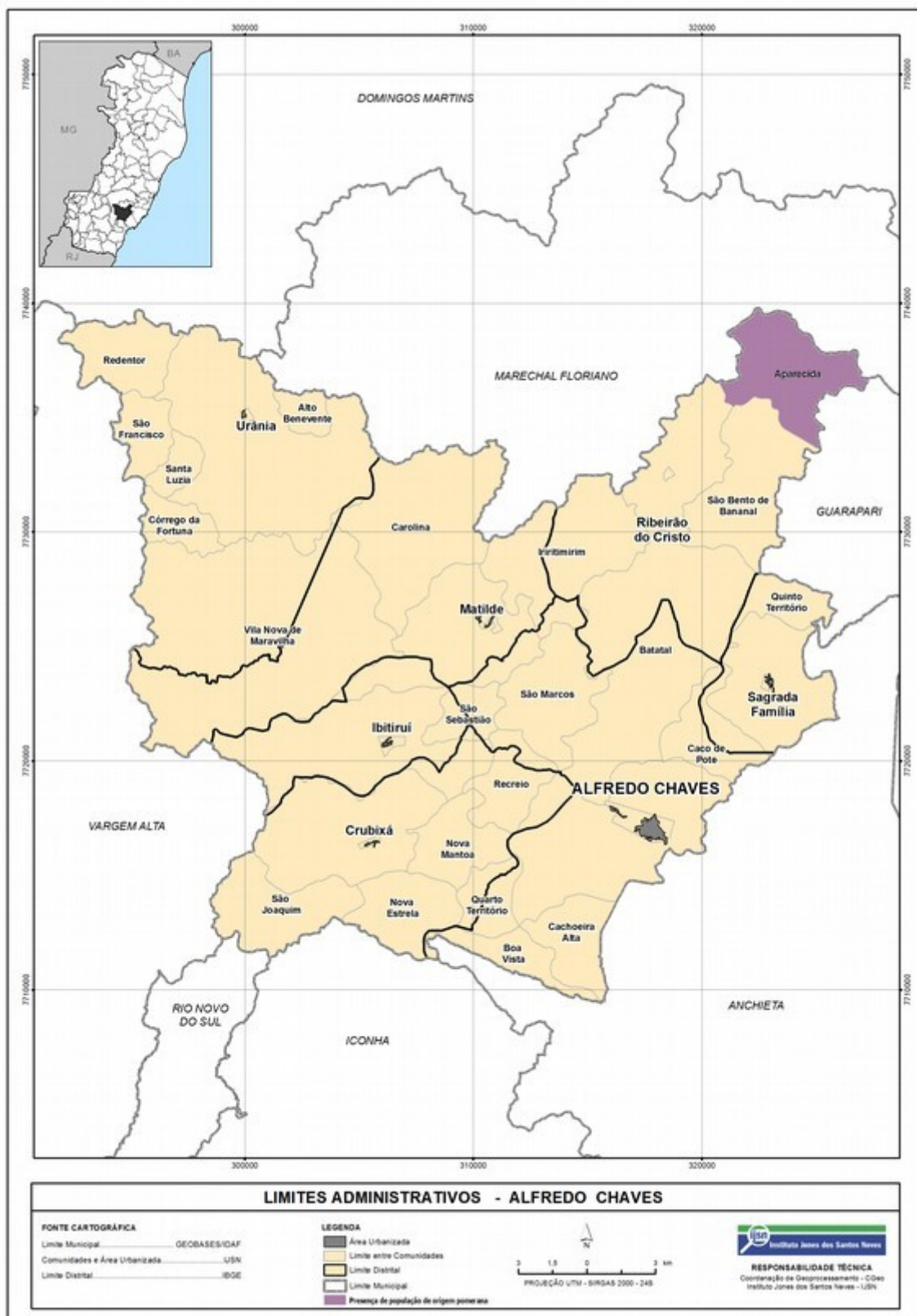


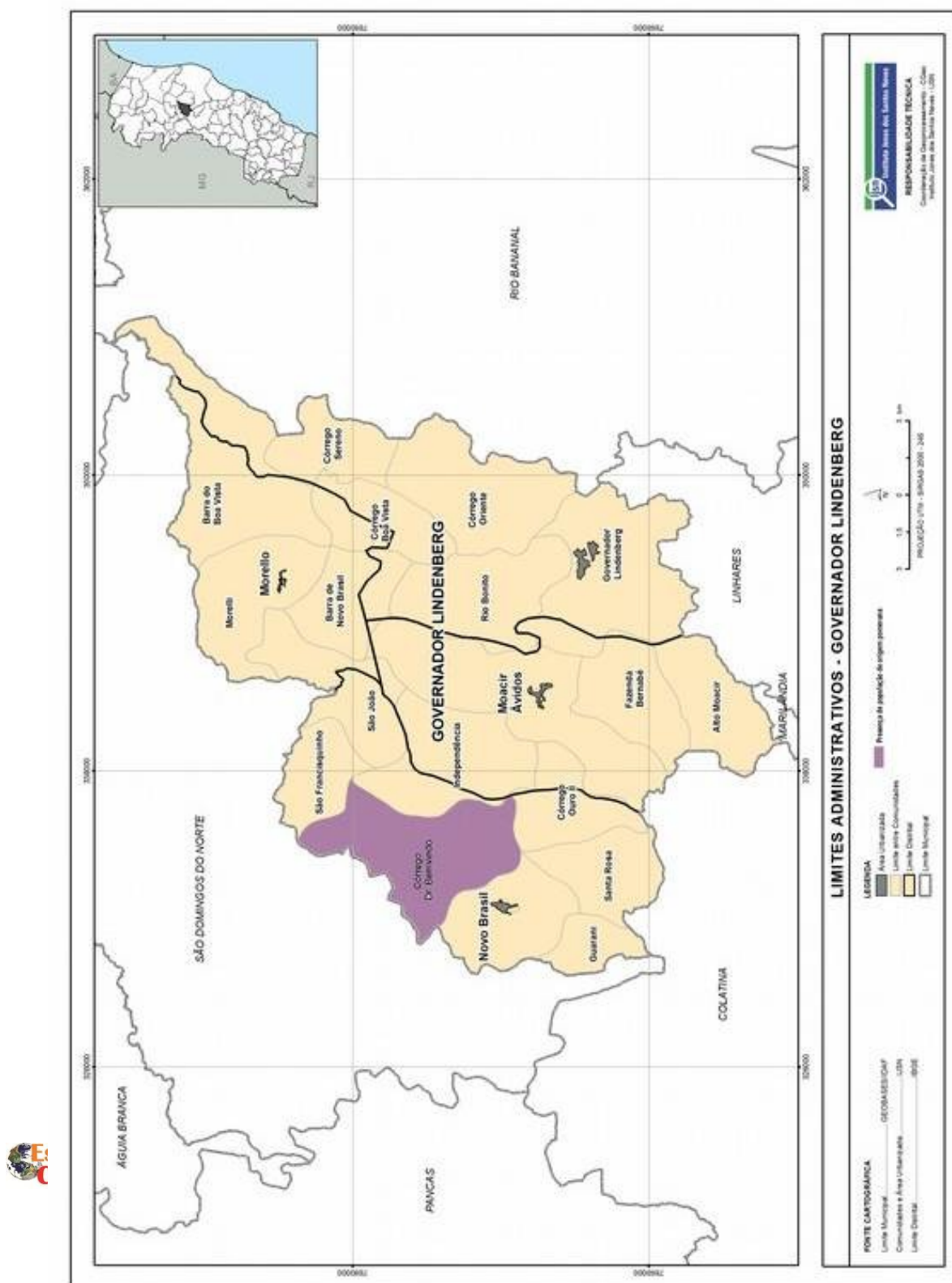


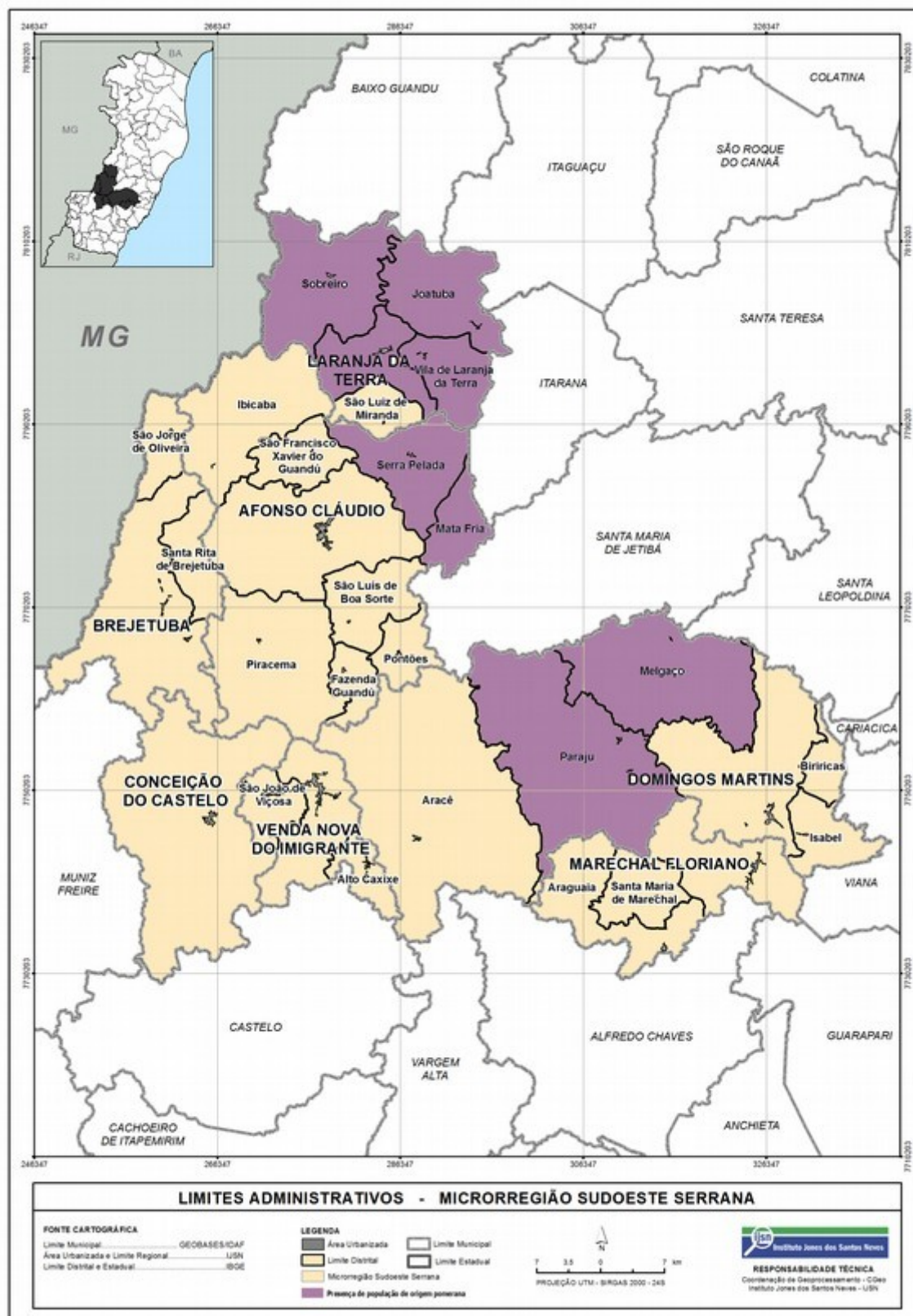












2.2 Pomeranos

Os pomeranos são um grupo que imigrou para o Brasil no século XIX vindo da Europa. Em nossas atividades, identificamos a história desses imigrantes pomeranos no Brasil, que remete à história da imigração europeia no século XIX. Elaboramos um esboço desse processo indicando o contexto europeu e o que se constituiu no Brasil para a chegada dos imigrantes e após a vinda desses grupos. Eles chegaram ao Brasil e, no Espírito Santo, se estabeleceram na área montanhosa para e dedicarem à agricultura.

A bibliografia acadêmica sobre a Pomerânia é escassa e a história do ducado pouco acrescenta na vivência cultural pomerana brasileira, mas optamos por

resumir alguns de seus aspectos. Sobre a Pomerânia, há blogs de descendentes pomeranos norte americanos e australianos que mencionam sua história, mas pouco criteriosos quanto às citações. Desses sites, utilizamos algumas imagens de mapas antigos que nos pareceram ilustrativos. Em fontes primárias, encontramos a biografia de Otto (1060-1139), apóstolo da Pomerânia, responsável pela cristianização da região entre os séculos XI e XII.⁵³ Encontramos menção à região em alguns livros de pomeranos brasileiros, uma das obras de Hobsbawm, mas muito superficialmente,⁵⁴ e no Atlas da História do Mundo da Folha de São Paulo.⁵⁵ Já o contexto histórico da imigração é tema abordado muito comumente pela academia, mas com ênfase na imigração italiana para as fazendas cafeeiras do oeste paulista. Poucos são os artigos, dissertações, teses sobre a imigração pomerana no Espírito Santo. Há mais obras que tratam da imigração para o Rio Grande do Sul que para o Espírito Santo, principalmente, produzidos pela Universidade Federal de Pelotas.⁵⁶ Outras obras circundam o tema, tratando da imigração polonesa para Águia Branca, ou imigração alemã para o Brasil. Nesse último caso, quando se trata da imigração alemã para o Espírito Santo, há uma mistura na abordagem. Observamos que muitos brasileiros de matriz pomerana se entendem alemães e, talvez por isso, muitos trabalhos acadêmicos não especificam a contextualização diferenciada da imigração pomerana para as terras capixabas. Até mesmo Joana Bahia cujo trabalho trata especificamente dos pomeranos menciona-os como imigrantes alemães, não diferenciando os dois povos. Ela fez uma escolha pela nacionalidade vigente quando eles vieram para o Brasil, mas há uma perda

⁵³ HERBORDUS and EBO. **The life of Otto apostle of Pomerania 1060-1139**. Charles H. Robinton, D. D. London: Society for promoting Christina knowledge; New York: The Macmillian Company, 1920.

⁵⁴ HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2009.

⁵⁵ PARKER, Geoffrey (ed). **Atlas da História do Mundo da Folha de São Paulo**. 4 ed. São Paulo: Empresa Folha da manhã S.A., 1995.

⁵⁶ A UFPEL – Universidade Federal de Pelotas produz muitos trabalhos acerca da imigração pomerana no Rio Grande do Sul, entre elas: MALTZAHN, Gislaine Maria Família, ritual e ciclos de vida: estudo etnográfico sobre narrativas pomeranas em Pelotas (RS) / Gislaine Maria Maltzahn; Orientador: Flávia Maria Silva Rieth. – Pelotas, 2011; SCHEK, Gabriele. Plantas medicinais e o cuidado em saúde em famílias descendentes de pomeranos no sul do Brasil. Gabriele Acheik; Orientador: Prof.^a Dr.^a Rosa Lia Barbieri – Embrapa Clima Temperado, Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita Maria Heck – Universidade Federal de Pelotas. – Pelotas, 2011; BOSENBECKER, Vanessa Patzlaff. Influência Cultural Pomerana Permanências e Adaptações na Arquitetura Produzida Pelos Fundadores da Comunidade Palmeira Cerrito Alegre, Terceiro Distrito de Pelotas (RS). Vanessa Patzlaff Bosenbecker; orientador: Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira Pelotas, 2012; KOLLING, Nilo Bidone. Educação e escolas em contextos de imigração pomerana no sul do Rio Grande do Sul. Pelotas: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas, 2000, entre outras.

da distinção entre um grupo cultural e outro.⁵⁷ Com exceção a essa regra, temos os trabalhos de linguística de Ismael Tressmann que tratam especificamente da língua pomerana e seus traços culturais,⁵⁸ a obra de Bianca Corona que esmiúça a casa pomerana,⁵⁹ enfatizando o aspecto peculiar da cultura pomerana, as obras de Jorge Jacob e Jarcy Jacob, entre outras.⁶⁰

Nesse sentido, trabalharemos com as informações acadêmicas encontradas, fontes primárias e também com obras de estudiosos desvinculados da academia, mas que possam trazer informações e saberes acerca da vida dos pomeranos no Espírito Santo.

2.2.1 A Pomerânia

A Pomerânia nunca se tornou um país. Era uma região europeia cujo povo eram os pomeranos. Ficava entre a Alemanha e a Polônia, na costa norte.

Nos séculos 100 d.C. e 200 d.C, a Pomerânia era ocupada por celtas, povos pagãos que falavam a língua celta, de origem indo-europeu e que viviam no sudoeste da Alemanha desde 2 mil a. C.⁶¹. Os celtas foram empurrados, nos séculos seguintes, pelos teutões, povos de origem germânica que se fixaram na porção norte das atuais Alemanha e Polônia. No século VI, os teutões se afastaram com a chegada dos eslavos que tomaram a região, constituindo a Pomerânia, como um conjunto de povos eslavos, teutões e celtas, com língua e identidade cultural próprias.

No século X, os poloneses, que haviam acabado se constituir como um ducado, conquistaram os povos pomeranos na tentativa de cristianizá-los. Exatamente por suas crenças pagãs, os pomeranos não aceitaram o poderio dos vizinhos poloneses e permaneceram em guerra com eles durante mais de cem anos. Isso provavelmente consolidou a formação do primeiro ducado pomerano com o Duque Wortizlaus I que,

⁵⁷ BAHIA, Joana. **O tiro da bruxa: identidade, magia e religião na imigração alemã**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

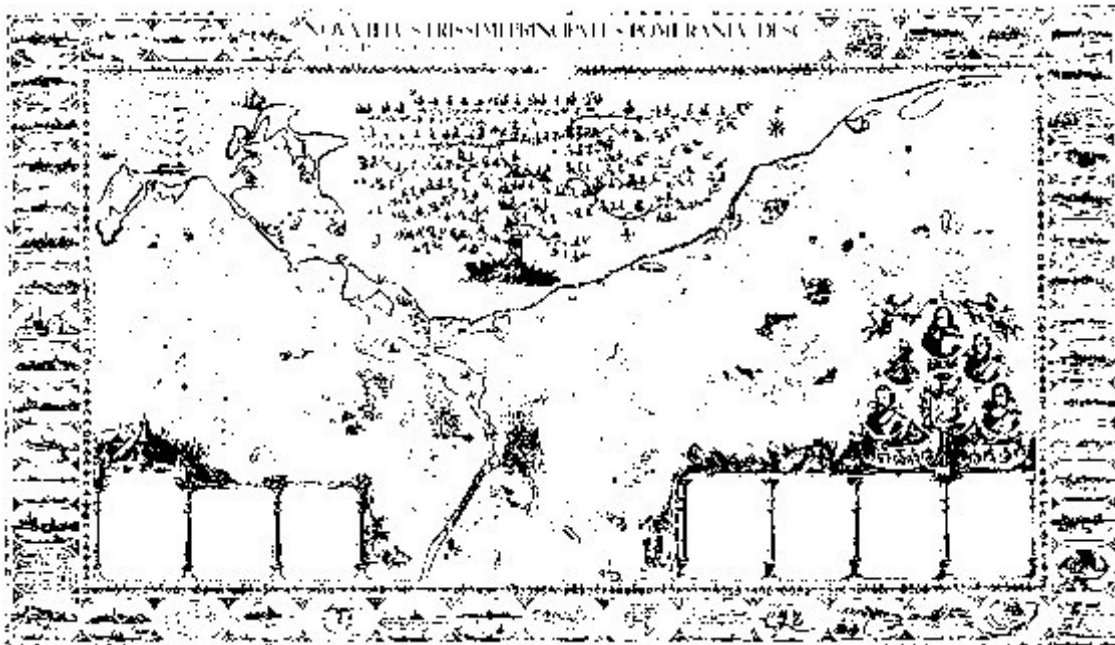
⁵⁸ TRESSMANN, Ismael. *Dicionário enciclopédico pomerano-português / Pomerisch-Portugijisch Wöirbauk*. Santa Maria de Jetibá, 2006 e _____. Da sala de estar à sala de baile: estudo etonlinguístico de comunidades camponesas pomeranas do estado do Espírito Santo. Orientadora Dra. Bruna Franchetto. Tese apresentada para obtenção do título de doutor do curso de pós graduação em letras do departamento de Linguística da UFRJ. Rio de Janeiro, 2005.

⁵⁹ CORONA, Bianca Aparecida. **Pomerisch Huss: a casa pomerana no Espírito Santo**. Vitória: GM Editora, 2012.

⁶⁰ JACOB, Jorge Kuster e JACOB, Jorcy Foesrte.. **Cidades irmãs pomeranas: Vila Pavão (ES) e Espigão do Oeste (RO)**. Nova Venécia – ES: Gráfica Cricaré, 2011.

⁶¹ ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE. Rio de Janeiro: Editora Delta S.A, 1978, vol.4.

por outro lado, aceitou as investidas cristãs do bispo Otto e cedeu politicamente auxiliando a cristianização do povo. Os biógrafos do bispo contam como foi a cristianização do povo pomerano com detalhes de conversões e da grandiosidade do comportamento do bispo nesse processo.⁶²



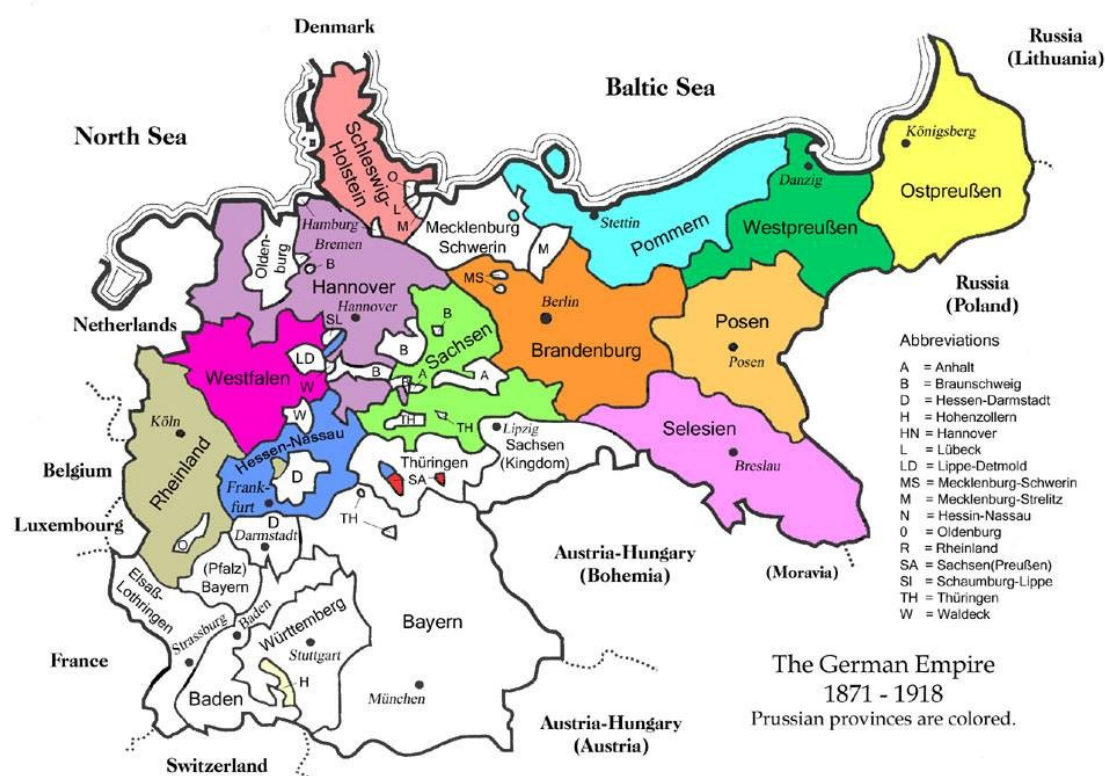
Mapa do Ducado da Pomerânia em 1618. Autor: Eilhard Lubinus. Fonte: <<http://zamek.szczecin.pl/site/sladami/sladami/images/archiwa/Lubinus.zip>> O mapa segue em alta resolução no anexo 2 e no DVD.

Após a cristianização pomerana, o ducado permaneceu em vassalagem perante o ducado polonês, mas com autonomia. No anexo 1, há a dinastia Greifen cuja árvore indica todos os duques pomeranos até o final do século XVII.⁶³ Nos seiscentos, a Pomerânia vivenciou guerras religiosas entre protestantes e católicos até que o último duque faleceu convertido ao protestantismo em 1637. Essas guerras faziam parte dos conflitos da Guerra dos Trinta Anos que terminou com a Pomerânia Ocidental sob o poderio sueco e a Pomerânia Oriental comandada por Frederico Guilherme da Prússia. Em 1660, foi realizado o último julgamento de bruxas no castelo de Rügenwalde, na Pomerânia, indicando a mudança na mentalidade de perseguição aos valores pagãos originários e a amenização dos sentimentos belicosos que exacerbaram as tensões e

⁶² HERBORDUS and EBO, op. cit., 1920.

⁶³ DIE GREIFEN. **Die regierenden Herzöge.** Udo Madsen, 1998. Disponível em <<http://www.ruegenwalde.com/greifen/ablauf/ablauf.htm>> Acesso em 15 mai 2013.

motivaram os processos inquisitórios católicos e protestantes. Mais tarde, a Prússia anexou a porção ocidental da Pomerânia que permaneceu subjugada até o século XIX.⁶⁴



Mapa que indica a localização da Pomerânia, identificada em azul claro. Fonte: <<http://www.pomeranianews.com/German%20Empire-Lg.html>> Acesso 10 fev 2013.

Durante o século XIX, os pomeranos viveram sob o controle dos prussianos e alemães e sofreram inúmeras adversidades ocasionadas pelas guerras de



Pomerania in 1938

Mapa da Pomerânia, em 1938. Fonte: <http://www.pomeranianews.com/pomerania_1938-Lg.html> Acesso 10 fev 2013.

2.2.2. Contexto histórico da imigração para o Brasil

A imigração europeia para os países da América esteve associada às transformações decorrentes da revolução industrial. Ocorreram modificações na relação dos camponeses com a terra e com sua propriedade. O surgimento dos estados nações também influenciou nas mudanças sociais, políticas e econômicas que passaram os europeus nos séculos XVIII e XIX.

Segundo Eric Hobsbawm, as revoluções francesa e industrial tiveram papel fundamental nas mudanças da sociedade europeia. As inovações tecnológicas da revolução industrial proporcionaram novas maneiras de concepção do espaço e da circulação. Para Hobsbawm, “*Estar perto de um porto era estar perto do mundo: na verdade, Londres estava mais perto de Plymouth ou Leith do que dos vilarejos de Norfolk; Sevilha era mais perto de Veracruz do que de Valladolid e Hamburgo mais perto da Bahia do que do interior da Pomerânia.*”⁶⁵ A mudança nas relações de trabalho ocorrida pela introdução tecnológica causou, então, um impacto nas cidades e no campo nos países europeus.

Para os pomeranos, isso transpareceu na solução prussiana para a questão da terra que estabeleceu proprietários e empregados com a transformação dos senhores

⁶⁵ HOBBSBAWM, Eric. op. cit., 2009, cap. 1.

feudais em “fazendeiros capitalistas” e dos servos em empregados contratados.⁶⁶ A quantidade de camponeses expropriados aumentou e os pomeranos viviam em condições muito precárias. Em meados do século XIX, a Alemanha ainda não havia sido unificada e as taxas de entrada e saída de produtos dos diversos reinos que compunham a região aumentavam os preços dos produtos, crescendo ainda mais as dificuldades dos camponeses. Nos anos de 1870, os conflitos para a unificação da Alemanha também contribuíram para esse processo porque as guerras exacerbaram a crise financeira no país, criando um ambiente propício para a emigração de famílias para outros países.⁶⁷

No Brasil, a imigração foi estimulada pelo governo imperial que pretendia ocupar áreas pouco exploradas do território brasileiro, embranquecer o povo brasileiro depois de tantas imigrações forçadas de negros e suprir mão-de-obra com o fim do tráfico e da escravidão.⁶⁸

Segundo Cássia Adduci, a proposta do embranquecimento da população brasileira partiu das teorias sobre a origem da humanidade. Ela divide os teóricos anteriores a obra de Darwin em monogenistas e poligenistas. Os primeiros consideravam as raças humanas como uma consequência da degeneração da saída do paraíso, vindas todas de uma mesma origem e cujas diferenciações eram causadas pelo clima, os segundos acreditavam que a bíblia era uma alegoria e as raças descendiam de mais de um “Adão”, tendo, então, origens diferentes. Com a teoria de Darwin, esses teóricos adequaram suas ideias, mas continuaram explicando as diferenças culturais por meio da biologia ou do meio. Outras escolas interpretativas foram desenvolvidas, mas todas elas hierarquizavam as raças às mazelas do desenvolvimento tecnológico, mesmo adotando fundamentos diferentes. Dessas escolas, o darwinismo social foi a que mais influenciou os pensadores brasileiros. A escola condenava a miscigenação e pregava uma hierarquia entre as raças. Essas ideias estavam entranhadas no pensamento

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ SALAMONI, Giancarla. *A imigração alemã no Rio Grande do Sul – o caso da comunidade pomerana de Pelotas*. **História em Revista**, Pelotas, v. 7, 25-42, dezembro/2001.

⁶⁸ Bezerra, Maria Cristina dos Santos. Imigração alemã para a cidade de Limeira. Disponível em < http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario5/c_imigra%E7ao_mariacristinabezerra.doc > Acesso em 01 de agosto 2013.

brasileiro do período imperial e deram suporte aos processos migratórios de europeus para o Brasil.⁶⁹

Giralda Seyferth analisa em seu artigo as ideias de raça associadas às políticas de imigração e colonização brasileiras. Segundo ela,

A questão racial está implícita no Decreto Real que autorizou o estabelecimento dos imigrantes suíços na região serrana do Rio de Janeiro aludindo à civilização e, principalmente, no artigo 18 do tratado acima referido, que trata da criação de uma milícia de 150 suíços, capazes de empunhar armas, colaborando na manutenção dos regimentos portugueses de cor branca. A menção à cor branca é por si mesma significativa pois as primeiras classificações raciais produzidas nos meios científicos europeus na segunda metade do século XVIII tinham por base uma divisão geográfica e/ou a variação da cor da pele.⁷⁰

A autora menciona na citação o caso específico dos suíços em Nova Friburgo no Rio de Janeiro⁷¹, mas essa política se aplicava à chegada dos alemães e pomeranos. A vinda dessas famílias brancas de origem germânica estava atrelada ao conceito que o Império tinha acerca dos camponeses alemães: eles seriam agricultores eficientes. “*Nas regras de admissão de estrangeiros o imigrante ideal, o único merecedor de subsídios, é o agricultor; mais do que isso, um agricultor branco que emigra em família.*”⁷² Ao mesmo tempo que os alemães⁷³ eram considerados melhores para a agricultura, havia a ideia de superioridade europeia em relação a outros povos. Assim, foi dada a prioridade de ocupação das terras ociosas para esses grupos germânicos.

Outro aspecto ressaltado por Seyferth é o povoamento a partir da criação das colônias em áreas do território brasileiro que eram “vazias”. A colonização por meio de famílias de imigrantes agricultores brancos foi uma política de ocupação das terras devolutas e que, ao mesmo tempo, eram territórios indígenas e de difícil acesso. No

⁶⁹ ADDUCI, Cássia Chrispiniano. A “**pátria paulista**”: o separatismo como resposta à crise final do Império brasileiro. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2000.

⁷⁰ SEYFERTH, Giralda. *Colonização, imigração e a questão racial no Brasil*. Revista USP, São Paulo, n.53, p. 117-149, março/maio 2002. Disponível em < <http://www.usp.br/revistausp/53/12-giralda.pdf> > Acesso 10 jan. 2013.

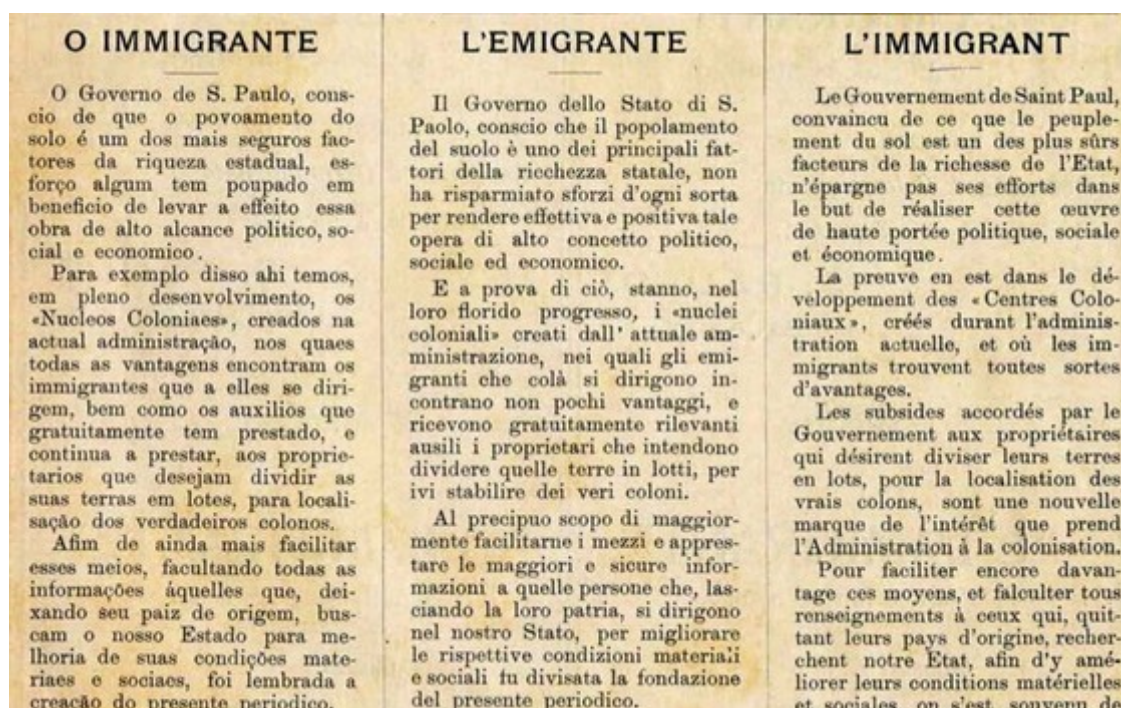
⁷¹ Para saber mais sobre a imigração suíça, ver: FERREIRA, Marieta de Moraes. **Histórias de família: casamentos, alianças e fortuna**. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2008.

⁷² SEYFERTH, op. cit., 2002, p. 119.

⁷³ Nesse caso, acreditamos que quando se menciona a palavra “alemães”, em seu significado está a implícito a participação pomerana porque eles vieram, muitas vezes, com passaporte alemão.

caso do Rio Grande do Sul, Seyferth afirma que a escolha estava relacionada a estradas de tropeiros que ligavam o sul do Brasil a São Paulo, garantindo a ocupação dessas terras.⁷⁴ No caso do Espírito Santo, as colônias foram demarcadas em áreas devolutas e que necessitavam de ocupação, seguindo o mesmo argumento analisado por Seyferth.

Para incentivar a vinda desses camponeses brancos, o governo oferecia terras nos núcleos coloniais ou colônias e muitos imigrantes vieram para o Brasil com o intuito de serem proprietários para produzirem, sustentarem suas famílias e acumularem algum capital. Na imagem, temos um recorte do jornal “O Imigrante”, datado de 1908 cujo demonstrava como eram as propagandas para a vinda de novos colonos.



Fonte: O IMIGRANTE, São Paulo, n. 1, ano 1, jan. 1908, p. 1. Apesp. Disponível em <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_imigracao/atividades_pedagogicas/atividade_3.pdf> Acesso em 15 mai 2013.

Segundo Klauz Granzow,

Propagandistas do Brasil chegaram à Alemanha e fizeram acordos com as grandes empresas marítimas para o transporte de imigrantes e organizaram associações de imigração e colonização. O imperador do Brasil, da casa dos Habsburgos, deu preferência aos alemães, por sempre terem se mostrado bons trabalhadores e colonizadores. Quando D. Pedro I se casou com a princesa Leopoldina, foi

⁷⁴ SEYFERTH, op. cit., 2002.

influenciado por ela a procurar colonizar as terras brasileiras com imigrantes da Alemanha e da Áustria.⁷⁵

Diante disso, o imaginário criado em torno do Brasil e a possibilidade de uma vida de fartura, aliada às dificuldades encontradas na vida camponesa europeia no século XIX, estimularam a vinda de famílias de diversas localidades da região da atual Alemanha.⁷⁶

Segundo Karen Pupp Spinassé, uma primeira tentativa de imigração alemã aconteceu no primeiro quartel do século XIX, mas não obteve êxito.⁷⁷ Já no final do primeiro quartel do século XIX, os alemães chegaram ao Rio Grande do Sul a partir do ano de 1824 e foram assentados na atual cidade de São Leopoldo. Embora tenham vindo inicialmente em pequeno número, o fluxo de imigração permaneceu frequente e suficiente para a organização de núcleos povoadores no sul e sudeste do Brasil. Segundo o IBGE, entre os anos de 1824 e 1847, entraram no Brasil 8.176 imigrantes alemães que seguiram, principalmente, para o Rio Grande do Sul.⁷⁸ A origem dos primeiros colonos que seguiram para o Brasil foi as cidades de Hunsrück, Saxônia, Württeerg, Saxônia-Coburg, depois começaram a vir os habitantes de Renânia, Pomerânia, Silésia, Boêmia, Westfália, Holstein, Hannover, Braunschweig, Bade, Oldenburgo e Prússia. Muitas colônias foram criadas, como São Leopoldo/RS, Santa Cruz/RS, Santo Ângelo/RS, Nova Petrópolis/RS, Teutônia/RS, São Lourenço/RS, Blumenau/SC, Busque/SC, Joinville/SC, Curitiba/PR, Nova Filadélfia/MG⁷⁹, Santa Isabel/ES e Santa Leopoldina/ES.⁸⁰

⁷⁵ GRANZOW, Klauz. **Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul: colonos alemães no Brasil**. Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2009, p. 166.

⁷⁶ DANIEL, Camila. *A imigração e a formação de uma nação: por um projeto de modernização do Brasil*. XI Congresso Luso Afro brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e (des)igualdades. UFBA, Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

⁷⁷ SPINASSÉ, Karen Pupp. **Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo**. Disponível em <<http://www.artistasgauchos.com/conexao/3/cap10.pdf>> Acesso 01 fev., 2013. Encontramos menção a uma colônia na cidade de Salvador/BA. Fonte: <http://historia_demografica.tripod.com/bhds/bhd28/colonias.pdf> Acesso 16 mai 2013.

⁷⁸ MAUCH, C., VASCONCELOS, N.(Org). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. Ulbra, 1994. Disponível em <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/alemaes>> Acesso 10 jan 2013.

⁷⁹ WEYRAUCH, C.S. **Pioneiros Alemães de Nova Filadélfia: relatos de Mulheres**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997; DADALTO, Maria Cristina. *Relacionamento interétnico e memória: narrativas de colonizadores do norte do Espírito Santo*. **Dimensões**, vol. 18 – 2006;

⁸⁰ WILLEMS, E. **A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980. p.38-39. Disponível em <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/alemaes/regioes-de-origem-e-de-destino-dos-imigrantes>> Acesso 10 jan 2013.

O fim do tráfico de escravos, o crescimento do movimento abolicionista e o aumento do número alforrias ocasionadas a partir dos anos de 1870 intensificaram o processo de imigração para o Brasil. Essa nova leva de imigrantes era para substituir os cativos nas lavouras cafeeiras de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Esses imigrantes eram italianos e que foram trazidos por fazendeiros cafeicultores, principalmente, do estado de São Paulo.

Segundo Kátia Petri,

“São Paulo caracterizou-se por investir maciçamente em uma política imigratória. Não interessava a formação de núcleos coloniais, povoamento de áreas distantes, estratégicas para a manutenção das fronteiras ou a venda de terras para incentivar a imigração, o projeto tinha um objetivo específico: ‘braços para a lavoura’.”⁸¹

Os proprietários de terras financiavam a vinda dos italianos, pagando a viagem de navio, a estadia na hospedaria e o transporte até as colônias nas fazendas. Os imigrantes assinavam um contrato que garantia o pagamento dos gastos realizados pelo patrão com o trabalho.⁸² Em geral, o imigrante podia plantar nas colônias para subsistência, mas a grande parte de sua força de trabalho era aplicada na produção monocultora. Antes da abolição, esses trabalhadores lavravam a terra ao lado de escravos que ainda não haviam sido alforriados pelos seus senhores ou pela Lei Áurea. Após a abolição, eles também compartilhavam a lavoura com os ex-cativos.⁸³ No início do século XX, com a crise de superprodução cafeeira de 1906, muitos proprietários faliram ou modificaram o regime de produção e passaram a utilizar a meação como forma de pagamento aos colonos. Isso possibilitou a mudança na vida dessas famílias e, ao mesmo tempo, diminuiu os riscos dos fazendeiros.⁸⁴

⁸¹ PETRI, Kátia Cristina. “Braços para a lavoura”: a subvenção paulista para imigração (1886-1896). **Revista Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade**. Disponível em <www.pucsp.br/revistacordis> Acesso em 20 jan. 2013.

⁸² GOMES, A. C. *Imigrantes italianos: entre a italianità e a brasilidade*. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em < http://brasil500anos.ibge.gov.br/en/territorio-brasileiro-e-povoamento/italianos > Acesso 10 jan 2013.

⁸³ MONSMA, Karl *Vantagens de Imigrantes e Desvantagens de Negros: Emprego, Propriedade, Estrutura Familiar e Alfabetização Depois da Abolição no Oeste Paulista*. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 53, no 3, 2010, pp. 509 a 543.

⁸⁴ Sobre imigração italiana em São Paulo ver: DEL GUERRA, Rodolpho José. *A São José, Nostra Nuova Storia*. São Paulo: Grass, 1999; FRANÇA, Thiago de Novaes. *A substituição da mão-de-obra escrava e a opção pela Grande Imigração no estado de São Paulo*. Dissertação apresentada à banca examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Economia pela Pontifícia

Mais tarde, o processo imigratório seguiu outros caminhos e imigrantes de muitas nacionalidades vieram para o Brasil com intuítos diferentes daqueles que trouxeram os estrangeiros no século XIX e início do século XX.

2.2.3. Espírito Santo

O Espírito Santo foi colonizado, inicialmente, na costa onde formaram os primeiros povoamentos. A porção oeste do estado permaneceu “desocupada” por luso-brasileiros por mais de trezentos anos. Seu relevo é montanhoso e íngreme, com grandes formações de rochas ígneas intrusivas. A região era ocupada por tribos indígenas dos grupos tupiniquim e macro-gê. Este último era composto por tribos de botocudos nômades não aldeados e que atacavam quem se aproximasse de seus agrupamentos.⁸⁵

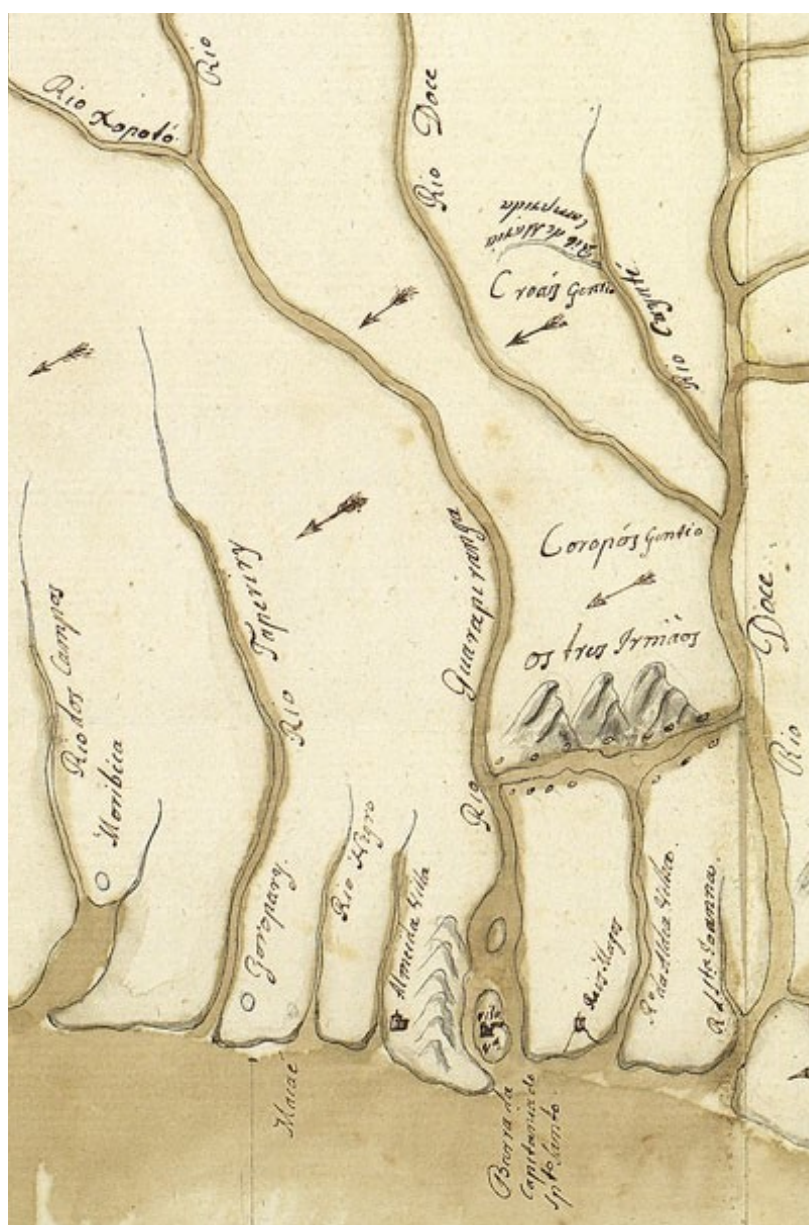


108;
São

Paulo (1886-1896). Dissertação apresentada à banca examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do Profa. Doutora Olga Brites. São Paulo, 2010. Sobre economia cafeeira, ver: DELFIM NETTO, Antônio. **O problema do café no Brasil.** São Paulo: IPE/USP, 1981; HOLLOWAY, Thomas. **Vida e morte do Convênio de Taubaté: a primeira valorização do café.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978; NOZOE, Nelson Hideiki. **São Paulo: economia cafeeira e urbanização.** São Paulo: IPE/USP, 1984; PINTO, Liliane Faria Corrêa. **As políticas públicas de incentivo ao cooperativismo em Minas Gerais, 1903-1922.** 2006. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Departamento de História da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2006; PIRES, Anderson. “Minas Gerais e a cadeia global da “commodity” cafeeira – 1850/1930”. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional – RBGDR**, vol. 03, nº 02, mai/ago. 2007.

⁸⁵ SAMPAIO, José Augusto. Quadro de acompanhamento da situação fundiária das terras indígenas no Espírito Santo. ANAI. Disponível em < http://www.anai.org.br/povos_es.asp > Acesso 23 mai 2013.

Planta Geográfica do Continente, que corre da Bahia de Todos os Santos até a Capitania do Espírito Santo e da costa do Mar até o Rio de Francisco; em que se contém o que há mais expectável e descoberto nas Comarcas pertencentes às Capitanias da Bahia e Minas Gerais, nelas compreendidas, para melhor inteligência das cartas em que delas se trata. Século XVIII. Fonte: Biblioteca Nacional. Detalhe na próxima página.



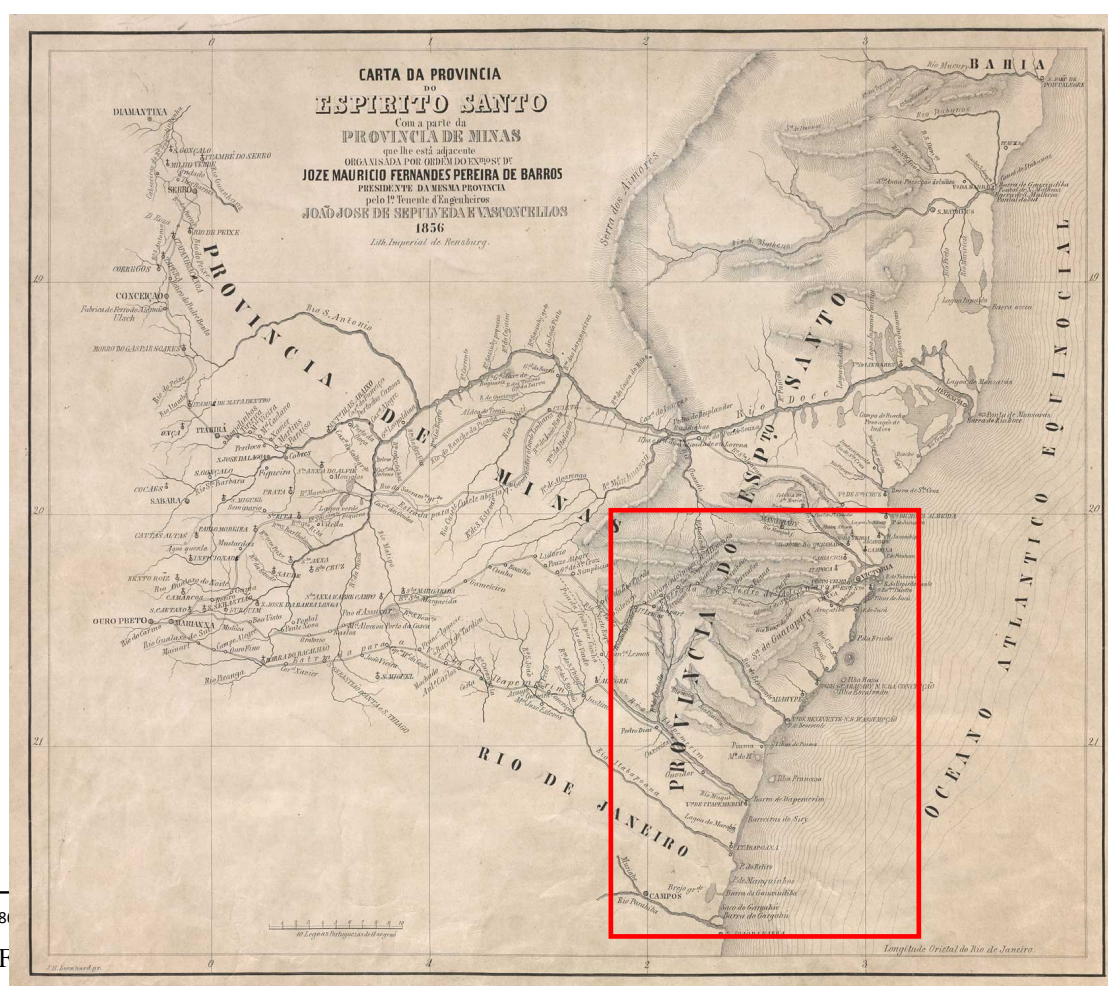
Detalhe da região de imigração no Espírito Santo, no século XVIII, antes da chegada dos imigrantes. Era uma área de ocupação caiapó e croá. Fonte: Biblioteca Nacional.

A imigração para o Espírito Santo se caracterizou pela criação de

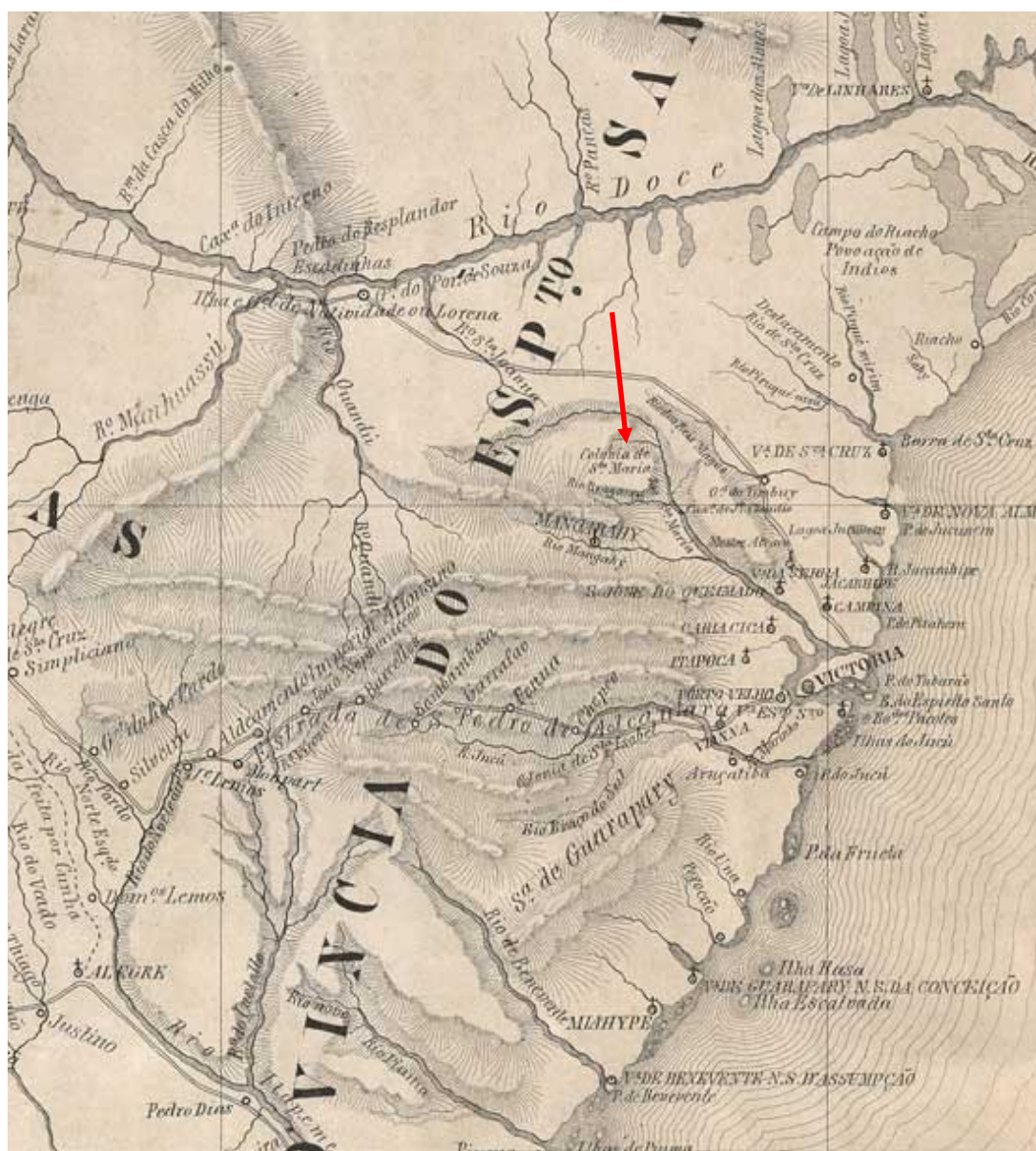
colônias para a ocupação de terras devolutas que existiam na região montanhosa do estado. Segundo Emília Viotti da Costa,

Com o objetivo de promover pouco a pouco a substituição do braço escravo na lavoura de café, recorreu-se, nos meados do século XIX, à colonização estrangeira, sob sistema de parceria. Pretendia-se, dessa maneira, conciliar fórmulas usadas nos núcleos coloniais de povoamento com as necessidades do latifúndio cafeeiro. Contava-se com a experiência dos núcleos coloniais de povoamento cuja criação desde a vinda da Corte de D. João VI para o Brasil tinha sido estimulada. A partir de então, havia-se rompido definitivamente com as tradicionais restrições à fixação de estrangeiros na colônia. Estimulava-se a vinda de imigrantes. Os objetivos dessa política eram sobretudo demográficos. Reconhecia-se a necessidade de povoar o país e para isso se recorria à colonização. No Espírito Santo, no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, formaram-se os primeiros núcleos.⁸⁶

Assim, foram criadas as colônias de Santa Isabel, em 1847, e Santa Leopoldina, em 1857.



VASCONCELLOS, João José de Sepúlveda e. Carta da Província do Espírito Santo, com parte da Província de Minas que lhe está adjacente. 1856. Fonte: Biblioteca Nacional. Detalhe na próxima página.



Detalhe do mapa da página anterior. A seta vermelha marca o local onde ficava a colônia Santa Maria que mais tarde se tornou Santa Leopoldina. Fonte: Biblioteca Nacional. (adaptações)

Os colonos pomeranos chegaram ao Brasil nos navios que vinham de Hamburgo. Segundo levantamento do Arquivo Público Estadual do Espírito Santo, os nomes dos navios que trouxeram os alemães e pomeranos eram Guttemberg, Adolph, Mucury, Doctor Barth, Anne Helene, Fluminense, Haynan, entre outros.⁸⁷

Em depoimentos coletados por Klaus Granzow, há histórias que remetem ao falecimento de entes queridos cujos corpos foram lançados ao mar, a nascimento de crianças dos navios e às experiências das viagens.

Viajamos num ambiente semi-aberto e superlotado que mais parecia um galinheiro; éramos 250 pessoas sem o pessoal de bordo. As acomodações eram duplas: uma espécie de beliches onde 4 ou 5 pessoas dormiam na parte superior e mais 4 ou 5 pessoas na parte de baixo, mas por causa do enjoo marítimo, nada parava no estômago e tínhamos nojo de tudo! Era algo tão desagradável que somente alguém que viveu essa situação poderia avaliar.

(...)

Não chegamos a passar fome, mas era uma comida estranha para nós e a água que nos davam para beber era insuportável. A carne servida era boa, mas muito salgada e, desta forma, dava muita sede. Mas a água, armazenada em tonéis, era fétida e cheia de insetos e a gente nem podia ver a mesma. Quando eu precisava beber água, sempre fechava os olhos e apertava o nariz. As torradas que eram servidas no navio, no lugar do pão, pareciam ter sido produzidas há anos, pois eram tão duras que nem pedra. Se atiradas na testa de alguém, poderiam até matar.

Também vimos tubarões e baleias, bem como peixes voadores com os quais nos divertimos, pois caíam na proa do navio, ficavam presos e depois eram preparados na cozinha. Já estávamos em alto mar por três meses, ou seja, entre o céu e a água e ainda não dava para avistar terra alguma. Já estávamos tão desesperados quanto a comitiva de Cristóvão Colombo!⁸⁸

Em nossa pesquisa, encontramos o Sr. Florêncio Schulz, em Vila Valério, que nos contou sobre a morte de seu tio avô durante a viagem para a Brasil. O corpo dele foi envolto em um pano branco e lançado ao mar.⁸⁹ Para os pomeranos, o

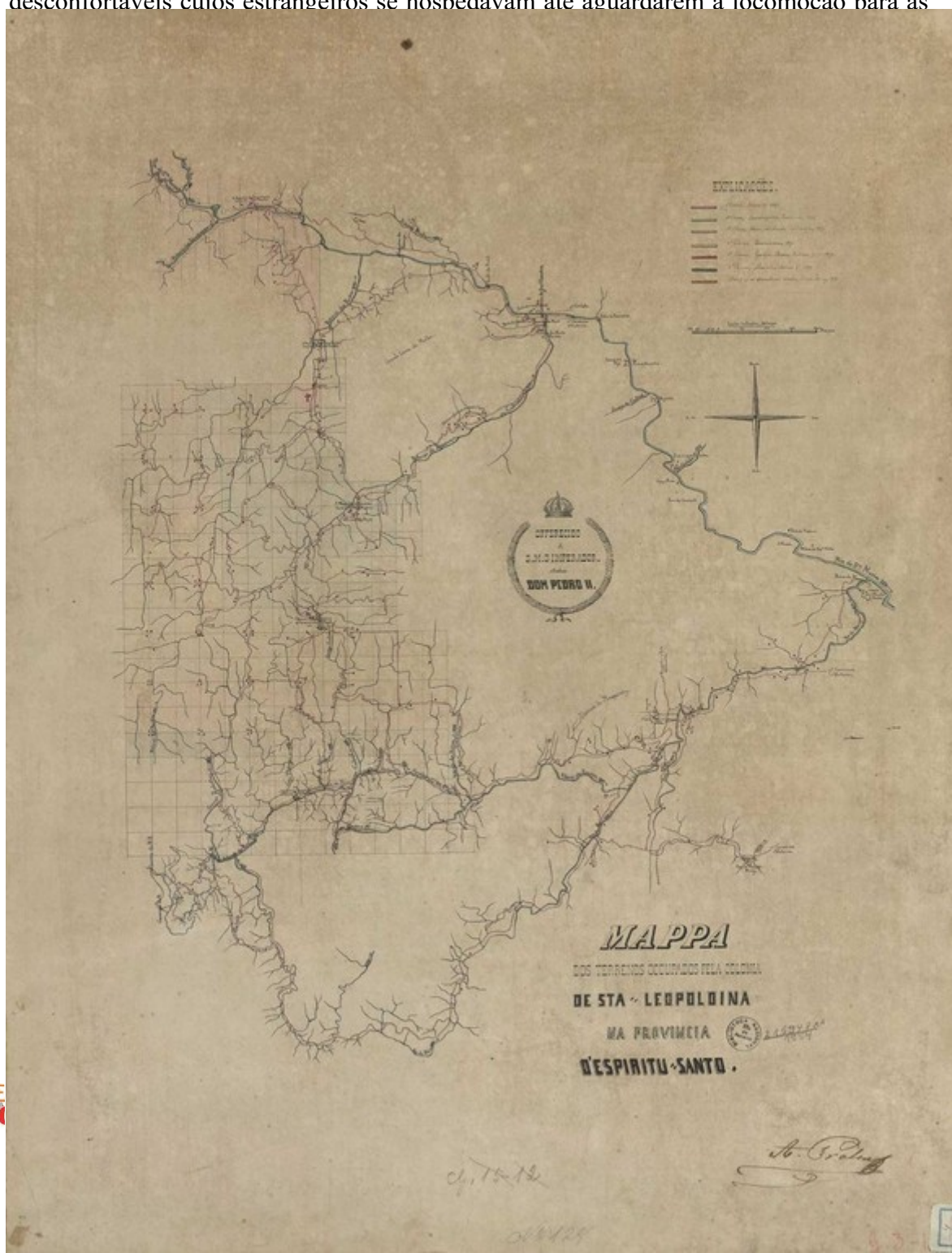
⁸⁷ APE. **Estatísticas**. Disponível em < <http://www.ape.es.gov.br/imigrantes/html/estatisticas.html> > Acesso 25 abril 2013.

⁸⁸ GRANZOW, op. cit., 2009, p. 169.

⁸⁹ Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Sr. Florêncio Schulz, e D. Hilda Schulz em Vila Valério, em julho de 2012.

enterro é um importante rito de passagem e o local onde o corpo ficará disposto deve seguir algumas regras, como a direção leste-oeste do túmulo, as flores nas sepulturas, os dizeres nas lápides, etc.⁹⁰

Após a chegada em terras brasileiras, até o ano de 1889, os pomeranos ficaram em alojamentos improvisados no porto de Vitória, mas quando aportavam primeiro no Rio de Janeiro, ficavam na Hospedaria Ilha das Flores antes de seguir direto para as colônias, sem passar pela capital capixaba. A hospedaria de Pedra D'água foi inaugurada em 1889 e passou a receber os imigrantes que aportavam no Espírito Santo. Após passarem pelas hospedarias que eram espécies de grandes alojamentos desconfortáveis cujos estrangeiros se hospedavam até aguardarem a locomoção para as



Mapa dos terrenos ocupados pela colônia de Santa Leopoldina na Província do Espírito Santo. Fonte: Biblioteca Nacional.

Maria
Nos c
terras

A Associação Central de Colonização no Rio de Janeiro, por intermédio do seu Agente Geral o Dr. F. Schmidt em Hamburgo, contrata com o Colono abaixo nomeado de acordo das condições seguintes:

Art 1º A Associação Central de Colonização no Rio de Janeiro, devidamente autorizada pelo **Governo de Sua Magestade O Imperador do Brasil**, e de acordo da sua responsabilidade, obriga-se:

§ 1 A adiantar ao Colono

de Klammund em Pommern
sua família, composta de 21 pessoas, as passagens de Hamburgo até o Rio de Janeiro, pagando pelos maiores de 10 anos para cima 60 e pelos menores de 3 até 10 anos 10 thalers da Prússia; e nada pagará os menores até 3 anos

§ 2 A deduzir da importância das passagens a subvenção do Governo Imperial de 37 \$ 500 Reis por Colono adulto de 10 até 45 anos, e de 22 \$ 500 Reis por menor de 3 até 10 anos

§ 3 A pagar as despesas que os Colonos fizerem na hospedagem da Associação em quanto não partirem para o seu destino, não sendo estas despesas carregadas em dívida

§ 4 A dar-lhes passagem gratuita até a colônia de

Leopoldina a
Esprito Santo
na Província do Espírito Santo, e ali fornecer-lhes também gratuitamente alojamento provisório

§ 5 A pôr à disposição de cada chefe de família um lote de terras contendo 120,000 braças quadradas ou metade dessa área à escolha do colono conforme as suas forças. Esse lote de terras será entregue medido e demarcado e com uma derrubada e queimada em extensão de 10,000 braças quadradas pouco mais ou menos

§ 6 A fazer o suprimento de viveres por adiantamento até seis meses, de ferramentas de lavoura, sementes de milho, feijão, arroz e algumas outras, bem como batatas e mandioca para as primeiras plantações, se o colono d'isto carecer no começo de seus trabalhos

§ 7 A proporcionar ao Colono os serviços que houver na Colônia, se quizer trabalhar à jornal, o qual será arbitrado entre 1000 e 1200 reis a secca, segundo os costumes no lugar. Neste caso cessará o adiantamento de sustento

§ 8 As terras serão vendidas a prazo e na razão de 14 real à braça quadrada, entrando neste preço as derrubadas e mais trabalhos preparatórios acima declarados

§ 9 O título da venda das terras será passado gratuitamente pelo Delegado da Repartição Geral das Terras publicas na Província de

Esprito Santo
Art 2º O Colono se obriga:

§ 1 A reembolsar o preço das terras como todos os outros adiantamentos recebidos (passagem, mantimentos, instrumentos &c) dentro de cinco annos e em trez prestações iguaes, a contar do fim do segundo anno do estabelecimento na colônia. Durante o dito prazo não se contará juros, e

Wilhelm Schultze

Nº 17

Nº 17

Der Central-Verein für Colonisation in Rio de Janeiro hat durch Vermittlung seines General-Agenten, Dr. F. Schmidt in Hamburg, mit dem unten genannten Colonisten einen Vertrag unter folgenden Bedingungen abgeschlossen:

Art 1 Der Central-Verein für Colonisation in Rio de Janeiro, unter Verantwortlichkeit der Regierung **Er M des Kaisers von Brasilien** dazu ermächtigt, verpflichtet sich:

§ 1 Dem Colonisten *Wilhelm Schultze*

de Klammund em Pommern
und seiner Familie, welche aus 21 Personen besteht, die Ueberfahrt von Hamburg nach Rio de Janeiro vorzuschicken, und für Personen über 10 Jahre 60, und von 3 bis 10 Jahren 10 Thlr. Preussisch Courant zu bezahlen. - Kinder unter 3 Jahren werden unentgeltlich befördert

§ 2 Von dem Betrage der Ueberfahrt die Subvention der Kaiserlichen Regierung abzugeben, welche 37 \$ 500 Reis für jeden erwachsenen Colonisten von 10 bis 45 Jahren, und 22 \$ 500 Reis für jeden unermwachsenen von 3 bis 10 Jahren beträgt

§ 3 Die Kosten zu bezahlen, welche die Colonisten in der Ueberfahrt des Vereines machen, so lange sie nicht nach ihrer Bestimmung abgehen da diese Kosten nicht als Schuld belastet werden.

§ 4 Ihnen freie Ueberfahrt nach der Colonie

Leopoldina a
Esprito Santo
in der Provinz Esprito Santo zu geben, und ihnen dort auch freie, provisorische Wohnung anzuweisen

§ 5 Jedem Familienvater ein Grundstück von 120,000 □ Braassen oder die Hälfte dieses Flächenraumes nach Wahl des Colonisten und in Uebereinstimmung mit seinen Arbeitskräften zur Verfügung zu stellen. Dieses Grundstück wird ihm vermessen und abgetheilt, und mit einem verbrannten Holzschlag von etwa 10,000 □ Braassen übergeben

§ 6 Dem Colonisten als Beischuß während sechs Monaten die erforderlichen Lebensmittel Ackergeräthe, Samen von Mais, Bohnen, Reis, wie auch Kartoffeln und Manioca zu den ersten Pflanzungen beim Anfang ihrer Arbeiten zu liefern, wenn sie es nöthig haben

§ 7 Ihnen die Arbeiten nach Verhältnis zugetheilen, welche auf der Colonie vorfinden, wenn sie im Tagelohn arbeiten wollen, welches auf 1000 bis 1200 Reis ohne Kost je nach örtlichem Gebrauche geschätzt wird, in welchem Falle jedoch der Beischuß zum Unterhalte aufhört

§ 8 Die Grundstücke werden auf Credit zu 14 Reis für die □ Braasse verkauft, in welchem Preise der Holzschlag und die übrigen oben genannten Beischuß begriffen sind

§ 9 Der Verkaufstittel des Bodens wird durch den Commissar des General-Landamtes in der Provinz

Esprito Santo
unentgeltlich ausgestellt
Art 2. Der Colonist verpflichtet sich:

§ 1 Den Kaufpreis des Landes sowohl, als alle andern empfangenen Beischuße, nämlich Ueberfahrt, Lebensmittel, Geräthe u. s. w., innerhalb fünf Jahren und in drei Terminen, vom abgelaufenen zweiten Jahre der Niederlassung an gerechnet, zurückzahlen. Während der besagten Frist werden keine Zinsen berechnet

do rio Santa
pomeranos.
signação de

Contrato de Designação de terras para a colônia de Santa Leopoldina na Província do Espírito Santo.
Fonte: APE.

consentimento do mesmo Governo, salvo os casos de herança ou legado, e sempre com sujeição ao onus da hypotheca até ao dito reembolso

§ 3 O Colono e sua família declaram dever ao Governo Imperial do Brazil por adiantamento para a viagem de Hamburgo até o Rio de Janeiro as seguintes quantias:

	Idade	Thl	P	St
Schulz, Wilhelm	26	60		
Schulz, Johanna	19	60		
		R 120		
Pago		40		
a família deve ainda		R 80		

ohne Zustimmung derselben Regierung nicht veräußert werden, ausgenommen in Fällen von Erbschaft oder Vermächtniß, jedoch immer mit der Bürde der Hypothek bis zur Tilgung der besagten Schuld

§ 4 Der Colonist und seine Familie erklären, der Kaiserlichen Regierung von Brasilien für die Reise von Hamburg nach Rio de Janeiro folgende Summen zu schulden:

	Alter	Thl	P	St
Schulz, Wilhelm	26	60		
Schulz, Johanna	19	60		
		R 120		
von der Reise		40		
die Familie pflichtet		R 80		

os quaes elles se obrigão á reembolsar segundo as estimativas do presente contracto

Feito triplice

Hamburgo aos 25 de Abril de 1859

welche sie nach Vorschrift des vorliegenden Contractes wieder zu erstaten sich verpflichten

So geschehen und dreifach ausgefertigt

Hamburg, den 25 April 1859

Dr. J. Schmidt. Nullum Regium

Visto para legalização das assignaturas acima

Consulado Geral do Imperio do Brazil em Hamburgo,

quater aos 27 de abril de 1859



pel O Consul Geral

o chanc.

Para o Registro

As. assenta documentos satisfactorios

Contrato de Designação de terras para a colônia de Santa Leopoldina na Província do Espírito Santo.
Fonte: APE.

Os imigrantes chegavam a Santa Leopoldina pelo porto do Cachoeiro em canoas levadas pelos chamados canoeiros. Atingiam Jequitibá e depois Santa Maria de Jetibá, conhecidos como Núcleo 1 e Núcleo 2.⁹²

Relação de Colonos, Chefes de Família, Titulares do Contrato: Alemães

Família	Nome	Segundo Nome	Região	Província
BEILKE	Friedrich		Pomerâni a	Natzenersdorff
BEILKE	Wilhelm		Pomerâni a	Schmorond
BEISE	Wilhelm		Pomerâni a	Gerglitz
BIENOW	Ferdinan d		Pomerâni a	Mulztow
BOERNKE	Johann		Pomerâni a	Horst
BRAATZ	Wilhelm		Pomerâni a	Cratzig
BUTZKE	Wilhelm		Pomerâni a	Bonin

⁹² Granzow, op. cit., 2009.

DÄHNE	Carl		Pomerâni a	Muhlendorf
DUMMER	Carl		Pomerâni a	Rutzenhagem
DUPKE	Friedrich		Pomerâni a	Muhlendorf
EBERT	Johann		Pomerâni a	Neukirchen
FRÖMMING	Ernest		Pomerâni a	Zachow
GRAUNCKE	Johann	Carl	Pomerâni a	Neukirchen
KALK	Ludwig		Pomerâni a	Mulztow
KOHLIS	Carl		Pomerâni a	Lankow
KRAUSE	Johann		Pomerâni a	Pratzig
KUSTER	Johann		Pomerâni a	Rutzenhagem
LEISTKOWS	August		Pomerâni a	Voelzkow
MANSKE	Carl		Pomerâni a	Voelzkow
MIELKE	Carl		Pomerâni a	Natzenersdorff
RAASCH	Johann		Pomerâni a	Mulztow
REINHOLZ	Martin		Pomerâni a	Lankow
SCHIMMELPFENNING	August		Pomerâni a	Zachow

SCHLÜTER	Friedrich		Pomerânia	Carow
SCHMIDT	Carl		Pomerânia	Glietzig

(Continua)

Relação de Colonos, Chefes de Família, Titulares do Contrato: Alemães

(Continuação)

Família	Nome	Segundo Nome	Região	Província
SCHMIDT	Ludwig		Pomerânia	Glietzig
SCHROEDER	Carl		Pomerânia	Glietzig
SCHULZ	Gotthilf		Pomerânia	Glietzig
SCHULZ	Wilhelm		Pomerânia	Klemzow
SCHULZ	August		Pomerânia	Neukirchen
SCHULZ	Wilhelm		Pomerânia	Rosenow
SCHULZ	Friedrich		Pomerânia	Neukirchen
SCHUMACHER	Carl		Pomerânia	Neukirchen
SCHWANZ	Johann		Pomerânia	Muhlendorf
THUROW	Carl		Pomerânia	Schoenfeldem
WEGNER	Ernest		Pomerânia	Lankow
ZIEMANN	Carl		Pomerânia	Cratzig
ZUMACH	Ferdinan d		Pomerânia	Hasclen

Fonte: APE. **Contrato de Colonos, Relação de Colonos, Chefes de Família, Titulares do Contrato: Alemães.** Disponível em < http://www.ape.es.gov.br/imigrantes/html/contrato_colonos/alemaes.htm > Acesso 20 ago 2013.

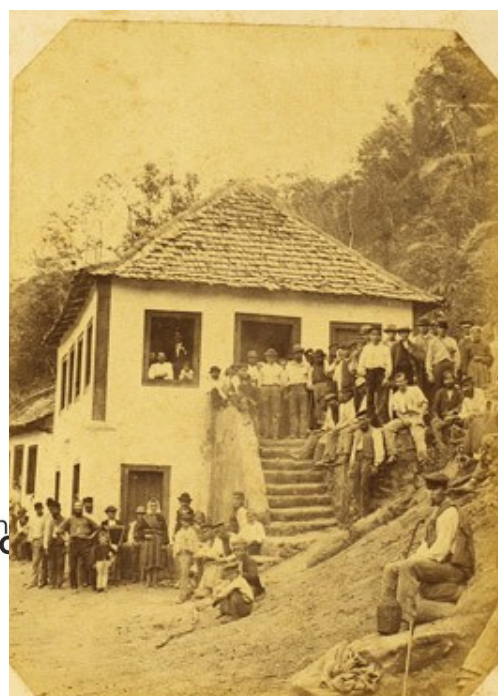


Foto 59 (esquerda): Venda em Santa Leopoldina, século XIX. Foto 60 (ao lado): Diretoria antiga do Porto do Cachoeiro, em Santa Leopoldina, século XIX. Fotos: Albert Richard Dietze. Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

Após desembarcarem no Porto do Cachoeiro em Santa Leopoldina, iam a pé com suas famílias abrindo picadas no meio da mata para alcançarem os lotes fornecidos pelo governo. As terras estavam completamente cobertas por mata fechada e primária cujo bioma era a Mata Atlântica. Recebiam algumas ferramentas como machados, algumas sementes, um pouco de milho e alguns animais para criarem ou se alimentarem nos primeiros dias.⁹³ Erguiam cobertas improvisadas até derrubarem as matas e construírem suas casas. As casas eram feitas sob pilares de madeira para distanciar o assoalho do solo com o intuito de amenizar as ameaças de animais peçonhentos como cobras, aranhas e escorpiões muito comuns no bioma. Mensalmente, eles recebiam do governo brasileiro uma quantia para sustentarem as famílias até que as plantações comesçassem a produzir. Essa mesada durava seis meses e os imigrantes tinham que viabilizar seu sustento dentro desses seis meses para conseguirem se manter e pagar as prestações do lote de terra recebido pelo Império brasileiro.⁹⁴ Após dois anos, os imigrantes se tornavam naturalizados brasileiros. Não serviam exército, mas estavam sujeitos às convocações da Guarda Nacional local. Tinham liberdade religiosa, apesar da igreja católica no Brasil ser a religião oficial.⁹⁵



⁹³ KRUG
2009/20

⁹⁴ CORO

⁹⁵ CINTI

Foto 59: Choupanas construídas pelos imigrantes com técnicas de pau a pique, século XIX. Foto: Albert Richard Dietze. Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.



Foto 60: Povoamento de Santa Teresa. Derrubada das matas, século XIX. Foto: Albert Richard Dietze. Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

Os primeiros colonos que chegavam e construíam suas casas davam apoio para as próximas famílias. Como tinham autorização para vivenciarem a fé luterana, ergueram templos nas localidades onde se fixaram. A primeira igreja erigida foi em Jequitibá, em terras adquiridas pela comunidade com esse propósito, nos anos de 1870. Em 1878, fundaram uma escola cujo professor era Friedrich Schulz. Em 1879, criaram a paróquia e pastor que se mudou para a localidade para atender aos fiéis era

Johannes Schaefer que inicialmente realizava os cultos no prédio da escola. Só em 1881 que a comunidade decidiu construir a edificação religiosa propriamente dita. Sua pedra fundamental foi lançada no início de 1882 e o templo inaugurado em setembro do mesmo ano⁹⁶.



Primeira igreja e escola em Jequitibá, século XIX. Fonte: VOLLBRECHT, Edgar; SCHAEFFER, Dário Geraldo, op., cit., 1982.

Os imigrantes pomeranos em território capixaba se comportaram de maneira diferenciada de outros grupos estrangeiros. Após se fixarem e desenvolverem seus lotes, trabalhando a terra com toda a família, eles optaram por vender as propriedades adquiridas nos primeiros núcleos povoadores que se situavam nos municípios de Santa Leopoldina, Santa Maria de Jetibá, Laranja da Terra, Domingos Martins e Afonso Cláudio. Compraram terras a noroeste dessas primeiras colônias e, assim, nos anos de 1920, 1930 e 1940, famílias pomeranas vivenciavam experiências muito semelhantes àquelas vividas pelos pais e avós. Chegaram às áreas compradas, nos municípios de Pancas, São Gabriel da Palha, Vila Valério e Vila Pavão, e se depararam

⁹⁶ VOLLBRECHT, Edgar; SCHAEFFER, Dário Geraldo. **Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – Resumo histórico dos cem anos de existência da igreja de Jequitibá. – Município de Santa Leopoldina.** Vitória, 1982.

com a mata fechada que demandava o mesmo processo de construção de alojamentos precários para a derrubada das árvores e a edificação das casas e abertura lavouras. As terras nesses municípios eram mais baratas e os brasileiros de matriz pomerana tinham condição de adquirir mais hectares para a produção em maior escala.⁹⁷ Com propriedades maiores, os pomeranos entevam no mercado com mais competitividade e deixavam de ser apenas agricultores de subsistência para terem um excedente na produção que possibilitava acúmulo de capital.

Mais tarde, nos anos de 1960, 1970 e 1980 outros grupos se deslocaram para o norte do país, seguindo o mesmo procedimento de ocupação e colonização de terras novas. Fixaram-se em Espigão do Oeste/RO, onde experimentaram a derrubada das matas e a abertura das lavouras, semelhantes aos seus antepassados desbravadores das serras capixabas. Jorge Jacob afirma que quarenta por cento da população de Vila Pavão migrou para Rondônia.⁹⁸ Em nossas viagens de campo, ouvimos histórias de Espigão do Oeste em quase todas as cidades que visitamos. Os que ficaram afirmavam que a ida para Rondônia era uma oportunidade pela chance de aumentar a lavoura e os lucros com a terra e, ao mesmo tempo, uma loucura porque era enfrentar dificuldades com as quais eles não estavam preparados, assim como seus antepassados viveram no Brasil.

3. Relatório do trabalho realizado nas três etapas com descrição das atividades de todos os campos

Já mencionamos na introdução desse volume as atividades de campo realizadas pela equipe:

- 1) Pesquisa em arquivos na cidade de Vitória, em janeiro de 2013 (três dias);
- 2) Ida a Santa Maria de Jetibá para observação preliminar, em janeiro de 2013 (um dia)

⁹⁷ JACOB, Jorge Kuster. **Cidades irmãs pomeranas: Vila Pavão (ES) e espigão do Oeste (RO)**. Nova Venécia-ES: Gráfia e Editora Cricaré, 2011.

⁹⁸ Idem.

- 3) Viagem às doze cidades: Santa Maria de Jetibá, Laranja da Terra, Domingos Martins, Afonso Cláudio, Santa Leopoldina, Baixo Guandu, Itaguaçu, Itarana, Santa Teresa, Colatina, Marechal Floriano e São Roque do Canaã, em abril de 2013 (onze dias);
- 4) Viagem a Santa Maria de Jetibá para a participação na festa pomerana, em maio de 2013 (cinco dias)
- 5) Viagem às cinco cidades: Vila Pavão, Vila Valério, São Gabriel Da Palha, Colatina, Governador Lindenberg e Pancas, em julho (oito dias);
- 6) Ida a Itarana para acompanhar o casamento da Luana Küster e Rafael Klemz, em agosto (quatro dias);
- 7) Ida a Santa Maria de Jetibá para reunião com os pomeranos da Comissão Estadual dos Povos Tradicionais, outubro (um dia);
- 8) Ida ao Arquivo Nacional e Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro para coletar fontes primárias, em outubro (dois dias);
- 9) Ida a Itarana para acompanhar a festa dos mortos, nesse campo, a equipe foi a Domingos Martins, Santa Maria de Jetibá e realizou reuniões em Itarana e Itaguaçu (cinco dias);
- 10) Ida a Afonso Cláudio para reunião com a comunidade (um dia);
- 11) Ida a Santa Maria de Jetibá para acompanhar o festival de concertina e a festa pomerana Três dias);

Aliado aos trabalhos de campo, a equipe realizou pesquisas bibliográficas e de fontes primárias em diversos arquivos e biblioteca, já citados nas notas de pé de página desse volume e novamente referenciados no item 6. Bibliografia.

Na última semana de agosto, a equipe realizou uma atividade de campo sob a metodologia da antropologia participativa, participando de um casamento pomerano, ajudando a arrumar a festa, preparar as iguarias, organizando o salão e participando dos bailes e ritos associados ao casamento. Nesse campo, coletamos material para a terceira etapa do projeto, a documentação, com vídeos, entrevistas e informações de cunho antropológico para a elaboração do relatório final.

A construção das atividades de pesquisa sobre a cultura Pomerana obedeceram a critérios de acúmulo teórico bibliográfico sobre a comunidade e suas particularidades culturais, de levantamento de fontes biográficas e orais, de produção de

entrevistas, de análise histórico-antropológicas e formação de material audiovisual que permitisse uma ampla análise das estruturas culturais das comunidades pomeranas no Espírito Santo que formaram a ampla gama de patrimônio cultural descrito neste relatório final.

O início trabalho do trabalho de pesquisa ocorreu em Janeiro de 2013, imediatamente após a entrada da empresa Espaço e Cultura Ltda. – ME como vencedora no processo licitatório aberto para tal fim. As primeiras atividades em campo ocorreram em abril, tendo continuidade nos meses de maio, julho, agosto, outubro e novembro de 2013 e abril de 2014.

Em maio ocorreu a cobertura da Festa Pomerana de Santa Maria de Jetibá que ocorreu entre primeiro e cinco de maio de 2013, basicamente com registro audiovisual naturalista, buscando o registro com o máximo de fidelidade possível sem envolvimento direto com os participantes Na cobertura da festa pomerana se efetuou o registro minucioso de todos os cinco dias de festa, desde a cobertura da eleição da rainha de das princesas pomeranas, passando pelo registro da abertura da festa com o pastor luterano, apresentação do grupo de metais, apresentação do grupo de dança “Os Pomeranos” e do show com “Os Tradicionais Pomeranos”, até o fechamento da festa com a banda “UP Pomerisch” e a banda “Amigos da noite”.

Em julho, deu-se continuidade ao processo de recolhimento de relatos e elementos de história oral, com levantamento de fontes, entrevistas, visita a sete das dezessete cidades com presença pomerana. Neste período, demos continuidade ao recolhimento dos principais eixos culturais do patrimônio cultural pomerano, fundamentados em uma pesquisa histórica prévia e a partir da prévia identificação de importância de elementos como a língua, o casamento pomerano, a casa pomerana, o broto, a língua pomerana, os coros de metais, os grupos de dança, o rito da criança de um ano, os ritos fúnebres, os ritos da confirmação luterana, entre outros que foram observados nos campos anteriores.

Em agosto voltamos a mapear a cultura pomerana, cobrindo um casamento pomerano em Itarana, participando de todos os dias de sua preparação e realização. Neste período executamos a junção da observação com a participação no evento, construindo um amplo raio de compreensão da relação entre o evento e as estruturas da comunidade pomerana.

Em outubro e novembro de 2013 foram realizadas as primeiras reuniões com as comunidades explicando a metodologia de trabalho e buscando uma avaliação conjunta dos bens a serem priorizados para efeito de registro. Em novembro retornamos para a realização de prestação de contas e consultas à população sobre os objetos estudados e os resultados obtidos, os elementos entendidos como principais para efeito de registro como patrimônio cultural e sua relação com o que a comunidade entende ser prioridade para esta atividade, ou seja, buscamos um retorno da comunidade sobre o que a equipe de pesquisa entendeu como importante para o processo de registro de bens imateriais da cultura pomerana. Seguimos neste período também com o aprofundamento de entrevistas já efetuadas anteriormente e realização de novas entrevistas com fontes orais que nos permitisse um maior acúmulo sobre os elementos constitutivos da cultura pomerana.

Cada processo realizado obedeceu a um conjunto de paradigmas metodológicos que giraram sob a ótica da multidisciplinaridade exigida por um processo de pesquisa que permeia questões que vão muito além de questões históricas. Por este motivo, observamos a necessidade de analisarmos a cultura pomerana unindo processos teórico-metodológicos presentes na antropologia, nos diversos ramos da história, na geografia e buscamos também elementos de análise gastronômica. A partir desta gama variada de construções teórico-metodológicas optamos por estabelecer uma rede de influências teóricas múltiplas que enriqueceram a observação. Esses autores vão desde clássicos produzidos no fim do século XIX até inovações teóricas presentes nos últimos anos do século XX e início do século XXI. Como base de nossas análises, portanto, temos um arcabouço teórico que inclui autores clássicos como Marx⁹⁹, Max Weber¹⁰⁰ e Durkheim¹⁰¹; autores fundamentais para a antropologia como Levi-Strauss¹⁰² e Marcel Mauss¹⁰³; autores que inovam a historiografia nos anos 1960 e 1970 como Calo Ginzburg¹⁰⁴ e E.P. Thompson¹⁰⁵; produção teórica brasileira no âmbito da história

⁹⁹ MARX, Karl. A origem do Capital: A acumulação primitiva. São Paulo, SP. Coleção Bases, 5ª ed. Global Editora, 1985.

¹⁰⁰ WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo, SP. Editora Guazzelli, 1999.

¹⁰¹ DURKHEIM, Émile. Da divisão social do trabalho. São Paulo, SP. Editora Martins Fontes, 1999.

¹⁰² STRAUSS, Levi. Mito e significado. Lisboa, Portugal. Edições 70, 1987

¹⁰³ MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo, SP. Cosac Naiff, 2003.

¹⁰⁴ GINZBURG, Carlo. Andarilhos do bem: Feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 2007.

¹⁰⁵ THOMPSON, E.P. Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 2013.

oral, como Marieta de Moraes Ferreira¹⁰⁶, no da antropologia, especialmente com discussão sobre patrimônio cultural, como José Reginaldo Santos Gonçalves¹⁰⁷, e no da história cultural, como José Murilo de Carvalho¹⁰⁸ e Sidney Chalhoub¹⁰⁹.

A utilização da história oral como ferramenta partiu do princípio de obtenção do registro histórico nativo, próprio da cultura observada, buscando como a cultura pomerana percebeu sua própria história e a registrou a partir de categorias próprias, tanto sob o ponto de vista da tradição quanto da inovação em sua vivência cotidiana. Com esta análise se buscou entender como a cultura pomerana se relacionou com a história a seu redor, como se deu a circularidade da percepção historiográfica da sociedade nacional sobre os pomeranos e como os pomeranos se relacionaram com a história da sociedade nacional a partir de seus critérios. Ou seja, se buscou construir um registro da história a partir do enfoque local, mas também registrar a relação múltipla da colônia pomerana com a história nacional utilizando categorias nativas e também categorias consagradas na historiografia tradicional e contemporânea.

A utilização desta metodologia nos permitiu compreender a história sob o ponto de vista da cultura local. A partir dos depoimentos dos entrevistados, identificamos as histórias acerca das perseguições a estrangeiros iniciadas no início do século XX e que duraram até o pós-segunda guerra mundial, como é o caso dos Bate Paus. Essas perseguições influenciaram o processo de constituição de mecanismos de isolamento presentes nas comunidades pomeranas. Esse processo garantiu a preservação da língua e desta como parâmetro de identidade e elemento cultural fundacional das comunidades pomeranas, já que é presente cotidianamente e compartilhada por todos os que se identificam como pomeranos. Por outro lado, identificamos algumas formas de interações entre os grupos de matriz pomerana e os brasileiros. A partir das entrevistas, observamos que havia proximidades de relação entre comerciantes vindos de Minas Gerais que não eram possíveis na construção de relações entre residentes no próprio Espírito Santo e as comunidades pomeranas. Esses caixeiros viajantes eram homens que

¹⁰⁶ FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro, RJ. Editora FGV, 2006.

¹⁰⁷ GONÇALVES, José Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005

¹⁰⁸ CARVALHO, José Murilo de. Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a república que não foi, São Paulo, SP. Companhia das Letras, 1999.

¹⁰⁹ CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 2011.

aprendiam algumas palavras em pomerano para se comunicarem com seus clientes e vender as peças que comercializavam.

Além disso, foi possível entender que a diferenciação entre pomeranos e brasileiros não se dá especificamente no plano étnico e racial, mas de forma mais ampla, mesmo que o corte racial seja perceptível. A relação entre as comunidades e comerciantes que viajavam, como caixeiros viajantes, vindos de Minas Gerais era em geral estabelecida com indivíduos de fenótipo africano, negros em geral, o que não impedia uma relação comercial, e também social, vantajosa. Inclusive a ideia de mediação comercial gerou uma mediação social que faz eco aos próprios mecanismos acumulação de capital na comunidade pomerana. A proximidade com a sociedade que circundava as comunidades pomeranas era menor que com os visitantes que faziam transações comerciais e a conotação de que o papel transitório do viajante confrontava-se com o papel permanente das comunidades ao redor dos pomeranos é evidente. O transitório não ameaçava a identidade, a cultura e a paz cotidiana dos pomeranos. O permanente sim, dado que disputava a posse de terra e o protagonismo nas localidades onde o peso da produção pomerana influenciava econômica e politicamente as comunidades capixabas.

A ferramenta teórica da historiografia de viés cultural e social auxiliou a estabelecer parâmetros que entendessem a classificação da história sob o ponto de vista das redes de relações sociais e culturais. As redes de relações de parentesco e das particularidades culturais regionais auxiliaram a construção da identidade cultural pomerana no Espírito Santo e no Brasil. Para analisar esse processo foi fundamental estabelecer pontes entre a documentação disponível sobre imigração e sua relação com a política nacional, assim como, a relação entre os pomeranos e os demais grupos sociais presentes nas regiões de sua ocupação, mais precisamente entre os pomeranos e indígenas, negros, brasileiros como um todo e o governo federal e estadual. Além disso, foi fundamental trabalharmos com as mudanças na política de imigração e as questões raciais brasileiras e, no século XX, com a mudança do conceito de nação e proteção aos trabalhadores nacionais e como isso acabou mudando a relação entre governos e imigrantes. Isso levou a existência de políticas de repressão que produziram recuos no âmbito da própria construção identitária pomerana. Um exemplo deste processo foi a repressão oficial a imigrantes de língua alemã no decorrer dos períodos pós-1930 e

durante a segunda guerra mundial que produziram efeitos de negação da identidade pomerana e germânica, especialmente no que tange à língua, causando uma redução do número de falantes da língua pomerana na colônia.

Ainda sob o ponto de vista da constituição de um contexto histórico-cultural baseado na metodologia da história cultural, é fundamental entendermos os processos múltiplos advindos da motivação que envolveu a constituição de colônias europeias no Brasil no século XIX e do motivo pelo qual se deu a reação ocorrida no século XX que, de forma agressiva, limitava o estabelecimento de identidades plurinacionais no Brasil.

Se no século XIX a imigração era vista como solução para a “chaga” da presença africana e indígena no Brasil, no século XX a presença de estrangeiros em demasia oferecia ameaça à constituição de uma nação brasileira, com suas características singulares e sua soberana diferenciação com relação aos estrangeiros.

A colonização europeia no Brasil foi fruto da necessidade de substituição de mão de obra negra por branca, mas também esteve relacionada com o preconceito da qualificação laboral baseada em prerrogativas raciais e com um projeto ideológico que buscava um aprimoramento racial e cultural do país. Esse projeto seria uma espécie de contrapartida à formação brasileira sustentada pelo trabalho escravo de homens e mulheres negras e que se viu constituído por uma maioria de negros e mestiços que, conforme o preconceito ideológico travestido de ciência no século XIX, eram a causa de um atraso inexorável do Brasil em relação ao mundo civilizado, especialmente Europeu¹¹⁰. Visando o embranquecimento do país e uma ideia de progresso promovido pela melhor capacitação europeia ao trabalho, o processo de colonização europeia se espalhou gerando um saldo cultural multifacetado no interior do país e, nas grandes cidades, um processo de construção de novas relações políticas entre estrangeiros, nativos e autoridades. Se no interior a posse de terras causava rupturas, especialmente com quem não tinha direito à posse de terra, mas garantia com apoio governamental certa pacificação das relações e da construção de um cotidiano seguro aos colonos. Nas grandes cidades, a presença de estrangeiros era sentida como um combustível para processos políticos inflamados, especialmente com relação às movimentações da classe operária nas grandes cidades.

¹¹⁰ CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 2011.

As mudanças políticas conjunturais entre o século XIX e o XX, no entanto, levaram a cabo um processo de ampliação das restrições da população em relação à presença de estrangeiros, o que encontrava eco no discurso nacionalista de reforço a uma identidade nacional em construção. Essa identidade nacional em construção encontrava no projeto imperial de europeização do país um entrave, que tinha língua, cor, nomes e pessoas. É neste contexto que as comunidades europeias que aqui habitavam, ao mesmo tempo em que conquistaram um período razoável de tempo para reforço de seus laços culturais originais, ganharam no século XX um processo de violenta perseguição que prejudicou fortemente a manutenção da identidade, como por exemplo, da língua como elemento de reforço identitário.

No âmbito do estudo da relação entre pomeranos e suas benzedadeiras foi fundamental a utilização da produção historiográfica de Carlo Ginzburg sobre a religiosidade da região do Friul, na atual Itália, e sua relação com a religiosidade do leste-europeu e da Europa Central. Com a utilização deste ferramental teórico foi possível entender, após a construção de paralelos, como se dá a relação entre a religiosidade luterana e elementos de constituição pagã da estrutura de atuação mítico-mágica das benzedadeiras¹¹¹.

O processo de absorção de elementos pagãos em associação com a cultura luterana obedece a princípios similares aos encontrados no centro e norte da Europa pelo historiador Carlo Ginzburg em suas pesquisas sobre processos inquisitórios medievais relacionados com bruxaria. Os benzedeiros pomeranos estabelecem uma relação com o cristianismo enquanto, ao mesmo tempo, sustentam uma relação profunda com a metodologia pagã de cura a partir das rezas e processos místicos e gestuais. A relação contida no uso das orações cristãs em alemão ganham para os benzedeiros um caráter central, quando todo o processo é fruto de uma ideia de cura originária nas culturas pagãs europeias, e que encontram similitude com culturas pagãs ameríndias e africanas. Embora superficialmente, a diferença entre o paganismo europeu e o ameríndio e africano possa ser atribuído a limitações ao uso de instrumentos, que remetem à noção protestante de que imagens não são próprias da fé e sim idolatria, no plano histórico, eles já são encontrados no paganismo do Friul. Na Europa havia entre as benzedadeiras e bruxas a utilização da fé como forma de cura e a

¹¹¹ GINZBURG. Carlo. Andarilhos do bem: Feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 2007.

ideia da presença da alma nos combates do mundo espiritual ao invés da utilização de instrumentos ou de fumos e poções. Isso já se constituía como um elemento indicativo da diversificação das noções pagãs em cada cultura europeia e, conseqüentemente, em diferentes áreas geográficas na própria Europa. Isso poderia justificar alguma originalidade das práticas de benzeduras dos pomeranos, que não utilizam esses objetos, porém essas questões são muito complexas e demandariam mais pesquisas específicas que não cabem a esse trabalho.

Outro ponto importante da pesquisa acerca da cultura pomerana é a acumulação de capital. Os autores clássicos, como Max Weber, nos permitiram compreender o processo de acumulação de capital e sua relação com a fé protestante. Usando essa ferramenta, observamos que a acumulação de capital presente no cotidiano pomerano e simbolicamente representado nos diversos elementos do casamento pomerano, como na cerimônia do quebra-louças. Nesse rito, a relação entre o casal e o mundo se estabelece na transformação simbólica da louça quebrada em uma espécie de litígio entre os noivos e o mundo, representado pelos dançarinos, que tem o objetivo de espalhar os cacos. O casal recolhe a louça quebrada e acumula, guardando os pedaços e enterrando-os no alicerce de sua residência ou em local que represente a fundação do casamento¹¹².

A presença da acumulação como valor é fundamental para a compreensão da relação da comunidade pomerana com o trabalho, com a noção de segurança pessoal e familiar e com a própria fé. A acumulação se fundamenta na construção das casas e pode-se observá-la nos momentos de reforma ou demolição quando são encontrados objetos, caixas de moedas e elementos ligados à riqueza, a segurança da família e à herança identitária pomerana. A acumulação é de capital, mas há também, para além do capital em si, uma acumulação de capital simbólico, de patrimônio não só material, mas também cultural. A mútua relação entre o capital e a cultura é diretamente ligada à existente entre a fé, o trabalho e a acumulação de capital. A acumulação, portanto, torna-se estruturante de um modo de vida e de uma relação que incorpora a morte. A ideia da ordem como parte do processo de construção de uma identidade comunitária passa pela necessidade de um tipo de pacificação que facilita o processo de trabalho e, portanto, de acumulação de capital em suas múltiplas formas,

¹¹² WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo, SP. Editora Guazzelli, 1999.

financeira, patrimonial, cultural e ideológica. A compreensão da identidade como formada pela acumulação e fruto dela é fundamental para o significado da construção da identidade local, com forte divisão de trabalho¹¹³ e classificação entre membros e não membros da comunidade, com ênfase no papel que cada um exerce na sociedade, como acontece nas festividades. Cada um recebe seu papel com riqueza de detalhes e com fácil identificação e a divisão do trabalho idem, recebe um amplo e eloquente destaque, que vai desde a divisão sexual à divisão etária do trabalho em suas diversas formas. Este processo de ordenação não é fortuito e estabelece um tipo de segurança garantidora de um processo relacional entre comunidade, cotidiano e trabalho que permite a ampliação da acumulação de capital, ao mesmo tempo que garante uma manutenção de laços de solidariedade comunitária, que também facilitam os processos de acumulação. Na relação com a morte, com os funerais, também se estabelece um processo de ordenação rígido, que se reflete nas associações de gerência de cemitérios, onde o cuidado com o cemitério é enfático e estabelece uma relação de continuidade da ordem da vida para com a ordem na morte. A própria diferenciação entre os mortos, com os suicidas ganhando tratamento diferenciado, embora ainda merecendo enterro no cemitério comum, é parte do processo de ordenamento da sociedade em busca do funcionamento amplo do cotidiano, que garante paz e segurança para o trabalho e, portanto, para a acumulação de capital¹¹⁴.

Thompson foi fundamental para estabelecermos a relação entre o cotidiano pomerano e seu conceito de economia moral. O cotidiano histórico da comunidade construiu uma identidade marcada pelas experiências de superação do ambiente, das relações entre a colônia e a sociedade nacional, das relações políticas entre os governos e a imigração e o próprio papel da comunidade na salvaguarda de sua identidade. A partir da categoria de economia moral¹¹⁵, podemos estabelecer que a identidade pomerana hoje é uma construção efetuada por meio de elementos da tradição existente na Europa entre os ancestrais que para cá imigraram vindos da Pomerânia e outros, estabelecidos a partir da experiência coletiva da colonização de terras novas, com clima, vegetação, terra agricultável (ou não) e insumos à replicação em terras

¹¹³ DURKHEIM, Émile. Da divisão social do trabalho. São Paulo, SP. Editora Martins Fontes, 1999.

¹¹⁴ MARX, Karl. A origem do Capital: A acumulação primitiva. São Paulo, SP. Coleção Bases, 5ª ed. Global Editora, 1985.

¹¹⁵ THOMPSON, E.P. Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 2013.

brasileiras de suas tradições de produção agrícola, alimentos, culinária, etc. Podemos assim definir, portanto, a cultura pomerana existente no Brasil como uma cultura singular, produzida a partir da experiência local aliada ao acúmulo histórico advindo da tradição dos ancestrais que vieram para o Brasil.

Além disso, Thompson nos auxiliou a estabelecer parâmetros de identificação de como os pomeranos leram a nova realidade e construíram novos paradigmas a partir das novas relações estabelecidas com o ambiente, a cultura preexistente na localidade e o local recebido que modificaram os processos de identificação de tempo, no sentido do clima e da cronometria, e da percepção geográfica. As novas condições climáticas e geográficas estabeleceram padrões próprios de construção temporal que diferiam das condições originárias, dando assim à cultura pomerana um elemento de reconstrução identitária com novas realidades diferentes da própria cultura. O resultado da relação de troca entre a cultura originária, os elementos das culturas nativas presentes e o constructo natural e social preexistente na localidade de estabelecimento de residência criaram uma relação de transformação onde se conquistaram novas identidades e se perderam as antigas. Ocorreu também uma fusão de elementos similares, num processo de assimilação pela cultura pomerana com elementos da cultura da sociedade nacional rural. A noção de tempo passou a conter processos trazidos da Europa somados e transformados a processos encontrados no Brasil e percebidos como não transformados. A transformação dos paradigmas foi feita a partir de processos de assimilação que tornaram essa transformação invisível para quem a vive. Isso levou a uma sensação de que a cultura pomerana é essencialmente uma tradição trazida pelos os ancestrais vindos da Pomerânia, principalmente, em decorrência da continuidade da vida cotidiana e da ideia de que a tradição permanece como a originária, mesmo que tenha sofrido adaptações a partir de novas realidades concretas. Assim, a cultura pomerana é fruto de uma série de misturas que ainda em andamento e que construíram a identidade do povo serrano capixaba de matriz pomerana.

A análise antropológica se utilizou de diversos teóricos que construíram um processo analítico presente especialmente no âmbito do casamento pomerano. Foram lidos clássicos, como Levi-Strauss, Evans-Pritchard e Marcel Mauss, mas também lançamos mão de autores mais recentes como José Reginaldo Gonçalves,

Eduardo Viveiros de Castro, Moacyr Palmeira e Karina Kushnir, presentes em análises de comunidades camponesas e suas culturas.

Para analisar o processo ritual do casamento pomerano foram utilizados os autores Arnold Van Gennep (Ritos de Passagem), Victor Turner (Dramas, campos e metáforas) e Clifford Geertz (A Interpretação das culturas). Para entender a relação dos pomeranos com a terra e as noções de trabalho e família os autores usados são Klass Woortmann (Com Parente não se Negueia) e Klass Woortmann e Ellen Woortmann (O Trabalho na Terra).

A leitura de José Reginaldo Gonçalves também foi fundamental para o estabelecimento da metodologia de obtenção de um retorno a respeito de como a comunidade entende a ideia de patrimônio cultural. Isso foi feito com o intuito de obter para uma maior legitimidade do registro da cultura pomerana e ressonância sobre o que a própria comunidade entende como seu patrimônio cultural¹¹⁶.

O patrimônio cultural é fruto muito mais da ressonância que os bens culturais têm nas comunidades que na capacidade técnica de identificação destes mesmos bens como valor cultural. Assim, o conceito de ressonância é fundamentalmente democrático. Se estabelece por meio de canais de diálogo entre os aspectos técnicos e a relação comunitária com os bens culturais, além de criar uma relação horizontal entre institutos estatais voltados à concepção de preservação de patrimônio cultural e as comunidades onde tais bens se encontram. Além disso, a própria concepção de patrimônio cultural é problematizada, dado que se estabelece a própria categoria de “Patrimônio” em seu sentido amplo, incorporando a ela o sentido de posse patrimonial da comunidade. A comunidade é proprietária daquele patrimônio, ou seja, é dela aquele bem cultural e é dela que vem este entendimento ou a percepção de um patrimônio como parte de uma cultura é artificial e, portanto, tem pouca chance de sobrevivência no sentido da preservação concreta.

3.1 Entrevistas

Participamos do casamento pomerano e entrevistamos diversos convidados e ajudantes dos festejos. Conversamos com o Sr. Alcides Kopp, cozinheiro

¹¹⁶ GONÇALVES. José Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005

de carnes do casamento, D. Edna Garbrecht Possimoser, os pais da noiva: Silvia e Vilmar Küster, os pais do noivo: Beth e Luís Klemz e Luzineide Küster, tia da noiva, Marcileide Stuhr, entre outras pessoas. Nessas conversas obtivemos muitas informações acerca do funcionamento dos ritos do casamento e da cultura pomerana.

O Sr. Alcides Kopp é diretor do sindicato dos trabalhadores rurais de Itarana e tem grande atuação política no município. Ele busca, perante as autoridades municipais e institutos de fiscalização, a valorização da agricultura familiar e dos produtos dela decorrentes. E, nesse sentido, busca o reconhecimento dessa atividade, tão usual entre os pomeranos. Na comunidade, ele é sempre chamado para participar dos casamentos como cozinheiro chefe, responsável pelos assados, enquanto sua esposa, D. Irma Kopp, fica responsável pelos cozidos. No primeiro dia, ele cortou as carnes e as temperou. No segundo dia, fritou-as todas de uma vez em um grande tacho. Com orgulho, nos ofereceu, antes do jantar, um pedaço de carne para mostrar o tempero e o cozimento. No final do sábado, na hora da festa, ele já estava cansado e foi embora por volta das 22 horas.

D. Edna Possimoser foi uma das pessoas que mais conversou conosco durante os preparativos da festa. Ela foi para o local da festa nos dois dias de organização, fez bolos e pães e ainda ajudou na cozinha. Ela é agricultora e cuida de sua lavoura, mas participa da associação luterana da comunidade e sempre procura o prefeito para conseguir os benefícios que sabe que tem direito para si e para a comunidade. Segundo ela, eles colhem em suas terras todos os alimentos que precisam e vão ao supermercado de três em três meses. Ela descreveu seu cotidiano de trabalho e a importância da vida no campo. Para ela, é uma tristeza quando os pomeranos desistem de trabalhar na roça e vão para a cidade. Durante a sexta e o sábado, a entrevistada foi indicando para nós o grau de parentesco dos convidados e ajudantes em relação às famílias dos noivos.

Os pais dos noivos nos contaram como foi o processo de organização do casamento e as expectativas em relação à festa. Quem proveu cada parte dos festejos e quem chamou os convidados. O pai da noiva nos contou sobre sua atividade econômica e suas idas a Vitória para a venda dos produtos da lavoura pomerana. Já o pai do noivo discutiu as questões relativas ao preço do café e a dificuldade de contratar mão-de-obra para os períodos de colheita, quando sua família não tem braços suficientes para dar

conta de toda a produção. Comentou que na última colheita, eles tiveram que se adaptar e colher eles mesmos o café porque não apareceram trabalhadores para serem contratados.

Luzineide Küster, ajudante que fazia bolos, nos ensinou as receitas das coberturas e os cuidados no preparo das iguarias. Ela sempre ajuda fazendo bolos em casamentos. Nesse caso, estava presente por ser parte da família e tia da noiva. Também nos indicou o parentesco de muitos participantes da festa. Comentou sobre os preparativos da Confirmação de seu filho e que exigiu dele que usasse uma camisa de gola para o ritual. Segunda ela, os meninos andam confirmando de camisa de manga, sem muito formalismo, atitude que considera desrespeitosa. Após o ritual na igreja, ela recepcionou os familiares e fez um almoço e café para eles, muito semelhantes às festividades do casamento.

Por fim, conversamos com Marcileide Stuhr, responsável pela realização do ritual do quebra-louças. Ela nos explicou sobre os versos proferidos em pomerano e o significado dos gestos durante a etapa. As louças são da família da noiva e do noivo e são velhas, com trincas e lascas. Devem ser quebradas com força para que se espalhem em muitos cacos e quanto mais cacos mais dinheiro o casal terá. Os gritos são para afastar os maus espíritos da vida do casal. Ela é secretária do prefeito de Itarana, que também participou da festa, ele é parente do noivo. Marcileide também comentou sobre as reuniões das lideranças pomeranas, em Santa Maria de Jetibá, para organizar uma pauta e reivindicações para as comunidades pomeranas diante das Comissões de Povos Tradicionais Estadual e Nacional. Reafirmou, também, nossa presença na próxima reunião.

Retornamos à Itarana e entrevistamos novamente o senhor Norberto Holz, onde pudemos reforçar a compreensão do ato de benzer, as dificuldades de repasse do dom a pessoas mais jovens da comunidade, as dificuldades com relação ao uso do dom para auxiliar pessoas próximas, com as quais ele mantém laços de afetividade. O Senhor Norberto foi fundamental para que localizássemos um fabricante de concertina, o Senhor Angelim Zaager, que nos auxiliou a compreender as diferenças de fabricação entre a concertina pomerana e outros instrumentos similares. Além disso, ele descreveu o processo de fabricação e como se dá a montagem do instrumento, com manufatura de cada pedaço das peças, exceto a chapa metálica. No dia vinte e sete de

abril de 2014 retornamos ao trabalho de campo para um processo de observação participante de um festival de concertina e para buscar entrevistar outros benzedeiros. Na cobertura do festival de concertina ocorrido na localidade de São Sebastião do Meio, no clube e bar de propriedade do senhor Valdomiro Kosanke, entrevistamos o proprietário do clube e o concertinista Adenivaldo José dos Santos, o Zé do Fole. Assim conseguimos com Zé do Fole mais detalhes sobre a utilização da concertina e sobre o próprio processo de fabricação, com o reconhecimento do Senhor Angelim Zaager como único fabricante da região, e talvez do Brasil. Diz que concertina é difícil de achar e quem tem cobra caro pra vender, chegando a valores de até cinquenta mil reais ou mais. Além do senhor Angelim Zaager que fabrica e concerta concertina, há quem concerte em Santa Maria de Jetibá, Laranja da Terra e Colatina e ,exceto o senhor Angelim, as adapte para uso com amplificador. O Senhor Angelim, segundo Zé do fole, se recusa a adaptar concertina pois perde as características originais. Segundo Zé do Fole a diferença entre concertina e acordeom é sustentido, concertina não. A concertina tem de vinte e seis a vinte e oito botões com dois sons para cada botão, alterando de acordo com o abrir e fechar do fole. Abrindo e fechando a concertina, assim como com as variadas posições de mão e em conjunto com o aperto dos botões se produz uma gama de sons diferentes. Acordeom é diferente, tem mais variações e variações possíveis de som, a concertina é um instrumento mais similar ao bandoneon¹¹⁷. Os botões no caso são meios de utilização de paletas metálicas. Estas paletas vibram a partir da passagem do ar produzido com o abrir e fechar do fole que desta forma faz o ar passar vibrando as paletas correspondentes às teclas abertas partir do inflar e desinflar deste fole. Neste ponto o acordem, o bandoneon e a concertina são similares, porém a concertina possui um fole maior que o acordeom e geralmente dividida em três partes. Zé do Fole diz que prefere o acordeom à concertina. O Senhor Zé do Fole assinou uma autorização para utilização de sua entrevista sem ver nenhum problema nisso.

O Senhor Valdomiro Kosanke explicou que organiza festivais de concertina há três anos sem qualquer ajuda da prefeitura e o faz como uma possibilidade de ganho comercial e também como meio de promover lazer à população rural. Além de proteger uma arte cara aos pomeranos. Diz ele que é tradição juntar concertinistas em grandes festas, mas isso ganhou outra cara a partir da organização de festivais, isso é

¹¹⁷ O bandoneon é um instrumento similar a concertina e ao acordeom com paletas e fole.

uma manifestação cultural recente entre as comunidades. A preocupação com organizações de festivais tem um misto de salvaguarda espontânea pelas e alternativa de diversão. O Senhor Valdomiro Kosanke coloca que apesar do trabalho é algo que sempre dá retorno comercial, juntando o útil ao agradável, manter a tradição e se divertir com muita comida bebida e música durante um dia inteiro. Isso leva a uma oferta eficiente que cobre a demanda por diversão das comunidades rurais como um todo, especialmente os pomeranos e isso faz dos festivais eventos grandiosos e muito populares. É variável a quantidade de concertinistas que vão aos festivais, dezenas são convidados, mas pode chegar às centenas, muitos que chegam a partir do boca a boca, dando ao festival uma diversidade imensa. Em Melgaço só entram concertinistas, não entra acordeom. Nas do Senhor Valdomiro não há esta restrição. Há o costume de fornecer almoço aos concertinistas. O senhor Valdomiro alegou atribulação no momento para nos fornecer autorização formal, dado que estava em plena função o festival de concertina e ele trabalhava servindo os convidados e presentes, mas informou que autorizaria verbalmente, não conseguimos gravar sua declaração, ele estava com muita pressa.

Nos dias vinte e sete e vinte e oito de abril de 2014 conseguimos localizar duas benzedadeiras e um benzedeiro. Uma benzedeira, cujo nome nos foi passado como Elizabeth Feich, encontramos nas proximidades da localidade do Caramuru, em Santa Maria de Jetibá, e outra, a Senhora Glorinha Nimke Seibel em Luiz Potratz. O benzedeiro, o senhor Alberto Braun, localizamos em Córrego Simão. A senhora Elizabeth Feich não quis nos receber e a senhora Glorinha Nimke Seibel estava de saída para visitar a nora que tinha tido bebê e estava no hospital. A reação de ambas foi similar e nos deu a impressão de por serem mulheres e nós homens não nos receberia a sós. Além disso, no caso da senhora Elizabeth em maior grau, mas também no caso da senhora Glorinha, a comunidade apresentou visível desconforto pela procura por benzedadeiras na região. Todos com quem conversávamos apresentavam um nítido desconforto e tentavam nos demover da ideia de entrevistá-las. Com o senhor Alberto Braum o caminho foi mais simples e ao encontramos sua casa tivemos menos dissabores. O senhor Alberto nos recebeu tendo o cuidado de antes chamar dois amigos policiais para fornecerem uma proteção não declarada, inclusive olhando a documentação de autorização do uso da entrevista e assim o autorizando a assinar. Após

a chegada dos dois amigos policiais o senhor Alberto nos deu declarações que indicam que a função de benzedeiros é menos restrita às mulheres do que se imagina, sendo ele a terceira geração de homens benzedeiros. Ele mesmo salientou que a maioria de quem ele entende como benzedeiro é do sexo masculino. Afirmou que quem diz que a maioria é mulher está desinformado. Citou o senhor Norberto Holz, outro entrevistado nosso, como homem sério e benzedeiro conhecido. O Senhor Alberto tem cinquenta e três anos e é benzedor há trinta anos, tratando de problemas de saúde e problemas pessoais. Declarou que as cartas de proteção, do céu, etc. são “coisa do demônio” e que não condizem a um benzedor sério. Trabalha todo dia, inclusive recebendo conselhos da filha e da mulher, dos amigos, para que descanse mais, pois divide o trabalho como agricultor com a tarefa de benzer. As orações que usa são sempre mencionando o nome de Jesus, a igreja jamais condenou o benzedor e só condena os que fazem o mal, ele jamais fez o mal, só o bem. Chega a ficar sem comer o dia inteiro atendendo aos necessitados. As pessoas atendidas podem ficar sentadas, em pé ou deitadas e dependendo de cada caso a oração é diferente. Recebe as pessoas em casa, em um quarto separado.

4. Aplicação dos formulários do INRC;

O INRC – Inventário Nacional das Referências Culturais é um instrumento de identificação do patrimônio imaterial composto por um conjunto de formulários para serem aplicados nos casos específicos brasileiros. Sua perspectiva é a elaboração de um levantamento extensivo, identificação e descrição dos bens culturais com o intuito de produzir conhecimento, realizar diagnósticos e planejar políticas públicas.

Segundo o IPHAN, o objeto do INRC é o estudo dos “*domínios da vida social de uma comunidade, aos quais são atribuídos sentidos e valores que constituem referências de identidade para os grupos sociais*”¹¹⁸. Para compreendermos esse sistema de inventário e questioná-lo, vamos analisar seu conceito e desmembrar a proposição

¹¹⁸ IPHAN. INRC – Instrumento de Identificação do Patrimônio Imaterial. Power Point.

acima. O Inventário é um termo apropriado do direito das sucessões que remete à listagem, discriminação e descrição dos bens deixados por alguém para seus herdeiros. Para o patrimônio cultural, o inventário tem o mesmo caráter: ele propõe a listagem e a descrição minuciosa dos bens culturais, caracterizando-os em todas as suas peculiaridades. Os bens culturais são, então, a herança cultural de um povo ou grupo cujas características remetem aos seus ritos, costumes e tradições. Para continuarmos a explicar o conceito, vamos nos ater à expressão “referências culturais”. Segundo o IPHAN, a referência tem relação com os termos “alusão” e “baliza”, sinalizando o sentido da expressão que se dedica a expandir seu significado para além do termo bem cultural. Mais que apenas o bem cultural, a referência é aquilo que, material ou imaterialmente, estabelece laços com a memória coletiva de um grupo. É possível associar aquele grupo às suas referências culturais. Diante disso, o conceito de inventário das referências culturais é a proposta de estudo, identificando e descrevendo os elementos culturais que constroem e participam da identidade de um grupo. Segundo o IPHAN, a metodologia do INRC tem o intuito de unificar o processo de inventário das complexas referências culturais brasileiras. A unificação é outro elemento que remete à dificuldade de escolher entre uma característica ou outra, estabelecendo riscos de eliminação das peculiaridades culturais que fazem parte da cultura humana. As fichas que compõem o INRC contemplam os bens imateriais em suas categorias – ofícios e modos de fazer, saberes, lugares, formas de expressão e celebrações – e se intercalam, fundamentando o conjunto cultural de um determinado grupo dentro do contexto espacial em que se manifesta.

As fichas de inventário, contatos, áudio visual, bibliografia, sítio e identificação seguem nessa entrega, já revisadas após a leitura dos técnicos do IPHAN. Observamos que há uma coesão muito grande entre os pomeranos e suas referências culturais são muito peculiares e próprias de todo o grupo. Percebemos que não há locais sagrados que possam definir uma localidade como uma referência cultural e a partir disso permitir uma ficha de localidade que indicasse bens inventariados relevantes àquele lugar. Constatamos também que não há diferenças entre os lugares de população de matriz pomerana visitados pela equipe que justifique a elaboração de fichas de localidades porque isso acarretaria em fichas de bens inventariados idênticas para quaisquer localidades estabelecidas. Haveria, assim, uma dificuldade em se estabelecer

quais seriam as localidades dentre os diversos povoados e lugarejos visitados que seriam contemplados com fichas dessa natureza. Diante disso, não elaboramos fichas de localidade para o INRC dos pomeranos.

A construção das fichas do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) se baseia na própria concepção de inventário estabelecida pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em seu manual de aplicação do INRC publicado no ano 2000¹¹⁹. Neste manual se estabelece como critério de um inventário a inclusão de tudo o que se pode e deve incluir, o exaustivo processo analítico do quadro a ser registrado a partir de um processo metodológico sistemático e coerente com a percepção do objeto dentro de um quadro de inclusão deste no conjunto cultural ao qual pertence levando a uma tomada de conhecimento, identificar, processos ainda submersos à visão da sociedade, do estado e de seus órgãos governamentais, com o intuito de encontrar e classificar de forma correta os diversos processos culturais passíveis de serem entendidos como patrimônio cultural.

Tendo em mente este processo, estabelecemos um amplo critério de registro analítico das experiências culturais da comunidade Pomerana do Espírito Santo. Damos ênfase na pormenorização das experiências culturais vividas pela comunidade no variado espaço geográfico que ocupa e o quanto estas experiências comungam no processo de definição identitária das comunidades as quais pertencem.

Este critério foi estabelecido pela junção de metodologias relacionadas ao processo de pesquisa histórica, com amplo uso da historiografia disponível para a concepção de um processo de análise que contemplasse a formação da identidade pomerana no Brasil; a relação entre a comunidade pomerana e o estado nacional; a relação entre a comunidade pomerana e a religiosidade local e de origem; a organização social e seus aspectos simbólicos; a taxionomia social existente nas comunidades pomeranas; os aspectos culturais que se sobressaem dos processos múltiplos de relações comunitárias e da relação entre comunidade, estado, sociedade nacional e transformações cotidianas. Utilizamos, portanto, além da metodologia de apuração historiográfica baseada na história oral, social e cultural e na micro história, analisamos documentação e as conjunturas variadas que permitiram um mapeamento amplo das

¹¹⁹ Inventário Nacional de Referências Culturais - Manual de aplicação. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3415>>. Acesso em 15/03/2014.

características das comunidades pomeranas e de seus bens culturais e como estes se transformaram a partir das mudanças históricas.

4.1. Bens inventariados e identificados

O inventário, nesse trabalho, segue o conceito proposto pelo IPHAN e é um instrumento de levantamento geral e completo das referências e identidades culturais de um povo, nesse caso, os pomeranos no Espírito Santo. O inventário é disposto na primeira etapa do trabalho que é seguido pela identificação e depois pela documentação. A identificação é uma etapa que se caracteriza pela descrição dos bens peculiares do sítio estudado aprofundando o conhecimento levantado acerca desses bens nas fichas de bens inventariados. Na terceira etapa, a documentação, é um trabalho de caráter específico que, segundo nosso objeto, deve ter um olhar antropológico e histórico para a cultura pomerana no Espírito Santo.¹²⁰ Por fim, o registro, objetivo final desse inventário, foi criado em 2000 com o intuito de salvaguardar traços culturais brasileiros em todas as suas diversidades e peculiaridades.¹²¹ Para isso, para atingir o registro, o INRC em todas as suas etapas precisa ser realizado e, assim, produzir conhecimento para que seja redigido um dossiê de registro que contemple alguma referência cultural pomerana.

Como uma sinalização para as próximas etapas, o que podemos sugerir até o momento é o registro do casamento pomerano como patrimônio nacional porque ele reúne a religiosidade pomerana, culinária, os ritos de passagem com suas simbologias e significados, a música e a alegria da cultura pomerana, constituindo-se, assim, na referência cultural mais completa do povo pomerano.

4.1.1 Bens inventariados

Celebrações e Ritos de passagem pomeranos

¹²⁰ IPHAN. **Inventário nacional de referências culturais: manual de aplicação**. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. Brasília : Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

¹²¹ IPHAN. **Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial**. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=12308&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional>> Acesso 20 ago 2113.

Batismo

O batismo é um rito de passagem característico do cristianismo e empreendido entre os pomeranos pela igreja luterana. Ele, quando aplicado às crianças recém-nascidas, tem o caráter de acolhimento do novo membro pela igreja e por Deus. E quando aplicado a adultos tem o sentido de arrependimento dos pecados cometidos. O batismo é realizado em geral nas crianças com idade entre um e dois meses durante o culto regular do domingo. O pastor chama os padrinhos e a família com a criança para o altar, profere algumas palavras sobre o batismo e verte água sobre a cabeça do batizado. Em seguida, a família vai para a casa e recebe os familiares para o almoço e o café que já estava sendo preparado durante o culto por uma cozinheira contratada. Os padrinhos entregam o cartão de padrinho, um envelope ou uma caixinha com um cartão e pequenos objetos como grãos de feijão ou milho e moedas e, especificamente para as meninas, agulha e linha, que remetem ao desejo que os padrinhos fazem para seus afilhados. Os grãos indicam prosperidade na vida rural, as moedas riquezas e a agulha e linha que a menina possa ser uma boa costureira. Os pomeranos costumam guardar essas peças por toda a vida.

Casamento

O casamento Pomerano é fato social total da cultura pomerana trazido quando da a imigração. Sua manutenção como eixo identitário advindo da cultura original é um meio de manutenção cultural e de um legado com profundas raízes para a comunidade que se reconhece como pomerana.

A festa de casamento tradicional pomerano é um bem cultural específico da cultura das comunidades pomeranas no Brasil cuja singularidade é notável, não só em suas práticas e rituais, mas na construção da identidade destas comunidades e seus laços sociais, comunitários e com o legado histórico de seus antepassados. Ao remeter à práticas originárias do norte da Europa do século XIX, o casamento Pomerano transforma-se em catalisador das práticas rituais, simbólicas e cotidianas que tornam singulares as comunidades pomeranas. Ao buscar o máximo de referências na cultura

original, a realização do casamento pomerano mantém uma série de pontes com a culinária, a língua, a identificação de identidade entre os diversos membros da comunidade, a identificação dos laços comunitários e de parentesco, a vestimenta, os rituais que juntas constroem uma rede de sustentação cultural, um alicerce que identifica diversos elementos constituintes de uma cultura singular.

O casamento é uma festividade concentrada em três dias onde é levado a cabo o festejo do casamento propriamente dito, porém a ritualística que o envolve o torna um processo cultural mais amplo e que exige o detalhamento de cada momento com o fim de especificar a complexidade do bem cultural.

Os preparativos para o casamento mobilizam toda a comunidade pomerana e se iniciam um mês antes dos festejos com o convite para a festa, que é feito por uma figura emblemática da singularidade do bem: o convidador ou Hochtjdsbirer.

O convidador executa um papel social de emissário da família da noiva que anuncia na sociedade a construção dos laços matrimoniais entre duas famílias da comunidade. Geralmente, o convidador é um irmão solteiro da noiva e este sai a cavalo, motocicleta ou carro enfeitado com flores e fitas coloridas portando uma garrafa de cachaça. O processo do convite envolve uma série de elementos, como a forma do chamado, que é variável estando o convidado em casa ou não. Estando o convidado em casa há um tipo de chamamento em uma tonalidade, não estando o convidador emite um som em falsete, anunciando no local sua presença e que o convidado não está, permitindo assim a identificação social e o repasse da mensagem.

O convite é feito primeiramente a partir do anúncio da presença do convidador, depois é a partir da declamação à família convidada de um verso proferido em pomerano, após o verso é oferecida ao homem presente no local um gole da cachaça levada com o convidador. Durante este processo, outro membro da família vai buscar um pedaço de fita de cetim ou um lençol para pregar nas costas do convidador. Isso representa que a família aceitou o convite.

É importante notar que há uma divisão sexual na aceitação do convite: ao homem é oferecida a cachaça e é, em geral, a mulher ou um filho ainda criança quem busca o ornamento para ser posto no convidador. Os lençóis e fitas que o convidador recebe são usados no dia do casamento. E os gritos em falsete procuram ser bastante altos para que as pessoas na roça consigam ouvir. Outro elemento central da cultura

pomerana é o profundo eixo de acumulação de capital e a recusa em não remuneração daquilo que atrapalha o cotidiano de acumulação. Neste sentido a remuneração do convidador pelo seu serviço a partir dos convidados é um elemento fundamental de compreensão deste eixo identitário.

O papel de convidador não é hoje visto de forma universal como um papel honrado. Há um tom jocoso por quem assume o papel de convidador, podendo exemplificar um tipo de transformação dos papéis executados no processo do casamento pomerano que ganharam julgamentos sociais modernos, baseados em conceitos específicos da contemporaneidade. Há também elementos que permitem que entendamos que este papel sempre foi um papel entendido como jocoso, porém os testemunhos são variáveis, indicando que nos mais novos o valor do papel possui um julgamento diferente entre gerações. A remuneração do convidador no entanto é lida como um elemento positivo da função.

O preparo dos alimentos para a festa é outro momento ritual que reúne toda a comunidade, especialmente, parentes e amigos das famílias envolvidas diretamente no casamento. O preparo dos alimentos reúne um mutirão de pessoas que efetuam a preparação do que será servido na festa, com ênfase no preparo da carne, bolos e pães. Os noivos representam um primeiro momento de seu papel na festa ao abaterem a primeira das galinhas que serão mortas para serem servidas na festa.

A carne (Bovina ou de ave) é parte de um sistema que qualifica a cerimônia como sucesso ou fracasso. A carne faz parte de um sistema de valores que traduzem a existência de fartura ou escassez para as famílias envolvidas e para a própria comunidade. É parte de um sistema de classificação social que envolve status, capacidade de provimento pelas lideranças das famílias, em geral os homens. A carne adquire também um símbolo de sacrifício que remete ao simbolismo dos valores religiosos, ou seja, o abate do gado ou das galinhas é um tipo de ritual que mesmo sendo levado a cabo em um ambiente profano ou com fundo profano é simbolicamente idêntico ao abate ritual usado em ritos religiosos pagãos ou do cristianismo popular (especialmente o católico). A preparação das comidas ocorre antes do casamento, dias antes e dura até o primeiro dia do casamento.

A carne de galinha tem um simbolismo especial, dado que sua ingestão significa que os presentes interiorizam a prática da ave de avisar que elementos estranhos tenham o objetivo de se aproximar do jovem casal.

O preparo das comidas inicia na casa da noiva. Na sexta feira e no sábado, dia do casamento, cozinheiras auxiliares são convidadas a compor a equipe de preparo dos alimentos. São preparados o que se come na festa, almoço, jantar e cafés, o que se come durante o preparo da festa e para café para alimentar quem vem chegando.

São servidos na festa do casamento os seguintes alimentos: brote, linguiça, bolos variados (mandioca, chocolate, cenoura, morango, limão, comum, farofa, ladrão), café, pão de chocolate, arroz-doce, sopa de galinha, canjiquinha, carne frita, arroz, feijão, salada. O cardápio é tradicional, mas pode variar segundo o desejo dos noivos. O que não pode faltar é o café, o brote e a sopa de pé de galinha.

Brote é um pão típico das comunidades pomeranas que parece ser uma adaptação de pão típico da região da Pomerânia às condições locais e que hoje é produzido de várias formas, existindo variação com fubá e inhame e com banana e trigo. São preparados também vários tipos de linguiça. Para o quebra-louças, a linguiça que costuma ser produzida é feita com a mistura de carne de boi e porco, colocando ainda o toucinho para temperar.

O cardápio da quinta-feira, momento em que é feita a arrumação da festa, é em geral sopa de galinha, sopa de rosca, canjiquinha ou canja. neste dia também ocorre o quebra-louças. O quebra-louças é de maneira geral conduzido por uma mulher, na maioria das vezes, idosa e parente de um dos noivos, e tem por intuito o ato de espantar espíritos que possam atrapalhar a vida dos noivos. Neste momento pratos e louças são quebrados com grande estardalhaço após a responsável terminar sua fala cerimonial que busca garantir e desejar muitas felicidades ao casal. Parte do processo do quebra-louças se inicia com um baile em cima dos cacos quebrados. Cabe aos noivos juntarem os cacos enquanto se baila por cima deles. A dança em cima dos cacos simboliza o mundo atrapalhando a construção da vida do casal, mais precisamente o mundo atrapalhando a acumulação por parte do casal que deve trabalhar junto para executar o processo de acumulação. Os noivos devem ao término do baile guardar os casos e posteriormente ou enterrá-los ou guardar em um local seguro. Novamente a divisão sexual do trabalho é simbolicamente reforçada aqui com a tarefa de enterrar

geralmente sendo executada pelo homem. Além disso a acumulação como eixo identitário retorna a partir do símbolo de aglutinação do disperso para criar um alicerce seguro e o combate entre a acumulação eu mundo.

Ainda na quinta-feira é erguido um mastro no centro do terreno onde se realizará o casamento ou em local bem visível e onde é presa uma bandeira com as iniciais dos nomes dos noivos e fitas.

O casamento propriamente dito realiza-se na sexta-feira ou sábado. Às vezes, acontece bem cedo, mas pode ser realizado à tarde, dependendo da disponibilidade do pastor. Já na manhã os noivos se dirigem com os convidados até um cartório onde realizarão o casamento civil, chamado t'houspsrijwen. A cerimônia religiosa, chamada truug, ocorre em uma igreja luterana. O trajeto entre o cartório e a igreja é feito em um caminhão enfeitado de ramos e flores seguido por um cortejo dos convidados que atuam de forma alegre e ruidosa, espocando fogos de artifício e tocando música dançante.

Com o fim da cerimônia religiosa todos seguem até a casa dos pais da noiva onde é servida farta refeição, seguida por baile que é interrompido no início da noite para que seja servido o jantar. Após o jantar segue o baile, onde os noivos dançam com os convidados e após cada dança o cavalheiro recebe uma fitinha, azul para os casados e vermelha para os solteiros. Ao fim de cada dança, os homens dão uma quantia em dinheiro, como gratificação.

Há dois momentos bastante específicos da festa após o dançar. Um que ocorre em torno da meia-noite, a dança da grinalda ou kransafdans e depois da meia-noite o conjunto de danças rituais que se encerram com a dança da vassoura ou haudafdans.

A festividade segue pela noite inteira até raiar o dia e para finalizar a festa o noivo corta com um machado o mastro que foi erguido no início das festividades.

No Sábado ou domingo, último dia de festa, há a finalização das festividades com a reunião de parte dos convidados, geralmente, os mais ligados e íntimos ao núcleo central das famílias, que visitam os recém-casados, e seguem a comer e beber o que sobrou do dia anterior. Em alguns casos, há baile à noite.

O jovem casal residirá na terra dos pais do noivo.

Confirmação Luterana

A confirmação é um rito luterano e data, provavelmente, do século XVI, quando a igreja luterana foi fundada e se constituiu a religião de alguns reinos europeus.

O motivo da confirmação é religioso e representa a entrada do confirmado na vida da igreja luterana. É o momento em que aquele indivíduo aceita sua fé luterana. Para vida mundana entre os pomeranos, a confirmação representa a permissão para namorar e casar. As moças podem namorar e os rapazes ganham seu primeiro meio de locomoção, antigamente, ganhavam um cavalo, hoje uma motocicleta.

O sentido da confirmação é participar da vida religiosa da comunidade e, a partir da confirmação, aquele jovem pode receber a santa ceia, ritual semelhante ao recebimento da hóstia católica.

As transformações do rito estão mais presentes entre os pomeranos no significado dele para a comunidade. Após a confirmação, as moças e rapazes podiam namorar e se casar. Os rapazes recebiam de presente um cavalo. Hoje isso se modificou, algumas famílias não se importam se os filhos namoram antes da confirmação, mas o casamento só é permitido após o rito. No caso do presente, os rapazes recebem motocicletas.

Este rito luterano é realizado com jovens entre quatorze e dezesseis anos. A religião para os pomeranos sempre foi um fator de importância na formação do indivíduo. A conduta dos pomeranos diante do mundo é pautada pelos ensinamentos e valores religiosos luteranos. Diante disso, o rito da confirmação é um importante ritual para os pomeranos porque é o momento em que o jovem assume sua efetiva participação na comunidade religiosa. É um rito de passagem em que o jovem passa a idade adulta. O rito de passagem é a morte e ao mesmo tempo o renascimento, morre a criança e nasce um adulto religioso comprometido com Deus, fé luterana e com as coisas do mundo. Após o rito, ele passa a ser membro atuante da igreja e assume o compromisso diante de Deus de servir a igreja e participar dos cultos e atividades religiosas. Para vida mundana, a confirmação representa a permissão para namorar e casar. As moças podem namorar e os rapazes ganham seu primeiro meio de locomoção, antigamente, ganhavam um cavalo, hoje uma motocicleta. Assim, esse momento é

aguardado com muita ansiedade pelos jovens. A preparação para a confirmação leva três anos de estudos com ensinamentos religiosos, tanto para os meninos quanto para as meninas. O dia da confirmação de um jovem pomerano é um dia importante para a comunidade. A celebração acontece dentro do templo luterano e é um culto em que os jovens devem professar sua fé diante da comunidade, indicando que estão por escolha vivenciando a fé cristã luterana. O rito não é exclusividade dos pomeranos, mas seu significado de rito de passagem é uma característica da cultura pomerana o que transforma a confirmação em uma referência cultural pomerana.

Dia dos mortos

Nas vésperas do dia dos mortos, os pomeranos vão aos cemitérios e limpam toda a área. Capinam os matos, varrem o chão, retiram as folhas e colocam flores nos túmulos. Antigamente, essas flores eram plantadas, hoje são flores artificiais que garantem um colorido mais duradouro para os cemitérios. As flores são colocadas nas lápides que tem dizeres em alemão, muitas vezes, em letras góticas. Depois de limpo o cemitério, algumas vezes é servido um café para aqueles que trabalharam na limpeza do cemitério. Algumas famílias vão para o cemitério dois dias antes para limpar os túmulos de seus familiares, mas o mais comum é apenas um dia antes. No dia dos mortos, eles vão à igreja luterana para um culto que é celebrado em honra aos entes queridos já falecidos.

Natal

O natal pomerano acontece em dois dias: o primeiro dia é 25 de dezembro, dia de natal propriamente dito, e o segundo, 26 de dezembro. Essa tradição é fundamentada nos ritos luteranos que guardam dois dias para o natal, a páscoa e o pentecostes. Antes do natal, os pomeranos enfeitam as casas e se preparam para o dia mais importante da religião luterana - o dia e nascimento de Jesus. No primeiro dia de natal, eles fazem a encenação do nascimento de Jesus na igreja e celebram em casa. No segundo dia, há um culto. Dependendo da localidade, há culto em 25 ou 26 de dezembro. Isso acontece por uma questão prática, são poucos pastores e eles precisam

celebrar em todas as comunidades, assim, há um revezamento do dia de celebração. A dificuldade dessa prática de reservar dois dias para os festejos natalinos está na ausência desse segundo feriado no calendário católico brasileiro e os pomeranos urbanos são penalizados por essas práticas.

Páscoa

A páscoa é celebrada em dois dias pelas comunidades luteranas, no domingo de páscoa, e na segunda. O costume de reservar dois dias para as festividades religiosas do natal, páscoa e pentecostes é uma tradição luterana e é realizada em todas as localidades cuja religião oficial ou mais tradicional é luterana. No Espírito Santo, os pomeranos comemoram a páscoa e o dia seguinte, apesar daqueles que trabalham na cidade, em atividades urbanas, terem dificuldades de celebrarem do segundo dia de páscoa. No domingo, o pastor celebra o tríduo pascal com o lava pés e na madrugada do domingo, antes do nascer do sol, acende uma fogueira que representa a que “Jesus é a luz do mundo e anuncia a ressurreição”, a fogueira simboliza a “luz que brilha na escuridão”. No segundo dia de páscoa também ocorrem cultos na igreja luterana em honra à ressurreição de Jesus. A parte lúdica da festividade acontece nas casas, são feitos ninhos, semelhantes aos ninhos de pássaro, onde são colocados ovos de páscoa que são feitos com cascas de ovos de galinha coloridas e preenchidas com doces. Esses ninhos são espalhados no quintal para que as crianças procurem.

Pentecostes

A festa de pentecostes é um feriado de origem judaica que fazia referência à colheita, já celebrada antes da vinda de Jesus. Foi incorporado pelos cristãos e é comemorado cinquenta dias após a páscoa. Entre os luteranos, ele é celebrado durante dois dias e por isso as comunidades pomeranas celebram o quinquagésimo dia e o quinquagésimo primeiro dia depois da páscoa. Nesses dias, é celebrado o espírito santo fazendo alusão ao episódio bíblico em que os apóstolos foram inspirados por ele para pregarem a palavra. Os cultos acontecem em um revezamento de comunidades para que os pastores possam celebrar em todas as localidades. Os

pomeranos tem o costume de cortar galhos de pau pereira, virar para baixo e dependurar na lâmpada para dar uma um efeito bonito quando a lâmpada é acesa. Esses ramos ficam dependurados até secarem e são chamados de coroa de pentecostes. Elas representam o espírito que foi derramado sobre os apóstolos.

Rituais fúnebres

Os rituais fúnebres das comunidades de origem pomerana guardam consigo uma série de especificidades que expressa concepções próprias a respeito da vida e de seu fim, demonstrando, dessa maneira, o caráter singular dessas comunidades. Dentre essas especificidades, se destaca a figura do “Grawnisbirar”, parente do morto que passa de casa em casa avisando sobre a morte e convidando para o sepultamento. Esse parente, que deve ser um homem, passa de casa em casa. No entanto, segundo as tradições pomeranas, nesse trajeto ele não pode cumprimentar ninguém e tem que convidar para o sepultamento do portão do vizinho. Ele não pode entrar na casa ou na terra dos convidados, pois ele, naquela circunstância, representa a extensão da imagem da morte. Segundo o livro; “O Tiro da Bruxa” de Joana Bahia, na casa do falecido, os relógios são parados e os espelhos cobertos.

No enterro pomerano existe o costume de enterrar o morto junto com alguns de seus objetos pessoais, é comum o morto ser enterrado com a bíblia e o hinário ou no caso dos homens é comum o morto ser enterrado com ferramentas de trabalho. Existe a ideia de impureza relacionada ao cadáver e aos objetos do morto, nesse sentido, em certos casos, se evita tocar em objetos que pertenciam ao falecido e, além disso, a própria terra que pertencia ao falecido pode carregar consigo essa mácula de impureza. Segundo os ritos pomeranos, o morto sai da casa dentro do caixão com a cabeça retirada para frente, pois, se ele sair de costas, pode retornar assombrando a todos que ali vivem. O imaginário pomerano relativo à morte também envolve a ideia de assombração, o que mostra uma espécie de conflito entre o “mundo dos vivos” e o “mundo dos mortos”. O medo dos mortos e de seu retorno ou permanência assombrando o mundo dos vivos mobiliza muitas ações rituais pontuais como: deixar a vassoura na frente da casa ou pendurar panos molhados na porta da casa. Ambas as

atitudes utilizam instrumentos de limpeza, tal referência se deve ao fato de que a limpeza possui uma significação de purificação.

Quando um membro da comunidade morre, o pastor é convocado para prestar auxílio espiritual à família do morto e os sinos da igreja luterana anunciam a morte. Após a missa ou culto, o corpo é levado para o cemitério e enterrado. Os túmulos dos cemitérios pomeranos têm uma direção determinada – são construídos na direção oeste leste. Mas no caso do falecimento de um indivíduo ter ocorrido por suicídio, o costume tradicional é de enterra-lo virado, em direção norte sul. Este costume tradicional, entre outros vem sendo gradualmente modificados entre os moradores das várias localidades pomeranas. Foi o que pudemos constatar em entrevistas de campo. A grande maioria dos ritos pomeranos registrados nos estudos permanece íntegro, mas existem também costumes em desuso ou controversos.

Em entrevistas com uma família de origem pomerana na área rural de Vila Valério, constatamos que está viva entre os pomeranos a tradição de parar os relógios na casa do morto logo após o seu falecimento. Mas quando questionado sobre o ritual de tampar os espelhos, Valdir Braum, que cuida do cemitério de Padre Francisco localidade próxima a Vila Valério, não identificou tal ritual com a morte de um membro da família, mas sim com um antigo costume de tampar espelhos em uma tempestade para evitar ser atingido por um raio.

Um costume pomerano, relativo a morte, que permanece presente, marcante e visível nas várias localidades visitadas é o modo como é mantido o cemitério pomerano. Esses cemitérios são sistematicamente cuidados, mantendo uma bela aparência, são limpos e floridos. Isso se deve, em grande medida, devido ao fato de que o espaço do cemitério é considerado sagrado. E, em geral os cemitérios pomeranos são construídos próximos as igrejas.

A medida da solidariedade comunitária pomerana também se dá tanto na afirmação de obrigação entre os fiéis de atuarem no consolo de seus irmãos de comunidade, quanto no silêncio a respeito da morte sob condições não “normais”, como no caso de suicídio. A presença da comunidade nas missas de finados reforça a relação de profundo respeito e laços de obrigação comunitária do culto aos mortos. A presença de banheiros em cemitérios de localidades com pouca população, as citações constantes de deveres de conservação e a própria existência de associações que cuidam dos

cemitérios é um indicativo do papel central da morte e do cuidar dos mortos e locais sagrados na própria identidade pomerana. A morte, assim como o nascimento no batizado, a adolescência na confirmação, o casamento na maturidade é um elemento que simboliza como a cultura pomerana como dever a profunda importância de marcar fortemente os ritos de passagem. Esta especificidade não se dá pelo marcar os ritos de passagem, mas pela ênfase.

Edificações

Casa pomerana

Construir uma casa foi para os primeiros imigrantes um grande desafio. Muitos dominavam as técnicas de construção, mas tiveram que se adaptar às condições existentes, usando o que a natureza podia lhes oferecer. Foram utilizados: madeira de lei, argila, barro branco e taboinha para a montagem da estrutura do telhado. O processo de construção era o pau-a-pique que consistia em montar um gradeamento de madeira denominada de taipa preenchendo com barro branco para que as paredes ficassem brancas. Assim, as casas tinham duas cores: a branca para as paredes e o azul para as janelas e as portas. As cores azuis e brancas simbolizavam a terra natal dos imigrantes pomeranos. A casa é o espaço da calma, repouso da hospitalidade, da família em síntese do amor, do calor humano. Já lá fora seria o inverso, o espaço do perigo e das dificuldades. As casas eram construídas em cima de vigas de madeira, criando um porão aberto de altura aproximada ao do primeiro pavimento. Este espaço dava proteção aos moradores evitando a entrada de animais principalmente os peçonhentos. A cozinha era sempre construída fora do corpo da casa, além de um quarto para hóspedes, também utilizado para receber os futuros genros. Os pomeranos construíram suas casas em terrenos acidentados de difícil acesso, mas de forma que a localização das edificações favoreceu a privacidade e a segurança de seus moradores. O posicionamento das casas dificultava a sua visualização, por outro lado facilitava escutar o barulho e observar o visitante com bastante antecedência. Nos lugares mais quentes, as edificações possuíam uma forma natural de ventilação diminuindo a intensidade do calor. Estas casas ainda existem em toda área de influência pomerana no Espírito Santo.

Os proprietários são constantemente assediados para venderem-nas devido à grande quantidade de madeira de lei existente em suas estruturas. Há sem duvidas, necessidade de uma política de preservação destas construções, marco do trabalho e pioneirismo dos pomeranos.

Água de Páscoa ou “Osterwoter”

A água de Páscoa ou “Osterwoter” é um rito realizado pelos pomeranos e que tem um sentido mágico. Na quaresma período que antecede a Páscoa, não são realizado bailes, festas, nem casamentos – é um momento de meditação e orações. Já a Páscoa para os pomeranos é uma época de muita atividade mística. Na semana da Páscoa os dias recebem denominações: segunda azul, terça parda, quarta cinza, quinta verde, sexta era silencio, sábado curto e o domingo longo. Na quarta feira, as atividades rotineiras se encerram ao meio dia. A partir daí os pomeranos começam a se preparar para os festejos da páscoa. Na quinta verde, começam os preparativos da festa da páscoa, com o preparo das comidas como tortas de palmito ou de coco e pão de trigo. Na sexta silêncio não é permitido comer carne vermelha, assim, era costume pescar na quinta verde, para comer o pescado na sexta silêncio. No sábado curto era dia das crianças brincarem correndo nas matas em busca de flores e folhas para o preparo dos ninhos onde o coelhinho da páscoa iria presentear-las com os ovos. Assim, os ovos de galinha eram cozidos, pintados e depositados nos ninhos na madrugada de sábado curto para domingo longo. As crianças ficavam acordadas para assistirem os coelhos colocarem os ovos nos ninhos. Antes do nascer do sol, na madrugada do sábado curto para domingo longo, os pomeranos pegam um recipiente de vidro e enchem com águas do córrego mais próximo e cuja correnteza segue para o leste. Do trajeto do córrego para casa não pode olhar para trás, rir ou conversar, sob pena da água perder o encanto. Esse rito da água de Páscoa era e ainda é importante para os pomeranos. Ela tem muitas aplicações: para as moças a água trás beleza, mas ela também cura doenças e é considerada abençoada e milagrosa. É conhecida por Ousterwoter e simboliza o poder de Jesus Cristo, que morreu e ressuscitou para oferecer uma nova vida a humanidade. Para os pomeranos a água colhida no córrego naquela noite tem um poder de cura e alivia os males. Nos olhos, ela é usada para lavar e curar conjuntivite e outras doenças.

Muitos lavavam a cabeça com a água e outros bebiam a água para receber suas propriedades curativas.

Artesanato rural

A casa pomerana possui artefatos que permeiam toda atividade rural e doméstica. A produção artesanal envolve fazer vassouras, peneiras, colheres e outras ferramentas. Segundo Ismael Tressman em no artigo “A Pomerânia é aqui”, assinado com a pesquisadora Joana Bahia, sobre os pomeranos: “tudo em sua vida é típico; das batatas até as ferramentas”. Ou seja, a produção de ferramentas é típica da cultura pomerana, faz parte da compreensão que o pomerano tem com relação a terra. É parte da ideia de identidade e está relacionada com a pequena propriedade, a agricultura familiar e a divisão sexual do trabalho. Neste sentido, a fabricação de ferramentas e utensílios domésticos obedece à ideia de autonomia, da unidade familiar manter-se com uma relativa independência do mundo exterior, mantendo as técnicas de construção de elementos fundamentais para o cotidiano da pequena propriedade rural. A propriedade, que emprega o esforço da unidade familiar e que lhes absorve toda a força de trabalho, garante a subsistência a partir do uso de ferramentas produzidas pela própria família, que assim cria uma unidade social típica. As ferramentas são tão importantes para o pomerano e é comum, no caso dos homens, que quando falecido seja enterrado junto com alguns de seus objetos pessoais, como a bíblia, o hinário e suas ferramentas de trabalho, o que inclui esse acervo de materiais fruto do artesanato rural.

Os pomeranos fazem suas vassouras e instrumentos como peneiras, facas, etc., porém sem que isto se constitua como ofício ou gere renda para a família ou para aquele que domina as técnicas e as executa. A vassoura é feita a partir das técnicas comuns ao meio rural, usando um cabo de madeira e palha ou ramos de alguns tipos de árvore. A peneira usa palha ou tipos de madeira bem finos.

Cantigas infantis

Canções infantis são comuns entre os pomeranos e se misturam à tradição musical destes imigrantes. Essas canções remetem à permanência da memória

pomerana e tem semelhanças às canções de ninar comuns a quase todas as culturas, inclusive à brasileira, e às cantigas de roda. Parte dos hábitos descritos sobre a relação entre pomeranos e canções infantis no Brasil dá conta da memória, que remete à antiga terra e suas histórias e lendas. É comum quando os pomeranos põem seus filhos para dormir no berço, que em geral, tinha um balanço, “kinavaive”, lembrarem-se a partir de cantigas de ninar das lendas camponesas que eram parte de sua cultura na Europa. Há em alguns casos em que estas canções se misturam a contos infantis de escritores pomeranos como Max und Moritz. As canções infantis também contêm um processo paradigmático de informação moral às crianças e abrange as cantigas de roda e de ninar, cantigas sobre lendas e aspectos sobrenaturais, etc. As cantigas de roda são muito presentes, cantadas em pomerano e são similares às cantigas presentes nas demais culturas, tendo, no entanto um aspecto lúdico particular entre os pomeranos, pois apelam em diversos aspectos para um humor por vezes jocoso.

Cartão de padrinho

O cartão de batismo ou cartão de padrinho é um envelope ou uma caixinha de 10 x 5 x 1 cm com um cartão e agulha com linha, especialmente, para as mulheres, moedas e caroços de milho ou feijão, que indicam os desejos e votos dos padrinhos para o futuro da criança. O cartão representa um desejo do padrinho para que criança aprenda um ofício (costura), seja um agricultor e que tenha prosperidade (feijão e milho), seja estudioso (lápis), próspero (dinheiro), tenha sorte na criação de cavalo ou de galinha (pelo de cavalo e pena de galinha). Em alguns casos, os itens do cartão de batismo são os mesmo usados no rito da criança de um ano. O cartão de batismo é fundamental para o ritual de batismo. Representa também um reforço de laços que já são alimentados a partir da própria celebração do batismo, diante das grandes distâncias, com o culto expressando coesão social. Os padrinhos ao oferecem a seus afilhados com lembrança a carta de batismo ou cartão de padrinho, também chamado “peetasetal”, desejam boa sorte para o futuro da criança e reforçam os laços de coesão social. Colocam no cartão objetos relacionados aos valores mais “caros” da vida camponesa, símbolos fundamentais da socialização pomerana. O cartão contém elementos separados, distintos para homens e de mulheres, e funciona como princípio de

equilíbrio, de manutenção da ordem da comunidade. No caso dos meninos, é comum serem colocadas sementes de várias plantas para que a criança faça boas colheitas no futuro, migalhas de pão para que nunca se passasse fome, uma quantidade de terra, como exemplo do desejo de que a criança seja um futuro dono de terras. Além de pelos de cavalo ou de burro, são também comuns pedaços de pele de vaca ou de porco, como desejo de que a criança tenha sorte na criação de animais. Como exemplo do desejo de conforto e segurança de sua casa eram postas penas, simbolizando colcha ou travesseiro de penas. A agulha e a linha, uma mecha de cabelo, penas de galinha são símbolos direcionados ao desejo que as meninas sejam boas costureiras, tenham belos cabelos (relacionados a prosperidade),etc..

Cartas do céu

As cartas do céu (Himmelsbrief) são cartas sagradas com orações escritas em alemão gótico que ficam dispostas ao lado das fotos de família nas casas pomeranas. Encontramos essas cartas nas casas de alguns benzedores. Segundo Joana Bahia e o Sr. Norberto Holz, muitas cartas sagradas vieram da Alemanha com os imigrantes pomeranos, mas em nosso percurso não encontramos nenhum exemplar. O Sr. Norberto Holz afirmou que essas cartas custavam Cr\$ 1500,00 (mil e quinhentos cruzeiros) no ano de 1953. Alguns benzedores e pastores luteranos comentaram que elas também eram reproduzidas no Rio de Janeiro por uma gráfica e vendidas no Espírito Santo. Uma das versões que encontramos está em português e o texto traz recomendações de frequentar os cultos aos domingos e não trabalhar nesse dia. São recomendações divinas que instruem os fiéis a se comportarem de maneira adequada diante do sagrado com o intuito de terem sua existência garantida e protegida pela divindade. Eles devem respeitar os dez mandamentos e orar com devoção. Essas cartas garantem a proteção àqueles que a carregam ou a colocam em sua residência, protegendo-os de “temporal, fogo e água”. É um objeto que tem dois sentidos, o de amuleto e o de oração, mas é necessário recitar a oração e ter a carta para ser protegido.

Cartas protetoras

As cartas protetoras (Schtzbrief) são cartas sagradas e protetoras que contém orações escritas em alemão gótico e que devem ficar dispostas ao lado das fotos de família nas casas pomeranas para a proteção da família e da casa. Da mesma maneira que as cartas do céu, encontramos cartas protetoras nas casas de alguns benzedores entrevistados. Segundo o Sr. Norberto Holz, as cartas protetoras vieram da Alemanha com os imigrantes, mas que não há mais muitas dessas cartas antigas. Atualmente, elas são em português e vem com o nome “salvaguada do lar”. Provavelmente, da mesma maneira que as cartas do céu, elas também eram reproduzidas no Rio de Janeiro por uma gráfica e vendidas no Espírito Santo. Uma das versões que encontramos está em português e o texto traz uma oração de proteção do lar com o pedido de paz no lar e na vida e para que as palavras de Jesus possam tocar quem recita aquela oração. O objeto tem um sentido místico e sua presença na casa traz bons augúrios e a proteção divina. Ele se comporta como uma oração para ser rezada e um amuleto, mas um sem o outro não tem o mesmo efeito, sendo a presença da carta e o recitar da oração com fé que protege a casa.

Convite de casamento

O convite de casamento é feito pelo “hochtijdsbirer”, o convidador, geralmente, um dos irmãos da noiva. Ele passa de casa em casa com uma garrafa de cachaça enfeitada e uma locomoção também enfeitada. Antigamente, eles iam a cavalo, depois alguns passaram a ir de bicicleta e, atualmente, eles vão de motocicleta. Em qualquer situação, há enfeites com fitas. O convidador chega à casa do convidado dando um grito, chamado grito de alerta, entra na casa e recita o convite enquanto gira em círculos no meio da sala. O convite tem um caráter jocoso, ele pode ser em pomerano e alemão. Segundo o site www.pomeranos.com.br, o texto do convite é: “Boa tarde a todos. O dono está? Se ele estiver fora é para entrar, pois a todos quero comunicar: Fulana e Fulano me incumbiram de convidá-los para o casamento deles que acontecerá no dia (cita-se o dia, mês, ano e local). Porcos e bois serão carneados, tudo será muito bem preparado. Venham todos, crianças e adultos, pai e mãe, ninguém deverá ficar em casa. Se arrumem bem, mas não demais porque os noivos deverão ser os mais bonitos. Agora tenho que seguir adiante, pois tenho muitos ainda para convidar. No dia XX de

mês encontrarei vocês lá”. Encontramos uma versão em alemão que dava um caráter ainda mais jocoso ao convite. Ele dizia envergonhado que estava ali, que vinha de longe, andava sob o sol e a chuva e pedia que ninguém risse dele. Convidava para o casamento e falava com ironia que não ia ter nem comida nem bebida e dizia para todos irem arrumados, levando um frango, mas não tão arrumados para que os noivos fossem os mais bonitos. Depois do convite, o convidador oferece um gole de cachaça para o dono da casa que confirma a presença no casamento e oferta algum dinheiro para o visitante. Uma das pessoas da casa coloca uma fita na roupa do convidador e ele vai embora, seguindo para as outras casas. Hoje, nem sempre é o convidador que faz o convite, muitas vezes, o próprio casal vai de casa em casa em um final de semana para convidar as famílias. Eles enfeitam a moto ou carro e suas roupas com fitas e levam a garrafa de cachaça. A tradição não acontece mais exatamente como era, mas ainda se perpetuam traços desse convite e em alguns lugares ainda se faz com os versos do “hochtijdsbirer”.

Coroa de Advento

A coroa de advento é uma coroa natalina que celebra o advento de Jesus. O natal pomerano é peculiar em comparação com o natal católico festejado na maior parte do Brasil. Ele é decorado com riqueza de detalhes que incluem desde a limpeza da casa e dos utensílios de cozinha até a decoração alimentícia. Na cozinha o preparo de alimentos é feito em mutirão e são preparados biscoitos, nas mais variadas formas entre outros alimentos. Às crianças, é reservada a confecção de enfeites. Na igreja, os professores de catecismo ensinam às crianças a preparação da coroa do advento, que é uma coroa feita com cipreste verde, representando a esperança. O cipreste é entrelaçado com fitas vermelhas e quatro velas vermelhas sobrepostas. Cada vela é acesa em um domingo até o domingo anterior ao natal, simbolizando a iluminação da vigília do advento, a preparação para a vinda de Jesus, considerado a luz do mundo. É durante o período do advento que São Nicolau traz balas e chocolates para as crianças.

Coroa de pentecostes

A coroa de pentecostes é feita no dia de pentecostes pelas famílias luteranas pomeranas. Os pomeranos tem o costume de cortar galhos de pau pereira, virar para baixo e dependurar na lâmpada para dar um efeito bonito quando a lâmpada é acesa. Esses ramos ficam dependurados até secarem e são chamados de coroa de pentecostes. Elas representam o espírito que foi derramado sobre os apóstolos quando os apóstolos foram inspirados pelo espírito santo para pregarem a palavra. A festa de pentecostes é um feriado cristão, mas de origem judaica que era associado ao campo e às atividades agrícolas. É comemorado cinquenta dias após a páscoa e suas coroas levam o símbolo do espírito santo para além do dia de pentecostes, durando enquanto durarem seus ramos.

Dança da grinalda

A Dança da grinalda é uma das danças do casamento. Também é denominada Kranzafdanze, é mais precisamente uma dança onde os dançarinos e os convidados da festa do casamento tentam tirar a grinalda da noiva e onde se dá enfaticamente a despedida dos noivos da vida de solteiro. O casal dança separadamente e com seus amigos e amigas solteiros. Na dança da grinalda, ao dançar com o último dos solteiros, a noiva tenta fugir da retirada de sua grinalda por parte dos convidados. Esta tradição tem uma crença popular de que a pessoa que conseguir pegar a grinalda será a próxima a casar. A noiva dança com todos os homens e o noivo com todas as mulheres da festa. Os primeiros a dançar são aqueles que mais ajudaram nos preparativos do casamento. Durante a dança, três homens tentam tirar o véu da noiva para rasgá-lo e as mulheres os impedem, cobrindo a noiva com um lenço. A dança da grinalda hoje não é mais tão comum nos casamentos como a dança dos noivos, mas fazia parte da tradição matrimonial pomerana. (TRESMANN, 2006)

Dança dos noivos

A Dança dos Noivos é uma das cerimônias que compõe o casamento pomerano. Ela é realizada na noite do segundo dia dos festejos, que acontece na sexta-feira ou no sábado. Começa ao término de um farto jantar ou almoço, depois da celebração do casamento religioso. A Dança dos Noivos seque noite adentro, até o raiar do dia.

Há dois momentos bastante específicos da festa após o dançar. Um que ocorre em torno da meia-noite, a dança da grinalda ou kransafdans e depois da meia-noite o conjunto de danças rituais que se encerram com a dança da vassoura ou haudafdans.

A música para a dança dos noivos é especial para a ocasião e é tocada repetidas vezes até que o casal dance com todos os convidados. Inicialmente os noivos dançam para seus convidados, em seguida, eles dançam com os pais, as testemunhas e os convidados. A noiva dança com os homens e o noivo com as mulheres. Ao término da dança dos homens é ofertada uma quantia em dinheiro para o casal, o homem bebe uma dose de bebida e recebe, se solteiro uma fita vermelha, já os casados recebem uma fita azul.

A dança dos noivos reflete a relação central do casamento com um dos principais ritos de passagem da cultura pomerana no Brasil e tem este status pelo aspecto taxionômico da cultura rural Brasileira e em especial a Pomerana, onde o papel social de cada grupo, família, casal, deve ser definido com ênfase, deve ser demarcado para a percepção de toda a sociedade.

O uso da concertina também é central, como se fosse uma etiqueta de originalidade dada à dança e a seu caráter oficial. Sendo um instrumento essencialmente pomerano, o uso da concertina faz parte do casamento pomerano, sendo um dos elementos principais da cultura pomerana capixaba. Os concertinistas tocam o instrumento para os noivos dançarem e receberem as oferendas dadas pelos convidados.

O rito é uma maneira de se apresentar o novo casal para a sociedade que deve dançar com cada convidado. A oferenda é um símbolo da prosperidade que o casal alcançará.

Dança da vassoura

A Bänsendanz, ou a dança das Vassouras, onde quem não arrumar um parceiro dança com a vassoura, é a finalização das danças rituais que compõe a dança dos noivos do casamento pomerano. A dança da vassoura representa o lado jocoso de toda atividade pomerana, presente em toda cultura, e faz parte da tradição social de definição taxionômica presente na maior parte das atividades sociais pomeranas. A taxionomia aí é a definição de quem é quem, a rotulação e definição de quem ocupa que papel na comunidade pomerana. Esta taxionomia é fundamental inclusive nas festas e danças, onde atribuem rótulos, nem sempre estanques, aos participantes das festas, traduzindo a divisão social entre os pomeranos. A Dança da vassoura ao mesmo tempo que é um elemento de humor jocoso, que coloca um dos convidados na vexatória situação de abandono e obrigado a dançar com um objeto por não ter par, traduz o sentimento de que ao pomerano é necessária a constituição de família e portanto de conquista de um par. Outro aspecto é de inclusão, mesmo sem um par quem é convidado tem com quem dançar, no caso a vassoura. (TRESMANN, 2006)

Decoração das casas

A decoração das casas pomeranas é um elemento de forte registro da cultura pomerana. Praticamente todas as casas possuem um dedicado e delicado arcabouço decorativo onde se combinam elementos de jardinagem, pintura de janelas, enfeites e objetos artesanais que inspiram e refletem o tipo de ordenamento social e artístico dos pomeranos. Nas festividades religiosas, as casas também são cuidadosamente enfeitadas com simbologias relativas à festa, coroa as coroas de advento e enfeites de natal, coroas de pentecostes, enfeites de páscoa e enfeites para o casamento, como bandeirinhas e flores. A forte característica da decoração não é só o cuidado de utilização de elementos decorativos, mas a combinação entre a jardinagem, a limpeza de matos e folhas secas do entorno das casas, a marcenaria e o senso de espaçamento interno das casas. A decoração obedece a uma grande harmonia entre seus elementos, incluindo a harmonia de cores, o que sugere uma preocupação dos pomeranos com a estética e o adestramento da natureza. As flores são um exemplo de como a natureza deve ser, em contrapartida às florestas e matas, locais escuros e sujos

onde se escondem os maus espíritos. Nesse sentido, a decoração das casas garante o afastamento do mal.

Festival de concertina

Os festivais de concertina são uma manifestação cultural recente entre os pomeranos. Eles foram criados com o intuito de salvaguardar as tradições pomeranas nas diversas cidades onde vivem grupos pomeranos. A concertina é um instrumento musical de origem europeia, utilizado por diversos grupos europeus e que chegou ao Brasil, provavelmente, com os portugueses. Entre os pomeranos que se instalaram no estado do Espírito Santo, a tradição de tocar e ouvir a concertina se manteve e até hoje suas festas e cerimônias são embaladas pelo som das concertinas. Atualmente, a concertina se tornou um instrumento raro porque não há mais fábricas e apenas alguns lutiers no Brasil, mas são poucos os fabricantes e poucos que sabem consertar. Hoje o proprietário de uma concertina se sente um privilegiado por ter um instrumento raro, de muito valor sentimental e monetário. A concertina é imprescindível na maioria das festas e celebrações dos pomeranos como os casamentos e danças. Os festivais são, assim, um mecanismo de resgate da importância da concertina para a tradição cultural pomerana. O saber tocar concertina é uma herança, geralmente, transmitida dentro da família, ou de pai para filho ou de tio para sobrinhos, etc. Tocar concertina para os pomeranos é mais do que tocar um instrumento musical, é manter viva a lembrança de seus antepassados. É conservar um bem precioso que é a música e o instrumento. Nesse sentido, os festivais de concertina são uma importante referência cultural do patrimônio pomerano.

Os festivais funcionam como um mecanismo divertido de resgate da importância da concertina para a tradição cultural pomerana. O Senhor Valdomiro Kosanke é organizador de festivais de concertina há três anos e organiza como um meio de obter retorno comercial e de constituir um processo de salvaguarda, une nos festivais um aspecto que os pomeranos entendem como fundamental para sua cultura com a demanda por diversão das comunidades rurais como um todo, especialmente os pomeranos. Os festivais são eventos grandiosos e muito populares ocorrendo por vezes

vários no mesmo dia em locais diferentes. A quantidade de concertinistas chega às centenas em uma mistura de convite pelos organizadores e convite por outros convidados ou apenas boca a boca mesmo. Em alguns festivais, como Melgaço, só entram concertinistas, não entra acordeom. Nas do Senhor Valdomiro não há esta restrição. Há o costume de fornecer almoço aos concertinistas.

Grupo de dança

Os pomeranos do Espírito Santo vivem em comunidade e ao longo do tempo têm preservado seus costumes e as tradições herdadas de seus antepassados imigrantes. A dança típica é uma das manifestações culturais preservadas. Assim, são inúmeros grupos de danças típicas pomeranas na área de influência pomerana do Espírito Santo. Geralmente, os grupos de dança são formados por vinte e dois dançarinos, sendo onze homens e onze mulheres, podendo ser composto de adultos ou crianças. O instrumento musical mais utilizado no embalo da dança é a concertina, mas podem ser utilizados outros instrumentos musicais, em especial, os de sopro, como trombones, trompetes. Os trajes usados pelos dançarinos nas apresentações do grupo são os tradicionais, os homens com calças beges, camisas brancas de mangas compridas, além de um colete pomerano, sem o uso do chapéu. Já as mulheres se apresentam com vestidos rodados com anáguas, fofocas de cor branca, blusas com mangas fofas com bordados e por cima um avental também bordado, as sapatilhas de cor preta e as meias brancas. Em Santa Maria de Jetibá, os grupos de dança pomerana surgiram nos anos oitenta e, a partir daí, começaram a surgir novos grupos. Hoje o município conta sete grupos de dança pomeranas. Em Vila Pavão, o primeiro grupo foi fundado em 15 de maio de 1988. Tudo começou com o interesse de dois jovens da comunidade pomerana da cidade de Vila Pavão em participar de um curso de dança na cidade de Domingos Martins. Ali eles aprenderam a história da dança, as técnicas e as formas das coreografias. Assim, no dia 12 de maio de 1989, aconteceu a primeira apresentação do grupo de dança denominado Grupo Folclórico Pomerano da Vila Pavão. Outros também surgiram em diferentes localidades como o da comunidade de Barra de Jatibocas, em Itarana, fundado em 1991. Os grupos de dança são uma forma encontrada pelos pomeranos em preservar e divulgar suas tradições culturais e para a

realização desse inventário não definimos um grupo específico, mas a formação de grupos de dança para a preservação das tradições artísticas pomeranas.

Grupo de metais

Os conjuntos de instrumentos de sopro entre pomeranos no Estado do Espírito começaram no início do século XX, com os corais de trombone. Isso ocorreu por influência de um pastor luterano de nome Friedrich Heinrich Wrede, que tinha como hábito tocar trompete nos intervalos dos cultos ou durante suas longas caminhadas para atender os fiéis de sua Igreja. Assim, o pastor Friedrich com seu pioneirismo criou o primeiro coral de trombone em Santa Maria de Jetibá. A partir daí começaram a surgir inúmeros coros de metais que passaram a fazer parte dos cultos e das festas das comunidades religiosas dos pomeranos do Espírito Santo. Já nas comunidades de Santa Maria de Jetibá, esses grupos de trombonistas ganharam impulso no período de 1924 a 1962, com o aumento da oferta desses instrumentos no mercado brasileiro. Hoje, os conjuntos de metais são uma tradição entre as comunidades religiosas luteranas pomeranas no Espírito Santo. Nos dias atuais existem conjuntos de metais com mais de 500 integrantes. As bandas de metais estão presentes em todas as comunidades pomeranas capixabas e participam intensamente de todas as festas comunitárias tais como: cultos religiosos, casamentos, batizados, bailes, festas folclóricas, etc. os conjunto de metais são, atualmente, traços culturais dos grupos pomeranos e as prefeituras dos municípios onde vivem pomeranos, com o intuito de valorizar a tradição, promovem diversos festivais de conjuntos de metais. Para a realização desse inventário, não escolhemos um único grupo para não estabelecer um critério unificado para os grupos de sopro, mas é importante inventariar a existência continuada desses grupos como uma referência cultural pomerana.

Língua pomerana

Os pomeranos falam a língua pomerana, uma língua das terras baixas da região do Mar Báltico (baixo-saxônica). Eles trouxeram sua língua materna quando imigraram para o Brasil e ela foi preservada até os dias de hoje. É comum em algumas

localidades da área de influencia pomerana observar pessoas conversando em pomerano pelas ruas ou parados em alguma esquina. No meio familiar a tradição é a conversa em pomerano – os pais falam em pomerano com os filhos. Antigamente, as crianças aprendiam como primeira língua o pomerano e depois quando iam para a escola que aprendiam o português. Hoje, as crianças já chegam à escola falando português, mas ainda tem como primeira língua o pomerano e, em geral, são bilíngues. O que observamos é que as crianças aprendem o pomerano com as avós que cuidam dos netos enquanto os pais trabalham. O português, língua do país que eles nasceram, é usada nas questões formais do dia a dia, além de ser a língua de maior importância na sua vida formal, como hospitais, serviços públicos, escolas, faculdades, etc. Já o Pomerano é uma língua de tradição, de seus antepassados, e uma forma de preservar seus laços culturais e familiares. Falar o pomerano é uma forma de identificação com seu grupo e sua cultura. Os pomeranos usam a língua para transmitir informações secretas quando estão em negociação de algum produto ou em situação que necessite falar sem que os outros não pomeranos saibam o que ele está falando. Na época da segunda guerra mundial e por meio de uma campanha nacionalista implantada pelo governo de Getúlio Vargas, houve severas restrições às línguas estrangeiras, o que afetou os falantes da língua pomerana. Assim, falar pomerano passou a ser algo proibido, um desrespeito à lei. Isto levou os pomeranos a terem vergonha de falar a língua pomerana e se sentiam inferiores por se comunicarem por meio do pomerano. Mesmo diante dos empecilhos criados pelo estado brasileiro, a língua pomerana continuou a ser falada dentro das casas. Hoje, o pomerano é ensinado em algumas escolas e há um programa educacional do ensino da língua pomerana em quase toda a área de influência pomerana no Espírito Santo, o PROEPO – Projeto de Educação Pomerana. Foi desenvolvido recentemente um dicionário pomerano pelo linguista Ismael Tressmann que contribuiu enormemente para a proliferação e perpetuação do número de falantes de pomerano. A língua pomerana tem profunda relação com a construção da identidade pomerana, perpassa todos os eixos da cultura pomerana e todos os bens culturais que podem ser tidos como base sobre a qual se ergue esta cultura plena de especificidades. Do Rito da Criança de um ano até o Casamento Pomerano, praticamente todos os eventos e manifestações culturais dos pomeranos têm sua estrutura baseada na língua e no seu uso. Atualmente, há uma

preocupação com a redução de falantes da língua nas comunidades, ocorrendo inclusive propostas de ampliação da educação bilíngue entre eles, revertendo este quadro.

Pão com banha e açúcar

O costume de comer pão com banha e açúcar é muito difundido entre os pomeranos. A tradição afirma que eles comiam de manhã o brote de milho, inhame ou batata doce passando uma fina camada de banha de porco sobre o pão e salpicando açúcar mascavo sobre a gordura. É unânime a predileção por essa mistura, todos os entrevistados mencionaram estar com água na boca ao se lembrarem da infância quando tiveram essa experiência. Atualmente, com as pesquisas acerca das doenças coronárias, o consumo de banha de porco diminuiu e muitos pomeranos não utilizam a banha de porco em sua culinária. Por outro lado, observamos uma resistência a esse tipo de informação e pesquisa e há momentos em que eles preparam os alimentos com a banha e comem o pão com banha e açúcar. Esse costume é muito tradicional e é uma referência cultural pomerana.

Quebra louças

O quebra louças é celebrado durante os festejos do casamento pomerano. É uma tradição que se mantém até os nossos dias. Quem responsabiliza pela condução da cerimônia é uma senhora escolhida na família da noiva ou do noivo e que sabe recitar corretamente os dizeres do rito. As louças de porcelana são atiradas ao chão por esta senhora que profere votos de felicidade aos noivos, faz a Oração do Quebra Louças acompanhada de gritos e algazarras para espantar os maus espíritos. No quebra louças não deve ser quebrado nenhuma peça de vidro, pois pode ser considerado como azar. Na cerimônia não pode faltar o som da concertina, instrumento musical tradicional entre os pomeranos. Após quebrarem as louças os noivos tentam juntar os cacos, mas os convidados não permitem chutando os cacos para longe. Assim, com certo esforço, os noivos reúnem os cascos e os convidados espalham novamente. O trabalho em conjunto dos noivos para juntar os cacos simboliza a parceria que é o casamento, onde tudo se resolve em família. O prato servido na noite do Quebra Louça é a sopa de miúdos de

galinha. Em cima dos cacos de porcelana se inicia o baile da noite que segue até a madrugada.

Rito da criança de um ano

O rito da criança de um ano é realizado com as crianças pomeranas quando elas completam um ano de idade. É uma referência cultural entre os pomeranos. Ele também é um rito de passagem, mas difere um pouco dos demais porque não tem um caráter de iniciação, mas de predição, como um sinal para o futuro. Quando a criança completa um ano, seus pais a colocam no chão e a sua frente dispõem três objetos: um pedaço de pão, uma caneta e nota de dinheiro. Assim, durante o rito, a criança se dirige para um dos objetos e o que a criança pegar primeiro indicará o que ela será no futuro. Se ela pegar o pão será uma pessoa gulosa, irá comer muito durante sua vida e provavelmente será gorda. Se a criança pegar a caneta, durante sua vida será uma pessoa voltada para os estudos e para as letras, terá cultura e conhecimento. Mas, se pegar o dinheiro poderá ser um bom comerciante de muitas posses, ou uma pessoa gastadeira, que irá esbanjar dinheiro. Muitos pomeranos acreditam nesse ritual e que a escolha da criança realmente marcará seu futuro, por outro lado, muitos pomeranos não acreditam que isso vai realmente indicar como a criança será no futuro, mas gostam de realizar o rito como uma tradição.

Lugares

Igreja luterana

Os templos das igrejas luteranas são lugares sagrados e de referência cultural para os pomeranos. Não há uma igreja mais importante que outra, elas são o local onde se realizam as celebrações e os cultos luteranos e, por isso, lugares sagrados. A fé é de extrema importância na vida dos pomeranos e as igrejas refletem toda esta relação com o sagrado. A religiosidade é o balizador das ações e do comportamento dos pomeranos. Isto está presente nas relações com a comunidade, o trabalho e a família. As igrejas da Confissão Luterana são edificadas levando em consideração a sua liturgia, proclamação,

sacrifício e a fé que é revelada no batismo. O altar está situado no centro da principal capela da Igreja e representa o sacrifício de Jesus Cristo para nos salvar dos nossos pecados. Do altar, o pastor proclama a doutrina da Igreja e comunica com seus seguidores levando a palavra de Deus. As comunidades pomeranas do Espírito Santo cresceram em volta da Igreja de Confissão Luterana. Além dos cultos rotineiros, os pomeranos se reúnem em festas comunitárias. Os grupos de danças, os grupos musicais e cursos estão sempre ligados a Igreja que é a grande incentivadora destas práticas culturais. A figura do pastor também exerce importante influência na formação religiosa e na formação para a vida, acolhe aqueles que necessitam de amparo e de conforto espiritual.

Cemitério

Não escolhemos um cemitério específico para ser inventariado porque cada um em cada localidade tem o mesmo sentido ou valor para os pomeranos, assim, estabelecemos o cemitério como um lugar de referência cultural pomerana. O cemitério para os pomeranos é um lugar sagrado onde estão enterrados seus familiares e antepassados e onde eles também serão enterrados no futuro. Segundo Mircea Eliade, há uma espacialização do sagrado que define os locais onde o sagrado se manifesta, ocorre ou está. O cemitério é um local sagrado da cultura pomerana, onde são realizados os vários ritos que envolvem a morte. A cultura pomerana bebeu nas diversas tradições pagãs europeias e com isso manifesta uma sacralização da natureza misturada às crenças cristãs. Diante disso, os pomeranos interpretam a morte e o enterro como um reflexo da frase bíblica “viemos do barro e ao barro retornaremos”. O barro / terra é o local onde os corpos são dispostos após a morte e sua sacralização indica a importância do cemitério para os pomeranos, local onde o homem volta ao barro. Assim, para representar a beleza e espantar os maus espíritos nesse local sagrado, o cemitério é regularmente visitado, limpo, cuidado e conservado. Os túmulos são enfeitados com flores que, antigamente, eram naturais e hoje são artificiais, dando ao local um aspecto de um jardim muito florido. O cemitério pomerano é sempre construído próximo à igreja da localidade e em uma pequena colina para que receba a incidência dos raios solares. Os túmulos são construídos de frente para o nascer do sol, para que cada

falecido fique de frente para o leste e possa “ver” o sol nascer todos os dias. Quando acontece o sepultamento de um suicida, sua sepultura era construída separado das demais e ao contrário, ou seja, com a frente para o norte ou sul e para que o falecido não possa assistir ao nascer do sol, baseado na idéia de que o suicida desprezou a vida bem precioso dado por Deus e por isso não deve ver o dia nascer, simbolizando que deve morrer para sempre. Os pastores luteranos empreenderam uma campanha para que os suicidas não fossem condenados dessa maneira e, atualmente, os cemitérios pomeranos não apresentam mais sepulturas transversais.

Ofícios pomeranos

Arroz doce

O arroz doce é uma das iguarias servidas nos casamentos pomeranos. Ele é preparado com arroz, leite e açúcar. Há duas formas de fazer. Em uma das receitas, o arroz é cozido em água e quando macio acrescenta-se o leite e depois o açúcar, na outra, o leite é colocado quando o arroz ainda não amoleceu. Os ingredientes são: uma xícara de arroz, um litro de leite, dois ramos de canela em pau, duas xícaras de açúcar, uma colher de chá de sal e água. O modo de fazer consiste em lavar o arroz, cozinhá-lo com água e depois de dez minutos acrescentar o leite e deixar ferver até que o arroz fique cozido, ou acrescentar o leite quando ele já estiver cozido. Se for preciso, pode acrescentar mais leite. Colocar o açúcar, o sal e a canela no arroz, deixando cozinhar mais um pouco até o arroz amaciar completamente e ficar bem cremoso. A sobremesa é servida nos casamentos e em dias de festa.

Batata ensopada

A cozinha pomerana é restrita aos familiares e a casa porque o interior da casa e o ato de cozinhar são íntimos e se referem à família nuclear e aos convidados em dia de festa. Os pratos preparados são, em geral, feitos com ingredientes acessíveis na zona rural e que são uma adaptação do alimento que era preparado na Europa. No

Brasil, os imigrantes precisaram modificar suas receitas para utilizar os ingredientes que eram disponíveis no novo país. Geralmente, eles trocavam a batata inglesa que era usada na Europa pela mandioca, alimento mais acessível no Espírito Santo. A sopa de batatas é uma dessas iguarias que é feita de diferentes maneiras e servida no cotidiano, mas é mais preparada em ocasiões especiais, como os casamentos. Ela é feita de batatas cozidas com frango ou carne de porco. Nos casamentos, é um dos alimentos servidos no primeiro dia para aqueles que auxiliaram nos trabalhos de preparo das iguarias para a festa. A chefe da cozinha no dia do casamento precisa conhecer todas as receitas e saber comprar as quantidades corretas de alimento em relação ao número de convidados. É ela quem prepara a sopa de batatas e define qual o tempero e as proporções.

Benzedeira

Um Benzedeiro é mais que um curandeiro, um mágico ou um xamã, ele faz parte de uma tradição de conhecimento que permeia toda a identidade pomerana e possui raízes nas culturas do centro-norte da Europa e sua relação com a natureza e a medicina tradicional. Um Benzedeiro é antes de tudo um responsável pela saúde da comunidade e figura última de apelo dos camponeses quando afligidos por alguma necessidade de saúde ou espiritual. O Benzedeiro antes de tudo é um servidor da comunidade e é a ela que seu trabalho é voltado. O Benzedeiro também é um protagonista do sincretismo entre a fé cristã e práticas pagãs que as mais diversas culturas trouxeram consigo mesmo aderindo à fé Cristã. O papel social de benzedeiro ou rezador está entre a identidade pomerana e a religiosidade luterana, entre a fé cristã e a magia como concepção do real e da própria identidade. Esta tradição é uma manutenção das tradições trazidas pelos primeiros levados de imigrantes pomeranos que chegaram ao país no terceiro quartel do século XIX. Neste plano, a magia se relaciona com a fé cristã de forma simbiótica, ocupando um espaço de transformação de aspectos culturais advindos do paganismo e associados à percepção cristã do mundo. A ação dos rezadores é uma forma alternativa de cristianismo, de caráter popular e aplicado a uma rede de comportamentos e símbolos ressignificados. Com o repúdio a qualquer vinculação com a definição de magia, esta adquirindo um aspecto diabólico do mundo, os rezadores mantêm parte da tradição pagã, em um ambiente

intrinsecamente cristão. O Benzedeiro entende então que o caráter mágico de sua atividade na verdade é um caráter sagrado e um dom recebido de Deus, um dom que Jesus Cristo lhe fornece para a prestação do serviço sagrado de cuidar da saúde da comunidade. Não é magia, é um resultado direto da fé em Deus.

Há dois aspectos do ato de benzer/rezar, dois modos de fazer, que são importantes destacar. Um deles é o ato presencial e outro o feito à distância. Ou seja, há formas de benzer/rezar na presença do benzedor/rezador e outro onde o benzedor/rezador efetua o ato da bênção à distância, focando no alvo a energia de sua fé. A fé, no caso, possui duas maneiras de realizar seus feitos, pela sobreposição das mãos ou objetos ritualísticos, como galhos de árvore, ramos de arbustos e outro através do envio dos fluidos à distância.

No benzer/rezar à distância é interessante notar a similaridade com o que Carlo Ginzburg descreveu em “Os Andarilhos do Bem” onde alguns Benandanti atuam como “lutadores” contra males criados por bruxos. Só que os benandanti não travavam seus combates presencialmente, atuavam através de uma espécie de “projeção astral” ou “viagem no mundo dos sonhos” em que travavam suas batalhas com os bruxos em campos de sorgo imaginados. Algumas descrições são similares à descrição efetuada pela Senhora Adélia quando cita seu avô ao dizer que “aquele tocado pelo bruxo pode morrer” e por seu Norberto que indica que há pela reza a proteção de pessoas sem a necessidade do toque. Outro aspecto de similaridade com os benandanti é a resistência contra o ato de benzer/rezar ser um ato de magia ou bruxaria nesse ambiente de fé cristã e cristianismo, fé que é fundamental na identidade e concepção pomerana e da realidade como um todo. Tanto no caso dos benandanti quanto no caso dos rezadores/benzedores pomeranos, entende-se que magia é diabólica e o que se faz rezando/benzendo é uma questão de fé cristã. Além disso, o aspecto da fé como parte de um processo cultural anterior à chegada do cristianismo na Europa é elemento em comum. O papel de função social mediada pela fé, uma obrigação que remete a um dom e obrigação divinas, uma tarefa atribuída aos benzedores pelo próprio Deus, por Jesus é um elemento de similaridade entre benandantis e benzedeiros. Neste ponto a transfiguração de uma atribuição pagã para a função exercida pela fé cristã, no caos luterana, adquire um caráter de fusão de ritos, com adequação das rezas e orações à fé cristã, porém no método direto, no uso ou não de ferramentas, do gestual, sendo um

resquício de tradições mais antigas que as trazidas pela fé cristã. Este elemento de sincretismo e de relação entre crenças antigas e o cristianismo inclusive funcionam como um reforço da presença dos benzedeiros como herdeiros de uma tradição europeia localizada no centro-norte do continente, principalmente. Outro aspecto importante de diferenciação é o uso de instrumentos para o ato de benzer, que diferem da tradição de origem ibérica, ou da colonização portuguesa e católica, da tradição pomerana e também da tradição de cristianismo popular presente nas igrejas católicas ortodoxas. Assim como na Igreja luterana imagens não são permitidas, não são vistas como possíveis no espaço sagrado, o benzedeiro pomerano não utiliza ferramentas, imagens, cruzes ou qualquer elemento que simbolize concretamente a presença da fé. A fé ali se manifesta no ato de rezar e de benzer na própria obra, carregando toda a discussão sobre a relação entre fé e obras que o Luteranismo e o protestantismo, trouxeram em crítica à fé católica em geral. Assim ao contrário dos benzedeiros tradicionais do catolicismo popular e do que é conhecido como tradição popular nas regiões de fé cristã ortodoxa, o uso de cruzes não é prática dos benzedeiros pomeranos e luteranos, tampouco imagens.

O ofício de benzedeiro/rezador tem similaridade com as rezadeiras do interior brasileiro. A diferença entre eles é que os rituais pomeranos não tem relação direta com rituais indígenas e afro-brasileiros. Entre os pomeranos encontramos associação ritualística com o paganismo europeu, que usa ervas como remédio e a oração tem papel fundamental, sem o uso de fumos e ervas como assessórios principais para a reza, embora isso aconteça em alguns casos.

O processo de escolha de quem recebe o dom segue, normalmente, a peculiaridade de sempre ser uma mulher quem recebe o dom. No caso do Senhor Norberto, ele recebeu o dom de uma mulher e deve passar a outra, mas a que ele passou, deve repassar a um homem. É importante ressaltar que não são raros os exemplos de homens atuando como rezador/benzedor. Segundo Senhora Adélia em Lagoa Preta há uma mulher que informa que seu avô exercia a função.

O rótulo de benzedor/rezador também não é exatamente bem-visto de forma universal. Enquanto o Senhor Norberto não aparenta se ver como imbuído de um dom pejorativo relacionado ao título de benzedor/rezador, a senhora Adélia já apresenta desconforto.

A tarefa do benzedor/rezador inclui desde solução de problemas físicos até problemas mágicos ou espirituais. Senhora Adélia diz que resolve desde dor nas costas até vômitos e diarreias, como também combate problemas relacionados à má sorte, e com oração se cura sapinho, dor de cabeça e problemas de parto. Já ajudou em partos, porém nunca fez um sozinha. O Senhor Norberto cita atuação para combater males deixados “por bruxos”. A maior dificuldade do benzedor é usar seus dons voltados para seus familiares e com quem tem relação próxima de afeto. Com estes algo atrapalha a concentração e a efetividade do ato de benzer, uma das possibilidades aventadas pelo senhor Norberto é o fato da preocupação atrapalhar.

Há uma crença onde não se pode deixar uma criança olhar-se no espelho até completar um ano que tem relação com a crença no Dibuk judaico, onde um espírito até certa idade pode tomar o corpo de uma criança tomando o lugar da alma que ali estava.

Apesar da relação entre o rezador e a fé cristã, muitos pastores luteranos condenam a prática como superstição e por isso muitas benzedadeiras/rezadoras escondem o exercício da função, principalmente, se possuem parentes com formação teológica. A condenação pelos pastores nem sempre é teológica, muitas vezes são condenações práticas relacionadas ao não uso da medicina moderna.

O benzedor, conforme o senhor Alberto Braun, ele mesmo um benzedor que reside em Córrego Simão. É uma função menos restrita às mulheres do que se imagina, ele mesmo é da terceira geração de homens benzedores na família e jamais entendeu como uma função restrita a mulheres, a maioria de quem ele entende como benzedor é homem. Com cinquenta e três anos e o senhor Alberto é benzedor há trinta anos, tratando de problemas de saúde e problemas pessoais. Ao contrário do senhor Norberto, entende que as cartas de proteção, do céu, etc são “coisa do demônio” e que não condizem a um benzedor sério. Trabalha todo dia, inclusive recebendo conselhos da filha e da mulher, dos amigos, para que descanse mais, pois divide o trabalho como agricultor com a tarefa de benzer. As orações que usa são sempre mencionando o nome de Jesus, a igreja jamais condenou o benzedor e só condena os que fazem o mal, ele jamais fez o mal, só o bem. Chega a ficar sem comer o dia inteiro atendendo aos necessitados. As pessoas atendidas podem ficar sentadas, em pé ou

deitadas e dependendo de cada caso a oração é diferente. Recebe as pessoas em casa, em um quarto separado.

Biscoito de maisena ou amido de milho

Os biscoitos de maisena são comumente preparados entre os pomeranos para suas festividades, como os festejos do casamento. Eles são servidos como petiscos para o café da manhã ou sobremesas para o almoço ou jantar. São preparados por meio da mistura de uma porção de farinha de trigo para quatro de maisena, uma de açúcar e duas de manteiga e coco ralado à gosto, mas pode também ser feito com um ovo e sem a farinha de trigo, o que era provavelmente mais usado antigamente, já que a farinha de trigo era difícil e cara de ser adquirida. O modo de fazer consiste em misturar todos os ingredientes, formar bolinhas e amassá-las com um garfo, ou fazer um anel para rechear com algum tipo de doce de fruta. Os biscoitos de maisena ou de amido de milho são tradicionais da culinária ocidental desde o final do século XIX e, provavelmente, a receita se espalhou entre os pomeranos pela facilidade de aquisição e preparo do amido de milho no Brasil. A receita é também difundida entre outros grupos e entre os brasileiros, mas não tem o mesmo significado e uso da receita que os pomeranos, já que a iguaria costuma ser servida nos lanches, mas não em ocasiões especiais.

Bolo ladrão

O bolo ladrão (SpitsbuubKuuchen) é um bolo produzido como uma espécie de massa de biscoito com recheio de goiabada posta em camadas. É feito com o uso de tiras de biscoito na superfície do bolo para evitar que o bolo “roube” a goiabada, conforme relatos das cozinheiras. Isso dá uma forma quadriculada para ele, por isso bolo ladrão. É um tipo de doce comum nas regiões de influência alemã e pomerana, porém sua origem é da Pomerânia e é uma tradição comum de ser encontrada nas festas de casamento pomerano e em algumas cidades para compra em estabelecimentos comerciais. O recheio de goiabada pode ter sido uma adaptação brasileira para um bolo europeu, já que o doce de goiaba é uma apropriação das técnicas portuguesas da

marmelada para a goiaba, fruta de origem americana. Não identificamos o bolo originário pomerano que levou à criação do bolo ladrão, porém a iguaria se difundiu entre os imigrantes pomeranos e alemães.

Bordado

O bordado pomerano era uma tradição entre as mulheres, era passado de mãe para filha antes da menina se casar. A mulher pomerana deveria saber bordar com capricho para bordar seus lençóis aventais e panos de prato. Ainda hoje há quem saiba fazer os bordados, mas a tradição está se perdendo e as prefeituras das cidades pomeranas iniciaram um processo de revitalização dessa arte. Em Santa Maria de Jetibá, encontramos algumas bordadeiras que fazem os bordados pomeranos, mas nem sempre eles seguem a mesma técnica de antigamente e utilizam o mesmo ponto. Em Laranja da Terra e Domingos Martins, encontramos mulheres pomeranas que ainda fazem os bordados, mas apenas em Laranja da Terra há um programa municipal de aprendizado desse ofício. As bordadeiras pomeranas fazem seus bordados em cores fortes como os tons de vermelho, azul escuro, verde escuro e rosa forte e usam a técnica do ponto cheio, cobrindo toda a extensão do desenho com as linhas escolhidas. Quanto mais preenchido e com aspecto de liso, mais bonito o bordado. Em geral, os motivos dos bordados são florais, com flores com grandes pétalas. Atualmente, as moças não fazem os bordados para se casarem, mas algumas ainda fazem para vender nas lojas de souvenirs.

Brote

O Brote (brout, broud) é um pão de origem alemã e pomerana e que é produzido na Pomerânia com trigo. Quando os imigrantes chegaram ao Espírito Santo, tiveram que fazer adaptações para continuar a produzir o pão e substituíram o trigo pelo milho, mais tarde, adaptaram-no para o uso da banana e do inhame. No preparo do brote, há um ritual que deve ser seguido. O fubá deve ser moído em moinho tocado à

água e o fermento a ser utilizado deve ser preparado um dia antes. No dia do preparo, são ralados e descascados os demais ingredientes. Fazem parte do Brote além do fubá, a batata doce, o cara, e a mandioca. O pão é assado no forno de barro à lenha, com uma camada de barro branco que lhe dá uma cor branca. Para assar, o brote é levado ao forno enrolado em uma folha de bananeira. Tradicionalmente, eles comiam, no café da manhã, o brote com banha de porco coberta com açúcar ou geleia de fruta feita em casa e, no jantar, ele era consumido com toucinho ou carne. O brote é hoje um símbolo da culinária pomerana. Antigamente, os pomeranos tinham vergonha de comer o pão, mas hoje isso se modificou. Hoje, é uma iguaria muito apreciada e comercializada em toda a área de influência dos pomeranos no Espírito Santo. Em quase todas as cidades da área de influência pomerana tem cozinheiras que se dedicam a produção do brote como atividade econômica.

O brote é um pão cuja receita mistura técnicas de panificação europeias/pomeranas e brasileiras. A receita é composta por fubá, farinha de trigo, óleo, margarina, sal, açúcar, fermento biológico seco ou fresco. Muitas vezes quando não há a farinha de trigo, se adiciona à massa batata doce e inhame ralados para “dar liga” ou banana para dar mais sabor e isso deixa o brote mais consistente e úmido.

Receita:

Ingredientes:

2 litros de fubá.

4 quilos de farinha de trigo.

1 concha de óleo.

3 colheres de margarina.

2 colheres de sal.

1 copo de açúcar

3 colheres de fermento biológico seco.

Modo de fazer:

Amolecer o fermento em água morna e acrescentá-lo no meio da farinha de trigo e ir colocando água até dar o ponto (aproximadamente ½ litro de água). E aos poucos ir acrescentando os demais ingredientes.

O brote possui variações, entre elas o brote de banana, batata doce, inhame, cará e o de milho.

Para o brote de milho, escaldar o fubá com a gordura, acrescentar sal e açúcar, até adquirir a consistência de polenta. Deixe esfriar e vá colocando o trigo aos poucos até criar uma consistência mais firme. Se quiser, acrescente banana, no meio da massa e ao gosto, coloque uma quantidade que achar necessário de açúcar.

No brote de inhame, cará e batata doce, é só substituir o trigo pelo inhame, cará, batata doce ralados no ralo grosso até dar liga.

A receita original do pão brote foi adapta pelos colonos que aqui chegaram, por falta do ingrediente principal, que é a farinha de trigo, **esta foi substituída por outros, como o inhame, o cará e a batata doce.**

Caixa de cobras

A caixa de cobras era uma caixa de dinheiro que os pomeranos faziam para economizar e adquirir soro antiofídico na cidade com o intuito de aplicar naqueles que foram picados por cobras. O representante da caixa de cobras aprendia a dar a injeção com o soro para curar os atacados pelas serpentes peçonhentas. Eram muito comuns as cobras na região serrana capixaba e muitas deles eram venenosas, sendo esse mais um dos problemas enfrentados pelos imigrantes pomeranos. Na tentativa de solucionar o problema, eles organizaram a caixa de cobras que era, inicialmente, para pagar a viagem rápida do paciente para a cidade mais próxima, mais tarde, com os soros antiofídicos, eles passaram a usar a caixa para comprar os soros e aplicar. Atualmente, isso não existe mais e as caixas de cobras perderam o sentido porque os soros são fornecidos nos postos de saúde. A caixa de cobras é uma referência cultural pomerana e em todas a área de influência pomerana elas foram mencionadas.

Concertinista – Ofício

O tocador concertina tem um papel muito importante no contexto cultural das comunidades pomeranas. Toda festividade pomerana conta com a presença indispensável de um tocador de concertina e/ou tocador de acordeom. Além dos

encontros de concertinistas propriamente ditos, que ocorrem constantemente em várias localidades do Espírito Santo, principalmente localidades ou cidades de expressiva população pomerana, o concertinista é também indispensável em outros eventos como: dias comemorativos, eventos de danças típicas e, em especial, no casamento pomerano. No casamento pomerano, os concertinistas, em geral, se posicionam próximo a estrada do local da festa, contribuindo de certo modo para recepcionar os convidados. Ao lado dos músicos é colocado um recipiente, geralmente enfeitado, para colher contribuições em dinheiro para os músicos. Outros participantes costumam se juntar ao concertinista e pode ser que cantem versos ou contribuam de outra maneira para a fluidez musical daquele momento festivo. No entanto, nessas circunstâncias, o concertinista ocupa um papel central, ele é o músico principal e quem determina o que vai ser tocado.

O estilo melódico e rítmico das músicas tradicionais populares europeias se fundiu de maneira bem articulada com os ritmos e melodias brasileiras. Isso fica claro quando nos aproximamos das comunidades pomeranas cujo estilo musical atualmente preponderante entre os tocadores é o forró. No entanto, o que foi possível observar é que o aspecto percussivo dessa musicalidade é negligenciado pelos pomeranos. É comum nas apresentações de concertinistas haver o acompanhamento de um pandeiro ou triângulo, no entanto, a zabumba, instrumento de percussão mais grave usado no forró, dificilmente aparece nos grupos musicais pomeranos. Quando as apresentações musicais ocorrem com amplificação elétrica, em geral, o papel da batida rítmica grave é executada por um teclado com bateria eletrônica.

O tocador de concertina em geral também sabe tocar acordeom. A concertina é um instrumento semelhante em muitos aspectos ao acordeom, mas também possui diferenças marcantes em relação a esse instrumento. Ambos utilizam como princípios sonoros paletas metálicas que vibram a partir da passagem de ar. A concertina e o acordeom possuem um fole que ao inflar e desinflar faz o ar passar vibrando as paletas correspondentes às teclas abertas. Mas a concertina possui um fole maior que o acordeom e geralmente dividida em três partes. A concertina também se diferencia do acordeom por ser um instrumento diatônico e por não haver em nenhum caso uma nota única, toda tecla da concertina corresponde algum acorde, geralmente uma soma de no mínimo três notas. Além disso, enquanto uma tecla do acordeom faz o

mesmo som quando o tocador abre e fecha o fole, na concertina o som de fechar é diferente do som de abrir ao pressionar uma mesma tecla.

Na cultura pomerana, em detrimento de outros instrumentos musicais, a concertina recebe destaque. Apesar de estar presente na tradição musical de outros grupos culturais tradicionais: italianos, alemães, portugueses, etc... A concertina no contexto do Espírito Santo se consagrou como instrumento típico pomerano e o tocador de concertina tem seu lugar nesse universo de comunidades tradicionais pomeranas. A dificuldade no acesso ao instrumento concertina é um limitador da expansão de seus utilizadores, de novos concertinistas. O alto valor se dá pela quase exclusividade de fabricação de instrumento a nível nacional ocorrer na região de Domingos Martins, especificamente no que tange ao artesão e concertinista Angelim Zaager. O senhor Angelim Zaager atua construindo todas as etapas da fabricação da concertina. É ele quem faz as caixas de madeira da lateral, o fole de papelão especial, os botões de madeira, as sapatilhas de madeira revestida de couro, as chapas de alumínio e as paletas de aço. O Senhor Angelim trabalha na fabricação a partir de encomendas, e atua no ramo desde 2006, quando começou a fazer artesanato, tocando, no entanto, desde 1960. Além de fabricar e tocar concertinas dá aulas de concertina e possui hoje sessenta alunos, recebendo ainda solicitações para abrir novas turmas. A busca pelo aprendizado na fabricação do instrumento, no entanto, é baixa e ele se preocupa com a perda do conhecimento.

A fabricação da concertina pelo Senhor Angelim se iniciou quando percebeu que as novas concertinas, feitas após a segunda guerra, não tinham a sonoridade das primeiras e ele descobriu que isso ocorreu pela destruição da fábrica que fazia as antigas por bombardeios na segunda guerra mundial. Com isso ele se pôs a atuar fabricando os instrumentos a partir de modelos de concertinas feitas anteriormente e segue fabricando e adaptando instrumentos aos moldes das concertinas pomeranas, no entanto diz que apenas o acordeom italiano tem como ser adaptado. O Senhor Adenivaldo José dos Santos, o Zé do Fole, confirmou que o senhor angelim é o único fabricante de concertina da região e talvez do Brasil, informou que há quem conserte e adapte concertinas para serem amplificadas eletricamente especialmente em Laranja da Terra, Santa Maria de Jetibá e Colatina, mas só quem fabrica é o Senhor Angelim. Para ele A concertina é um instrumento similar ao bandoneon, ao acordeon e à sanfona.

Tocar concertina é na verdade um ato de misturar o movimento do fole em sincronia com o aperto dos botões que acionam as paletas metálicas, estas vibram a partir da passagem de ar que é produzido com o abrir e fechar do fole. O fole infla e desinfla, com isso faz o ar passar vibrando as paletas correspondentes às teclas abertas. Isso ocorre no acordeom, no bandoneon, a diferença é o tamanho do fole e suas divisões, o fole da concertina é dividido em três partes. A concertina não possui em nenhum caso uma nota única, cada tecla da concertina corresponde a um acorde, a uma soma de no mínimo três notas.

Gengibirra, Gengibeer, gengibijr ou (bebida de gengibre)

A bebida alcoólica na cultura pomerana é normalmente servida para homens com exceção da bebida de gengibre ou gengibijr. As bebidas alcoólicas têm um significado especial para os pomeranos que a associam à masculinidade e à diversão. Elas estão inseridas em todos os ritos de passagem, festejos e finais de semana dos grupos pomeranos, chegando, muitas vezes, a causar problemas nas comunidades por causa do alcoolismo. A bebida de gengibre ou gengibijr é feita de uma mistura de cachaça com gengibre, um pouco de açúcar ou mel, fermento biológico, água e claras em neve. Nem todas as receitas levam claras em neve, mas em geral, elas têm o fermento ou um pouco de fubá que dá o mesmo efeito final do fermento. Nem todas levam cachaça, mas a maioria delas contem o ingrediente alcoólico. O gengibre é cozido em água e açúcar e deixado em descanso por várias horas, às vezes alguns dias, e depois misturado à cachaça, quando ela faz parte da receita, e a mistura é deixada para fermentar por mais um tempo. Depois tudo é coado e fica mais um tempo descansando e, em seguida, já pode ser servido. A gengibijr é servida nos casamentos e é considerada uma bebida para mulheres por ser doce e, às vezes, não alcoólica.

Linguiça

As linguiças e os embutidos são modos de fazer que foram desenvolvidos para se preservar e conservar as carnes. A linguiça pomerana, também conhecida como würost, é feita preenchendo uma tripa de porco limpa com carne, a diferença é que o preenchimento é feito parte com carne de porco e parte com carne de boi. Depois de preenchida e amarrada, ela é colocada sob a fumaça do fogão à lenha ou em um cômodo fechado com bastante fumaça por cerca de quinze dias para que fique pré-cozida e defumada. Ela é servida com brote no café da manhã, almoço e jantar. Pode ser comida pura e é muito apreciada pelos pomeranos. A linguiça foi o complemento alimentar dos pomeranos durante seu trabalho na roça. Recentemente, esse modo de fazer vem sendo proibido pela vigilância sanitária porque há restrições para o uso de carne bovina. Segundo a vigilância sanitária, só se pode usar carne bovina comprada em açougue e os pomeranos tem o costume de utilizar o gado de suas próprias fazendas. Assim, a linguiça não está sendo mais vendida, com exceção de alguns lugares que ainda vendem às escondidas e corre risco de ser extinta como referência cultural pomerana, necessitando, urgentemente, de uma salvaguarda.

Ofício da fabricação de forno de barro

A fabricação de fornos é realizada de forma praticamente doméstica. Os fornos são feitos de tijolo de barro e alvenaria e são construídos para permitirem que vários tipos de alimento sejam feitos em seu interior. Havia também fornos de barro, como os antigos fornos típicos do Brasil colonial e imperial, mas não sabemos se eles eram feitos com barro de cupinzeiro como são as técnicas brasileiras. Os fornos de alvenaria de barro são muito utilizados especialmente nas festas de casamento pomerano, quando neles se assam grandes quantidades de bolos e pães. Há relatos de, em alguns casos, serem utilizados para preparo de outros tipos de alimento, como carnes, porém a maior parte de seu uso é para a produção de quitandas. Os fornos têm cerca de um metro de altura e cerca de um metro a um metro e meio de largura. A parte interna dos fornos costuma ser menores e a abertura é suficiente para serem colocados grandes tabuleiros. Apesar de ser um ofício que é produzido pela própria família, mais especificamente os homens da família, a fabricação de fornos também é feita por especialistas na comunidade.

Ofício de fabricação de placas tumulares

A Arte Pomerana é uma arte que permeia toda a vida dos pomeranos, presente em bordados, tapeçarias, casca de ovos, baús, bandeiras, placas tumulares, casas, cestarias, etc.. A arte tumular é uma fonte riquíssima de análise da iconografia, da concepção visual, da perspectiva artística pomerana, assim como do estudo de sua religiosidade. As lápides presentes nos cemitérios são um tipo de expressão que faz dos túmulos um acervo rico. Lápides de cemitérios de imigrantes pomeranos, em geral, contêm textos em alemão e são meios de verificar a fé da família do falecido. As lápides contêm textos em caligrafia similar ao gótico e refletem desejos de que o morto esteja com Deus por meio de pequenas orações. Elas contêm dados do falecimento do ente querido, como datas e meios de identificação da relação entre a sociedade e o falecido. As lápides são feitas de pedra ou madeira e seu ofício precisa ser preservado, dado que cada vez mais existem menos artesãos capazes de executá-lo. Durante a segunda-guerra mundial, a arte sofreu um duro ataque porque foi proibido que cemitérios possuíssem lápides com inscrições em outra língua. Porém, ainda perante essas perseguições, a arte tumular pomerana persistiu e ainda hoje é possível perceber nos cemitérios essas placas com as orações e indicações da origem do falecido.

Ovo de páscoa

O ovo de páscoa é feito durante a páscoa e simboliza a renovação do renascimento de Jesus Cristo. Os pomeranos usam as cascas dos ovos de galinha para pintar, preencher com amendoim e esconder para as crianças poderem encontrar. Eles eram colocados nos ninhos na noite de sábado para domingo para que as crianças os encontrassem. A tradição de pintar os ovos estava esquecida entre os pomeranos, mas recentemente o município de Santa Maria de Jetibá desenvolveu cursos de reaprendizagem do costume. Algumas pessoas de outras cidades pomeranas participaram e levaram o costume para suas cidades, em busca de retomar a tradição. Não sabemos se a tradição de pintar os ovos e preenchê-los com amendoim era realmente praticada entre os pomeranos antes desse curso, mas como essa prática

cultural foi escolhida pelos pomeranos para ser retomada, ela se tornou uma referência cultural pomerana passível de inventário.

Pão de chocolate

O pão de chocolate é preparado para ser servido nos casamentos pomeranos. Ele é feito de trigo e é um pão comum doce com uma massa de pão com chocolate em pó que toma uma cor marrom de chocolate e é misturado à massa sem sabor. A mistura é feita em forma de trança e garante um contraste de cores depois de assado. O pão é assado em forno de barro enrolado em folhas de bananeira para garantir o sabor e a textura. Essa receita está incorporada ao cotidiano pomerano e é, provavelmente, uma adaptação das receitas de pães tradicionais da cozinha pomerana com achocolatado ou chocolate em pó, uma inovação mais recente que deve ter atingido os pomeranos capixabas a partir dos anos de 1950. Acreditamos que o costume foi incorporado às tradições pomeranas e já faz parte das iguarias servidas nos festejos pomeranos.

Puxar

O ato de puxar é muito semelhante ao de benzer, mas é uma prática diferente. O puxador ou a puxadora é responsável pela cura de algumas doenças como espinhela caída, a pessoa que está quebrada, dor de cabeça, enxaqueca, etc. O puxador ou puxadora levanta os membros superiores com o intuito de verificar se eles se encontram na mesma linha e identificado o “quebrado”, elimina-o puxando os membros inferiores e superiores para reencaixar a coluna. Ele ou ela reza durante o ato de puxar para curar o “quebrado” e as doenças advindas dele. Enquanto estivemos na casa de uma puxadora em Laranja da Terra, inúmeras pessoas chegaram pra que exercesse seu ofício e curasse os aflitos. Da mesma maneira que um benzedor, o puxador ou puxadora faz uma oração no momento do ato de puxar e é a fé na divindade que faz com que seu ato proporcione cura. Tanto o puxador ou puxadora como aquele que está sendo puxado

precisam acreditar na cura. Os puxadores não realizam suas orações para aqueles que estão distantes.

Sopa de macarrão

A sopa de macarrão é uma sopa comum feita de macarrão e pedaços de carne de frango e legumes. Ela é preparada com macarrão cozido em água refogada com temperos, frango e legumes. O que a torna uma referência cultural pomerana é sua relação com o casamento. No dia anterior ao casamento propriamente dito, é feita uma sopa de macarrão para servir a todos que estão ajudando na organização e preparação dos alimentos das festividades. Ela é feita na água do frango que está sendo cozido para os preparativos da festa do dia seguinte. Às vezes, é servida junto com uma canjiquinha cozida na água onde se cozinha as carnes para as festividades do dia seguinte.

Sopa de pêssego

A sopa de pêssego é uma sobremesa preparada pelos pomeranos em dias de festa. Ela é feita com pêssegos secos, em calda ou crus que devem ser cozido. Para dar a cor de caramelo, utiliza-se um pouco do açúcar para derreter e caramelizar. Os pêssegos são colocados em uma calda de açúcar, canela, uma pitada de sal e deixe ferver. À parte, prepara-se uma massa de ovo, água e trigo e coloca sobre a calda e deixar ferver. Depois de fervida, a sopa de pêssego está pronta. A sopa de pêssegos é servida em casamentos e festividades. É considerada uma iguaria e é muito apreciada pelos pomeranos. Não sabemos se a tradição da sopa de pêssegos remete à cultura pomerana na Europa, mas a receita é muito difundida no Espírito Santo em os pomeranos.

Torresmo ou toucinho

O toucinho ou torresmo é um alimento muito apreciado pela cultura pomerana. Ele é preparado nas cozinhas pomeranas sob o fogão à lenha. As partes de pele com gordura e carne do porco são cortadas e colocadas sob a fumaça do fogo do

fogão à lenha para defumarem. Esse processo dura algumas semanas até que o toucinho esteja defumado e semicozido. O toucinho é servido no café da manhã com o broto de inhame. Faz parte da alimentação cotidiana dos pomeranos e é consumido no jantar junto com o broto. A partir das pesquisas relativas às doenças do coração, os pomeranos começaram a se preocupar com a saúde alimentar e diminuíram o consumo do toucinho. Atualmente, eles comentam que a iguaria é deliciosa, mas “dizem por aí que não pode comer, não é?” e observam que antigamente todo mundo comia esse tipo de comida e não passava mal, viviam muito mais. Diante disso, percebemos que há uma resistência em deixar de comer dessas iguarias e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de um novo comportamento alimentar perante as novas informações.

4.1.2. Bens identificados

Batismo

O batismo é um ritual realizado pela igreja luterana para o acolhimento da criança perante a divindade. É o primeiro rito de passagem do pomerano. Há dois tipos de batismo: o que remete ao episódio bíblico dos batismos ministrados por João Batista nas águas do rio Jordão e que tem um sentido de arrependimento e o batismo de Jesus cujo agente é Deus e o Espírito Santo, com o sentido de acolhimento do filho amado. A igreja luterana explica, assim, o batismo das crianças, que estão sendo acolhidas por Deus e pela comunidade.

O rito do batismo é celebrado pelo pastor em um culto regular na igreja luterana, normalmente, aos domingos. É comum ter mais de um batizado em um mesmo culto. A criança a ser batizada deve ter entre um e dois meses, mas há também os batismos de adulto que já tem o sentido do arrependimento. Há casos de batismo de crianças mais novas. Isso acontece quando os pais receiam o falecimento do filho recém-nascido e solicitam ao pastor a celebração do batismo para que a criança não fique desprotegida e seja acolhida no reino dos céus. Segundo Joana Bahia, o culto do batismo indica a união da comunidade.

O culto do batismo é um grande encontro, pois reúne pessoas de outras regiões e comunidades religiosas. Diante das grandes distâncias

e das poucas oportunidades de transporte naquelas regiões, o culto expressa a coesão social. (BAHIA, 2010)

No meio do culto de domingo, o pastor chama os pais, carregando a criança, os padrinhos e a família para o altar. Ele faz uma explanação cujo teor é variável e derrama a água que fica em uma bacia no altar sobre a cabeça da criança por três vezes. Quando é um batismo de urgência e a saúde do recém nascido é muito frágil, o pastor passa um algodão embebido em água três vezes na cabeça do bebê. Após o batismo, o pastor entrega uma vela e uma certidão para os pais e dá continuidade ao culto.

As famílias preparam um almoço em suas casas para receberem os parentes que vão celebrar o batismo da criança. Em geral, uma senhora é a cozinheira contratada que fica na casa para preparar a comida. São feitos arroz, feijão, carne ou frango fritos para o almoço e para o café da tarde são servidos brote, lingüiça, café, bolo, etc. Os padrinhos da criança entregam a ela, para serem guardados pelos pais, o cartão de padrinho que tem os dizeres com os votos dos padrinhos para o afilhado e, dentro do envelope, são colocados grãos de feijão ou milho para representar a prosperidade desejada para a criança, algumas moedas ou notas são colocadas com o intuito de atrair riquezas para o afilhado e, para as meninas, é comum colocar agulha e linha para que ela fosse uma boa costureira. Antigamente, esses cartões ficavam em pequenas caixas de papelão grosso com aproximadamente 10 x 5 x 1 cm onde era possível colocar o cartão e os objetos simbólicos. Os cartões eram grafados em alemão e adquiridos do exterior ou vinham de São Leopoldo/RS. Atualmente, os cartões são colocados em envelopes e os objetos dispostos dentro do mesmo invólucro.

O batismo é um ritual da igreja luterana, mas os cartões de padrinho e sua simbologia são características da cultura pomerana. Os pastores da igreja luterana combateram essas práticas por acreditarem que elas eram supersticiosas e tinham um caráter mágico, mas elas se perpetuaram associadas ao batismo e o costume de entregar os cartões de padrinho com os objetos simbólicos era feito escondido dos pastores.

Benzedeira

Uma benzedeira é mais que um curandeiro ou um xamã, ela faz parte de uma tradição de conhecimento que permeia toda a identidade pomerana. Possui raízes nas culturas do centro-norte da Europa e tem relação com a natureza e a medicina tradicional. Uma benzedeira é, antes de tudo, responsável pela saúde da comunidade e representa o agente que atende aos apelos dos camponeses quando afligidos por alguma necessidade espiritual ou física. A benzedeira é uma servidora e é para a comunidade que seu ofício é voltado, ela não recebe pelos seus serviços, apenas oferece-os à comunidade. A benzedeira também é a protagonista do sincretismo entre a fé cristã e as práticas pagãs que foram apropriadas das diversas culturas tribais europeias pelo cristianismo e mantidas entre os camponeses. Para os pomeranos capixabas, o papel social de benzedeira ou rezador se encontra entre a identidade pomerana e a religiosidade luterana, entre a fé cristã e a magia. O termo magia na antropologia se aplica a uma concepção da realidade e da própria identidade do indivíduo que executa o ritual mágico e aquele que recebe a magia. Para Levi Strauss, “a eficácia da magia implica na crença da magia” (LÉVI-STRAUSS, 1975). Nesse sentido, aqueles que recebem as orações das benzedeadas acreditam que elas têm o poder mágico de curá-los de doenças e maus olhares. Isso é característica daqueles que aceitam uma explicação do mundo a partir do sobrenatural. É importante ressaltar que entre os pomeranos a palavra magia não é aceita para representar o processo mágico da cura pelo ato de benzer, mesmo sendo o termo técnico para explicar o inexplicável ato da cura pelo benzer. O ofício das benzedeadas é, então, uma manutenção das tradições trazidas pelas primeiras levas de imigrantes pomeranos que chegaram ao país no terceiro quartel do século XIX e que antes do cristianismo eram conhecidas como magia. Neste plano, a magia se relaciona com a fé cristã de forma simbiótica, ocupando um espaço de transformação de aspectos culturais advindos do paganismo e associados à percepção cristã do mundo. No Espírito Santo, a ação dos rezadores pomeranos é uma forma alternativa de cristianismo, de caráter popular e aplicado a uma rede de comportamentos e símbolos ressignificados que readaptam práticas mágicas antigas a dogmas cristãos. O benzedor faz uma oração com palavras secretas e sussurradas que são passadas de mestre para discípulo. Segundo Sr. Norberto Holz, sua tia, Albertina Holz, o ensinou e ela aprendeu com o pai dela, Sr. Henrique Holz. Para ele, o aprendizado deve ser sempre passado de um mestre para outro, mas fazendo um revezamento de gênero, de

uma mulher para um homem e deste para outra mulher mais nova. Para Ismael Tressmann, isso não se aplica porque apenas há benzedadeiras, com raros casos do ofício exercido por homens, mas não foi o que foi encontrado em campo. Vários relatos mencionaram benzedores masculinos. D. Adélia Erdman comentou de um benzedor que era avô de uma conhecida sua, ele morava em Lagoa Preta e sabia rezar, seu nome era Louis Berger. Citou também que seu avô tinha poderes, ele “acabava com leite da vaca” ou “parava o sangue” das pessoas. “O avô era bom para rezar” e, segundo ela se lembra, ele sarou um menino que estava doente certa vez. A mãe dela não concordava com os poderes do avô e afirmava que ele “mexia com o demônio”. Com o repúdio a qualquer vinculação com a definição de magia que adquiriu um aspecto diabólico, os pomeranos mantêm parte da tradição pagã em um ambiente intrinsecamente cristão. Nesse sentido, a benzedeira pomerana entende, então, que a magia de sua atividade na verdade tem um caráter sagrado, é um dom recebido de Deus, um dom que Jesus Cristo lhe fornece para a prestação do serviço sagrado de cuidar da saúde da comunidade. Não é compreendido como magia, mas como um resultado direto da fé em Deus.

Há dois aspectos do ato de benzer/rezar, dois modos de fazer, que são importantes destacar. Um deles é o ato presencial e outro o feito à distância. Ou seja, há formas de benzer/rezar na presença do benzedor/rezador e outro onde o benzedor/rezador efetua o ato da benção à distância, focando no alvo a energia de sua fé. A fé, no caso, possui duas maneiras de realizar seus feitos, pela sobreposição das mãos ou objetos ritualísticos, como galhos de árvore, ramos de arbustos e outro através do envio dos fluidos à distância.

No benzer/rezar à distância é interessante notar a similaridade com o que Carlo Ginzburg descreveu em “Os Andarilhos do Bem” onde alguns *benandanti* atuam como “lutadores” contra males criados por bruxos (GINZBURG, 1988). Só que os *benandanti* não travavam seus combates presencialmente, atuavam por meio de uma espécie de “projeção astral” ou “viagem no mundo dos sonhos” em que travavam suas batalhas com os bruxos em campos de sorgo imaginados. Algumas descrições são similares à descrição efetuada pela senhora Adélia quando cita seu avô ao dizer que “aquele tocado pelo bruxo pode morrer” e pelo senhor Norberto que indica que há pela reza a proteção de pessoas sem a necessidade do toque. Outro aspecto de similaridade com os *benandanti* é a resistência contra o ato de benzer/rezar ser um ato de magia ou

bruxaria nesse ambiente de fé cristã e cristianismo, fé que é fundamental para a identidade pomerana. Tanto no caso dos *benandanti* quanto no caso dos rezadores/benzedores pomeranos, entende-se que a magia é diabólica e o que se faz rezando ou benzendo é uma questão de fé cristã. Além disso, a fé é parte de um processo cultural anterior à chegada do cristianismo na Europa e é um elemento comum em ambos os conjuntos míticos. O papel de função social mediada pela fé, uma obrigação que remete a um dom e obrigação divinas, uma tarefa atribuída aos benzedores pelo próprio Deus, por Jesus, é um elemento de similaridade entre os benandantis e as benzedoras. Neste ponto, a transfiguração de uma atribuição pagã para a função exercida pela fé cristã luterana entre os pomeranos capixabas adquire um caráter de fusão de ritos, com adequação das rezas e orações antigas à fé cristã, porém com a diferença no método, no uso ou não de ferramentas, no gestual dos ritos. Eles são um resquício de tradições mais antigas que as trazidas pela fé cristã. Este elemento de sincretismo e de relação entre crenças antigas e o cristianismo funcionam como um reforço da presença das benzedoras como herdeiras de uma tradição europeia localizada, especialmente, no centro-norte do continente.

Outro aspecto importante é o uso de instrumentos para o ato de benzer. Isso difere a tradição pomerana e o cristianismo popular presente nas igrejas católicas ortodoxas da tradição de origem ibérica, da colonização portuguesa e da Igreja Católica Apostólica Romana. Assim, como na Igreja luterana imagens não são utilizadas e não pertencem ao espaço sagrado, a benzedora pomerana não utiliza ferramentas, imagens, cruzes ou qualquer elemento que simbolize concretamente a presença da fé. A fé ali se manifesta no ato de rezar e de benzer, na própria obra, no ato de curar, exemplificando a discussão sobre a relação entre fé e obras que o Luteranismo e o protestantismo trouxeram em crítica à fé católica em geral. Assim, ao contrário dos benzedores tradicionais do catolicismo popular e do que é conhecido como tradição popular nas regiões de fé cristã ortodoxa, o uso de cruzes não é prática das benzedoras pomeranas e luteranos, tampouco imagens. Nesse sentido, acreditamos que o ofício de benzedora/rezadora tem certa similaridade com as rezadeiras do interior brasileiro, mas a diferença entre eles está nos rituais pomeranos que não tem relação direta com ritos indígenas e afro-brasileiros. Entre os pomeranos encontramos associação ritualística com o paganismo europeu, que usa ervas como remédio e a oração tem papel

fundamental, sem o uso de fumos e ervas como assessórios principais para a reza, embora isso aconteça em alguns casos, como é o caso de alguns relatos do uso de um galho retirado dos ramos de pentecostes, das coroas de pentecostes ou de advento.

O ofício de benzedora/rezador também não é exatamente bem visto por todas as pessoas das comunidades. Enquanto alguns se veem como imbuídos de um dom relacionado ao título de benzedora/rezador, outros já apresentam certo desconforto perante o ofício. Segundo o pastor Geraldo Graf, “a igreja tentou combater esses fetiches.” Ele mencionava os símbolos colocados junto aos cartões de padrinho, mas a frase também se aplica ao ofício de benzedeira. A igreja luterana, de um modo geral, tentou proibir qualquer vínculo de seus fiéis com os antigos ritos pagãos, a bruxaria ou magia, e o ofício de benzedeira/rezador se aproximava dessas tradições, sendo compreendido muitas vezes como relacionado ao mal. Por isso, em alguns casos, as benzedoiras são referidas e mencionadas com certo cuidado. Nesse sentido, apesar da forte relação entre o rezador e a fé cristã, muitos pastores luteranos condenam a prática como superstição e por isso muitas benzedoiras/rezadoras escondem o exercício da função, principalmente, se possuem parentes com formação teológica. O que os pastores comentam é que a condenação exercida por eles nem sempre é teológica, muitas vezes são condenações de práticas relacionadas ao não uso da medicina moderna.

O ofício da benzedeira/rezador inclui desde a solução de problemas físicos até problemas espirituais. A senhora Adélia diz que resolve desde dor nas costas até vômitos e diarreias, como também combate problemas relacionados à má sorte. Com oração, ela cura sapinho, dor de cabeça e problemas de parto. Já ajudou em partos, porém nunca fez um parto sozinha. O senhor Norberto citou a atuação de benzer e rezar para combater males deixados “por bruxos”. Porém, segundo ele, a maior dificuldade da benzedeira/rezador é usar seus dons voltados para seus familiares e com quem tem relação próxima de afeto. Com estes, algo interfere na concentração e na eficácia do ato de benzer. Uma das possibilidades aventadas pelo senhor Norberto para essa interferência é o fato da preocupação atrapalhar a concentração da benzedeira/rezador.

Brote

O brote é um pão cuja receita mistura técnicas de panificação europeias/pomeranas e brasileiras. A receita é composta por fubá, farinha de trigo, óleo, margarina, sal, açúcar, fermento biológico seco ou fresco. Muitas vezes quando não há a farinha de trigo, se adiciona à massa batata doce e inhame ralados para “dar liga” ou banana para dar mais sabor e isso deixa o brote mais consistente e úmido. Quando feito com trigo apenas, assemelha-se ao pão comum e fica mais fofo e com o miolo mais leve. Sua receita é composta de ingredientes de três categorias: farinhas, gorduras, água, tempero e fermento.

Receita:

Ingredientes:

2 litros de fubá.

4 quilos de farinha de trigo.

1 concha de óleo.

3 colheres de margarina.

2 colheres de sal.

1 copo de açúcar

3 colheres de fermento biológico seco.

Modo de fazer:

Amolecer o fermento em água morna e acrescentá-lo no meio da farinha de trigo e ir colocando água até dar o ponto (aproximadamente ½ litro de água). E aos poucos ir acrescentando os demais ingredientes.

O brote possui variações, entre elas, os brotes de banana, batata doce, inhame, cará e milho. Para o brote de milho, esquentar o fubá com a gordura, acrescentar sal e açúcar, até adquirir a consistência de polenta. Deixe esfriar e vá colocando o trigo aos poucos até criar uma consistência mais firme. Se quiser, acrescente banana, no meio da massa e ao gosto, coloque uma quantidade que achar necessário de açúcar. No brote de inhame, cará e batata doce, é só substituir o trigo pelo inhame, cará, batata doce ralados no ralo grosso até dar liga.

A receita original do pão brote foi adaptada pelos colonos que aqui chegaram, por falta do ingrediente principal, que é a farinha de trigo, esta foi substituída por outros, como o inhame, o cará e a batata doce. As variações do brote recebem os

seguintes nomes em pomerano: brote de batata doce (Bataadabroud), brote de banana (Bananabroud), brote de milho (Mijabroud), brote de inhame (Ipabroud).

Depois de preparada a massa, ela é colocada em folhas de bananeira para crescer e, em seguida, assada em um forno de barro. Os fornos de barro são feitos de tijolos e cobertos de barro ou cimento. Em algumas culturas, essa cobertura é feita com barro de cupinzeiro, mas não encontramos vestígios dessa prática entre os pomeranos.

Casamento pomerano

O casamento pomerano é fato social total da cultura pomerana trazido pelos imigrantes. É um meio de manutenção cultural e um eixo identitário advindo da cultura original – um legado com profundas raízes para a comunidade que se reconhece como pomerana.

A festa de casamento tradicional pomerano é um bem cultural específico das comunidades pomeranas no Brasil. Possui uma singularidade, não só em suas práticas e rituais, mas na construção da identidade destas comunidades e seus laços sociais e com o legado histórico de seus antepassados. Ao remeter às práticas originárias do norte da Europa do século XIX, o casamento pomerano se transforma em um catalisador das práticas rituais, simbólicas e cotidianas que dão singularidade as comunidades pomeranas. A realização do casamento pomerano traz referências com a culinária, a língua, a presença dos laços comunitários e de parentesco, a vestimenta, os rituais religiosos e mágicos que juntos constroem uma rede de sustentação cultural, enfim, um alicerce que identifica diversos elementos constituintes da cultura pomerana. O casamento é uma festividade concentrada em três dias quando acontece o festejo do casamento propriamente dito, porém a ritualística que o envolve o torna um processo cultural mais amplo e que exige o detalhamento de cada momento com o intuito de especificar a complexidade do bem cultural.

Os preparativos para o casamento mobilizam toda a comunidade pomerana e se iniciam um mês antes dos festejos com o convite para a festa, que é feito por uma figura emblemática da singularidade do bem cultural: o convidador ou Hochtjdsbirer. O convidador executa um papel social de emissário da família da noiva que anuncia na sociedade a construção dos laços matrimoniais entre duas famílias da

comunidade. Geralmente, o convidador é um irmão solteiro da noiva e este sai a cavalo, motocicleta ou carro enfeitado com flores e fitas coloridas portando uma garrafa de cachaça.

O processo do convite envolve uma série de ritos, como a forma do chamado, que é variável quando o convidado está em casa ou não. Estando o convidado em casa, há um tipo de chamamento em uma tonalidade, não estando, o convidador emite um som em falsete, anunciando no local sua presença e que ausência do convidado está impedindo o repasse da mensagem. O convite é feito primeiramente a partir do anúncio da presença do convidador, depois acontece a declamação à família convidada de um verso proferido em pomerano. Após o verso, é oferecido ao homem convidado um gole da cachaça levada com o convidador. Durante este processo, outro membro da família, geralmente uma mulher, vai buscar um pedaço de fita de cetim ou um lençol para pregar nas costas do convidador. Isso representa que a família aceitou o convite.

É importante notar que há uma divisão sexual na aceitação do convite: ao homem é oferecida a cachaça e é, em geral, a mulher ou um filho ainda criança quem busca o ornamento para ser posto no convidador. Os lenços e fitas que o convidador recebe são usados no dia do casamento para indicar sua função. E os gritos em falsete costumam ser proferidos bem altos para que as pessoas na lavoura consigam ouvir. O convidador é remunerado pelo seu serviço, ele recebe dos convidados alguns trocados por ter sido o mensageiro do convite e porque a família deles está deixando de ganhar com seu trabalho na lavoura e ele precisa de algum dinheiro para viajar levando os convites orais.

Atualmente, o papel de convidador não é sempre considerado um papel honrado. Há um tom jocoso por quem assume essa função, podendo exemplificar um tipo de transformação dos papéis executados no processo do casamento pomerano que ganharam julgamentos sociais modernos, baseados em conceitos específicos da contemporaneidade. Há testemunhos variáveis acerca desse papel que nos permitem compreendê-lo como de caráter jocoso, ou não. Observamos que o valor do papel de convidador possui um julgamento diferente entre as gerações. Os mais novos se sentem envergonhados e ridicularizados de exercerem essa função, mas os mais velhos mencionam a tarefa com orgulho, a exceção de alguns que deram boas risadas por terem

se exposto ao convidarem as famílias para o casamento da irmã. A remuneração do convidador, no entanto, é aceita como um fator positivo da função, em todos os depoimentos.

No primeiro dia, quinta-feira ou sexta-feira, é erguido um mastro no centro do terreno onde se realizará o casamento ou em local bem visível e onde é presa uma bandeira com as iniciais dos nomes dos noivos e fitas.

O preparo dos alimentos para a festa é outro momento ritual que reúne toda a comunidade, especialmente, parentes e amigos das famílias envolvidas diretamente no casamento. Esse momento, anterior à festa, reúne um mutirão de pessoas que efetuam a preparação do que será servido na festa, com ênfase nas carnes, bolos e pães. Os noivos representam um primeiro momento de seu papel na festa ao abaterem a primeira das galinhas que serão mortas para serem servidas na festa.

A carne bovina ou de ave é parte de um sistema que qualifica a cerimônia como sucesso ou fracasso. A carne traduz a existência de fartura ou escassez para as famílias envolvidas e para a própria comunidade. Envolve status, capacidade de provimento pelas lideranças das famílias, em geral os homens. A carne adquire também um símbolo de sacrifício que remete ao simbolismo dos valores religiosos, ou seja, o abate do gado ou das galinhas é um tipo de ritual que mesmo sendo levado a cabo em um ambiente profano ou com fundo profano, é simbolicamente idêntico ao abate ritual usado em ritos religiosos pagãos ou do cristianismo popular. A preparação das comidas ocorre antes do casamento, dias antes e dura até o segundo dia do casamento.

A carne de galinha tem um simbolismo especial, sua ingestão significa que os presentes interiorizam a prática da ave de avisar quando elementos estranhos e malignos tenham o objetivo de se aproximar do jovem casal.

O preparo das comidas inicia na casa da noiva, mas pode acontecer na casa do noivo se a festa for lá. Na sexta-feira e no sábado, primeiro e segundo dias da festa, cozinheiras auxiliares são convidadas a compor a equipe de preparo dos alimentos. São preparados o que se come na festa, almoço, jantar e cafés, o que se come durante o preparo da festa e o café para alimentar quem vem chegando.

São servidos na festa do casamento os seguintes alimentos: brote, linguiça, bolos variados (mandioca, chocolate, cenoura, morango, limão, comum, farofa, ladrão), café, pão de chocolate, arroz-doce, sopa de galinha, canjiquinha, carne

frita, arroz, feijão, salada. O cardápio é tradicional, mas pode variar segundo o desejo dos noivos. O que não pode faltar é o café, o brote e a sopa de pé de galinha.

Brote é um pão típico das comunidades pomeranas que parece ser uma adaptação de pão típico da região da Pomerânia às condições locais e que hoje é produzido de várias formas, existindo variação com fubá e inhame e com banana e trigo. São preparados também vários tipos de linguiça. Para o quebra-louças, a linguiça que costuma ser produzida é feita com a mistura de carne de boi e porco, colocando ainda o toucinho para temperar.

O cardápio do primeiro dia, momento em que é feita a arrumação da festa, é em geral sopa de galinha, sopa de rosca, canjiquinha ou canja. Neste dia também ocorre o quebra-louças. O quebra-louças é conduzido, normalmente, por uma mulher, na maioria das vezes, idosa e aparentada com um dos noivos, e tem por intuito o ato de espantar espíritos que possam atrapalhar a vida dos noivos. Neste momento, louças são quebradas com grande estardalhaço após a responsável terminar sua fala cerimonial que busca garantir e desejar muitas felicidades ao casal. Em seguida, se inicia um baile em cima dos cacos quebrados. Cabem aos noivos juntarem os cacos enquanto se baila por cima deles. A dança em cima dos cacos simboliza o mundo atrapalhando a construção da vida do casal, mais precisamente o mundo atrapalhando a acumulação financeira por parte do jovem casal que deve trabalhar junto para executar esse processo. Os noivos devem, ao término do baile, guardar os cacos e posteriormente ou enterrá-los ou guardar em um local seguro. Novamente, a divisão sexual do trabalho é simbolicamente reforçada aqui com a tarefa de enterrar os cacos, geralmente sendo executada pelo homem. Além disso, a ideia da acumulação retorna a partir do símbolo de aglutinação do disperso – os cacos – para criar um alicerce seguro – enterrar os cacos reunidos, simbolizando assim, o combate entre a acumulação de bens e posses do casal perante as adversidades do mundo.

O casamento propriamente dito realiza-se na sexta-feira ou sábado. Às vezes, acontece bem cedo, mas pode ser realizado à tarde, dependendo da disponibilidade do pastor. Já na manhã os noivos se dirigem com os convidados até um cartório onde realizarão o casamento civil, chamado t'houspsrijwen. A cerimônia religiosa, chamada truug, ocorre em uma igreja luterana. O trajeto entre o cartório e a igreja é feito em um caminhão enfeitado de ramos e flores seguido por um cortejo dos

convidados que atuam de forma alegre e ruidosa, soltando fogos de artifício e tocando música dançante.

Com o fim da cerimônia religiosa todos seguem até a casa dos pais da noiva onde é servida uma farta refeição, seguida por baile que é interrompido no início da noite para que seja servido o jantar. Após o jantar segue o baile, onde os noivos dançam com os convidados e após cada dança o cavalheiro recebe uma fitinha, azul para os casados e vermelha para os solteiros. Ao fim de cada dança, os homens dão uma quantia em dinheiro, como gratificação.

Há dois momentos bastante específicos da festa após o dançar. Um que ocorre em torno da meia-noite, a dança da grinalda ou kransafdans e depois da meia-noite o conjunto de danças rituais que se encerram com a dança da vassoura ou haudafdans.

A festividade dura a noite toda, muitas vezes, vai até o raiar do dia e, para finalizar a festa, o noivo corta com um machado o mastro que foi erguido no início das festividades. Atualmente, essa tarefa é realizada com a ajuda de uma motosserra.

No sábado ou domingo, último dia de festa, há a finalização das festividades que reúne parte dos convidados, geralmente, os mais ligados e íntimos ao núcleo central das famílias. Esses familiares visitam os recém-casados, comem e bebem o que sobrou do dia anterior e o bolo dos noivos que é servido para os familiares. Em alguns casos, há baile à noite.

Após o casamento, o casal passa a residir na terra ou casa dos pais do noivo, configurando a morte social da noiva e sua adoção pela nova família.

Concertinista

O tocador concertina tem um papel muito importante no contexto cultural das comunidades pomeranas. Toda festividade pomerana conta com a presença indispensável de um tocador de concertina e/ou tocador de acordeom. Além dos encontros de concertinistas propriamente ditos, que ocorrem constantemente em várias

localidades do Espírito Santo, principalmente localidades ou cidades de expressiva população pomerana, o concertinista é também indispensável em outros eventos como: dias comemorativos, eventos de danças típicas e, em especial, no casamento pomerano. No casamento pomerano, os concertinistas, em geral, se posicionam próximo a entrada do local da festa, contribuindo de certo modo para recepcionar os convidados. Ao lado dos músicos é colocado um recipiente, geralmente enfeitado, para colher contribuições em dinheiro para os músicos. Outros participantes costumam se juntar ao concertinista e pode ser que cantem versos ou contribuam de outra maneira para a fluidez musical daquele momento festivo. No entanto, nessas circunstâncias, o concertinista ocupa um papel central, ele é o músico principal e quem determina o que vai ser tocado.

O estilo melódico e rítmico das músicas tradicionais populares europeias se fundiu de maneira bem articulada com os ritmos e melodias brasileiras. Isso fica claro quando nos aproximamos das comunidades pomeranas cujo estilo musical atualmente preponderante, entre os tocadores, é o forró. No entanto, o que foi possível observar é que o aspecto percussivo dessa musicalidade é negligenciado pelos pomeranos. É comum nas apresentações de concertinistas haver o acompanhamento de um pandeiro ou triângulo, no entanto, a zabumba, instrumento de percussão mais grave usado no forró, dificilmente aparece nos grupos musicais pomeranos. Quando as apresentações musicais ocorrem com amplificação elétrica, em geral, o papel da batida rítmica grave é executada por um teclado com bateria eletrônica. Há músicas e versos cantados em pomerano, no entanto, em encontros de concertinas, quando há músicas cantadas, é mais comum ouvirmos letras em português, por vezes, versões de músicas populares consagradas no meio rural brasileiro sendo executada ao som de sanfonas ou concertinas. Outro traço interessante que não fica tão evidente sem um olhar apurado para a cultura musical dos concertinistas, é que muitos deles também praticam o repente ou trova; contraposição e disputa com versos improvisados. A musicalidade presente nas comunidades de origem pomerana é uma grande mistura onde a cultura musical rural brasileira aparece confundida com essas raízes européias.

O tocador de concertina em geral também sabe tocar acordeom. A concertina é um instrumento semelhante em muitos aspectos ao acordeom, mas também possui diferenças marcantes em relação a esse instrumento. Ambos utilizam como princípios sonoros paletas metálicas que vibram a partir da passagem de ar. A

concertina e o acordeom possuem um fole que ao inflar e desinflar faz o ar passar vibrando as paletas correspondentes às teclas abertas. Mas a concertina possui um fole maior que o acordeom e geralmente dividida em três partes. A concertina também se diferencia do acordeom por ser um instrumento diatônico e por não haver em nenhum caso uma nota única, toda tecla da concertina corresponde algum acorde, geralmente uma soma de no mínimo três notas. Além disso, enquanto uma tecla do acordeom faz o mesmo som quando o tocador abre e fecha o fole, na concertina o som de fechar é diferente do som de abrir ao pressionar uma mesma tecla. A paleta que vibra ao abrir do fole é contida por um couro ao fole ser fechado e vice-versa fazendo com que o som de abrir o fole seja diferente do som quando ele é fechado.

A maior parte dos tocadores de concertina, e em especial aqueles mais velhos, são músicos autodidatas que aprenderam de ouvido sem a necessidade de grande instrução teórica. Eles geralmente se iniciaram na arte de tocar concertina a partir da influência de amigos e parentes, mas sem se envolver em uma educação musical formal. Tocadores intuitivos, os concertinistas em sua maioria não sabem ou não tem o costume de ler partituras. Como se trata de um instrumento musical bastante singular, a educação musical voltada diretamente para o instrumento é escassa e em alguns casos inexistente. No entanto, muitas vezes, os tocadores mais jovens, tiveram acesso a aulas de música, geralmente voltada a outros instrumentos, mas também são tocadores de concertina

Na cultura pomerana, em detrimento de outros instrumentos musicais, a concertina recebe destaque. Apesar de estar presente na tradição musical de outros grupos culturais tradicionais: italianos, alemães, portugueses, etc... A concertina no contexto do Espírito Santo se consagrou como instrumento típico pomerano e o tocador de concertina tem seu lugar nesse universo de comunidades tradicionais pomeranas. No entanto, um aspecto que dificulta a difusão do ofício de concertinista é o preço de uma concertina e ausência de uma produção atual desse instrumento nos mesmos moldes das antigas concertinas. O que decorre disso é a dificuldade de acesso a uma concertina nos dias de hoje. Por haver poucas concertinas no mercado, o instrumento tem um preço muito acima do valor de outros instrumentos, dificultando o crescimento do número de concertinistas. Além disso, os instrumentos que se encontram em uso hoje são muito velhos, geralmente herança de família, e apresentam desgastes e a necessidade de reparos.

Poucas pessoas tem se dedicado ao concerto, ajuste e afinação de concertinas e essa é mais uma dificuldade relativa ao uso e difusão desse instrumento. Em geral, os reparos nos problemas mais usuais em concertinas têm que ser efetuados pelos próprios concertinistas. A afinação de paletas já gastas, por exemplo, envolvem um processo delicado de lixar e ajustar essas paletas no interior do instrumento. Na ausência e dificuldade de encontrar quem execute essa tarefa especializada muitos dos concertinistas são conhecedores de algumas dessas técnicas.

A dificuldade de comprar e consertar uma concertina torna potencialmente menor a propagação e manutenção da cultura musical típica das comunidades pomeranas, entretanto, esse aspecto cultural se mantém vivo no Espírito Santo e quem frequentar as festas populares nas localidades de influencia pomerana certamente vai se deparar com um tocador de concertina.

Confirmação

A confirmação é um rito luterano realizado com jovens entre quatorze e dezesseis anos para a confirmação da fé deles em cristo e representar sua entrada na vida adulta e na comunidade luterana.

Eles são submetidos a um curso de dois a três anos com aulas semanais de catecismo, estudos bíblicos e ensinamentos religiosos para que possam confirmar sua fé luterana. Essa preparação tem, tanto para os meninos quanto para as meninas. Após a preparação intelectual, os jovens passam por um retiro que pode variar de uma semana a alguns meses. Após essa fase, eles se preparam para a celebração propriamente dita. É marcado o dia da confirmação. Para ir ao culto de confirmação, os meninos vestem camisa branca e calça preta e as meninas um vestido branco. Entram na igreja segurando uma bíblia, os meninos acompanhados da mãe e as meninas do pai. O pastor faz o sermão e as orações e os jovens falam as palavras ritualísticas que denotam o seu compromisso com a igreja, em geral, um versículo da bíblia que tenha relação com a confirmação.

Depois da celebração, acontece em cada casa um almoço e depois um café preparado nos moldes do casamento. Mulheres vão pra a casa do confirmando e enquanto ele está no culto de confirmação, são preparadas as iguarias para servirem no

almoço e café. O almoço é composto por arroz, carne ou frango fritos, salada, feijão, linguiça. O café é composto por café amargo e doce, bolos e brote.

Após a confirmação, o jovem confirmado está apto a possuir um cavalo, moto ou carro e também tem a permissão para namorar e casar.

Língua Pomerana

A língua pomerana é originária da antiga Pomerânia que ficava onde hoje é a porção oriental da Alemanha e a porção ocidental da Polônia. O condado não existe mais e como o povo pomerano foi perseguido durante o século XX e a língua combatida pelo processo de formação dos estados nacionais, ocorrido no final do século XIX e início do XX, ela não é mais falada na Europa. Com a imigração para o Brasil, o grupo pomerano se instalou em uma área montanhosa, o que os deixou, de certa forma, isolados e garantiu a manutenção cotidiana da língua. Assim, ela é falada entre os pomeranos que vivem no Brasil e em algumas colônias isoladas nos Estados Unidos.

A língua pomerana pertence à subfamília do baixo-saxão, também conhecido erroneamente como baixo-alemão (TRESSSMANN, 2008). Essas línguas do baixo-saxão foram discriminadas com a definição das línguas oficiais dos estados nacionais, especialmente, o alemão e o polonês e ficaram relegadas a segundo plano. No caso do pomerano, ela era conhecida como uma “língua regional” e foi algumas vezes tratada como dialeto. Possui similaridades com o alemão, o inglês e o escocês. Ismael Tressmann compara alguns termos em pomerano, saxão antigo, anglo-saxão, neerlandês, sueco, escocês, inglês, alto alemão antigo, alemão e o português. A semelhança entre o pomerano, o saxão antigo, o anglo-saxão, o neerlandês e sueco são muito grandes, diferenciando-a do alemão, língua do povo que colonizou parte da antiga Pomerânia. A necessidade em salientar essas diferenças e similaridades está na justificativa de que a língua pomerana é uma língua característica e não um dialeto do alemão. Associado a isso, há também uma necessidade de ressaltar a identidade pomerana, estabelecida sobremaneira a partir da fala do pomerano. Sabemos que a língua pomerana é uma língua única com características próprias e a dificuldade de valorização dessa língua estava associada, provavelmente, a duas questões primordiais:

o não pertencimento a um estado nacional e a ausência de linguagem escrita. Para solucionar essas circunstâncias, Ismael Tressmann escreveu um dicionário, publicado em 2006, e sistematizou a língua falada, dando a ela um texto a partir da estrutura gramatical já existente entre os falantes (TRESSMANN, 2006). A partir disso, os pomeranos capixabas se reuniram para transformar a língua pomerana em língua co-oficial nas cidades em que ela é falada entre os brasileiros de matriz pomerana, o que já foi legislado em Santa Maria de Jetibá.

A cultura pomerana tem como principal bem patrimonial a língua pomerana. Com o aumento dos meios de comunicação, os pomeranos jovens foram bombardeados com aspectos da cultura brasileira e com a língua portuguesa. Como eram alfabetizados em português, foram

gradativamente abandonando a língua matriz, que ficou reservada ao universo familiar e à conversa com os mais velhos. Assim, para sanar esse problema, foi criada uma política pública de ensino e alfabetização em pomerano nas escolas das cidades com populações de origem pomerana, o PROEPO – Projeto de Educação Pomerana.

Linguiça

Os embutidos são feitos de carne e correspondem a uma estratégia de preservação do alimento por mais tempo. Na antiguidade, as carnes eram secas para serem preservadas e o sangue dos animais abatidos, cozidos em tripas no preparo de morcelas (FLANDRIM, 1998). A linguiça é uma espécie de embutido que auxilia na preservação das carnes. Ao se matar um boi, porco ou carneiro, era preciso conservar a carne por algum tempo para que não houvesse desperdício. Assim, as carnes eram temperadas com pimentas e condimentos e colocadas nas tripas limpas. Depois de embutidas, eram secas nas proximidades dos fogões para serem defumadas. No Brasil, essa prática foi trazida pelos colonizadores portugueses que tinham o costume de preparar linguiças defumadas, especialmente, de carne de porco e morcelas (RODRIGUES, 1680). A linguiça pomerana é um embutido peculiar feito de carne de porco e boi. O objetivo do preparo dessa iguaria era garantir o consumo cotidiano da carne sem precisar matar o gado bovino e suíno com tanta frequência. Os animais eram

abatidos, toda a carne embutida com tempero e defumada. A linguiça pomerana é preparada, então, a partir da mistura de uma parte de carne de boi, outra de carne de porco, de quantidades aproximadas, um pouco de toucinho, tudo temperado com sal, alho e pimenta do reino. Essas carnes são embutidas nas tripas do porco limpas e, depois de preenchidas, são colocadas em um local sob a fumaça para serem defumadas. O processo de defumação pode levar de três dias a uma semana, dependendo da quantidade de fumaça que incide sobre o alimento. É servida cotidianamente junto com pão e em casamentos e confirmações.

Rituais fúnebres pomeranos

Os rituais fúnebres das comunidades de origem pomerana guardam consigo uma série de especificidades que expressam concepções próprias a respeito da vida e de seu fim. Após a morte de um ente querido, o rito fúnebre pomerano se inicia com a figura do “convivador de enterro” (Grawnibirar ou grawnibirer), parente do morto que passa de casa em casa avisando sobre a morte e convidando para o sepultamento. Esse parente, que deve ser um homem, e sua incumbência é ir de casa em casa comunicando o falecimento e convidando para o sepultamento. No entanto, segundo as tradições pomeranas, nesse trajeto ele não pode cumprimentar ninguém e tem que convidar para o sepultamento do portão. Ele não pode entrar na casa ou na terra dos convidados, pois ele, naquela circunstância, representa a extensão da imagem da morte. Segundo o livro; “O Tiro da Bruxa” de Joana Bahia, na casa do falecido, logo após o falecimento os relógios são parados e os espelhos cobertos.

No enterro pomerano existe o costume de enterrar o morto junto com alguns de seus objetos pessoais, é comum o morto ser enterrado com a bíblia e o hinário (livro que contém hinos sagrados) ou no caso dos homens é comum o morto ser enterrado com suas ferramentas de trabalho. Existe uma ideia de impureza relacionada ao cadáver e aos objetos do morto, nesse sentido, em certos casos, se evita tocar em objetos que pertenciam ao falecido e, além disso, a própria terra que pertencia ao falecido pode carregar consigo essa mácula impura. Segundo os ritos pomeranos, o morto sai da casa dentro do caixão com a cabeça retirada para frente, pois, se ele sair de costas, pode retornar assombrando os que ali vivem. O imaginário pomerano relativo à

morte também envolve a ideia de assombração, o que mostra uma espécie de conflito entre o

“mundo dos vivos” e o “mundo dos mortos”. O medo dos mortos e de seu retorno ou permanência assombrando o mundo dos vivos mobiliza muitas ações rituais pontuais como: deixar a vassoura na frente da casa ou pendurar panos molhados na porta da casa. Ambas as atitudes utilizam instrumentos de limpeza, tal referência se deve ao fato de que a limpeza possui uma significação de purificação.

Quando um membro da comunidade morre, o pastor é convocado para prestar auxílio espiritual à família do morto e os sinos da igreja luterana anunciam a morte. Após a missa ou culto, o corpo é levado para o cemitério e enterrado. Os túmulos dos cemitérios pomeranos têm uma direção determinada – são construídos na direção oeste leste. Mas no caso do falecimento de um indivíduo ter ocorrido por suicídio, o costume tradicional é de enterrá-lo virado, em direção norte sul. Este costume tradicional, entre outros vem sendo gradualmente modificados entre os moradores das várias localidades pomeranas. Foi o que pudemos constatar em entrevistas de campo. A grande maioria dos ritos pomeranos registrados nos estudos permanece íntegro, mas existem também costumes em desuso ou controversos.

Em entrevistas com uma família de origem pomerana na área rural de Vila Valério, constatamos que está viva entre os pomeranos a tradição de parar os relógios na casa do morto logo após o seu falecimento. Mas quando questionado sobre o ritual de tampar os espelhos, Valdir Braum, que cuida do cemitério de Padre Francisco localidade próxima a Vila Valério, não identificou tal ritual com a morte de um membro da família, mas sim com um antigo costume de tampar espelhos em uma tempestade para evitar ser atingido por um raio.

Um costume pomerano, relativo à morte, que permanece presente, marcante e visível nas várias localidades visitadas é o modo como é mantido o cemitério pomerano. Esses cemitérios são sistematicamente cuidados, mantendo uma bela aparência, são limpos e floridos. Isso se deve, em grande medida, ao fato de que o espaço do cemitério é considerado sagrado. E, em geral os cemitérios pomeranos são construídos próximos as igrejas.

5. Reuniões realizadas com os grupos

Preparamos reuniões com um formato de ir além do *feedback* tradicional, tentando entender a motivação das comunidades no sentido da apreensão da ressonância dos bens culturais junto a mesma, praticando uma avaliação do bem cultural no plano de sua significação para a comunidade, no plano da referência identitária dos bens para os pomeranos e para a construção da identidade ímpar localizada nas comunidades viventes no Brasil, mas em especial no Espírito Santo.

As reuniões foram realizadas a partir da convocação por lideranças comunitárias dos próprios pomeranos e com representantes das prefeituras que estabeleceram contato com a comunidade e foram responsáveis primeiros pela garantia de presença das pessoas. O estabelecimento deste critério de convocação se deu sob o ponto de vista de dar às reuniões o lastro político necessário, a legitimidade precisa para que as reuniões refletissem também a relação das comunidades com o estabelecimento do valor cultural que cada bem tinha para elas.

As duas reuniões realizadas ocorreram nas cidades de Itarana e Itaguaçu, nas datas de três de novembro e de cinco de novembro de 2013 e contou com a presença de membros das comunidades pomeranas de cada cidade e de representantes da Igreja Luterana e da Prefeitura (no caso de Itaguaçu).

A metodologia das reuniões seguiu o mesmo eixo que listamos abaixo:

1. Apresentação do INRC;
2. Apresentação dos objetos identificados no INRC;
3. Explicação da metodologia de construção do INRC e da metodologia relacionada à categorização de patrimônio cultural;
4. Recebimento do Feedback da comunidade.

A organização da reunião em Itarana se deu em conjunto com a senhora Marcileide Stuhr, e sua responsabilidade foi a de convocar membros da comunidade, tendo como parâmetro da multiplicidade da ocupação geográfica da comunidade Pomerana na região, ou seja, que fossem convocados os membros da comunidade que residissem nas diversas localidades presentes na região de Itarana, que apresenta a especificidade de ter lideranças espalhadas nos muitos setores com que a comunidade rural ali se organiza.

A presença da comunidade em Itarana foi aquém do que desejávamos, não teve o quórum necessário e diverso que permitisse a leitura da comunidade como um todo e tendo em vista a diversidade de locais onde residem os pomeranos tendo cada um uma liderança representativa. Assim a reunião não foi um retrato do amplo desejo da comunidade pomerana em Itarana, mas representou uma pequena parte dela.

A reunião contou com cerca de sete membros da comunidade pomerana que centraram sua preocupação na necessidade de registro da língua pomerana como elemento fundamental para a manutenção do legado cultural de seus antepassados e sugeriram medidas que auxiliassem à conservação da língua. Esta preocupação no entanto foi menos espontânea que dirigida, tendo a participação da organizadora sendo mais enfática que a dos demais presentes.

A comunidade não tinha muita clareza sobre o que desejava no que tange aos procedimentos que resguardassem os bens culturais, nem mesmo a certeza sobre quais bens culturais eram prioritários no processo de registro. A língua foi a grande protagonista no sentido da espontaneidade com que a comunidade reunida se referia a ela como elemento fundamental. O casamento pomerano foi lembrado como bem cultural a ser registrado, porém a natureza dele como bem não foi expressada de forma clara, havendo divergências no que tange ao que é este casamento e quais são os elementos constituintes do mesmo. A apresentação de como a equipe entendia o casamento, no entanto, foi aceita como uma forma plausível de apresentação do bem como parte da construção da identidade pomerana e suas especificidades.

As medidas listadas pela comunidade são relacionadas especialmente ao ensino da língua nas instituições para a preservação dos bens culturais próprios a ela restringiram-se, no entanto, às medidas de preservação da língua. Sugeriu-se um apanhado de medidas que foram da implementação do ensino da língua pomerana no ensino fundamental, mantidas pelo município através da contratação de professores de pomerano à sugestão do registro da língua. Esta sugestão foi enfática.

O casamento pomerano recebeu ênfase na busca de seu registro, porém não foram incluídos elementos novos que fornecessem que perfil de registro, que tipo de percepção do casamento seria consensual para a comunidade

Sugeriu-se também que fossem construídos meios de investimento dos poderes públicos na manutenção de centros de memória e outros equipamentos que

permitissem que a cultura pomerana fosse trabalhada como uma espécie de eixo de difusão cultural sobre a especificidade desta comunidade no Espírito Santo.

Sugeriu-se a construção de um centro de memória pomerana, de um ponto de cultura para desenvolvimento e conservação da língua pomerana e a construção de um museu que conte a história do povo pomerano, com fotos, peças de uso comum entre a comunidade, como o que o Pastor Rubens de Vila Pavão vem construindo.

A ideia de tombamento de casas pomeranas típicas também foi colocada, assim como a arte culinária que eles sugeriram que recebesse um espaço próprio para divulgação de pratos como o brote e a linguiça pomerana, de forma a incentivar a produção de alimentos pomeranos para comercialização.

Informou-se que o grupo de dança pomerana de Itarana já está em processo de reivindicação de uma festa pomerana anual, com dança, música e venda de produtos típicos. Em debate, foi sugerido que a festa centrasse nos aspectos culturais e artísticos e na culinária dessem mais peso ao brote e à linguiça. Dentre os aspectos culturais e artísticos estão o próprio grupo de dança, com o uso de trajes tradicionais representando a forma de se vestir dos primeiros pomeranos a chegar ao Brasil, e os trombonistas, que inclusive ensaiam com o grupo de dança.

Todo este apanhado de sugestões recebeu um processo de debate onde se entendeu fundamental pela equipe de organização que se estabelecesse um roteiro cultural que compreendesse a cultura pomerana como um bem cultural nacional, estadual e também como um elemento de criação de rotas turístico culturais que garantissem um processo de desenvolvimento das comunidades de uma recuperação da autoestima coletiva, de elementos de construção cultural próprios e meios de financiamento para as diversas manifestações específicas que produzem elementos econômicos.

Sugeriu-se também que a festa da colheita receba atenção especial, pois é um fator importante para a identidade local.

Em Itaguaçu a organização se deu em conjunto com o Secretário de Esporte, Turismo e Lazer Altamiro Fernandes (também conhecido como Sirré) e com o senhor Clair Júnior, consultor da Unesco-ES e funcionário do IPHAN-ES. O caráter da reunião em Itaguaçu foi muito mais amplo e representativo que em Itarana. A forte

participação da comunidade e uma pequena alteração na metodologia de condução da reunião, tendo ocorrido uma mescla entre a metodologia apresentada em Itarana com a busca pelo senhor Clair Junior de ampliar o raio de conhecimento da comunidade através de exercícios de autoconhecimento e de uso de reminiscências para construir um quadro geral sobre a comunidade pomerana, levou a um debate de novo tipo, com a presença de um mapeamento cultural em paralelo com a busca de *feedback* da comunidade.

A própria duração da reunião foi representativa de como a comunidade entendia a si mesma e a relação com os bens culturais. A reunião durou mais de três horas e obteve um amplo raio de mapeamento sobre o que são os Pomeranos no Espírito Santo, tendo, no entanto, sido pouco mais conclusiva sobre os objetos a serem registrados do que a reunião em Itarana.

A reunião entendeu que o eixo de recuperação cultural da identidade pomerana se dava em torno do casamento pomerano e da língua pomerana, tendo inclusive suas relações e multiplicidades de apresentação, como no caso do casamento pomerano levado a uma espécie de divergência entre membros da comunidade mais ou menos afeitos a uma percepção ortodoxa do que seria o bem cultural. O casamento é visto como possuidor um padrão fluído, tendo elementos novos aceitáveis e outros não. As divergências, por exemplo, sobre o recebimento de dinheiro para a permissão de entrada de não convidados girou tanto sobre a aprovação deste elemento como sobre a rotulação deste procedimento como novo ou não. Parte da comunidade entende que este procedimento é tradicional, outras entendem que o elemento é introduzido e altera o bem. No entanto todos concordaram que é parte da cultura pomerana a construção de um tipo de acumulação frequente de capital que inclusive invade momentos onde o aspecto lúdico seria mais presente.

Assim como em Itarana, a língua pomerana recebeu ampla percepção de ter sido uma parte das raízes que sofreu perda paulatina de representatividade para a comunidade pela redução de uso. Como elementos causadores de tal fenômeno foi listado inclusive as perseguições a estrangeiros ocorridas durante o período compreendido entre os anos 1930 e o pós-segunda guerra mundial, após 1945.

Neste momento diversas experiências de famílias que sofreram a perseguição por parte de brasileiros, com relatos de violência, foram relatadas. Estes

experiências nos forneceram um quadro amplo da vivência da história pro parte da comunidade pomerana e foi citado especialmente o quanto isto não só levou a uma redução do uso da língua como também ampliou um processo de isolamento da comunidade em sua relação com a sociedade nacional, ou não pomerana. Neste sentido foi colocado que a recuperação da língua também seria mais que a preservação do bem, mas sim uma recuperação da identidade cultural pomerana através de medidas de recuperação de um de seus eixos.

A língua foi entendida também como um elemento que sofre restrições na relação com os governos, no sentido de não darem atenção a uma demanda presente e que já tem inúmeras bases para um processo político de recuperação. Ou seja, se entende que a língua já possui meios de recuperação e que não vem sendo dada atenção à sua preservação.

O casamento permeou todo o debate, com citações isoladas ou não, que listaram elementos deste que deveriam ser entendidos como prioritários para seu registro. Ocorreram citações sobre o registro da sopa de galinha, com ênfase que a sopa de galinha no casamento deve ser feita com galinha poedeira, sobre o uso por parte da noiva de alecrim e de uma guirlanda de cipreste. Também recebemos via *feedback* um reforço no que já havíamos registrado sobre o uso de trajes pretos nos casamentos antigos pela noiva e a referência ao senhor feudal dormir a primeira noite com a noiva.

Sobre o objeto a ser registrado, o casamento aqui conquistou um reforço no objetivo de registrá-lo. A comunidade reunida sentiu-se à vontade para se referir a ele com riquezas de detalhes, inclusive detalhes que ampliam o já obtido através da observação participante.

Mesmo quando se lamentava que o casamento pomerano se desvia muitas vezes, por adaptação ou distorção, dos casamentos pomeranos tradicionais, incluindo desde elementos como a alteração dos dias de casamento por motivo de força maior, dado que nem todos são trabalhadores rurais e obedecem ao regime de trabalho em horário comercial, até o lucro obtido com o casamento e a mudança no regime de convite, permitindo a entrada de não convidados. A presença de não convidados foi citada muitas vezes com reprovação e o lucro obtido também. Porém não resta dúvida que ao mesmo tempo não se questionava a legitimidade do lucro e se entendia como parte da cultura o uso de um dia de festa para também executar um trabalho que

garantissem um acréscimo de capital que auxiliasse o sustento da família. Ou seja, o elemento cultural pomerano altamente acumulador de capital foi mais presente que a negação da novidade cultural do lucro através da cobrança de entrada aos não convidados ao casamento.

Nas reminiscências, o registro mais amplo e de diferenciação entre pomeranos e comunidades rurais tradicionais foram as citações referentes à prática religiosa, ao catecismo e primeira alfabetização em alemão, assim como as restrições alimentares mais rígidas, como o consumo de doces apenas no Natal.

Duas datas foram citadas como antigamente celebradas e que se perdeu: o dia vinte e oito de junho, dia da chegada dos primeiros pomeranos ao Brasil, e o dia trinta e um de outubro, dia em que Lutero pregou as cinco teses em Wittenberg.

Para ilustrar motivos que auxiliaram na redução do uso do pomerano como língua corrente a maior parte dos participantes citaram as perseguições a estrangeiros e listou exemplos de como esta se deu:

- Uso de milícias armadas para militares, os bate paus, a mando do governo ou não, para perseguir, roubar, bater, prender e torturar estrangeiros (em especial alemães ou confundidos com alemães), e por vezes matar, inclusive em suas casas.
- Prisão de pastores luteranos
- Uso pela polícia de violência física contra alemães e pomeranos
- proibição do uso da língua alemã ou similar, onde o pomerano foi incluído.

Com este tipo de perseguição o uso de línguas como o alemão e o pomerano ficou restrito às residências e o letramento em português foi acelerado, pois os pais não desejavam que seus filhos sofressem perseguições.

Por fim a comunidade listou uma série de medidas que são necessárias, além do registro do casamento pomerano, e que podem auxiliar a recuperação da língua como fator fundamental de identidade cultural:

- Resgate da língua através de projetos que fomentem a recuperação de seu uso pela comunidade.

- Ampliação da edição de dicionários em pomerano.
- Respalda via poder público a recuperação da língua através de medidas como o ensino de pomerano nas escolas.
- Atuar para o registro da língua como patrimônio cultural
- Atuar em projetos de educação patrimonial que conscientize as comunidades da necessidade de recuperação da língua.

Em nove de abril de 2014 participamos de nova reunião com a comunidade em Afonso Cláudio, reunião realizada na localidade de Serra Pelada, distrito de Afonso Claudio. A reunião teria início às oito horas da manhã conforma indicativo agendado entre a comunidade, o IPHAN e a equipe, porém o início ocorreu em torno de nove horas e quinze minutos, dado que acordamos aguardar participantes que estavam em outras atividades.

A reunião ocorreu inicialmente com dezesseis presentes, três membros do IPHAN, quatro membros da Espaço & Cultura e nove membros da comunidade pomerana. Posteriormente, com a chegada dos membros da comunidade envolvidos em outras atividades atingimos o número de vinte presentes. Mais tarde, alunos da Associação Diaconica Luterana – ADL, onde aconteceu a reunião, se fizeram presentes após realizarem as tarefas escolares.

Apresentação do pastor Sigmund sobre a ADL. Ele expôs o caráter tradicional da associação e sua origem, além da situação da instituição hoje, sua estrutura educacional, relação com outras instituições e o fomento à participação de seus alunos no atendimento a idosos, indivíduos especiais, com o fim de preparar pessoas para uma visão social solidária e comunitária. O pastor enfatizou que a ADL entende que a sociedade vive em transformação e que é preciso preparar os jovens para atuarem de forma ativa no lidar com elas. Esta preocupação é fundamental na estrutura pedagógica da ADL, que busca formar líderes para construir uma relação entre educação, arte e religião para que ocorra uma percepção global da realidade pelo aluno. Desta forma elementos educacionais como a música, são entendidos como centrais, assim como a produção audiovisual, tendo a ADL um núcleo de produção audiovisual pelos alunos chamado Lagoa.

A ADL realiza oficinas para seus setenta e seis jovens, como a oficina de registro de como a comunidade lida com lixo, com resíduos sólidos, fomentando a percepção ecológica da realidade. Salientou que os alunos residem na instituição com moradia coletiva de dois a três jovens, recebendo alimentação e educação. Atuando na área de limpeza da instituição, sendo responsáveis pela manutenção do espaço onde residem e estudam. A ADL não tem financiamento público. Recebe doações da própria igreja Luterana e realiza eventos para a captação de recursos, como festas. Conforme relatos do Pastor Sigmund a ADL busca atuar de forma laica, evitando uma ênfase eclesial.

Após a introdução da reunião efetuada pelo anfitrião, a reunião com comunidade propriamente dita se iniciou. A apresentação por parte do IPHAN e da Espaço e Cultura do teor do trabalho, com descrição de cada elemento técnico, como o que é o INRC e sua função, e com definição por parte da Espaço e Cultura dos parâmetros de pesquisa e seus objetos. À cada descrição a comunidade intervinha agregando novos detalhes à pesquisa, como por exemplo a descrição de como eram produzidos os alimentos descritos como bens culturais.

A linguiça, por exemplo, era produzida com seleção coletiva e comunitária do animal a ser abatido para sua produção e também para o fornecimento de carne para a população. O animal ficava um dia exposto para a comunidade que assim avaliava se este estava de acordo com seus critérios sanitários e apto à ser abatido para alimentá-la.

O Pastor Sigmund entrevistou neste momento e fez um libelo a favor da agricultura familiar, criticando a produção de legislação com viés de fomento à agroindústria e do grande proprietário e que não dá espaço para a produção local, comunitária e com viés cultural próprio e distante da produção em massa com critérios relativos de entendimento de qualidade, exposta na lei, mas não obedecida pelos grandes produtores nem fiscalizada pelos governos.

A senhora Diva Figueiredo, Superintendente do IPHAN-ES, colocou a disposição o instituto para realizar a aproximação e o levantamento da cultura pomerana com o fim de ampliar o arcabouço cultural relacionado ao inventário de bens culturais. Informou que o IPHAN existe desde 1937 e é um dos mais antigos órgãos do estado brasileiro e busca preservar bens culturais, com ênfase nos bens materiais. A função de reuniões como esta é a de buscar conhecer a cultura local pelo viés da comunidade com

o fim de tentar entender o que pode ser preservado, a partir da concepção de bem cultural da população. Informou que está se criando um departamento específico para realizar o levantamento das línguas diversas existentes no país e entende que a língua é importante para os pomeranos, e esta, assim como tantas outras, são alvo do estabelecimento de seu registro como bem cultural nacional.

A intervenção da senhora Ivanirce Wolf, do IPHAN, ocorreu no intuito de estabelecer um breve histórico da fundação do IPHAN e dos desafios do instituto para, no Espírito Santo, preservar bens materiais e imateriais. Inicialmente, explicou que o conceito de patrimônio se ampliou e se multiplicou, inicialmente sendo central para o instituto o tombamento de bens materiais e que após a constituição de 1988, com o estabelecimento de meios legais, para a preservação de patrimônio imaterial. Explicou os mecanismos do inventário, do registro e da salvaguarda, informando que o processo de reconhecimento de patrimônio imaterial só teve realmente implementação prática no ano 2000, a partir do decreto 3551/2000 que estabelece o mecanismo de registro de bens culturais de natureza imaterial. A política de salvaguarda já é estabelecida desde 2003 e o entendimento do IPHAN é que o inventário já é uma política de salvaguarda e permite o estabelecimento desta pelo instituto.

Membros da comunidade questionaram o mecanismo de tombamento e o que acontece após o tombamento. Diva Figueiredo explicou que tombamento não é congelamento, tampouco desapropriação, mas estabelece parâmetros de preservação para intervenções arquitetônicas. A crítica ao tombamento foi feita por uma senhora pomerana no que tange a prédios que são tombados e não recebem a devida manutenção. Diva retrucou que o tombamento não impede manutenção. Posteriormente Ivanirce explicou o que é patrimônio imaterial no sentido técnico e que o inventário é construído no plano da observação participante através do trabalho de campo, informou que a transmissão geracional de saberes é um critério de registro, citou as panelas de goiabeiras como exemplo. Os critérios de registro não são impeditivos de transformações e que a política de patrimônio imaterial é renovada a cada dez anos para analisar se os processos de modificações que um bem sofre estabelece uma perda de identidade que faz o bem tornar-se outro.

O conceito de patrimônio também é feito com base em categorias antropológicas. A língua tem outros critérios de entendimento dela como bem cultural.

O departamento de patrimônio imaterial do IPAHN, sediado em Brasília, foi criado em 2004 e busca a identificação e inventário como ferramentas de subsidiar políticas públicas, sendo estas ferramentas passíveis de fomentar mobilização social que permitam sua permanência e preservação por si mesmos, sem a necessidade de auxílio do estado. O instrumento burocrático para o estabelecimento do inventário é o INRC. A solicitação do registro de bens imateriais deve ocorrer conforme uma demanda do coletivo, pela comunidade, pela sociedade. Um dos critérios para o registro de bens imateriais é o lastro histórico, de tempo para que se caracterize um bem como passível de registro. A política de registro do patrimônio imaterial é regulamentada pela resolução nº 01 de 2006 do IPHAN.

Afonso Claudio tem a maior concentração de negros da região serrana conforme Alex Reblim. Ismael Tressmann colocou que a identidade de cor e etnia não obedecem especificamente à lógica de marca, mas também de origem.

Retomando sua apresentação, Ivanirce explicou o que é salvaguarda, que é um processo feito a partir do inventário e/ou registro e como fim de apoiar a continuidade do bem cultural. Citou o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial que busca apoiar iniciativas e práticas de preservação desenvolvidas pela sociedade civil. Neste momento o senhor Ismael Tressmann colocou que a definição “da mídia” do que é o brasileiro define um tipo ideal que não se relaciona exatamente com a diversidade de “brasileiridade” que é muito mais local que global. E, que a identidade local é um elemento de ênfase do processo identitário.

Ivanirce explicou que a política de diversidade linguística do IPHAN construiu a partir do grupo de trabalho um projeto metodológico preliminar para a realização de inventários para a preservação de bens culturais a partir de 2006 quando houve um seminário que discutiu o processo de registro das línguas. Criou-se também, com o decreto 7387/2010, o Inventário Nacional de Diversidade Linguística (INDL), que é um instrumento legal de identificação, inventário e se necessário de registro das línguas. A língua incluída após o INDL recebe o título de “Referência Cultural Brasileira”. Além do decreto 7387/2010, a portaria nº 60 do MinC de vinte e quatro de maio de 2012 constituem os instrumentos legais de preservação linguística.

Em 2014 a ênfase na preservação de bens culturais pelo IPHAN será voltada para a preservação da diversidade linguística. Se está estruturando o formato burocrático de inventário e os editais de fomento sairão em 2015.

Após as apresentações dos companheiros do IPHAN, a pesquisadora Liliane, da Espaço & Cultura, iniciou uma explanação sobre o processo de desenvolvimento do INRC nas comunidades pomeranas do Espírito Santo. Neste momento tínhamos vinte e três presentes, com a mesma composição incluindo equipe do IPHAN e da Espaço & Cultura. Iniciou-se informando o processo de identificação onde existia realmente comunidade pomerana e não apenas pomeranos dispersos na área geográfica. Neste aspecto, se incluiu localidades e se excluíram outras. A dificuldade de identificação da localização das comunidades pomeranas ocorreu por muitos fatores, entre eles pela ausência de reconhecimento político, pelo poder público, das comunidades pomeranas. A busca de identificação da pesquisa acabou sendo um processo de estabelecimento de relacionamento pontual e direto, com o encontro via trabalho de campo de pessoas que abriram portas para dentro da comunidade. Em muitos momentos a dificuldade de identificação esbarrou na necessidade de interlocuções que efetuassem a abertura de meios de melhor identificação de fontes.

Neste ponto a pesquisadora Liliane colocou a particularidade do trabalho de campo, que leva a uma identificação de acordo com seu fluxo e com a localização de fontes, pistas e indícios que encaminham um processo investigativo. Em nossos trabalhos de campo identificamos a similaridade dos elementos culturais nas diversas comunidades pomeranas, produzindo uma lógica identitária nítida, clara. Liliane após este início estabeleceu a lista de bens inventariados dividindo-os entre celebrações e ofícios e modos de fazer.

Entre as celebrações foram listados: casamento pomerano, a confirmação luterana, o rito da criança de um ano, a água de páscoa, dança dos noivos, o quebralouças, o convite de casamento. Entre os ofícios e modos de fazer foram listados: o brote, o arroz doce, o toucinho/torresmo, o sopa de batata, o pão de chocolate, o bebida de gengibre, o biscoito de maisena, o ovo de páscoa, a linguiça, a sopa de pêssego, a pão com banha e açúcar, a sopa de macarrão, o bordado, o benzer, o puxar e concertinista.

O senhor Ismael discorda de separação entre a divisão do casamento pomerano entre vários elementos e informou que toda sociedade tem ritos de passagens.

Dança dos noivos segundo ele são três danças, incluindo dança dos noivos, da vassoura e da grinalda e pediu que a equipe estabeleça e discrimine as diferentes danças. Informou que o convite está presente na festa do casamento e o casamento pomerano deveria estar colocado como festa do casamento pomerano. Colocamos que o casamento engloba as danças e o convite, porém a particularidade do convite e das danças refletem a necessidade de serem considerados eles mesmos bens a serem inventariados. Segundo ele, a bebida de gengibre se chama gengibirra, uma cerveja de gengibre que, segundo o senhor Ismael, a população não sabe identificar e chamar pelo nome “técnico”. A sopa de pêssego é a sopa com massa de trigo e ovos que pode receber pêssego ou outros elementos.¹²²

Segundo o senhor Ismael Tressmann, não existe quem fabrica concertina, mas identificamos que existe um fabricante na região o que leva à necessidade de buscarmos a preservação deste modo de fazer por salvaguardas a partir do inventário. O senhor Ismael coloca que como pesquisador a existência do fabricante isolado não é interessante registrá-lo, discordamos dele exatamente pelo fato do sentido da preservação incorrer exatamente nos bens que sofrem mais ameaças de desaparecimento.

Ismael coloca que o ideal é corrigir o termo Benzer para Benzedeira, pois 90% de quem benze é do gênero feminino, a tradição coloca que a maioria é mulher e como quem define são os pomeranos corrige-se o ofício como feminino. Informamos que corrigimos o termo, tendo, no entanto, os resultados de campo desmentido a tradição, dado que a maioria das pessoas identificadas como benzedeiras eram do sexo masculino, ou seja, benzedores. Solicitou-se acrescentar a fabricação de forno, de bolo ladrão e que não é sopa de batata, mas batata ensopada e que é necessário corrigir grupo de sopro para grupo ou grupos de metais. A senhora Ivanirce, do IPHAN, sugeriu que corrigíssemos a nomenclatura dos benzedeiros sob a metodologia utilizada na questão das paneleiras, o ofício é feminino, mas tem homens que fazem.

Ismael informou que não é carta protetora, mas de proteção e que os pomeranos carregam miniaturas no bolso ou carteira para proteção e tem como protetor São Miguel. Informou que os pomeranos adoram anjos e que as Cartas tem o tamanho

¹²² Há de se ressaltar que em entrevista com o senhor Tressmann, em abril de 2013, ele se recusou a fornecer a receita da iguaria, mas isso não foi mencionado durante a reunião por respeito ao patrimônio cultural pomerano.

de A3. Corrigiu-nos que não está correto colocar como cartas do céu, dado que é carta, é uma só, no caso das de proteção há vários tipos, uma só manuscrita. Existe uma carta específica para proteção contra facadas e tiros. Se tirar a carta do bolso fica-se desprotegido. São Miguel é um anjo recorrente nas cartas. Identificamos, no entanto, que há controvérsias nas declarações do senhor Ismael e que existe quem se refira à Cartas e à Carta do Céu e nem sempre identifiquem-nas como sagradas.

Segundo o Senhor Ismael, temos de redigir Caixa de Cobras, escrito com letra maiúscula, pois é uma associação que acumula valor para compra de soro antiofídico. A caixa recebe doações para acumular valor suficiente para a compra do soro.

A comunidade ressaltou que faltou a coroa de advento e a coroa de pentecostes. O senhor Alex Reblim cita a decoração das casas e das festividades como elemento fundamental para buscar ser incluído.

A comunidade solicitou incluir o cartão de batismo/cartão de padrinho e descreveram o cartão como um cartão que dentro recebe agulha com linha, caroço de milho ou feijão que são elementos que colocam opção de escolha para a criança e que representa um desejo do padrinho para que criança aprenda um ofício (costura), um agricultor e que tenha prosperidade (Feijão e milho), estudioso (Lápis), próspero (dinheiro), sorte na criação de cavalo ou de galinha (Pelo e pena de galinha). Em alguns casos os itens do cartão de batismo são usados no rito da criança de um ano.

O senhor Ismael questionou a importância dos grupos de dança afirmando que são criações das prefeituras. Segundo ele, os jovens pomeranos não vieram com o costume de dançar m grupos. Não é uma coisa que o pomerano gosta, mas um movimento que vem com incentivo do poder público e que é de certa forma copiada dos alemães que residem no sul do país. É muito artificial e vem de 1992 para cá. Neste ponto, ele foi questionado pelo senhor Vanildo Kruger, que reivindicou que a dança deve figurar entre os bens inventariados, não só ligada ao casamento, e que os grupos de dança não compõem exatamente uma tradição europeia, mas existem grupos de dança desde 1987. O Senhor Ismael informou que as músicas vêm em CD de Santa Catarina e não necessariamente vem de uma linha tradicional da Pomerânia. Outros membros da comunidade questionaram colocando que se os grupos de dança não são

exatamente uma tradição, a dança sim e que os grupos compõe um elemento de resgate cultural.

Neste momento identificamos que há uma leitura diferente entre diversos membros da comunidade e que há uma leitura da cultura pomerana da base da comunidade e outra da elite cultural e econômica. A própria informação que a população não sabe o nome da gengibirra foi vista como fora do tom por parte dos membros e tem elementos da leitura que qualifica a cultura popular como “Folclore” e a reduzem a elementos distorcidos de uma cultura de relicário.

Diante do impasse o senhor Clair, do IPHAN, sugeriu incluir a dança como forma de expressão que tem os grupos de dança como um elemento que compõe uma tradição maior, mesmo sendo mais recentes. O grupo de dança aparece como um conjunto de danças tradicionais pomeranas. Nestes sentido, a pesquisadora Liliane informou que a forma como as pessoas demonstram que existem danças pomeranas é através dos grupos. O Senhor Ismael colocou que a questão da música açambarca a dança e contém muitos gêneros de música que compõe a tradição cultural pomerana.

O senhor Ismael também incluiu no debate a inclusão dos gêneros literários pomeranos, as histórias contadas pelos antigos é um gênero que inclui histórias verdadeiras como as da vinda dos pomeranos ao Brasil, histórias líricas ,etc., e que o pomerano não tem diferenciação entre ficção e não-ficção. Informou que existem canções de dançar, canções de ninar, canções infantis (cantigas de roda) e que sente falta de menções ao sobrenatural, que sugeriu o Senhor Clair, entram na categoria de gêneros literários. A questão aqui foi a ausência de elementos como os colocados nos trabalhos de campo, onde nenhuma menção ocorreu além das do senhor Ismael, o que pode ser identificado como uma experiência singular ou pontual na cultura pomerana, não podendo ser elencada como experiência universal sem contrapartida de campo.

A comunidade solicitou incluir celebrações como as do primeiro e segundo dias de Natal, Páscoa e Pentecostes. Corpus Christi é um feriado nacional, mas não é importante para o pomerano, já a ascensão é.

A comunidade descreveu que existe divisão sexual do trabalho na plantação. Tubérculos são mulheres que plantam (cará, inhame, batata e tem ligação com a questão da fertilidade), alface e mamão também são mulheres que plantam, tomates são plantados por homens, por exemplo.

Plantios tradicionais de tubérculos, criação de galinhas e patos, piscicultura são tarefas femininas. Uma tradição e na quarta-feira santa se abrirem os tanques de peixe, drenam o tanque e se catam os peixes, que são vendidos. Em geral são encomendados antes. Na sexta-feira santa se come pão com peixe. Quarta-feira de cinzas é dia de plantar feijão. Dia de São José se planta alho. No calendário católico a semana santa começa sexta-feira, para os pomeranos é de quinta-feira ao meio dia até segunda-feira ao meio dia. Mencionaram, também, que os pomeranos tem uma tradição de apicultura, da caixa de abelha. A comunidade solicitou que fosse incluído o ofício de fabricação das placas tumulares e informou que túmulo invertido para suicidas não é mais uma prática.

Na reunião o IPHAN e a comunidade concordam que Igrejas Luteranas, Cemitérios e casas pomeranas são referências de lugar e são para serem incluídos no inventário como lugar.

Informamos que o casamento pomerano não é nomeado como Festa de Casamento pomerano por ser entendida e analisada como um processo que envolve desde o convite até a derrubada do mastro, indo muito além da festa em si.

Foi solicitado incluir o batismo como celebração. E entendemos que a identidade pomerana como luterana é muito forte e o batismo é uma inclusão social da criança, que a partir do batismo torna-se um ser social e pode fazer confirmação e assim casar, ou seja, o batismo é fundamental para a socialização pomerana desde a infância. Segundo eles, os luteranos não batizam jovens e adultos, só em criança. A comunidade solicitou incluir ninho de páscoa e informamos que o ninho de páscoa foi mencionado no Ovo de Páscoa.

Foi questionado o porquê de não colocar a Páscoa como ficha de bem inventariado. Colocamos que nas fichas de inventário a Páscoa está presente, porém na identificação buscou-se referenciar os bens mais presentes e fundamentais para a cultura pomerana com ênfase nos ritos de passagem. O senhor Ismael insistiu, então, que as datas fundamentais são Páscoa, Pentecostes e Natal.

A comunidade solicitou também falar do artesanato pomerano como ofício. Ele faz sua vassoura e instrumentos como peneiras, facas, etc.

6. Sistematização e interpretação das informações levantadas

O processo de chegada dos pomeranos ao Brasil a partir do terceiro quartel do século XIX foi parte de um enorme fluxo de imigração europeia intimamente ligado às transformações decorrentes da “Revolução industrial” e o impacto da tecnologia desenvolvida pela da revolução industrial que levaram a modificações na cidade e no campo, alterando radicalmente o sistema de relações sociais e produção.¹²³

A política imperial de “branqueamento” da população incentivando a chegada de imigrantes de países europeus¹²⁴ foi um dos fatores que levaram à organização de uma política organizada de imigração para o Brasil, devido ao fato da cultura do café, em constante progresso, aliada à abolição da escravidão, exigir um movimento migratório de vulto, o que incentivou a vinda de novos braços para a lavoura.

As dificuldades da vida rural na Europa em plena efervescência da revolução industrial no século XIX, processo de cercamento dos campos e medidas de repressão à mendicância e à circulação de pessoas sem ocupação fixa pelo país, cidades e estradas se aliou ao imaginário construído historicamente em torno do Brasil, de forma espontânea ou dirigida por agentes de imigração (muitos financiados pelo próprio Brasil), e a possibilidade de uma vida de fartura,, estimulou a vinda dessas famílias de diversas localidades.¹²⁵ A presença de propagandistas do Brasil na Alemanha e seus acordos com as grandes empresas marítimas para o transporte de imigrantes foi fundamental para garantir que um fluxo constante de imigrantes alimentasse as necessidades de mão de obra no país. Estes agentes organizavam associações de imigração e colonização que era responsável por manter viva a máquina de transferência de população que operou entre Europa e América Latina naquele século onde as transformações econômicas mudaram a face do planeta.

¹²³ HOBBSBAWM, Eric. **A era das revoluções**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2009.

¹²⁴ Doutrina do Branqueamento. Disponível em <<http://www.ibamendes.com/2011/01/doutrina-do-branqueamento.html>>. Acesso em 25/05/2013

¹²⁵ DANIEL, Camila. *A imigração e a formação de uma nação: por um projeto de modernização do Brasil*. XI Congresso Luso Afro brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e (des)igualdades. UFBA, Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

A preferência por alemães e súditos dos estados alemães da pré unificação alemã, como austríacos e pomeranos, tinha muita influência do fato do imperador do Brasil ser um membro da casa dos Habsburgos, cujos amplos laços possuíam base na descendência que remonta ao sacro império romano-germânico. O imperador assim deu preferência aos alemães por seus laços de sangue e também por ver neles bons trabalhadores e colonizadores. A influência de dona Leopoldina, ela mesma uma princesa advinda da casa real austríaca, foi outro fator fundamental para que a busca por mão de obra centrasse na procura por imigrantes da Alemanha e da Áustria.¹²⁶

A maior parte dos imigrantes alemães que aportou no Brasil seguiu o roteiro clássico da imigração: eram camponeses que perderam suas terras, ex-artesãos, trabalhadores livres, empreendedores em busca de novas oportunidades, perseguidos políticos e pessoas em situação de vulnerabilidade social. Havia também os contratados por incentivos governamentais, tanto pelo governo brasileiro para trabalhos especializados, especialização intelectual, técnica, relacionada ao conhecimento militar, como para trabalhos subalternos em substituição aos escravos.

A demanda por mão de obra na lavoura cafeeira, no entanto, possuiu um aspecto mais prático e menos voltado à lógica de colonização com busca de branqueamento, o que levou ao governo brasileiro e os fazendeiros de café trazerem italianos para trabalharem no país foi muito mais a demanda por braços para manter em funcionamento a política econômica exportadora de café que a lógica de recolonização com inserção do elemento germânico.

Neste sentido, o processo migratório ocorreu de duas formas: na maioria das vezes que o governo trazia os italianos, eles recebiam terras em colônias e tinham que paga-las depois. Quando eram trazidos pelos fazendeiros, as famílias italianas não recebiam terras para morarem e iam residir nas colônias nas fazendas cafeeicultoras. Este último caso foi o mais comum no processo de imigração que tinha como destino as lavouras de café em São Paulo.

Esse momento da imigração para o Brasil no século XIX se diferenciou bastante do que ocorreu com os pomeranos no Espírito Santo. A primeira leva de imigração pomerana ao Espírito Santo, segundo Giralda Seyferth, ocorreu em meados do século XIX com a fundação em 1847 da colônia de Santa Izabel, próxima ao

¹²⁶ GRANZOW, Klauz. **Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul: colonos alemães no Brasil**. Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2009, p. 166.

encontro dos rios Jucu e Santa Maria da Vitória. Esses imigrantes chegavam com suas famílias e se acomodavam em pequenas vilas, iniciando um processo de expansão a partir dessas primeiras localizações e seguindo em direção a novas terras, mais adentro, na subida das serras. Assim que novas terras eram encontradas, novos vilarejos eram constituídos, levando a uma ampla ocupação do território capixaba que ainda não havia sido explorado no decorrer das décadas anteriores. Com a imigração se expandindo para novas áreas, os imigrantes entraram ainda mais no território brasileiro, fundando outras vilas e abrindo o caminho para o processo civilizatório em terras ainda não domesticadas

Os pomeranos entraram no Brasil com passaporte alemão e foram computados em números, na maioria dos casos, como imigrantes vindos da Alemanha. A imigração alemã no Espírito Santo chegou a um total de quatro mil e doze imigrantes. Três mil novecentos e trinta e três chegaram durante o século XIX e apenas setenta e nove no século XX. Em percentual, observamos que dos alemães imigrados para o Espírito Santo, 63% eram oriundos da Pomerânia, 7% da Renânia e 7% de Hesse, 6% da Prússia e 6% da Saxônia, 3% de Westphalia, 2% de Braden e 2% de Brandenburg e 1% da Baviera. Os pomeranos que vieram para o Brasil eram, principalmente, das cidades de Belgard, Greifenberg, Kolberg (Kołobrzeg), Kowak, Labes (Lobez) e Regenwald, parte oriental da província. Essa região sempre foi disputada entre alemães e poloneses e, após a II Guerra Mundial, passou a fazer parte da Polônia¹²⁷.

Assim, os principais imigrantes alemães que chegaram ao Espírito Santo eram, na verdade, de origem pomerana. Os pomeranos são um povo proveniente de uma região que fica entre a Alemanha e a Polônia, área de interinfluência cultural, que criou uma cultura muito particular. As tentadoras ofertas recebidas pelas populações chamadas a imigrar não continham as informações da dureza das condições de vida em terrenos e condições inóspitas, dificuldade com a resistência dos povos originários, doenças, clima, etc.¹²⁸. Esses imigrantes chegaram ao estado e se estabeleceram inicialmente na cidade de Santa Maria de Jetibá. Estabeleceram suas colônias em um total isolamento da sociedade nacional e, em vista disso, preservaram a cultura e hábitos trazidos da Europa.

¹²⁷ GRANZOW, Klauz. **Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul**: colonos alemães no Brasil. Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2009.

¹²⁸ KRUGER, Vanildo. **Pomeranos: a trajetória de um povo**. Documentário, formato colorido NTSC 16:9 Widescreen em DVD e Blu-ray, produção 2009/2010.

Santa Leopoldina foi a primeira colônia reconhecidamente composta por imigrantes quase que exclusivamente da Pomerânia. A expansão se deu de Santa Leopoldina, ponto inicial onde aportaram em canoas, e foi penetrando as áreas ainda selvagens até onde o governo imperial determinou sua instalação. O estado brasileiro forneceu animais e os lotes de terra, exigindo, no entanto, o pagamento do valor investido em até quatro anos, incluindo a passagem no contrato.¹²⁹ O governo destinou à colonização as terras onde hoje está Santa Maria de Jetibá. A partir da chegada de novos colonos, a expansão da ocupação pomerana se deu predominantemente a oeste e norte desta localidade, se espalhando para onde hoje estão outros municípios¹³⁰ e erguendo uma rede de cultura pomerana que até hoje se percebe nas cidades serranas. Há uma rica manutenção de tradições que ocupam toda a vida da sociedade local, desde o cultivo da terra até a língua, passando por ritos religiosos que tinham na religião luterana um elemento de união.

No Museu da Imigração Pomerana, em Santa Maria de Jetibá, há uma imagem da planta dos lotes que foram destinados aos pomeranos. Eles se dispunham às margens dos córregos e rios da região. A realidade entre o que estava na planta e os que os pomeranos receberam foi diferente. Muitas vezes, os funcionários do governo não demarcavam corretamente os lotes e algumas famílias receberam porções muito pequenas de terra.

Mais tarde, depois dessa primeira demarcação, novas levas de migrantes foram chegando e se espalharam para outros municípios, a oeste e sul de Santa Maria de Jetibá, e nas primeiras décadas do século XX para noroeste, mas nesse caso já em uma tentativa de melhora nas condições de vida e por conta própria.

A ocupação das terras serranas capixabas se deu então pela presença do elemento pomerano, juntamente com o alemão, suíço, italiano e polonês. Esse emaranhado de culturas constituiu o que hoje se pode presenciar nas cidades serranas: um conjunto cultural repleto de tradições que constroem e permeiam cotidianamente a vida desses grupos descendentes de imigrantes. O cultivo da terra, os ritos e crenças e a característica da língua uniram alguns grupos que comungavam das mesmas vivências, problemas e questões e ao mesmo tempo distanciaram outros que não vivam as mesmas

¹²⁹ KRUGER, op. cit., 2009/2010.

¹³⁰ Laranja da Terra, Vila Pavão, Domingos Martins, Pancas, Afonso Cláudio, Santa Leopoldina, Baixo Guandu, Itaguaçu, Itarana, Vila Valério, Santa Teresa, São Gabriel da Palha, Colatina, Marechal Floriano, São Roque do Canaã, Governador Lindenberg

influências. A religião luterana os unia, mas a origem pomerana os diferenciava, sendo a língua o principal fator de distanciamento.

Em solo brasileiro, adaptaram suas tradições para o novo habitat e construíram um novo conjunto cultural – a Pomerânia Brasileira. Adaptaram a culinária, a arquitetura, as técnicas de plantio e a língua.

A culinária é o aspecto da cultura onde a adaptação é mais visível. Como povos costeiros, a alimentação pomerana na Europa devia ser fundamentada em peixes e frutos do mar, além do trigo, castanhas e tubérculos como a beterraba e a batata.¹³¹ Chegando ao Brasil, foram levados para uma área serrana, longe do mar e com alimentos muito diferentes do que estavam acostumados. Eles se depararam com animais silvestres que, provavelmente, caçaram nos primeiros meses, entre eles, os jacus, tatus e capivaras. Mais tarde, começaram a plantar, utilizando as sementes doadas pelo governo imperial brasileiro e a criar as galinhas que foram entregues às famílias. Alguns também receberam porcos, o que deve ter facilitado a sobrevivência.¹³²

A cozinha pomerana é muito voltada para a nutrição daqueles que trabalham na lavoura. Seus pratos são fortes e garantem o sustento durante algumas horas. No cotidiano, eles se alimentam, de manhã, de brote com banha e açúcar mascavo, regado a café amargo. O café da manhã é servido entre 4 h. e 30 min. e 5 h. da madrugada quando eles acordam para ir para a lavoura. As mulheres preparam o almoço que será oferecido às 9 h. com alimentos mais fortes como arroz, feijão, mandioca, carne frita, toucinho frito, linguiça e banana. Ao meio dia, eles lancham novamente, comendo uma refeição similar ao café da manhã. O jantar é às 17 h. e se parece com o almoço, mas muitas vezes acrescentam aí a linguiça e o toucinho defumado frito.¹³³ O arroz costuma ser preparado refogando os grãos descascados já lavados e depois acrescentando água para o cozimento. É temperado com alho e sal. Há a preocupação em mantê-lo solto. Não sabemos se essa tradição já era comum entre os pomeranos antes da vinda para o Brasil ou se aprenderam a comer o arroz dessa maneira em terras brasileiras. Sabemos que o arroz já era difundido entre os europeus desde o século XVII. O feijão costumava ser nos moldes do feijão tropeiro mineiro, mas não foi

¹³¹ FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da alimentação**. 4 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

¹³² GRANZOW, Klauz. **Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul: colonos alemães no Brasil**. Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2009.

¹³³ Informações retiradas das diversas entrevistas realizadas nas atividades de campo do projeto.

mentionado em todas as regiões. Há locais onde não se tinha o costume de comer o feijão e, provavelmente, o feijão foi um acréscimo mineiro à culinária pomerana.¹³⁴

O trivial da mesa mineira (referimo-nos a famílias que podem) era e ainda é, na maioria dos casos, tradicionalmente o mesmo, com pouca variação, nas diferentes regiões do estado, sul, mata, centro e oeste, até as proximidades da Bahia, onde os hábitos alimentares se assemelham um tanto aos baianos. Comia-se e ainda se come principalmente o feijão, o angu, a farinha de milho ou de mandioca, o arroz solto, o lombo de porco, a linguiça, a carne de boi, seca ou verde, a galinha e, como erva, a couve. O feijão, “pai de todos”, ocupa o primeiro lugar. Segue-se o angu. Depois o torresmo.¹³⁵

A mandioca é um dos produtos que os pomeranos conheceram em terras brasileiras. É originalmente da América do Sul e foi incorporada aos hábitos alimentares dos luso brasileiros desde o século XVI.¹³⁶ Entre os pomeranos, é servida bem cozida quase formando um purê e saboreada no meio da comida. Foi incorporada também aos bolos e pães.¹³⁷ Acreditamos que os pomeranos tenham aprendido também sobre os usos da mandioca com os mineiros tropeiros que passavam naquelas serras levando seus produtos. Segundo Frieiro, *O mineiro encontra na mandioca um dos produtos alimentícios de sua maior predileção. Entra na sua cozinha em forma de raiz, beiju, farinha, ou polvilho.*¹³⁸

A carne frita, de boi, porco ou frango, é preparada de manhã e servida na hora do almoço. Acreditamos que essa tradição já acontecia antes da vinda para o Brasil, mas provavelmente, eles agregavam o peixe ao cardápio, alimento que no Brasil não foi incorporado.¹³⁹ Porém, segundo Bianca Corona, os pomeranos tinham o costume

¹³⁴ Segundo Norberto Holz, os mineiros chegavam até os pomeranos como tropeiros e vendiam seus produtos. Chegavam muitas vezes a aprender algumas palavras na língua pomerana para serem mais eficazes em suas vendas. Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Norberto Holz em Itarana, em abril de 2013.

¹³⁵ FRIEIRO, Eduardo. **Feijão, angu e couve: ensaios sobre a comida dos mineiros**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1982, p. 129.

¹³⁶ PERONI, Nivaldo. **Ecologia e genética da mandioca na agricultura itinerante do litoral sul paulista: uma análise especial e temporal**. Tese apresentada ao Instituto de Biologia para obtenção do título de Doutor em Biologia Vegetal. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2004.

¹³⁷ Essa conclusão é fruto das diversas entrevistas realizadas entre os pomeranos nos meses de abril, julho e agosto de 2013.

¹³⁸ FRIEIRO, op. cit., 1982, p. 160.

¹³⁹ FACHIN, Patricia. *Pomeranos: construtores de um império? Jairo Scholl Costa avalia a influência pomerana no desenvolvimento de São Lourenço do Sul*. **IHU On-Line – Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, nº 271, Ano VIII, 01.09.2008. Disponível < http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2095&secao=271 > Acesso em 22 ago. 2013.

de construir criatórios de peixes em tanques.¹⁴⁰ Além disso, não sabemos se fauna aquática dos rios Santa Maria e Jucu nas proximidades das primeiras comunidades pomeranas era passível de exploração, mas acreditamos que eles tenham aproveitado esses recursos naturais por algum tempo.

O toucinho e a linguiça eram alimentos típicos dos povos europeus e foram trazidos pelos pomeranos. As linguiças preparadas no Brasil, de tradição portuguesa, têm outros processos de fabricação. Há semelhanças, mas podemos identificar as diferenças, como a mistura das carnes e a defumação. Por fim, a banana foi incorporada ao cardápio pomerano e é uma fruta muito utilizada no Brasil. Sua origem é africana e asiática, mas se adaptou ao clima brasileiro e é muito consumida entre brasileiros de matriz pomerana ou não.¹⁴¹

Diante disso, a culinária pomerana sofreu grandes adaptações e se reconstruiu a partir dos ingredientes encontrados na flora brasileira. Os pomeranos que chegaram aqui no século XIX constituíram novas maneiras de lidar com os sabores e temperos, além de terem reestruturado seu aprendizado de preparo alimentício.

Na arquitetura, não foi diferente, apesar das mudanças terem sido em menor medida que na culinária. Segundo Bianca Corona, a casa pomerana se fundamentava nos feudos do medievo pomerano, composto pela casa do senhor feudal, um bosque, a lavoura, as casas dos camponeses e as benfeitorias do feudo.

Das técnicas construtivas utilizadas, mantiveram o uso da taipa de pilão e do adobe, muito utilizados no Brasil, mas menos na Europa, apesar de, também, haver o uso dessas técnicas. Segundo Corona, na Pomerânia usava-se mais as edificações em pedras e, nos entremeios dessas pedras, acrescentava-se os tijolos de adobe. Para sustentar a casa, eram feitos pilares de pedras adaptados no Brasil para pilares de madeira, chamados moleques. Muitas vezes, eram altos o suficiente para abrigarem os cavalos embaixo da edificação. A presença de um quarto lateral com uma porta para a varanda era, segundo a autora, mais uma caracterização da casa na Pomerânia adaptada para o Brasil. Outro uso brasileiro nas casas das famílias de matriz pomerana era o

¹⁴⁰ CORONA, Bianca Aparecida. **Pomerisch hus: a casa pomerana no Espírito Santo**. Vitória: GM, 2012.

¹⁴¹ FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação**. 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998 e Machado, João Luís de Almeida. **Banana: a musa paradisíaca**. Disponível em < http://artigocientifico.uol.com.br/uploads/artc_1173451898_13.doc > Acesso 20 jun. 2013.

sistema de ventilação que possui duas aberturas, uma na parte superior, logo acima do forro, e outra entre as tábuas do assoalho e madeira.

Por fim, observamos que a arquitetura pomerana se adequou às possibilidades que a floresta capixaba desbastada tinha a oferecer, além de se apropriar do relevo e das técnicas construtivas dos lusos brasileiros que já haviam aprendido a adaptar as casas portuguesas ao clima brasileiro.

Em relação à agricultura, os pomeranos compõem comunidades camponesas que se estruturam, em grande maioria, com a agricultura familiar, em pequenas e médias propriedades.

Os pomeranos chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX vindos da região situada ao norte da Alemanha e da Polônia, às margens do Mar Báltico. A migração ao Brasil se deu a partir dos cercamentos das terras feudais que se transformam em propriedade privada, em terras capitalistas, alterando as regras de convivência de construção de laços comunitários e expulsando das terras todos aqueles que não eram absorvidos pela produção de mercadoria. Este processo gerou um contingente muito grande de camponeses sem-terra, que buscaram através da imigração reconstituir seu modo de vida e sua subsistência pelo trabalho na lavoura¹⁴².

A imigração de pomeranos se deslocou especialmente para o Espírito Santo e o Rio Grande do Sul, onde mantiveram seu modo de vida especialmente agrário, se constituíram como camponeses enfrentando condições duras de estabelecimento de suas comunidades.

As comunidades pomeranas organizaram suas vidas no novo mundo mantendo sua relação com a terra e sua organização comunitária tipicamente camponesa. Tem o trabalho no campo como importante categoria cultural, juntamente com a fé luterana, a cultura de acumulação econômica e o valor inerente do trabalho para a construção do caráter do homem e da mulher.¹⁴³

A caracterização de campesinato pomerano se dá, então, a partir de múltiplas determinações: a relação com a terra propriamente dita, a relação do trabalho na lavoura com a estruturação das relações comunitárias e entre indivíduos e, também,

¹⁴² GRANZOW, op. cit., 2009 e HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2009.

¹⁴³ SCHWARTZ, L. H., SALAMONI, G. *Organização e reprodução social da agricultura familiar entre descendentes de imigrantes pomeranos no município de São Lourenço do Sul, RS*. **XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária**, São Paulo, 2009, p. 1-23.

pela relação entre a fé luterana e o trabalho agrícola manifestada pelas festividades das colheitas e pelos símbolos rituais presentes nas festividades e nas celebrações.

Além disso, a família construída como núcleo de produção econômica também se faz presente, ampliando os laços de afeto para laços de reconhecimento como unidade de produção.

O aspecto mais enfático da cultura pomerana é a língua. O pomerano é uma língua baixo saxônica que se organiza como identidade linguística e cultural dos descendentes de imigrantes vindos da Pomerânia. Uma das características mais fortes dessa língua no Brasil é sua composição, em maior ou menor grau, como unidade linguística principal da comunidade, especialmente antes do letramento em português nas unidades escolares. O status de unidade linguística principal é fruto do esforço consciente das comunidades para manter a língua, tida como esteio da cultura.¹⁴⁴ Segundo Bakhtin, “*A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*”.¹⁴⁵ Mais que palavras, a língua é o conjunto das palavras que refletem os valores culturais de um povo.

A manutenção dos traços culturais originários da Pomerânia não é a única explicação possível para esta caracterização da língua como eixo da identidade pomerana no Brasil. Acreditamos, também, que a língua se comporte como um meio de evitar que a identidade se diluísse em um país diferente, com influências culturais vindas de muitas outras etnias. Mesmo na Europa, existiu um esforço da nobreza em se apagar os traços pomeranos por meio do estímulo à migração germânica para as localidades pomeranas. O objetivo era estabelecer um estado nacional alemão, apagando outras culturas e línguas resistentes. A língua, assim, se tornou um elemento de resistência, um símbolo do não apagamento da cultura pomerana pela imposição alemã e este caráter da língua também migrou para o Brasil¹⁴⁶. Segundo Bakhtin,

¹⁴⁴ HARTUWIG, Adriana Vieira Guedes. *Políticas públicas de reafirmação identitária em comunidades pomeranas do Espírito Santo*. V Congresso CONSAD, Centro de Convenções Ulysses Guimarães Brasília/DF – 4, 5 e 6 de junho de 2012.

¹⁴⁵ BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 95. Apud.: Elichirigoity, Maria Teresinha Py. *A formação do sentido e da identidade na visão bakhtiniana*. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 181-206, 2008.

¹⁴⁶ TRESSMANN, Ismael. *O pomerano: uma língua baixo-saxônica*. **Educação, Cultura, Sociedade. Revista da Farese** (Faculdade da Região Serrana), vol. 1, pp. 10-21. Santa Maria de Jetibá. 2008. Disponível em <[http://www.farese.edu.br/pages/artigos/pdf/ismael/O%20POMERANO%20-%20UMA%20L%C3%8DNGUA%20B.-SAX%C3%94NICA%20\(R Revista%20da%20Farese\).pdf](http://www.farese.edu.br/pages/artigos/pdf/ismael/O%20POMERANO%20-%20UMA%20L%C3%8DNGUA%20B.-SAX%C3%94NICA%20(R Revista%20da%20Farese).pdf)>. Acesso em 05 jun. 2013.

na maior parte dos casos, é preciso supor, além disso, um certo horizonte social definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito.¹⁴⁷

Em terras brasileiras, a língua pomerana se manteve como forma de resistência cultural. Ainda hoje, mesmo diante da redução de jovens que falam pomerano, é comum que até o letramento em português, as crianças falem apenas o pomerano como primeira língua. O falar pomerano, no entanto, deixou de ser natural, presente cotidianamente no todo da comunidade. Hoje, é reduzido o número de falantes no Espírito Santo, porém é inegável que a presença da língua é um elemento constituinte da identidade cultural das comunidades pomeranas, inclusive levando a esforços contínuos de manutenção da tradição através de programas educacionais bilíngues.

As comunidades de matriz pomerana no Espírito Santo têm uma unidade cultural muito marcante, fundamentadas na culinária, arquitetura, costumes, religiosidade e unidade linguística. Desses traços culturais, catalogamos a partir do INRC bens culturais inventariados e identificados e, reunindo grandes conjuntos de categorias culturais, temos o casamento pomerano que se apresenta como um fato social total característico dos pomeranos no Brasil.

7. Resenha crítica da bibliografia levantada

Elaboramos um levantamento bibliográfico com obras que consultamos para a execução desse relatório e outras que serviram e servirão de suporte para o desenvolvimento da pesquisa. Fizemos uma pequena resenha de cada obra especificando como ela nos ajudou ou ajudará a abordar o tema e construir os textos e produtos constantes no Projeto Básico do Edital de Tomada de Preços nº 04/2012. É importante ressaltar que nem todas as obras consultadas foram contempladas com essa pequena resenha porque algumas foram menos relevantes para o processo de construção de conhecimento. Por terem sido utilizadas, foram citadas na bibliografia.

¹⁴⁷.BAKHTIN, op. cit, p. 92.

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009

Livro organizado por Regina Abreu e Mario Chagas que fala dos museus, da museologia e de patrimônio cultural. Consiste em uma obra de referência para os estudos de patrimônio cultural. Cita alguns museus e os considera parte da construção de uma nação.

ADDUCI, Cássia Chrispiniano. **A “pátria paulista”: o separatismo como resposta à crise final do Império brasileiro**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2000.

O livro aborda o movimento separatista paulista na época da abolição, comenta os argumentos dos adeptos do movimento. A obra foi utilizada para compreender o contexto brasileiro da imigração.

ARANHA, Graça, **Canaã**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1981.

A obra aborda a imigração alemã no Espírito Santo. É um romance publicado em 1902. Mesmo sendo um texto de literatura, possui dados interessantes e elementos para a elaboração de um conjunto imaginário acerca das tradições imigrantes no Espírito Santo.

BAHIA, Joana. **O Tiro da bruxa: identidade, magia e religião na imigração alemã**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

Tese de doutoramento resultado de um trabalho de etnografia dos pomeranos que aborda traços da cultura pomerana, dando ênfase aos aspectos míticos e místicos desse grupo. Joana Bahia é antropóloga e esteve entre os pomeranos para desenvolver seu texto. Ela tratou das crenças relativas aos ritos de passagem dos pomeranos, enfatizando aspectos relativos ao nascimento, ao casamento, à morte, identificando conflitos, conjuntos morais e éticos e complexos sistemas de superstição e misticismo.

BELTRÃO, Gabriel Magalhães. *A continuidade da abordagem positivista acerca do folclore na obra de Théo Brandão*. **Revista Crítica Histórica**; ano I, nº 2, Dezembro, 2010.

O artigo publicado na Revista Crítica Histórica traz uma abordagem sobre folclore em continuidade à obra de Théo Brandão. Auxiliou na compreensão do conceito de folclore, diferenciando-o na abordagem de patrimônio cultural.

BEZERRA, Maria Cristina dos Santos. **Imigração alemã para a cidade de Limeira**. Disponível em < http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario5/c_imigra%E7ao_mariacristinabezerra.doc > Acesso em 01 de agosto 2013. Publicação do trabalho de Maria Cristina Santos Bezerra sobre a imigração alemã na cidade de Limeira. Ela observa as contribuições culturais e econômicas da chegada de imigrantes na cidade paulista.

BOSENBECKER, Vanessa Patzlaff. *Influência Cultural Pomerana Permanências e Adaptações na Arquitetura Produzida Pelos Fundadores da Comunidade Palmeira Cerrito Alegre, Terceiro Distrito de Pelotas (RS)*. Vanessa Patzlaff Bosenbecker; orientador: Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira Pelotas, 2012. Dissertação de mestrado que aborda a arquitetura produzida pelos descendentes de pomeranos nas colônias de Palmeira Cerrito Alegre, Terceiro Distrito de Pelotas/RS. Ela aborda as características arquitetônicas de origem germânica e ressalta as adaptações e modificações encontradas.

CORONA, Bianca Aparecida. **Pomerisch Huss: a casa pomerana no Espírito Santo**. Vitória – ES: GM Editora, 2012. Bianca Corona é descendente dos pomeranos capixabas e como arquiteta analisou as edificações pomerana, observando o uso do espaço da casa em relação à cultura pomerana e a adaptação do ambiente para se adequar aos valores culturais pomeranos. Estabeleceu também algumas diferenças entre as técnicas europeias e aquelas adotadas no Brasil.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 6.ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

Emília Viotti da Costa analisa os diversos momentos da estruturação do Brasil republicano, mostrando as causas da fraqueza das instituições. Fornece um contexto histórico e historiográfico para compreendermos o momento da chegada e estabelecimento dos imigrantes pomeranos em terras capixabas.

COSTA, João Ribas da. **Canoeiros do Rio Santa Maria**. Segunda Edição. Rio de Janeiro. 1951.

Os canoeiros foram aqueles que levaram os imigrantes de Vitória a Santa Leopoldina em canoas. Conhecer os trouxe informações de como foi esse processo de chegada dos pomeranos à região serrana. Eram eles que faziam o transporte no rio Santa Maria nas canoas.

CUNHA, Gladson Pereira da. *Ritos de morte na vida: a ritualística mortuária pomerana em Santa Maria de Jetibá*. **Ciências da Religião – História e Sociedade**, Volume 8, nº 1, 2010.

O artigo trata dos ritos de morte entre os pomeranos, analisando seus conceitos e costumes. Esse texto trouxe grandes informações acerca dos ritos de enterro e da simbologia desse momento para a cultura pomerana.

DAEMON, Basílio, 1834-1893. **Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística**. – 2.ed. – Vitória : Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010.

A obra é um suporte histórico para a elaboração das fichas e compreensão da história capixaba.

DANIEL, Camila. *A imigração e a formação de uma nação: por um projeto de modernização do Brasil*. **XI Congresso Luso Afro brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e (des)igualdades**. UFBA, Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Esse artigo trata da imigração e como esse procedimento influenciou na formação do Brasil enquanto nação.

DROOGERS, André. **Religião, identidade e segurança entre imigrantes luteranos da Pomerânia, no Espírito Santo (1880-2005)**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 28(1): 13-41, 2008.

O artigo analisa a religião luterana entre os pomeranos capixabas e estabelece o vínculo com a religiosidade como um elemento que proporcionou um sentimento de segurança e pertencimento para os migrantes no território brasileiro.

ESPÍRITO SANTO. **Calendário de eventos 2013**. Secretaria Estadual de Cultura, 2013.

Eventos do Espírito Santo que mostram alguns eventos em cidades pomeranas.

FEHLBERG, J.; MELO, D. M. de; MENANDRO, P. R. M.; & RODRIGUES, M. M. P. *Casamento Pomerano” e Trabalho Feminino: Um Estudo com Casais de Duas Gerações*. **Pesquisas e Práticas Psicossociais** 7(1), São João del-Rei, janeiro/junho 2012.

Os autores analisam as tradições do casamento pomerano e a mudança do papel social da mulher entre os pomeranos, comprando gerações.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Histórias de família: casamentos, alianças e fortuna**. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2008.

A autora trata da história de famílias de imigrantes suíços em Nova Friburgo no Rio de Janeiro e faz um panorama acerca do processo de imigração para o Brasil.

GINZBURG, C. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1991.

Ginzburg estabelece os critérios da micro-história e como ela é uma ferramenta para compreender as relações sociais e históricas. Essa metodologia pode ser interessante para a análise do microuniverso pomerano.

GINZBURG, C. **Andarilhos do Bem: Feitiçarias e cultos Agrários nos séculos XVI e XVII**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

Ginzburg analisa a construção dos processos da inquisição estabelecendo uma análise sobre cultos agrários da região do friul na atual Itália, leste-europeu e Europa central, criando uma ferramenta para compreender as relações sociais e históricas a partir da análise de fenômenos místicos e religiosos. Essa metodologia pode ser interessante para a análise do papel da religião e dos elementos místicos e mágicos no microuniverso pomerano.

GRANZOW, Klauz. **Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul: colonos alemães no Brasil**. Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2009.

A obra trata da viagem do autor ao interior capixaba e sua experiência entre os pomeranos. Há relatos das viagens para o Brasil, das derrubadas das matas e da vida cotidiana em terras brasileiras. A obra é rica em detalhes e descrições muito úteis para o trabalho.

IBA MENDES Pesquisa. **Doutrina do Branqueamento**. Disponível em <<http://www.ibamendes.com/2011/01/doutrina-do-branqueamento.html>>. Acesso em 25/05/2013.

O texto aborda o racismo no Brasil e o processo de branqueamento proposto pelo Império no século XIX, momento em que vieram os pomeranos.

IPHAN. INRC – Instrumento de Identificação do Patrimônio Imaterial. Power Point. Manual de uso do INRC que será sempre consultado durante a elaboração das fichas.

JACOB, Jorge Kuster, **A Imigração e Aspectos da Cultura Pomerana no Espírito Santo**. Vitória, Estado do Espírito Santo. Departamento Estadual de Cultura. 1992.

A obra trata da cultura pomerana no Espírito Santo e forneceu elementos importantes para a elaboração das fichas e compreensão do universo pomeranos.

KALK, Celso. **Mar Azul / Blag Sei: poesias de um pomerano**. Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2009.

Poesias em pomerano. A obra serve de suporte ao linguista para análise das estruturas gramaticais pomeranas.

LOPES, Almerinda da Silva, **Albert Richard Dietze -Um artista-fotógrafo alemão no Brasil do século dezenove**. Vitória, Estado do Espírito Santo. Gráfica e Editora A1. 2003.

Obra com inúmeras fotografias dos pomeranos no século XIX.

MALTZAHN, Gislaine Maria. **Família, ritual e ciclos de vida: estudo etnográfico sobre narrativas pomeranas em Pelotas (RS)**. Orientador : Flávia Maria Silva Rieth. – Pelotas, 2011.

A autora analisa os pomeranos em Pelotas, o que pode nos orientar ou trazer elementos para uma comparação.

NEVES, Delma Pessanha (Org.). **Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil, v.2: formas dirigidas de constituição do campesinato**. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

A obra é um apanhado de textos acerca da formação do campesinato brasileiro. Trata da imigração e da ida para o oeste para ocupação de novas terras. É uma obra de consulta.

PAIVA, Odair da Cruz. **Historiografia da imigração para o Brasil – 1940/1950**. Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010. Cd-Rom.

Paiva traça um panorama historiográfico dos estudos históricos da imigração no Brasil. É uma obra de consulta para nortear as pesquisas historiográficas.

PETRI, Kátia Cristina Petri. “Braços para a lavoura”: a subvenção paulista para imigração (1886-1896). **Revista Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade**. Disponível em <www.pucsp.br/revistacordis> Acesso em 20 jan. 2013.

O artigo discute a imigração para São Paulo em comparação à política imigratória imperial que trouxe os pomeranos para o Espírito Santo. Analisa também a teoria de branqueamento dentro dessa política imigratória.

PORT, Ido e Diana Coseti Jacks. **O Jardim da Igreja de Alto Jatibocas**. Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo. Editora Follador. 2005.

_____, **Os Altos de Itarana**. Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo. Graficol. 2004.

Obras de autores pomeranos que tratam da colonização pomerana no Espírito Santo e a vida atual desses grupos no estado.

REBELO, Fernanda. *Raça, clima e imigração no pensamento social brasileiro na virada do século XIX para o XX*. **Filosofia e História da Biologia**, v. 2, p. 159-177, 2007.

Rebello trata da imigração no Brasil do final do século XIX e início do XX. Aborda o conceito de raça e a relação desse conceito com as imigrações.

ROCHA, Levy, **Viajantes estrangeiros no Espírito Santo**. Brasília. Editora de Brasília. 1971.

A obra trata dos diversos viajantes que passaram pelo Espírito Santo.

ROCHE, Jean, **A Colonização Alemã no Espírito Santo**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo (PUC). 1968.

A obra trata da colonização alemã no Espírito Santo e aborda também os pomeranos no estado.

RÖLKE, Helmar Reinhard, **Descobrimos Raízes. Aspectos Geográficos e Culturais da Pomerânia**. Vitória, Espírito Santo. UFES - Secretaria de Produção e Difusão Cultural. 1996.

Rölke estuda as raízes culturais pomeranas no Espírito Santo, relacionando-a aos aspectos tradicionais europeus desses grupos.

SANTA MARIA DE JETIBÁ. **História da Colonização de Santa Maria de Jetibá**. Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo, 2001.

O livro conta a história de Santa Maria de Jetibá e sua colonização.

SEBRAE. **Inventário da Oferta Turística do Município de Itarana**. Itarana, 2006.

Obra do SEBRAE com um inventário das potencialidades turísticas de Itarana. Faz referência cultura pomerana no município.

SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MOIR, M. C., SANTOS, R. V. (orgs.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro. Fio Cruz/ CCBB, 1996.

O texto discute as relações entre o conceito de raça, o racismo e a política imigratória brasileira, considerando seu papel colonizador e “embranquecedor”.

SOBOLL, Heinz Friedrich, **Burros e Pastores na Terra do Espírito Santo**. Edição bilíngue. Gráfica Atrativa. 2011.

O livro conta a história do pastor Soboll que foi um pastor luterano no Espírito Santo, relatando suas dificuldades para chegar até as famílias pomeranas que moravam isoladas e o envolvimento das famílias com a fé luterana.

SPINASSÉ, Karen Pupp. **Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo**. Disponível em <<http://www.artistasgauchos.com/conexao/3/cap10.pdf>> Acesso 01 fev., 2013.

O artigo analisa o papel da língua para a construção e manutenção da identidade imigrante no Brasil. A autora dá mais ênfase a esse processo entre os imigrantes de língua alemã.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

Thompson analisa o processo de construção da consciência de classe entre operários e membros das classes trabalhadores da Inglaterra dos séculos XVII, XVIII e XIX. Essa obra permite traçar analogias metodológicas para a compreensão da formação da identidade pomerana entre os imigrantes e seus descendentes em um cenário diverso do originário de sua cultura.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular e tradicional**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013.

O autor analisa o processo de transformação da apreensão da realidade pelas classes populares e camponeses a partir de transformações socioculturais advindas de mudanças econômicas e estruturais. Especificamente analisa as transformações da percepção de tempo entre a população após os efeitos da revolução industrial e da construção de um entendimento de justificativa moral na manutenção de valores, tradições e direitos a partir do apoio entendido como consensual de seus pares. Essa obra permite analisar metodologicamente o quanto a formação da identidade pomerana entre os imigrantes e seus descendentes tomou um aspecto de construção de uma identidade no plano da defesa de direitos e resistência à opressão.

TRESSMANN, Ismael. **Dicionário Pomerano-Português.**

Dicionário de língua pomerana. Obra de consulta.

_____. 1998. **Bilingüismo no Brasil: O caso da Comunidade Pomerana de Laranja da Terra.** Associação de Estudos da Linguagem (ASSEL-Rio). Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Rio de Janeiro.

Essa obra de Tressmann auxiliará o trabalho do linguista na compreensão e análise dos termos da língua pomerana.

VOLBRECHT, Edgar e outros, **A Igreja Centenária de Jequitibá. Resumo histórico dos cem anos da Igreja de Jequitibá.** Vitória, Estado do Espírito Santo. 1982.

Resumo histórico da igreja luterana de Jequitibá, contando desde a sua construção até os dias de hoje.

WAGEMANN, Ernst, **A colonização alemã no Espírito Santo (trad. Reginaldo Santana).** Rio de Janeiro. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 1949.

A obra trata da colonização alemã no Espírito Santo e suas peculiaridades.

WEBER, Gerlinde Merklein Weber. **A escolarização entre descendentes pomeranos em Domingos Martins.** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo (Dissertação de Mestrado), 1998.

A dissertação de mestrado trata do grau de escolarização dos pomeranos em Domingos Martins e a resistência dos pais em enviar as crianças para a escola.

Sites

Os sites são compostos por temas diversos sobre a cultura pomerana, com vídeos, fotos, histórias, depoimentos, artigos e receitas acerca desse grupo.

<http://www.pomeranos.com.br>

<http://www.pomerano.com>

<http://portalyah.com/patrimonioarquitetonicopomerano/>

<http://www.pomerano-es.com.br/>

<http://pommerplattdeutsch.blogspot.com.br/p/introducao-ao-pomerano.html>

<http://www.farese.edu.br/pages/artigos/pdf/ismael/A%20co-oficializa%C3%A7%C3%A3o%20da%20L%20Pomer.pdf>

<http://www.pmsmj.es.gov.br/cgi-bin/cultura.asp?id=1>

<http://revistaescolapublica.uol.com.br/textos/13/artigo246344-1.asp>

<http://www.slideshare.net/gostinhocultural/livro-gostinho-cultural-do-norte-de-esprito-santo>

Vídeos

http://www.youtube.com/watch?v=U8vLCnV_LSY

Pomeranos, A Trajetória de um Povo

“Pomeranos, A Trajetória de um Povo é um filme – documentário que conta a historia que conta a história dos pomeranos que deixaram a Europa e chegaram à região serrana do Espírito Santo a partir de 1859. Devido às guerras e o processo de revolução industrial que gerou muito desemprego e miséria por toda a Europa, o povo pomerano viu-se obrigado a emigrar. Em terras capixabas puderam novamente sonhar com uma vida melhor e reconstruir as suas vidas. Após um século e meio, venceram todos os desafios que a vida impôs, e foram protagonistas de uma das mais belas histórias já vistas.”

O link a cima corresponde apenas ao trailer do filme, mas já entramos em contato com o autor do documentário para adquirir a obra completa.

<http://www.youtube.com/watch?v=Zd3Vn7S7rGk>

Reportagem mostra uma mulher idosa pomerana que não fala português e mostra a sua dificuldade para conseguir a aposentadoria.

<http://www.youtube.com/watch?v=Io4qI0MseYg>

Pomeranos e algumas músicas e danças típicas. (Vídeo amador)

<http://www.youtube.com/watch?v=qM7xzERJXr0>

Casamento pomerano e o ritual da quebra de louças. (Vídeo amador)

<http://www.youtube.com/watch?v=NAj-dxSyLg8>

A tradição da dança pomerana no Espírito Santo. (Vídeo amador)

<http://www.youtube.com/watch?v=r49hjnWNUGk>

Dicionário Pomerano.

Reportagem que trata da valorização da língua pomerana e do seu ensino nas escolas e das origens da língua pomerana.

<http://www.youtube.com/watch?v=03yW1yZzyow>

Vídeo que descreve o funcionamento do ritual de casamento pomerano. (Vídeo amador)

<http://www.youtube.com/watch?v=2GMIJAstFRI>

Festa Pomerana 2012, em Santa Maria de Jetibá.

<http://www.youtube.com/watch?v=IJCsfz7nNo>

ES comemora 150 anos da chegada das colônias pomeranas ao Estado.

<http://www.youtube.com/watch?v=t6EhLnEHGN>

Municípios querem o pomerano como a 2ª língua oficial.

<http://www.youtube.com/watch?v=6fWPTYcULhI>
Festa do Colono em Santa Maria de Jetibá 2012 (13 de 14) - dança pomerana.

http://www.youtube.com/watch?v=P_pUxc4nUeM
Dança pomerana. (Vídeo amador)

<http://www.youtube.com/watch?v=0sCUACWeA4I>
Grupo Os pomeranos - Dança das Fitas - Festa Pomerana 2010.

<http://www.youtube.com/watch?v=7pvSkE3EdCY>
Dança Pomerana em Domingos Martins. (Vídeo amador)

<http://www.youtube.com/watch?v=YHR-DHnsgn0>
Casamento Pomerano. (Vídeo amador)

http://www.youtube.com/watch?v=2y_AJVG-ErM
Reportagem mostra momentos de um casamento pomerano.

8. Relatório Final

O processo de construção deste relatório obedeceu a um misto de pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica composto de uma busca de bases teóricas gerais para a realização do trabalho, base bibliográfica própria do objeto de estudo, construção de meios materiais de orientação ao trabalho no âmbito das pesquisas de campo, produzidos a partir de entrevistas, da observação do espaço geográfico, das manifestações culturais, a leitura dos processos históricos, econômicos, a busca de uma intervenção que deixassem claro a percepção do real pela comunidade nos mais variados meios da leitura social, sejam eles históricos econômicos, antropológicos e de pesquisa patrimonial no âmbito da cultural.

A construção do relatório se pautou por analisar a diversidade de leituras da própria cultura entre os pomeranos, percebendo a diferença de visão da cultura pomerana entre os mais diversos extratos da sociedade. Ao fazer uma análise que também contempla o viés de classe, percebemos a distância entre uma elite cultural pomerana e sua visão de cultura e bem cultural muitas vezes embebidos de uma percepção folclorista, em contraposição a uma base composta por atores pertencentes à camada popular, campesina ou de classe média que atribui valores culturais mais

amplios e abertos, entendendo as transformações da cultura pomerana sem buscar guardá-la em relicários, em redomas que a tomam como peça de museu. Este entendimento ecoa o que Thompsom descreve como uma busca de hegemonia cultural pela elite inglesa do século XVIII, segundo ele.

O controle da classe dominante no século XVIII se localizava primordialmente numa hegemonia cultural e só secundariamente numa expressão de poder econômico ou físico (militar)".¹⁴⁸

A divisão cultural existente nas comunidades pomeranas não está é isolada, não se restringe a disputas políticas no interior da mesma comunidade. Essa divisão é construída para além das relações propriamente restritas à comunidade e tem íntima relação com uma separação de classe. O alinhamento político entre os extratos da comunidade pomerana obedece também elementos de cunho mais geral, nacional, e também estabelece uma divisão entre “cúpula” e “base”, com cada uma tendo mais ou menos características que estabelecem uma busca de lastro intelectual, por um lado, e popular, por outro. Novamente isso encaixa com a concepção de E. P. Thompsom da divisão entre cultura patriciana e plebeia feita por intelectuais inglesas que estudavam a cultura popular do século XVIII, qualificada por este como uma classificação que deve ser vista em termos de classe¹⁴⁹. No caso da comunidade pomerana, uma pequena parcela urbana, em geral controladora de certo aparato político burocrático institucional, propaga uma percepção do que é a cultura pomerana através de seus preceitos elitistas, buscando estabelecer o seu discurso de exceção como a “real cultura pomerana”. Esse discurso tornou-se tão distanciado da base, chegando ao cúmulo de informar que o pomerano comum, o pomerano popular, campesino, não sabe o nome de suas bebidas, desconhece sua própria cultura. Ao se colocar nessa posição, a elite pomerana estabelece que a cultura popular é uma não-cultura, ilegítima, distante e impura diante de uma cultura *patriciana*, de elite, que faz realmente jus à cultura dos antepassados, mantendo uma cultura intocada e idêntica à que veio de navio ao Brasil. Essa visão equivocada, na maior parte das vezes, movidas por interesses mesquinhos contrários à coletividade, servem para ocultar o sentido e significado próprios experimentados pela

¹⁴⁸ THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 2013.

¹⁴⁹ Idem.

vitalidade e pelo dinamismo da cultura produzida pelo cotidiano pomerano, que estabelece novos paradigmas mantendo o eixo identitário e a raiz na cultura dos antepassados sem se pretender pura. Ao colocar a cultura popular como distante da “verdadeira cultura” a relação estabelecida é de distanciamento e é análoga ao de folcloristas que cindem processos culturais amplos em nome de um estabelecimento da cultura, especialmente popular, como estanque e “remanescente do passado”, porém sem a legitimidade da pureza original, estando assim relegada ao status de cultura menor¹⁵⁰.

A análise dessas tensões de classe tem em vista promover o entendimento da cultura pomerana como uma cultura viva, que está em disputa, que não está salvaguardada dos tensionamentos sociais, da diversidade de compreensões sobre seus mecanismos e fenômenos que não se prendem na ortodoxia purista da avaliação de fenômenos segundo um distanciamento cultural elitizado, ou construído a partir das percepções restritivas e restritas às análises nucleares de eventos e fenômenos culturais amplos.

Assim, buscamos através de um amplo trabalho de campo, a constituição de uma análise que concebesse a junção entre trabalhos etnográficos de vasto espectro, produzidos a partir de bibliografia, com uma análise participante e que a partir da conjunção de experiências declaradas em entrevistas, nos fornecessem um mapa com boa fidelidade da cultura pomerana presente no estado do Espírito Santo.

A partir disso compreendemos a cultura pomerana como uma variação peculiar da cultura campesina nacional e não como uma cultura europeia deslocada espacialmente. A cultura pomerana adquire assim o aspecto de uma variação cultural essencialmente brasileira, parte de uma multiplicidade, das tantas maneiras de ser brasileiro, menos uma inventada cultura europeia fora de tempo e espaço e mais uma variação da brasilidade. Esta percepção se construiu na análise das formas de festejo, da forma de cozinhar, da análise da relação entre religião e magia, a musicalidade e a relação política e econômica entre eles e a sociedade nacional e no interior da própria comunidade.

¹⁵⁰THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 2013.

8.1. Culinária

A culinária é uma das atividades da cultura pomerana que trouxe informações e bens culturais para compor o inventário e as identificações levantadas pela equipe. Na história, a culinária e a alimentação começaram figurar com mais frequência entre os temas de produções acadêmicas com a Escola dos Annales que propunha a reunião da história a outras disciplinas e buscava escrever uma história vinculada a fontes primárias.

A associação da história à antropologia proporcionou novas leituras acerca da alimentação e dos usos e costumes associados a ela e peculiar aos indivíduos nas diversas culturas no tempo e no espaço. Segundo Flandrin, “(...) *não é por mera fantasia que a maneira de preparar os alimentos difere de um povo para outro, mas em função de diferenças tecnológicas, econômicas e sociais entre esses mesmos povos.*”¹⁵¹ Nesse sentido, optamos por fazer um caminho que reunia estudos de caráter etnográfico acerca da alimentação com outros de caráter historiográfico sobre a história dos alimentos no Brasil.

Diante disso, analisamos a relação da culinária dos imigrantes vindos da Pomerânia com as adaptações e técnicas desenvolvidas no Brasil para criar o que hoje se denomina “culinária pomerana”. O trigo no Brasil colonial e imperial sempre foi um problema para os colonizadores e brasileiros. Nunca foi produzido no país e precisava ser importado, o que encarecia a farinha e inibia seu uso. Nesse sentido, ele foi substituído pelo fubá e pelo polvilho e acrescido de outros ingredientes que misturados davam a consistência necessária para os bolos e pães, como o pão de queijo cuja “liga” é feita pelo óleo e o queijo, ou a broa de fubá, cuja “liga” é dada pelos ovos e o leite. Quando os imigrantes pomeranos chegaram ao Brasil, eles precisaram se adaptar como os portugueses tiveram que fazer e foram substituindo ingredientes. O trigo foi substituído pelo fubá que não fornecia “liga” suficiente para o preparo do pão e na receita foi acrescido o cará, o inhame, a mandioca a batata doce, etc., tubérculos que crus e ralados ofereciam uma goma que substituíra aquela proporcionada pelo trigo. Provavelmente, não substituíram por ovos e leite porque havia escassez desses ingredientes entre eles. Outros ingredientes também foram incorporados aos cardápios

¹⁵¹ FLANDRIN, op. cit., 1998.

das famílias de matriz pomerana numa tentativa de utilizar o que a nova terra oferecia e aproximar do paladar já conhecido. Entre eles, a adoção da goiaba nos bolos e doces, como o bolo ladrão que possivelmente era feito com morangos ou “berrys”, da mandioca que também foi incorporada aos *menus* diários e é um alimento que cresce rapidamente, demanda pouco cuidado e tem grande caráter nutritivo.

Por fim, podemos analisar a partir dessas adaptações realizadas pelos imigrantes é que foi construído por eles um conjunto de receitas e usos e costumes que misturavam os processos e técnicas domésticos da antiga Pomerânia com aqueles já utilizados no Brasil pelos brasileiros, mas com a estratégia de escolha pelo paladar e pelos procedimentos mais convenientes para aquele grupo estrangeiro. Com sua morada permanente no Brasil, esses brasileiros de matriz pomerana descobriram novas misturas e receitas que associavam a memória da antiga terra com os ingredientes oferecidos pela nova.

8.2. História das cidades

Afonso Cláudio

A região onde hoje se encontra a cidade de Afonso Cláudio era ocupada por índios conhecidos como Botocudos. Botocudos era como os colonizadores chamavam uma série de diferentes etnias que tinham como traço comum adornos auriculares e labiais, porém não sendo apenas uma nação. Há indícios que os Botocudos eram grupos pertencentes ao tronco linguístico macro-jê e dentre os identificados como botocudos estão os grupos: Aranãs, Bacuéns, Caingangues, Cracmuns, Crenagues, Eteuetes, Guticraques, Jiporoques, Maconis, Malalis, Minhajiruns, Mokuriñs, Nacnenuques, Nacrerrés, Naques-nhapemãs, Nepes-nepes, Panhames, Pejaeruns, Pojixás, Tacruques-craques, Xetás e Xoclengues¹⁵².

Os índios Botocudos, portanto, já habitavam a região, quando os primeiros colonizadores chegaram a ela em busca de ouro em meados do século XVIII. Os Botocudos também eram chamados de Aimorés e eram descritos como um grupo extremamente belicoso e perigoso a quem buscava colonizar as terras francas.

¹⁵² BOTOCUDOS FORAM OS PRIMEIROS HABITANTES DA REGIÃO. Disponível em <<http://www.colatina.es.gov.br/acidade/?pagina=historia&item=1>>. Acesso em 10/09/2013.

Nos primeiros quartéis do século XIX o aventureiro Frederico Wilmer fez incursões na região e nela contraiu a febre amarela que o mataria em 1851. Andou pela região procurando ouro e o encontrou na região na localidade chamada lagoa, que ficava nas terras pertencentes à fazenda Santo Antônio do Alto Guandu, de Antônio de Souza Barros.

Outras incursões vieram à região deixando relatos das terras férteis que encontravam quando chegavam à casa da fazenda de Antônio de Souza Barros. Estes relatos entusiasmarão o fazendeiro que não demorou a buscar na região as terras descritas. Souza Barros chegou em 1876 às cabeceiras do rio Guandu, no atual distrito de Boa Sorte. Com a chegada a esta região e a descrição de suas características ocorreu já em fins de 1883 a migração de algumas famílias que então residiam às margens do Ribeirão Lagoa para o local conhecido como “Arrependido”, que ficava à distância de cerca de cinco quilômetros da atual cidade. Nesta localidade construíram algumas casas simples, uma capela e um cemitério e buscaram plantar víveres.

Entre as primeiras famílias que chegaram ao “Arrependido” podem ser citadas as famílias de Inácio Gonçalves Lamas, Jorge Guilherme Gomes, Coimbra de Oliveira e outros. Estes pioneiros, no entanto, não se demoraram habitando a localidade, tendo se transferido para o norte da atual cidade de Afonso Claudio, para a propriedade que na época era de Eugênio Silva, que recebera o direito de posse de José Gabry.

O primeiro vilarejo na região foi fundado em 1885 por Sabino Coimbra, Inácio Lemos, Jorge Gomes e Joaquim Galvão que lançaram os fundamentos da povoação com as construções das primeiras casas e batizando-a com o nome de São Sebastião do Alto Guandu localizada às margens do córrego Três Pontões¹⁵³.

O povoado de São Sebastião do Alto Guandu progrediu de forma rápida, diferente da povoação anterior e as primeiras estradas transitáveis foram abertas com a ação de Inácio Gonçalves que conseguiu manter laços de amizade com indígenas da região que o auxiliaram na implementação dos caminhos carroçáveis que viriam incrementar o desenvolvimento do povoado, ligando-o às localidades vizinhas. Nessa época o povoado era parte de Porto do Cachoeiro de Santa Leopoldina.

O município de Afonso Cláudio foi parte dos municípios de Cachoeiro de Itapemirim, Serra e Santa Leopoldina, tendo se emancipado em nove de janeiro de

¹⁵³ IBGE Cidades, Afonso Cláudio. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320010>>. Acesso em 10/09/2013.

1891. O novo município recebeu o nome do primeiro governador do Estado do Espírito Santo, Afonso Cláudio, que também foi um grande jurisconsulto espírito-santense. Na época faziam parte do município de Afonso Cláudio os atuais municípios de Brejetuba, Laranja da Terra e Itarana.

A composição étnica da população de Afonso Cláudio é variada, tendo, no entanto, sua maioria composta de pessoas de descendência Italiana que chegaram à região em sua maioria nos últimos anos do século XIX. A composição populacional de descendentes de imigrantes também possui boa parte de descendentes de pomeranos e alemães, além disso, a presença de população afrodescendente, descendente de escravos, é significativa¹⁵⁴.

Baixo Guandu

A história de Baixo Guandu tem profunda relação com os movimentos de ocupação da região do Rio guandu e da região do Vale do Rio Doce. A região era povoada originalmente por índios conhecidos como botocudos ou aimorés, que vinham a ser diferentes etnias assim conhecidas pelos colonizadores pelo uso de adornos auriculares e labiais.

O núcleo original de povoamento pelos colonizadores foi constituído pelo Major José Vieira de Carvalho Milagres, que em 1875 chega à então região de Colatina e inicia um vilarejo na confluência do rio Guandu com o rio Doce¹⁵⁵.

Nascido em Cantagalo, província do rio de Janeiro, em 1806, o Major José Vieira de Carvalho Milagres era um veterano da Guerra do Paraguai e foi parte do 17o. Batalhão de Infantaria do Serviço Ativo, em Cantagalo e também cumpriu o papel de Promotor, Capitão da Guarda Nacional e Juiz de Paz. O Major José Vieira de Carvalho Milagres era cafeicultor e foi dono da fazenda São Gonçalo, localizada em Cantagalo, entre os anos de 1839 a 1856, além de possuir terras na margem do Ribeirão do Quilombo e a sesmaria de São João da Pedra. Foi casado com Porcina Angélica de Santa Rosa e faleceu no Espírito Santo em torno de 1894, já residindo naquela que viria

¹⁵⁴ História do Município de Afonso Cláudio. Disponível em <<http://www.ape.es.gov.br/index2.htm>>. Acesso em 10/09/2013

¹⁵⁵ IBGE Cidades, Baixo Guandu. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320080>>. Acesso em 10/09/2013.

a ser chamada de Baixo Guandu¹⁵⁶.

O Major José Vieira de Carvalho Milagres se deslocou à região movido pela missão de colonizar, proteger e organizar uma base colonizadora a partir de imigrantes europeus que imigraram pra o Espírito Santo movidos pela ação dos Governos da então província e do Império. Foi nesta época chegaram os imigrantes pomeranos e alemães.

A dura colonização necessitava de experiência em batalha para enfrentar os então senhores da região, os índios botocudos, que ocupavam a área entre o Rio Doce e o Rio São Mateus. A colonização se estabeleceu no Vale do Guandu, tendo alguns outros ocupando a região do ribeirão do Lage. A colonização ocupou ambas as margens do rio Guandu.

Essa colonização original se expandiu no início do século XX a ação do presidente Henrique da Silva Coutinho que criou a colônia do Baixo Guandu em 1905, ocupando a área do Vale do Guandu até os limites com o município de Afonso Cláudio e com Minas Gerais. A colônia teve como principal alvo a ocupação desta região por colonos europeus que receberam terras doadas pelo estado, divididas em lotes onde ocuparam colonos italianos, franceses e espanhóis neles lotados¹⁵⁷.

A Estrada de Ferro Vitória/Minas Gerais também teve profundo impacto na constituição da cidade de Baixo Guandu. O início da construção da estação e da chegada da estrada de ferro se deu em torno de 1905, tendo os trilhos do primeiro trem chegaram em 1907, ampliando as atividades econômicas, especialmente o transporte de madeira da região à capital e para Minas Gerais.

A estrada de ferro Vitoria/Minas foi inaugurada em 1904 com o objetivo de intensificar o transporte da produção cafeeira, agrícola e de madeira da região ao longo do Rio Doce e foi avançando com enorme dificuldade território capixaba a dentro até chegar à cidade mineira de Diamantina.

Foi vendida a empresários ingleses em 1910 que buscavam eletrificá-la para melhorar o transporte de minério da região de Itabira, ampliando o arco de atuação da estrada de ferro. O empresário americano Percival Farquhar a comprou em 1919 e foi

¹⁵⁶ José Vieira de Carvalho e Cunha, Major. Disponível em <http://origem.biz/ver_cadastro1.asp?id=1604>. Acesso em 13/09/2013.

¹⁵⁷ História do município. Disponível em <<http://www.pmbg.es.gov.br/v1/?page=conteudo&subfrom=Hist%C3%B3ria%20do%20Munic%C3%ADpio&pagina=41e6356351>>. Acesso em 13/09/2013.

seu proprietário até sua encampação em 1942 pela Companhia Vale do Rio Doce, sendo que até este ano a estrada de ferro nunca tinha sido eletrificada. Neste período seu traçado foi alterado fugindo da acidentada região de Vitória. A estação de Baixo Guandu foi inaugurada em 1910¹⁵⁸.

Nesta época Baixo Guandu fazia parte de Linhares. Baixo Guandu era um distrito criado pela lei estadual nº 1045, de 09/12/1915. Em 30/12/1921 o município de Linhares passa a ser chamado de Colatina após a aprovação desta lei estadual nº 1307.

A elevação de Baixo Guandu à categoria de município se deu pela lei estadual nº 6152 de 10/04/1935, sendo o distrito desmembrado de Colatina e seu distrito sede foi constituído em 31/03/1936. Em 1938 são anexados a Baixo Guandu, desmembrados de Colatina, os distritos de Afonso Pena e Mascarenhas e, até 2003, outra série de distritos foram criados, até a última redefinição administrativa, demonstrando claramente o rápido desenvolvimento da cidade¹⁵⁹.

É no território de Baixo Guandu que está localizada a maior hidrelétrica do Espírito Santo, a UHE Mascarenhas, inaugurada em 1974 e que fornece energia ao Espírito Santo e a Minas Gerais¹⁶⁰.

colatina

O rio Doce foi por muito tempo barreira natural para a povoação do norte capixaba, separando o estado entre a zona povoada do litoral e esta área despovoada. Na verdade a área estava longe de ser despovoada, sendo habitat dos índios Botocudos que ocupavam a extensa área de floresta do Rio Doce até São Mateus, além de uma parte de Minas Gerais. De conhecida agressividade os botocudos viviam em guerra entre si e com qualquer outro povo que buscase ocupar as áreas sob seu domínio. Os botocudos foram obstáculo para a colonização mesmo após três séculos da primeira entrada no rio

¹⁵⁸ E. F. Vitória a Minas (1910-2010). Disponível em <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/efvm/baixo.htm>>. Acesso em 13/09/2013.

¹⁵⁹ IBGE Cidades, Baixo Guandu. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320080>>. Acesso em 10/09/2013.

¹⁶⁰ Usinas no Espírito Santo. Disponível em <<http://www.edpescelsa.com.br/aescelsa/usinas.asp>>. Acesso em 13/09/2013.

Doce, ocorrida por volta de 1572, sob a chefia de Sebastião Fernandes Tourinho, rumo a Minas Gerais.

Os Botocudos era como os brancos chamavam as várias etnias que residiam na região e que incluía krenaques, Nac-nuc, Minia-jirunas, Gutcraques, Nac-requês, Pancas, Manhangiréns, Incutcrás. Eram denominados assim pelo uso característico do batoque ou botoque no lábio inferior ou nos lóbulos das orelhas. Botoque era uma rodela de madeira branca medindo até 12 centímetros de diâmetro e introduzida por uma espécie de botão no lábio inferior e nos lóbulos das orelhas.

As primeiras incursões nas terras que são o atual município de Colatina se deram pelas expedições do capitão Antônio Pires da Silva Pontes Leme que buscou mapear as cercanias do rio Doce, construir postos militares e abrir estradas até Minas Gerais. A instalação dos postos militares de Regência Augusta, Porto do Souza e Lorena tinham como objetivo proteger os colonos dos ataques dos índios e garantir a ocupação da capitania. Neste cenário iniciou-se a ocupação do povoado que viria a ser chamado de Coutins e, mais tarde, o de Linhares, localizado na margem esquerda do Rio Doce¹⁶¹.

Toda esta região de Linhares e do vale do Rio Doce no território capixaba eram parte do município de Reis Magos, atual Nova Almeida no município da Serra, até 17 de março de 1827 quando foi concedida a Linhares o direito de constituir seu patrimônio a partir da cessão de uma área de terra com tal fim. Cinco anos depois, em dois de abril de 1833, Linhares era elevado à categoria de vila pelo Conselho da província. Neste mesmo ano, em 22 de agosto de 1833, toma posse a Câmara Municipal de Linhares junto a Reis Magos. Linhares com isso alcança autonomia administrativa, sendo elevado à posição de município com área extensa, que abrangia do Baixo Rio Doce até as divisas com Minas Gerais, fazendo fronteira com o município de São Mateus.

O estabelecimento de um município na região atendia também as necessidades econômicas da província em contínua expansão. A navegação do rio Doce já se iniciava em 1832, um ano antes, portanto, da fundação de Linhares, utilizando vapores e intensificando o movimento comercial pelo rio, entre Regência Augusta e o Porto do Souza, levando ao recebimento de estímulos oficiais para que a região tivesse

¹⁶¹ IBGE Cidades, Colatina. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320150&search=espírito-santo|colatina#historico>>. Acesso em 10/09/2013.

o povoamento acelerado, levando inclusive à criação de projetos de colonização organizada.

Uma das iniciativas de colonização da área se deu em torno de 1857 com a ação de Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite, fundador da Transilvânia, compreendida nas terras adjacentes aos rios Pancas e São João. Esta iniciativa não chegou a alcançar a localidade onde se ergueu Colatina.

Outra tentativa de colonização ocorreu entre 1861 e 1865 com a chegada de quatrocentos colonos norte-americanos, fugindo da Guerra da Secessão de seu país, porém estes não conseguiram sobreviver à dureza das condições de vida na região. Outra onda de colonização se deu em torno de 1866 com a chegada de mineiros e fluminenses à região de Mascarenhas, porém apenas a chegada dos primeiros imigrantes europeus em 1889 (italianos, alemães e poloneses, entre eles os pomeranos) por iniciativa dos primeiros povoadores fluminenses, os Carvalho Milagres, de Cantagalo, Estado do Rio de Janeiro.

As iniciativas de colonização sofriam com a dureza do terreno, com as doenças e com as dificuldades dos colonos europeus com a natureza diferente da originária. A colônia de Limão, por exemplo, a mais próxima de Colatina, foi assolada pela matéria, levando à migração dos colonos para outras regiões. As iniciativas de colonização organizada ocorreram entre 1888 e 1894 a partir de um projeto de ocupação das terras devolutas do Rio Doce e formaram a estrutura que permitiu a manutenção da povoação por um longo prazo.

Esta colonização organizada era responsável pela chegada dos pomeranos e alemães à região e se iniciou em 1891 com a medição de lotes e derrubada de árvores nas proximidades de Santa Leopoldina. O povoamento de Colatina se iniciou a partir das colônias surgidas em Santa Maria, frutos da expansão de uma ala pioneira oriunda de Santa Leopoldina. A partir destes núcleos de Santa Leopoldina, Porto de Cachoeira e de Santa Isabel, a colonização alemã e pomerana se espalhou por toda a bacia dos rios Jucu e Santa Maria de Vitória¹⁶².

Colatina ainda era então parte município de Linhares, e compreendia toda a região até Escadinhas. Escadinhas era o nome do que viria a ser chamado de Colatina após a elevação ao status de sede de distrito em 1899. Este nome foi dado me

¹⁶² História. Disponível em <<http://www.colatina.es.gov.br/acidade/?pagina=historia&item=5>>. Acesso em 13/09/2013.

homenagem à Dona Colatina, esposa do governador Muniz Freire. A iniciativa da homenagem partiu do Engenheiro Gabriel Emílio da Costa. Em 1906 a construção da Estrada de Ferro Vitória-Minas amplia a frente de colonização da região do rio Doce e chega a Colatina em 1906, colocando o distrito como eixo fundamental de acesso ao norte Capixaba. Com a facilidade ampliada de transporte foi possível que dez anos depois colonos alemães originários da região serrana do Espírito Santo chegassem às cabeceiras do Mutum e do Panquinhas, ao norte do rio Guandu. Com a construção de uma ponte sobre o rio Dope em 1928 a colonização foi acelerada e Colatina já assumia então a sua posição de cidade chave para o acesso da região norte do Rio Doce.

A vida em Colatina não era, no entanto, avessa às movimentações e embates políticos do estado, inclusive reforçando sua centralidade econômica e política. Em 1916 uma rebelião instala na cidade o governo de Pinheiro Junior, que não reconhecia o resultado do pleito estadual em que foi eleito Bernardino Monteiro. Liderada pelos coronéis derrotados Alexandre Calmon e Pinheiro Júnior, a revolta ficou conhecida como chefiam a revolta do “Xandoca”, em referência à liderança de Alexandre Calmon. Em 29 de junho do mesmo ano a rebelião foi debelada, porém Colatina com ela também conquistou o status de município, evitando assim novas rebeliões com a criação de uma instância de governo que atendesse aos rebeldes em 1921, mais precisamente em trinta de dezembro de 1921.

Domingos Martins

A colonização alemã, pomerana e italiana é fundamental para o entendimento da história de Domingos Martins. A primeira leva de imigrantes chega à região ainda na primeira metade do século XIX, chegando a Vitória em vinte e um de dezembro de 1846 com destino final apontando para a colônia de Santa Izabel, fundada pelo presidente da província, Dr. Luiz Pedreira do Couto Ferraz, que era amigo do imperador e dividia com ela o entendimento da colonização europeia como fundamental para a formação do Brasil.

A colônia de Santa Izabel foi a primeira colônia de imigrantes centro-europeus e Italianos fundada em território capixaba. A escolha do nome foi motivada pela devoção da princesa Isabel à santa e esta origem influenciou a manutenção da santa

como padroeira do atual município de Domingos Martins.

As terras da colônia de Santa Isabel compreendiam a região situada entre os rios Jacu e Braço do Sul, no local denominado Cuité. Nesta região se estabeleceram as quarenta e sete famílias originárias da então Prússia Renana, que compreendia boa parte do norte-nordeste da Alemanha e parte da Polônia. Estas famílias compreendiam um total de cento e sessenta e três pessoas que tiveram de cumprir a difícil missão de colonizar um território hostil e ocupado por indígenas agressivos conhecidos como botocudos¹⁶³.

Botocudos ou aimorés era como eram chamadas diferentes etnias assim conhecidas pelos colonizadores pelo uso de adornos auriculares e labiais e cuja fama de guerreiros implacáveis levaram ao Império junto com a província do espírito santo organizar uma colonização planejada ao ponto de enviar militares experientes como o Major José Vieira de Carvalho Milagres, que se deslocou à região com a missão de colonizar, proteger e organizar a colonização, incluindo organizar militarmente a ocupação, criando meios de proteção aos colonos¹⁶⁴.

Os colonos que subiram as margens do Rio Jucu Braço Norte e se instalaram na Serra da Boa Vista formavam uma comunidade dividida entre famílias Luteranas e Católicas, e vinham de regiões como a região montanhosa do Hunsrück na Prússia, das cidades de Koblenz, Lötzebeuren e Traben-Trarbach. A colônia permaneceu unificada por cerca de dez anos e depois as famílias católicas e luteranas se dividiram. Os católicos ficaram em Santa Isabel e os luteranos subiram a montanha se fixando no local que chamaram de Campinhoberg ou Morro do Campinho. As razões desta divisão não são claras, como também não são claras a busca de maior isolamento pelas famílias luteranas.

Aos primeiros colonos se somaram outras levas que chegaram em 1859, de alemães provenientes da região do Hesse do Reno, e entre 1857 e 1873, quando uma grande leva de pomeranos chegou a Santa Leopoldina e Melgaço. A chegada à colônia se deu pela subida do rio Santa Maria da Vitória até a cachoeira de Santa Leopoldina. A origem dos pomeranos é a região situada entre o norte da Alemanha e da Polônia, mais precisamente das regiões de Koslin, Kolberg, Greifswald, etc. Em Domingos Martins se

¹⁶³ Historia de Domingos Martins. Disponível em <<http://www.domingosmartinsfacil.com.br/historia-geografia.php>>. Acesso em 13/09/2013.

¹⁶⁴ José Vieira de Carvalho e Cunha, Major. Disponível em <http://origem.biz/ver_cadastro1.asp?id=1604>. Acesso em 13/09/2013.

concentraram nas regiões dos distritos de Melgaço e Paraju.

A colônia progrediu apesar dos poucos recursos e das dificuldades de adaptação ao clima, e seu progresso se relacionou ao duro trabalho de plantio de cereais e café, culturas que se mostraram ideais às condições da terra e climáticas. O progresso rápido acabou levando à necessidade de mais mão de obra, necessidade esta que segundo o desejo de promoção de branqueamento pela entrada de europeus, embutido no plano de colonização organizado pelo Império e pela província, só poderia ser satisfeita com a chegada de novas levas de imigrantes europeus.

Buscou-se assim a chegada de imigrantes Italianos, vencendo a resistência do governo Italiano que exigia que seus patrícios fossem direcionados às colônias no sul do Brasil. A chegada dos italianos os levou à região pertencente aos atuais distritos de Araguaia e Aracê.

O primeiro fluxo de italianos provenientes da ilha da Sardenha chegou à província em 1859, sendo que a maior leva começou em 1875, só chegando na região da colônia no início do século XX, em torno de 1900, e se concentrou no distrito de Aracê. Essa chegada se deu pelo desbravamento de novos caminhos, até então desconhecidos pelos alemães e pomeranos, que indicavam a busca de abertura de novas frentes de colonização¹⁶⁵.

Algumas famílias italianas chegaram pela localidade de São Floriano, subindo de Alfredo Chaves pela região de São Bento de Urânia, chegando até o alto de Pedreiras, abrindo caminho para a chegada de novas levas de imigrantes e adquirindo terras de colonos alemães que já viviam na região, ampliando sua área de influência, outras famílias chegaram após atravessarem a Pedra Azul rumo à região de São Paulinho.

O então distrito de Santa Izabel era parte do município de Viana, o que veio a ser alterado após o desmembramento ocorrido em vinte de outubro de 1893, quando o decreto estadual nº 29 emancipa Santa Izabel, que se torna um município com distrito sede localizado em Campinho. A malária, que assolava a região, no entanto, obrigou a transferência da sede do município para Santa Isabel através do decreto estadual nº 19 de vinte e seis de junho de 1896, retornando para Campinho em 1917.

¹⁶⁵ Domingos Martins, Espírito Santo-ES. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/espiritosanto/domingosmartins.pdf>>. Acesso em 14/09/2013.

A alteração do nome de Santa Izabel para Domingos Martins ocorreu em vinte de dezembro de 1921. A mudança se deu como forma de homenagear o herói Capixaba Domingos José Martins, natural de Itapemirim e líder da Revolução Pernambucana de 1817 que buscava fundar uma república em Recife conhecida. Domingos Martins morreu fuzilado em doze de junho de 1817 na Bahia¹⁶⁶.

O primeiro prefeito de Domingos Martins governou de 1893 a 1895. Como era norma na época, foi o Presidente da Câmara, Felipe Endlich, quem assumiu o cargo de prefeito do município.

O município atualmente é composto de seis distritos: Sede, Aracê, Santa Isabel, Paraju, Melgaço e Biriricas.

Governador Lindenberg

A cidade de Governador Lindenberg era parte da região de Linhares e do vale do Rio Doce. Esta região fez parte do município de Reis Magos, atual Nova Almeida, distrito de Serra, até dezessete de março de 1827, quando Linhares constitui patrimônio próprio em região cedida para este fim. Linhares foi elevado à condição de vila em dois de abril de 1833 e em vinte e dois de agosto é elevado à posição de município com extensa área que compreendia do Baixo Rio Doce até as divisas com Minas Gerais.

A província vivia uma explosão expansionista da economia e da população movida também pela colonização europeia que ocorria no século XIX a partir da afinção entre o governo provincial e o Império, e esta expansão exigia a ocupação da região inclusive para intensificar a navegação do rio Doce que já se iniciara em 1832.

As colônias empreendidas com apoio da província e do Império se intensificaram com a chegada de imigrantes europeus e colonos norte-americanos a partir da segunda metade do século XIX, porém os estadunidenses que fugiam da Guerra da Secessão não conseguiram sobreviver à dureza das condições de vida na região. Em 1866 chegaram à região mineiros e fluminenses, mas não permaneceram por muito tempo. Apenas a colonização iniciada em 1889 com a chegada dos imigrantes europeus da Itália, Alemanha e Polônia, entre eles os pomeranos, teve sucesso na

¹⁶⁶ Revolução Pernambucana. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/linhadotempo/epocas/1817/revolucao-pernambucana>>. Acesso em 14/09/2013

empreitada. Estes imigrantes foram enviados à colônia organizada pela província e pelo Império e teve nos Carvalho Milagres, de Cantagalo, Estado do Rio de Janeiro, o esteio militar e político para seu estabelecimento¹⁶⁷.

A colonização nesta época passava por diversos percalços e não foram poucas as colônias assoladas pela malária ou por ataques de indígenas. Estas dificuldades levaram à dispersão de muitas colônias, porém não interromperam a colonização. As iniciativas de colonização organizada ocorreram até o início do século XX, tendo um imenso fluxo migratório no fim do século XIX, e ajudaram a criar diversos dos atuais municípios da região do Rio Doce e Guandu..

Pomeranos, Alemães e Italianos se estabeleceram na região a partir dos núcleos de Santa Leopoldina, Porto de Cachoeira e de Santa Isabel, se espalhando por toda a bacia dos rios Jucu e Santa Maria de Vitória¹⁶⁸.

Governador Lindenberg era parte de Colatina, que ainda era então parte município de Linhares, e compreendia toda a região até Escadinhas. Colatina só se elevou ao status de sede de distrito em 1899 e se torna município independente em 1921.

A ocupação das terras que fariam parte do atual município de Governador Lindenberg Se iniciou em meio a este processo de dispersão dos colonos pelo interior do Espírito Santo após as mudanças nos transportes com a implantação da Estrada de Ferro Vitória – Minas Gerais e a navegação dos rios da região no início da década de 1920. a maior parte das famílias que se deslocaram para Governador Lindenberg era em sua grande maioria composta de imigrantes italianos, pomeranos e alemães¹⁶⁹.

Governador Lindenberg é criado como distrito de Colatina já com esta denominação pela lei estadual nº 779, de vinte e nove de dezembro de 1953, e só é elevado à categoria de município com onze de maio de 1998 pela lei estadual nº 5638, se emancipando de Colatina e trazendo consigo o distrito de Novo Brasil.

Anteriormente Governador Lindenberg possuiu três nomes diferentes. Já

¹⁶⁷ José Vieira de Carvalho e Cunha, Major. Disponível em <http://origem.biz/ver_cadastro1.asp?id=1604>. Acesso em 13/09/2013.

¹⁶⁸ História. Disponível em <<http://www.colatina.es.gov.br/acidade/?pagina=historia&item=5>>. Acesso em 13/09/2013.

¹⁶⁹ Governador Lindenberg. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades/historico_conteudo.php?codmun=320225>. Acesso em 14/09/2013.

foi chamado de 51, em uma referência às estacas numeradas que ficavam no local e serviam de ponto de identificação do caminho para quem desejasse viajar pelo caminho que ia para Terra Alta, Colatina e Linhares. Depois passou a se chamar 15 de Novembro em homenagem à proclamação da república até que recebeu seu último nome foi em homenagem ao ex-governador Carlos Lindenberg.

Esta homenagem se deu após a conquista de uma extensão da eletrificação do estado do Espírito Santo até Governador Lindenberg conquistada em 1968, após a visita da comunidade ao então governador. A extensão da eletrificação de Novo Brasil para a região foi proposta tendo como promessa da comunidade que se isso ocorresse e o distrito garantisse este status receberia seu nome. A proposta foi aceita dias depois e Governador Lindenberg passou a ser distrito¹⁷⁰.

Itaguaçu

A história de Itaguaçu tem origem na segunda metade do século XIX com a fundação do primeiro núcleo populacional às margens do rio Santa Joana, cujo nome também foi dado ao vilarejo erguido pelos pioneiros Francisco da Silva Coutinho, Antônio Gonçalves Ferreira, Major José Vieira de Carvalho e José Teodoro de Andrade¹⁷¹.

Posteriormente a comunidade teve seu nome alterado para Boa Família e posteriormente Itaguaçu, um nome de origem tupi que significa “Pedra Grande”.

A comunidade de Boa Família expandiu-se no esteio da expansão agrícola da região, ocorrida em tornos dos anos de 1875 a 1880, e entre seus fundadores, destacamos o português, José Theodoro de Andrade, proprietário da fazenda Sobreiro, atual “Boa Sorte”, e Francisco José da Silva Coutinho, proprietário da fazenda “Passagem”, às margens do rio Santa Joana, próximo ao distrito sede da atual cidade de Itaguaçu¹⁷².

O papel de José Theodoro de Andrade é fundamental pelo deslocamento

¹⁷⁰ História. Disponível em <<http://www.govlindenberg.es.gov.br/index.php/historia>>. Acesso em 14/09/2013

¹⁷¹ Itaguaçu. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320270>>. Acesso em 14/09/2013.

¹⁷² História. Disponível em <http://www.itaguacu.es.gov.br/mat_vis.aspx?cd=6495>. Acesso em 14/09/2013.

de sua residência da região onde ficava Sobreiro até um local às margens do rio de mesmo nome onde ergueu uma igreja e uma casa simples onde residiu. Na igreja originária ficava uma imagem em madeira de Nossa Senhora do Menino Jesus que abençoava o surgimento do povoado que acabou dando origem à atual cidade.

O povoado de Boa Família era parte do município de Afonso Cláudio e foi uma das regiões para onde se destinaram os diversos fluxos migratórios de italianos, alemães, poloneses e pomeranos chegados ao Espírito Santo nos fins do século XIX. A chegada destes imigrantes à Itaguaçu se deu a partir do ano de 1882 quando esses imigrantes se fixaram às margens do rio Santa Joana e seguiram também as margens de seus afluentes que ocuparam constituindo moradia.

Uma das histórias interessantes a respeito do nome de Boa Família remonta à viagem de um destes imigrantes, Anselmo Frizzera, italiano, que ao retornar de uma visita a seu país de origem trouxe a imagem de São José doada à igreja do povoado. Como já existia na igreja uma imagem de Nossa Senhora com o menino Jesus no colo, o povoado começou a adotar o nome de Nossa Senhora da Sagrada Família, posteriormente o de Nossa Senhora da Boa Família e, por fim Boa Família. A importância destas imagens é tanta que estas ainda existem e encontram-se na Igreja Matriz.

Outra origem possível do nome é aventada pelo historiador Luciano Venturim, originário de Itarana e já falecido (1882-1964). Para ele, a origem do nome reside no contexto da ocupação da região de Boa Família que foi feita, majoritariamente, por famílias com maiores recursos financeiros, também chamadas de pessoas de “boa família”. O historiador e ex-professor da UFES, Carlos Henrique Aurich, no entanto endossa em sua monografia “Introdução à História de Itaguaçu” a versão que remonta às imagens da Sagrada Família como origem provável do nome.

Boa Família foi elevada em quinze de março de 1891 à categoria de distrito. Em 1914, Boa Família se emancipa de Afonso Cláudio, tornando-se município autônomo, instalado em 1915, tendo seu nome alterado em 1921 para Itaguaçu.

Itarana

Itarana tem origem na fundação do povoado de Figueira de Santa Joana, a partir de um desdobramento do primeiro núcleo populacional erguidos às margens do

rio Santa Joana pelos pioneiros Francisco da Silva Coutinho, Antônio Gonçalves Ferreira, Major José Vieira de Carvalho e José Teodoro de Andrade¹⁷³. Assim como o povoamento original, a Vila de Figueira de Santa Joana foi construída dentro dos marcos da expansão agrícola da região, ocorrida em tornos dos anos de 1875 a 1880 e que contou com a paulatina vinda de imigrantes europeus em substituição à mão de obra africana que em breve seria libertada pela lei Áurea e cujo movimento de libertação tomava corpo a partir da segunda metade do século XIX.

A chegada de diversos fluxos migratórios de italianos, alemães, poloneses e pomeranos ao Espírito Santo nos fins do século XIX tinham por objetivo atender a explosão expansionista da economia e da população ocorrida na província e exigindo uma ação afinada entre o governo provincial e o Império com o fim de ocupar vastas áreas do interior, além de promover a substituição da mão de obra negra, cujo processo de libertação estava em curso. O processo também tinha como esteio a navegação do rio Doce que já se iniciara em 1832.

A colonização se intensificava já a partir da segunda metade do século XIX tendo tido sucesso, no entanto, apenas a colonização que se estabeleceu no Espírito Santo em torno de 1889 com a chegada dos imigrantes europeus da Itália, Alemanha e Polônia, entre eles os pomeranos. Não foram poucas as colônias assoladas pela malária, por ataques de indígenas e pela dispersão causada pelos percalços. Estes fatores não frearam as iniciativas de colonização organizada que ocorreram até o início do século XX, porém com maior fluxo migratório no fim do século XIX, e ajudaram a criar diversos dos atuais municípios da região no Espírito Santo, como Afonso Cláudio, Colatina, Itaguaçu e Itarana.

Parte da imigração chegada à região foi composta de Italianos chegaram à região em 1879, vindos de San Cassiano de Treviso (Itália) viajando no veleiro La Valleja. A chegada ao Brasil se deu em vinte e um de junho de 1879 mesmo ano onde encontraram outros italianos já radicados no Brasil na cidade de Santa Tereza, para os quais trabalharam durante três anos enquanto buscavam adequar-se às condições locais e conquistar outras terras que pudessem colonizar.

A chegada até Santa Joana se deu a partir da abertura de picadas feitas pelo agrimensor italiano chamado Casotti que chegando ate as margens do rio Santa

¹⁷³ Itaguaçu .Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320270>>. Acesso em 14/09/2013.

Joana trouxe boas notícias sobre as terras encontradas nesta região, o que, animou as famílias. Doze famílias que residiam em Santa Tereza compunham os imigrantes que chegaram à Vila de Figueira de Santa Joana em 1882.

As famílias Daleprani, De Martin, Fiorotti, Meneghel, Fardin, Coan, Rabbi, Toniato, Denardi, Perin, Mazzo e Bergamaschi desceram o rio Santa Maria e povoaram a região que hoje faz parte de Itarana. Ao chegar ao local, que hoje é chamado de Limoeiro, já encontraram fixado o português Antônio Gonçalves Ferreira que construía ali as primeiras construções e edificações da então Vila de Figueira de Santa Joana.

Os primeiros imigrantes pomeranos foram membros da família Schultz que iniciaram a formação de uma comunidade luterana composta também por famílias como Além dos Schultz, outros nomes como Uhlig, Mielke, Brandt e Berger¹⁷⁴.

O status de distrito de Afonso Claudio foi alcançado por Vila de Figueira de Santa Joana em quinze de março de 1890, mantendo o status inclusive de distrito sede até 1891. Com a criação do Município de Boa Família, hoje Itaguaçu, pela lei Estadual n.º 978 de vinte e oito de novembro de 1914, a Vila de Figueira de Santa Joana passou a ser distrito de Boa Família. A mudança de nome de Vila de Figueira de Santa Joana para Itarana se deu pelo Decreto-lei n.º 15.177 de trinta e um de dezembro de 1943.

A instalação oficial do município de Boa Família em dezessete de fevereiro de 1915 levou a uma discussão sobre os papéis que Itarana e Boa Família exerceriam no novo cenário político, levando às lideranças religiosas e políticas da região a defenderem uma divisão de tarefas entre as localidades, tendo Itarana a categoria de Paróquia ficando e Boa Família a categoria de sede do poder político.

Itarana se emancipa em treze de dezembro de 1963, sob a Lei 1910, com a instalação do Município e a posse do primeiro Prefeito ocorrendo em dezoito de abril de 1964¹⁷⁵.

Laranja da Terra

¹⁷⁴ Histórico da Ocupação, Etnia, Costumes e Tradições. Disponível em <<http://www.itarana.es.gov.br/default.asp>>. Acesso em 15/09/2013.

¹⁷⁵ Itarana. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades/historico_conteudo.php?codmun=320290>. Acesso em 14/09/2013.

A origem do nome Laranja da terra para o atual município tem relação direta com a nomeação do córrego de mesmo nome. O córrego foi descoberto em torno de 1870 quando a região vivia sob jurisdição do Porto do Cachoeiro de Santa Leopoldina e ocorria uma medição de terras que o descobriu tendo nas suas proximidades um pé de laranja de uma variedade conhecida como laranja da terra. O córrego recebeu então este nome e quando o primeiro povoado foi erguido na localidade assumiu este nome que dura até hoje como nome do município¹⁷⁶.

A região era habitada quase que apenas por grupos indígenas até o meio do século XIX. Em torno de 1880 ainda havia pequenas aldeias com não mais que trinta famílias residindo nas cercanias, sendo algumas curiosamente comandadas por chefes não índios, como o vulgarmente conhecido como Capitão Canjica, de cerca de sessenta anos de idade, que teria sido raptado pelos índios ainda menino na região de Vitória.

Foi com a criação da Colônia de Santa Leopoldina em torno de 1856 e posteriormente da colônia Santa teresa em 1875 que se iniciou um processo de colonização organizada com a abertura de uma frente de expansão e ocupação das terras então ainda francas por fazendeiros brasileiros, especialmente mineiros e fluminenses, e imigrantes europeus que estivessem dispostos à aventurar-se para desbravar as matas das regiões do Rio Guandu e do Rio Santa Joana.

Esta região do Médio Guandu foi ocupada por diversas fazendas entre os anos de 1870 a 1880 como a de Leopoldino Antonio dos Santos ou Leopoldino “O Bravo”, fluminense e ex-combatente da Guerra do Paraguai que recebeu as terras do governo da província como recompensa por seus atos de bravura. Leopoldino recebeu uma grande quantidade de terras, assim como o mineiro de Carangola, Francisco Carlos de Almeida Rosa, Domingos José Vieira, que se instalou na cabeceira do Ribeirão do Bom Jesus entre outros.

Além dos migrantes e militares que receberam terras do governo provincial uma leva grande de imigrantes chegou à região ainda em fins do século XIX buscando glebas de colonização doadas pelo governo. Embora a composição destes migrantes incluíssem negros libertos, a maior parte foi composta de imigrantes europeus especialmente italianos como Valentim Perozini que se instalou no lugar hoje chamado

¹⁷⁶ Aspectos Históricos. Disponível em <<http://www.laranjadaterra.es.gov.br/exibir.aspx?pag=historia>>. Acesso em 14/09/2013.

de São Luiz de Miranda.

As primeiras levas de imigrantes alemães e pomeranos chegaram à região em inícios de século XX, mais precisamente a partir de 1901 ocupando a Barra do Crisciúma. Estas famílias migraram do então Município de Cachoeiro de Santa Leopoldina, das regiões de Rio Farinha, Caramuru, Jequitibá, Santa Maria de Jetibá, buscando melhores locais de instalação, de melhores terras. Entre eles estavam as famílias de Emil Holz, Ulrich Liebmann, Alberto Schroeder, Fritz Zeckel e Gustav Liebmann, entre outras. Além das famílias luteranas também chegaram ao vilarejo descendentes de alemães e pomeranos pertencentes à Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Os imigrantes alemães e pomeranos buscavam sair da "terra fria" (Região de Santa Leopoldina) para regiões com condições de vida melhor, chamadas de “terras quentes” e de altitude mais baixa (rio Guandu e Santa Joana). Este fluxo migratório era composto geralmente de jovens que buscavam terras abundantes e férteis e bem servidas por rios.

A comunidade alemã e pomerana em Laranja da Terra sofreu crescimento exponencial, tendo de 1908 até 1915, um crescimento que levou a fundação em junho de 1915 à inauguração da primeira capela luterana própria. A chegada da família Seibel em 1908, descendentes de uma família procedente de Rheinhenssen, Alemanha que imigrou para a região de Rio Farinha, Santa Leopoldina, em 1864, marcou a chegada do primeiro colono alemão ao vilarejo. Depois de Wilhelm Seibel, que até então morava em Alto Santa Joana, chegaram seus irmãos Ernest e Nicolau, Karl, Gustav, Julius e Emil.

A chegada dos Seibel inaugurou um processo de migração de colonos, em sua maioria composta de pomeranos, provenientes de Santa Maria de Jetibá, que levou a em pouco mais de dois anos chegar a uma população de cerca de quarenta famílias.

Este crescimento fixa como marco da colonização alemã e pomerana os primeiros núcleos de colonização que se instalaram nas regiões de Barra do Crisciúma, Córrego do Crisciúma, Aventureiro e Alto Crisciúma. Outros núcleos de colonização se construíram também nas regiões de Jequitibá Pequeno e Volta Grande, no atual distrito de Sobreiro, antes distrito de Bom Jesus. Também ocorreu a fundação de núcleos de colonização alemã e pomerana nas regiões do Córrego do Taquaral e do Picadão, hoje

pertencente ao distrito de Joatuba.

A imigração italiana foi composta de um pequeno grupo de descendentes de italianos, vindos da região da Colônia de Santa Teresa que se instalou na região do Córrego do Taquaral no início do século XX. Dentre as famílias pioneiras destacam-se as de Anselmo Armani, Paschoal Rizzi e Guido Adami.

O vilarejo foi primeiramente demarcado em 1935, quando foi situada a rua principal, localizada no mesmo lugar até hoje. Neste mesmo ano foi instalado o cartório, a coletoria de impostos, porém não existia ainda serviço de saúde ou educação, tendo as professoras que lecionar em casas cedidas pela comunidade. A primeira escola construída foi erguida alguns anos mais tarde com três salas separadas.

O distrito de Laranja da Terra foi criado pela lei estadual nº 1012, de trinta de outubro de 1915, sendo subordinado ao município de Afonso Cláudio. Apenas em seis de maio de 1988 o então distrito de Laranja da Terra é elevado à categoria de município pela lei estadual nº 4068, sendo desmembrado de Afonso Cláudio absorvendo três distritos: Laranja da Terra, Sobreiro e Joatuba. O município é instalado em primeiro de janeiro de 1989¹⁷⁷.

Marechal Floriano

O sistema de colonização do interior do Brasil a partir da importação de mão de obra europeia tem como pano de fundo a projetada abolição da escravidão negra pro parte do Império aliada ao aproveitamento da situação de transformação do modo de produção agrícola com cercamento dos campos e as consequências diretas e indiretas das guerras napoleônicas que amplificaram efeitos políticos e econômico gerando miséria, fome e desemprego. Além disso a crise econômica europeia, que grassa especialmente a partir da década de 1870, amplificou o impacto sobre as populações europeias, especialmente na Europa do norte e no Mediterrâneo¹⁷⁸.

O primeiro núcleo de colonização em terra capixaba fundado por Luiz Pereira do Couto Ferraz, presidente da Província do Espírito Santo, foi composto de imigrantes originários da Prússia Renana que chegaram a Vitória em dezembro de 1846

¹⁷⁷ Laranja da Terra. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320316>>. Acesso em 14/09/2013.

¹⁷⁸ História do Município. Disponível em <<http://www.marechalfloriano.es.gov.br/historia>>. Acesso em 14/09/2013.

e já em janeiro do ano seguinte e seguiram para a Colônia de Santa Isabel. Eram trinta e nove famílias envolvidas na empreitada de colonizar o interior do Espírito Santo e mudar o tipo de mão de obra utilizada no país, de escrava a livre, de negra em branca.

A escolha de locais como o sul do país ou o Espírito Santo se dava tanto pelo entendimento da facilidade de adaptação destes imigrantes quanto pela disposição em promover a colonização dos governos de província. E entre as múltiplas razões para a implementação da colonização europeia havia a busca de branqueamento da população pela introdução do elemento europeu como meio de purificação racial do Brasil, um dos países onde as teorias racistas de Gobineau¹⁷⁹ tiveram mais sucesso.

A decisão em 1858 do Ministro e Secretário de Negócios do Império, Sérgio Teixeira de Macedo, de contratar cento e trinta famílias junto aos estados alemães para a colonização do Espírito Santo, especialmente para as Colônias de Santa Isabel e Santa Leopoldina, era fruto da decisão política do Império e da província de levar a cabo um ambicioso programa de colonização que organizasse não só a expansão agrícola e populacional em andamento na província, mas também ampliar a presença na região das bacias dos rios Doce e Guandu. A maior parte destas famílias “importadas” a mando de Sérgio Teixeira de Macedo se estabeleceram na Colônia de Santa Isabel, para a região do rio Braço do Sul, afluente do Rio Jacu que corta o atual município

A organização das colônias, como plano de estado, era tão nítida que o Governo Imperial nomeou um engenheiro para atuar junto à Colônia de Santa Isabel, o senhor Adalberto Jahn. Adalberto logo contratou o agrimensor Hermann Steinkopf com o objetivo de efetuar um levantamento das terras A margens do rio Braço do Sul, analisando a qualidade das terras, se eram agricultáveis, etc.

A expansão da colônia era nítida, tanto que em 1860, o Ministro da Agricultura Manoel Felizardo de Souza e Mello informa em relatório a contratação de um novo engenheiro, Pedro Cláudio Soído, com o objetivo de demarcar novos lotes na região do Braço do Sul.

O nome de Marechal Floriano foi dado à localidade anteriormente chamada de Braço do Sul em homenagem ao Marechal Floriano Peixoto, primeiro vice-presidente da República. A ocasião da homenagem foi a inauguração em treze de maio de 1900 da Rede Ferroviária Leopoldina, cuja estação erguida no local recebeu o nome

¹⁷⁹ As Teorias Racistas: Gobineau e Chamberlain. Disponível em <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/eugenia7.htm>>. Acesso em 14/09/2013.

de Marechal Floriano.

Marechal Floriano fazia parte de Domingos Martins e em treze de janeiro de 1954 foi elevada ao status de distrito pela lei estadual 1956/54. Apenas em trinta e um de outubro de 1991 que Marechal Floriano se emancipa de Domingos Martins¹⁸⁰.

Pancas

Pancas fazia parte do município de Colatina até 1963 quando foi definitivamente desmembrado de Colatina, porém até 1918 era uma área inexplorada do antigo município do qual fazia parte.

Foi em 1918, data em que chegaram à região os primeiros colonizadores procedentes do Estado de Minas Gerais, à procura de terras férteis e próprias do cultivo do café.

Além dos migrantes mineiros também chegaram à localidade imigrantes alemães e pomeranos que também estabeleceram núcleos populacionais com produção agrícola focados na cultura do café.

A colonização não foi nada fácil, os colonos enfrentaram doenças e febres, a malária, animais selvagens e os botocudos, que mesmo sendo em pouco número nesta época ainda eram bastante agressivos na defesa de suas poucas terras. Entre os primeiros colonos que começaram a ocupação da região podemos destacar os mineiros Sebastião Cândido Barbosa (Sebastião Laurindo) e Sebastião Luiz de Souza. Os alemães e pomeranos vieram de outras colônias próximas como Afonso Cláudio, Santa Tereza, Santa Leopoldina ou de Santa Catarina e Rio Grande do Sul¹⁸¹.

O acelerado progresso da região levou à elevação pela lei 1486, de cinco de setembro de 1924, do vilarejo ao status de distrito com a denominação de Nossa Senhora da Penha, depois o nome foi alterado para Santa Luzia, Vila de Pancas e, finalmente, Pancas. O distrito foi feito a ser instalado em quinze de janeiro de 1930 com sede no atual distrito de Vila Verde.

A elevação de Pancas ao status de município tem uma história curiosa.

¹⁸⁰ Marechal Floriano. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/espirtosanto/marechalfloriano.pdf>. Acesso em 14/09/2013.

¹⁸¹ História da cidade. Disponível em <http://www.pancas.es.leg.br/historia/historia-cidade/historia-da-cidade/>. Acesso em 14/09/2013.

Primeiramente pela elevação ter ocorrido em dois momentos, primeiro em 1953 e a emancipação final apenas dez anos depois, em 1963. Pancas recebeu o status de município pela lei estadual nº 777 de vinte e nove de dezembro de 1953, desmembrado de Colatina. Neste momento o município foi constituído como três distritos: Pancas, Alto Rio Novo e Lajinha. Toda esta área foi desmembrada do município de Colatina¹⁸².

Dois anos depois, porém, o Supremo Tribunal Federal susta, anula, o ato de criação do novo município por via do acórdão de quatro de outubro de 1955 que susta a criação de diversos novos municípios por todo o país e também altera a legislação de estados como o Mato Grosso e Minas Gerais¹⁸³. Portanto, a partir deste acórdão, o município de Pancas volta à condição de distrito do município de Colatina.

A elevação final de Pancas ao status de município se deu pela lei estadual nº 1837 de vinte e um de fevereiro de 1963, quando é definitivamente desmembrado de Colatina levando consigo três distritos: Pancas, Alto Rio Novo e Lajinha.

O novo município foi definitivamente instalado em treze de maio de 1963. A comarca de Pancas foi criada em quatorze de novembro de 1968 quando, em sessão ordinária, a Assembleia Legislativa do Estado do ES sob a Presidência do deputado José Moraes, a prova uma lei que reorganiza o judiciário no estado levando à criação das Comarcas de Pancas, São Gabriel da Palha e Montanha¹⁸⁴.

Santa Leopoldina

O processo de colonização da província do Espírito Santo levado a cabo durante toda a segunda metade do Século XIX tem um capítulo especial na formação da colônia de Santa Leopoldina após a demarcação definitiva de sua área em 1856. A fundação da Colônia de Santa Leopoldina a situou às margens do rio Santa Maria da Vitória com o objetivo de abrigar os primeiros imigrantes europeus que chegaram ao Brasil.

Na colônia se estabeleceram imigrantes advindos de diversos locais da

¹⁸² Pancas. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320400>>. Acesso em 14/09/2013.

¹⁸³ Memória Jurisprudencial Ministro Nelson Hungria. Disponível em <<http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/publicacaoPublicacaoInstitucionalMemoriaJurisprud/anexo/NelsonHungria.pdf>>. Acesso em 14/09/2013.

¹⁸⁴ História da cidade. Disponível em <<http://www.pancas.es.leg.br/historia/historia-cidade/historia-da-cidade/>>. Acesso em 14/09/2013.

Europa. Os primeiros a chegar foram sessenta suíços que fizeram moradia quatro milhas acima do Cachoeiro do Funil, no lugar ainda hoje denominado Suíça. Um ano depois chegaram imigrantes alemães, pomeranos e luxemburgueses vindos de lugares como a Renânia e Westfália em um total de duzentas e vinte e duas pessoas, sendo que a maioria constituída de pomeranos. Até 1877 os pomeranos seguem como maioria dos imigrantes que chegavam à região, que também recebia imigrantes austríacos. Há divergências na especificação das datas de chegadas dos imigrantes pomeranos à região, porém se identificam dois momentos onde o fluxo migratório tem números mais significativos: Um é o triênio compreendido entre 1857 e 1859 e outro é o biênio compreendido entre 1872 e 1873, sendo este último apontado como o da chegada de maior número de imigrantes: cerca de mil quatrocentos e sessenta e sete. A partir desta data no entanto começam a chegar imigrantes italianos, junto aos imigrantes originários dos estados alemães no Espírito Santo. A imigração italiana se concentrou na Colônia de Santa Teresa, colonizada, fundada neste período às margens do Rio Timbuí¹⁸⁵.

Buscando facilidade de acesso à capital da província a partir da navegação do rio Santa Maria, uma parte dos imigrantes se estabeleceu em um povoado denominado Cachoeiro de Santa Leopoldina, bem mais abaixo da então sede de Suíça. Este povoado se desenvolveu rapidamente e por isso conquistou em março de 1867 o status de sede da Colônia de Santa Leopoldina. A qualidade da terra e a viabilidade de escoamento da produção ofereceu aos colonos condições um pouco melhores de colonização que as demais colônias existentes na província, trazendo com isso um maior fluxo de migração que os outros projetos de colonização e levando à expansão rápida da penetração na região, e à extensão da ocupação para o norte, na direção dos Rios Timbuí e Cinco de Fevereiro.

A colônia foi oficialmente ampliada para o norte em dezesseis de julho de 1873, na direção do Rio Doce e Piraqueçu. O comércio era intenso e fazia de Cachoeiro de Santa Leopoldina um dos maiores empórios comerciais da província do Espírito Santo, tanto que empresas da Europa enviavam representantes diretamente para o Porto de Cachoeiro.

A vida cultural com isso se tornava agitada, assim como a modernidade das construções, o casario ao gosto neoclássico que se erguia como que refletindo a

¹⁸⁵ Santa Leopoldina. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320450&search=espírito-santo|santa-leopoldina#historico>>. Acesso em 14/09/2013.

importância comercial. Este crescimento não tardou a levar à emancipação da colônia em 1882, que conquistaria em breve o status de município pela Lei nº 21 de quatro de abril de 1884. A instalação do município, no entanto, só ocorreu em abril de 1887 com a tomada de posse da primeira Câmara Municipal constituída de seis Vereadores: Alferes José das Neves Fraga (Presidente), Antônio José de Araújo (Vice-Presidente), Luiz Holzmeister, Gustavo Pinto do Nascimento, Antônio Correia do Nascimento e Domingos Francisco Lima. A instalação da comarca em 1889 trouxe à Santa Leopoldina o jovem Graça Aranha, autor do romance “Canaã” e que substituiu o doutor Domingos Marcondes de Andrade, seu primeiro Juiz de Direito, assumindo o cargo em 1890. O primeiro Prefeito foi Duarte de Carvalho Amarante e seu mandato durou de 1914 a 1916¹⁸⁶.

Santa Maria de Jetibá

Santa Maria de Jetibá é fruto do fluxo imigratório relacionado ao processo de colonização iniciado pela fundação da Colônia Santa Leopoldina que foi instalada às margens do rio Santa Maria da Vitória, entre a Cachoeira Grande e a Cachoeira José Cláudio.

A demarcação da colônia em 1856 trouxe à região colonos suíços (Cerca de sessenta que chegaram em 1856), alemães, austríacos, luxemburgueses e pomeranos (que chegaram a um número de 1467 em 1873). em 1857 cerca de duzentos e vinte imigrantes chegaram à colônia provenientes das regiões da Renania e West Gália, nos estados alemães. Os suíços se estabeleceram quatro milhas acima da Cachoeira do Funil, no lugar ainda hoje denominado Suíça, em homenagem a esses imigrantes, esta região passou por isso a ser chamada de Colônia de Santa Maria.

Alemães, austríacos e pomeranos organizaram um povoado com o nome Cachoeira de Santa Leopoldina, que ficava mais próximo do rio Santa Maria da Vitória, navegável na época, e facilitava o escoamento da produção e o comércio com a capital da província, levando a um desenvolvimento rápido e ao estabelecimento de um status de sede regional. Tanto que em março de 1867, a sede da Colônia de Santa Leopoldina foi transferida para esta região.

¹⁸⁶ História do Município. Disponível em <<http://www.santaleopoldina.es.gov.br/Conteudo.aspx?ct=HISTORIA&no=1>>. Acesso em 14/09/2013.

A produção de café e outras culturas era facilitada pelas terras elevadas e férteis, e o comércio pela pouca distância da Capital da Província do Espírito Santo. Porém a fertilidade não era igual em toda a área de terras da colônia e o relevo montanhoso, exigia o cultivo nas terras situadas nos vales dos rios e córregos afluentes ao rio Santa Maria da Vitória.

A chegada em dezesseis de maio de 1873 de cerca de setecentos e oitenta pomeranos à colônia de Santa Leopoldina foi um marco para a história regional por amplificar a presença luterana na região, assim como a presença de imigrantes provenientes da Saxônia¹⁸⁷.

Enquanto a colônia prosperava, a unificação alemã, ocorrida a partir de 1870, fragmentava o território da província da Pomerânia, levando à fuga da região e busca de novas imigrações para a América. Os efeitos que levaram à imigração ainda ocorreria no início do século XX, e mesmo após a I Guerra Mundial ainda haveria a promoção de fluxos migratórios como o organizado pela imperatriz Maria Teresa, esposa de D. Pedro II, de origem austríaca, que encaminhou ao Brasil uma grande leva de Pomeranos atingidos pela conflagração do conflito, o desmantelamento dos principais feudos, a queda de muitas casas reais e a consequência da nova ordem político territorial implantada na Europa.

Com a chegada acelerada de imigrantes e a expansão econômica, o crescimento populacional da Colônia de Santa Leopoldina não chegou a ser uma surpresa. A prosperidade ecoava no crescimento populacional levando a colônia ter em 1878 o status de fazer parte das colônias mais populosas do império com cerca de sete mil habitantes, depois das Colônias de Blumenau e Dona Francisca na então Província de Santa Catarina.

A maioria dos pomeranos se estabeleceu nas regiões ainda hoje denominadas de Luxemburgo e Jequitibá, na Colônia de Santa Leopoldina e só se deslocou para a região de Santa Maria de Jetibá em torno de 1882. Nesta região, os pomeranos eram maioria, porém também havia imigrantes das regiões do Reno e de Hessen, na Alemanha, de Luxemburgo e da Holanda, todos paulatinamente no entanto, tornaram-se como que absorvidos pela cultura pomerana, especialmente a partir do estabelecimento por estes de uma escola, uma capela e uma pastoral na região (Já

¹⁸⁷ O Município, A História. Disponível em <<http://www.pmsmj.es.gov.br/pg/24517/o-municipio-historia/>>. Acesso em 14/09/2013.

havia demarcado um cemitério, em 1879), o que acabou levando pela assimilação cultural a partir do estabelecimento de “demarcações” sociais nítidas pelas instituições criadas¹⁸⁸. As principais famílias que se instalaram na região, foram: Klens, Henke, Berger, Foesch, Boldt, Hackbart, Bausen, Kosanke, Ruge, Siebert, Holz, Kruger e Seick.

As dificuldades iniciais encontradas pelos imigrantes levavam à expansão dessa assimilação pela solidariedade. A ausência de trigo e a dificuldade encontrada para produzi-lo, o calor, as doenças,, levavam a uma imensa dificuldade de adaptação. Tentou-se produzir cerveja de trigo em uma fábrica de cerveja instalada por Germano Berger, porém esta empresa não durou muito tempo. A desistência de permanecer na empreitada era comum, a migração para outras regiões do próprio estado também, porém os que permaneceram viveram a prosperidade da colônia e sua expansão.

A colônia Santa Leopoldina pode ser considerada, portanto, como o centro de absorção da imigração europeia, especialmente a alemã e pomerana, no Espírito Santo. Toda a área compreendida pelos Municípios de Santa Teresa, Ibirapu e Santa Leopoldina, teve como ponto central de seu desenvolvimento a área hoje pertencente à cidade de Santa Leopoldina, na altura também chamada de Cachoeiro e Cachoeiro de Santa Leopoldina.

A influência pomerana em Santa Maria do Jetibá é enorme, e a comunidade mantém ainda hoje costumes como o casamento pomerano, que dura em média três dias, a preservação do uso da língua levando à Santa Maria de Jetibá ter o status de ser um dos poucos lugares no mundo onde ainda se usa a língua pomerana.

Santa Maria de Jetibá emancipou-se de Santa Leopoldina em seis de maio de 1988, através da Lei Estadual nº 4.067.

Santa Teresa

A fundação da colônia Santa Teresa em 1875 foi uma parte importante do processo de colonização organizada conduzido pelo Governo do império e da

¹⁸⁸ Santa Maria de Jetibá. Disponível em http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades/historico_conteudo.php?codmun=320455. Acesso em 14/09/2013.

província do Espírito Santo na segunda metade do século XIX, buscando não só a abertura de uma frente de expansão e ocupação das terras até então ocupadas apenas por indígenas agressivos, conhecidos como Botocudos ou Aimorés, e ainda francas, livres de ocupação por fazendeiros brasileiros ou imigrantes europeus que estivessem dispostos à aventurar-se para desbravar as matas das regiões do Rio Guandu e do Rio Santa Joana.

A iniciativa de trazer imigrantes europeus tinha eco nas transformações ocorridas naquele continente a partir de inúmeros fatores como os processos de unificação alemã¹⁸⁹ e italiana¹⁹⁰, o a crise do feudalismo na Europa, com cercamento de terras e a transformação dos feudos em propriedade privada da terra¹⁹¹ e o reordenamento geopolítico na Europa que duraria até a metade do século XX.

A maior parte dos imigrantes que originalmente se dirigiram à Santa Tereza era composta de Italianos e chegaram em duas grandes levadas, uma chegou ao Brasil em 1875 a bordo do navio Rivadavia, outra chegou em vinte e um de junho de 1879 a bordo do veleiro La Valleja e vindos de San Cassiano de Treviso. Os primeiros italianos que chegaram à Santa Tereza a bordo do Rivadavia eram parte de cerca de sessenta famílias vênetas e trentinas, atravessaram o Atlântico e desembarcaram no Rio de Janeiro e vieram para Vitória, de lá subiram em canoas pelo rio Santa Maria e se estabeleceram nas montanhas capixabas como núcleo populacional original da colônia de Santa Tereza, parte do projeto de colonização europeu levado a cabo pelo governo do Império do Brasil com a Província do Espírito Santo. As famílias que chegaram em 1875 efetivaram a colonização do Canaã, que, no mesmo ano, passou a chamar-se Santa Teresa, onde receberam os patrícios vindos de La Valleja.

Imigrantes italianos que viviam na colônia no núcleo colonial conde D'Eu mudaram-se em 1874 para onde hoje está a sede do atual município. Esta mudança se deu com a anuência da Inspetoria Especial de Terras e Colonização da Província que demarcou lotes para a implementação do núcleo colonial de Antônio Prado.

A imigração italiana não foi a única a participar da construção da

¹⁸⁹ O significado da Alemanha para a gênese da geografia moderna. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13235>>. Acesso em 14/09/2013.

¹⁹⁰ A unificação italiana. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/historiag/unificacao-italia.htm>>. Acesso em 14/09/2013

¹⁹¹ A crise do sistema feudal. Disponível em <http://www.miniweb.com.br/historia/Artigos/i_media/crise_sist_feudal.html>. acesso em 16/09/2013.

Colônia de, Santa Tereza, outras correntes de imigrantes suíços, alemães e pomeranos chegaram à região em 1877 e rumaram para a área conhecida como Vinte Cinco de Julho, distrito do atual município. Neste período também chegaram imigrantes poloneses que se estabeleceram no atual distrito de Santo Antônio do Canaã¹⁹².

O município de Santa Tereza foi emancipado em vinte e dois de fevereiro de 1891.

São Gabriel da Palha

As primeiras incursões nas terras que são o atual município de Colatina se deram pelas expedições do capitão Antônio Pires da Silva Pontes Leme que buscou mapear as cercanias do rio Doce, construir postos militares e abrir estradas até Minas Gerais. A instalação dos postos militares de Regência Augusta, Porto do Souza e Lorena tinham como objetivo proteger os colonos dos ataques dos índios e garantir a ocupação da capitania. Neste cenário iniciou-se a ocupação do povoado que viria a ser chamado de Coutinhos e, mais tarde, o de Linhares, localizado na margem esquerda do Rio Doce¹⁹³.

São Gabriel da Palha foi parte das terras compreendidas entre as pertencentes ao município de Linhares e posteriormente Colatina e sua história se confunde com a história da expansão acelerada que a região foi protagonista a partir do estabelecimento da navegação no rio Doce por navios a vapor nos idos de 1832, proporcionando uma intensa atividade comercial que ajudou ao recebimento de estímulos oficiais para que a região tivesse o povoamento acelerado, atuando paralelamente aos projetos de colonização europeia organizada que já estavam em processo no sul do Brasil e que encontrariam no Espírito Santo outro eixo de implementação.

Diversas iniciativas de colonização tiveram empresa no local, uma das primeiras foi que ocorreu em 1857 nas terras próximas aos rios Pancas e São João a partir da iniciativa de Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite, fundador da Transilvânia. A chegada de quatrocentos estadunidenses que fugiam da guerra da

¹⁹² História. Disponível em <<http://www.santateresa-es.com.br/historia.htm>>. Acesso em 16/09/2013

¹⁹³ IBGE Cidades, Colatina. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320150&search=espírito-santo|colatina#historico>>. Acesso em 10/09/2013.

secessão também teve seu papel na colonização da região entre os anos de 1861 e 1865, porém as duras condições de vida, o clima, as doenças e os ataques de indígenas não permitiram que esta colônia fosse adiante. A onda de colonização de 1866 trouxe de Minas e do Rio de Janeiro uma leva de migrantes que iniciaram uma colonização mais duradoura, auxiliando a implementação das colônias de europeus que se juntariam aos Carvalho Milagres, povoadores fluminenses de Cantagalo, Estado do Rio de Janeiro, em 1889 para enfrentar a dureza do terreno.

Estes italianos, alemães e pomeranos sofreram com a malária, os ataques indígenas e muitos deles não permaneceram nas terras recebidas, migrando para outras localidades, como os colonos da colônia de Limão, por exemplo, que foi assolada pela matéria. As iniciativas de colonização organizada, no entanto, não se interromperam levando a terem no período entre 1888 e 1894 a ampliação do projeto, a partir de um projeto de ocupação das terras devolutas do Rio Doce e formaram a estrutura que permitiu a manutenção da povoação por um longo prazo.

Em 1891, a colônia de Santa Leopoldina teve uma expansão notável com a demarcação de novos lotes ocupados por alemães e pomeranos. Este núcleo originário de colonização foi responsável pelo espalhamento da colonização alemã e pomerana, a partir destes núcleos de Santa Leopoldina, Porto de Cachoeira e de Santa Isabel, por toda a bacia dos rios Jucu e Santa Maria de Vitória¹⁹⁴.

A região de São Gabriel da Palha foi uma das últimas da região de Colatina que recebeu a imigração alemã e pomerana, sendo parte do que ocorreu com a colonização da região de Pancas, submetida a um processo tardio de imigração organizada para a ocupação de terras que permaneceram desocupadas mesmo com a acelerada expansão da região. A partir de 1918, ocorreu uma migração de colonizadores que buscavam terras férteis para o cultivo do café vindos de Minas Gerais, assim como também chegavam imigrantes alemães e pomeranos com o mesmo fim, vindos de outras colônias próximas como Afonso Cláudio, Santa Tereza, Santa Leopoldina ou de Santa Catarina e Rio Grande do Sul¹⁹⁵.

A leva de imigrantes alemães e pomeranos atingidos pela primeira guerra mundial, como os encaminhados pela imperatriz Maria Teresa, esposa de D. Pedro II,

¹⁹⁴ História. Disponível em <<http://www.colatina.es.gov.br/acidade/?pagina=historia&item=5>>. Acesso em 13/09/2013.

¹⁹⁵ História da cidade. Disponível em <<http://www.pancas.es.leg.br/historia/historia-cidade/historia-da-cidade/>>. Acesso em 14/09/2013.

de origem austríaca, também fez parte do processo de colonização de São Gabriel iniciado em torno de 1920 a partir da decisão do Governo Brasileiro e do estado do Espírito Santo ocupar as terras ainda vazias com projetos de colonização que incluíam colonos de origem polonesa, pomerana, alemã e italiana.

Um dos imigrantes que foi protagonista do processo de ocupação e desbravou a região na busca de terras férteis foi o italiano Bertolo Malacarne, que fundou, em 1927, uma povoação que residia em casas edificadas com barro e palha, chamada de São Gabriel. Esta é uma das origens aventadas para o nome da cidade: São Gabriel da Palha.

A criação do município de São Gabriel da Palha se deu com a lei nº 1837 de vinte e um de fevereiro de 1963, com território desmembrado do município de Colatina. A instalação do município ocorreu em quatorze de maio de 1963, data que é comemorada como data de aniversário do município¹⁹⁶.

São Roque do Canaã

A história de São Roque do Canaã se relaciona intimamente com a história de Santa Tereza, município do qual fez parte até sua emancipação em 1995. Assim como Santa Tereza a História de São Roque tem início a partir das iniciativas de colonização europeia levadas a cabo pela ação conjunta do Império do Brasil com o Governo da Província do Espírito Santo e que levaram à fundação da colônia Santa Tereza em 1875 como parte do processo de colonização organizada implementado na segunda metade do século XIX..

Entendo que havia uma conjuntura ideal para a importação de mão de obra que possuísse a característica própria de serem pioneiros em terras ainda não ocupadas, dado o efeito das transformações ocorridas na Europa no século XIX, como

¹⁹⁶ São Gabriel da Palha. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320470>>. Acesso em 14/09/2013.

os processos de unificação alemã¹⁹⁷ e italiana¹⁹⁸, a crise do feudalismo na Europa, com cercamento de terras e a transformação dos feudos em propriedade privada da terra¹⁹⁹ e o reordenamento geopolítico na Europa que duraria até a metade do século XX, o Império do Brasil não se furtou a organizar frentes de colonização país afora, em especial no Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Os imigrantes que chegaram ao Vale do Canaã foram as cerca de sessenta famílias vênetas e trentinas que atravessaram o Atlântico e chegaram ao país a bordo do navio Rivadávia em 1875, desembarcaram no Rio de Janeiro rumaram para Vitória. A partir de Vitória a viagem só poderia ser feita navegando rio Santa Maria acima. Chegando às montanhas se estabeleceram na colônia de Canaã que, no mesmo ano, passou a chamar-se Santa Teresa. Outras levadas de imigrantes chegaram à colônia, como os que chegaram em vinte e um de junho de 1879 a bordo do veleiro La Valleja e vindos de San Cassiano de Treviso.

O povoado às margens do rio Santa Maria é tido pelos moradores de São Roque de Canaã como o núcleo original de povoamento da região de Santa Tereza. O nome é fruto do culto ao santo que levou ao estabelecimento em 1883 de um oratório com uma imagem do mesmo. No local onde foi erguido o rotatório se encontra erguida hoje a Igreja Matriz, que foi criada oficialmente em 1953.

A elevação do povoado de São Roque a distrito de Santa Tereza se deu através da lei estadual nº 137/8 de dois de setembro de 1982 e sua emancipação ocorre após plebiscito ocorrido em vinte e cinco de junho de 1995 quando a população se decidiu pela aprovação da criação do município de São Roque do Canaã. A criação do município ocorre em quinze de dezembro de 1995, pela lei estadual nº 5147.

O nome São Roque do Canaã se deve à reivindicação da população local do status de núcleo original de colonização, de centro do que foi conhecido como colônia de Santa Tereza, o chamado Vale Canaã²⁰⁰.

¹⁹⁷ O significado da Alemanha para a gênese da geografia moderna. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13235>>. Acesso em 14/09/2013.

¹⁹⁸ A unificação italiana. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/historiag/unificacao-italia.htm>>. Acesso em 14/09/2013

¹⁹⁹ A crise do sistema feudal. Disponível em <http://www.miniweb.com.br/historia/Artigos/i_media/crise_sist_feudal.html>. acesso em 16/09/2013.

²⁰⁰ São Roque do Canaã. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/espiritosanto/saoroquedocanaa.pdf>>. Acesso em 16/09/2013.

Vila Pavão

A ocupação da região onde futuramente foi fundada a cidade de Vila Pavão era basicamente composta de aldeias dos índios Botocudos que defendiam suas aldeias com unhas e dentes dificultando a penetração na região pelos primeiros colonizadores que nela em busca de ouro a partir da metade do século XVIII. Botocudos ou Aimorés era como eram conhecidos o grupo extremamente belicoso de etnias que tinham como traço comum adornos auriculares e labiais. Os Botocudos eram membros do tronco linguístico macro-jê e entre as etnias que receberam esta nomenclatura estão os grupos: Aranãs, Bacuéns, Caingangues, Cracmuns, Crenaques, Eteuetes, Guticraques, Jiporoques, Maconis, Malalis, Minhajiruns, Mokuriñs, Nacnenuques, Nacrerrés, Naques-nhapemãs, Nepes-nepes, Panhames, Pejaeruns, Pojixás, Tacruques-craques, Xetás e Xoclengues²⁰¹.

Sendo parte do território de Nova Venécia, Vila Pavão era ocupada por índios Aimorés que recuando diante do avanço Português na região da foz do rio Cricaré subiram as serras buscando refúgio na cabeceira do rio.

A primeira penetração no território efetuou-se em 1870, pelo Major Antônio Rodrigues da Cunha, Barão de Aimorés que na Cachoeira do Cravo, queda d'água que é parte do rio Cricaré, avistou a serra futuramente chamada de serra dos Aimorés e entendeu ser ali local fundamental para levar a cabo a fundação de um arraial, de um povoado. O Major investiu na concretização de seu plano com a chegada de outros colonizadores ao local e finalmente fundou o povoado ainda na década de 1870. O Barão de aimorés tinha apenas vinte e dois anos quando fez parte desta empresa, que tinha como objetivo atuar na abertura de novas frentes de produção cafeeira, e ampliando a saída econômica à queda dos preços internacionais do açúcar. Antônio Rodrigues da Cunha também tinha por objetivo a fundação de colônias que seriam povoadas objetivamente por imigrantes europeus e com esta empreitada conseguiu localizar uma área com boas terras que lhe permitiram fundar uma fazenda para si, onde plantou café, e demarcar lotes para a ocupação pelos colonos que chegariam posteriormente.

O Major era tido como muito justo e promotor de diálogo com os

²⁰¹ BOTOCUDOS FORAM OS PRIMEIROS HABITANTES DA REGIÃO. Disponível em <<http://www.colatina.es.gov.br/acidade/?pagina=historia&item=1>>. Acesso em 10/09/2013.

indígenas, tentando punir os que tinham uma prática brutal com os nativos, como a punição que implementou a um homem que raptara uma índia vivendo na colônia sob seu comando. Com isso conquistou o respeito dos indígenas e facilitou a penetração no território e a produção cafeeira iniciada por ele e que permitiu que chegasse a plantar cerca de um milhão de pés de café. Além disso, vinculado ao projeto de colonização europeia de parte do Brasil e em diálogo com o projeto de estado levado a cabo pelo Império do Brasil, o Major deu alforria a seus escravos e sendo fiador da vinda para o Brasil de sessenta famílias de agricultores italianos que garantiram povoamento do que viria a ser nomeado Nova Venécia. Estas famílias residiram na região conhecida como “Barracão”, nome recebido por ser onde era localizado o abrigo temporário construído para estas famílias até que elas se estabelecessem em suas terras²⁰².

Essas famílias de imigrantes Italianos chegaram em torno de 1890, ocupando o vale do rio São Mateus e se juntaram ao fluxo de migrantes vindos do Ceará que chegaram à região em 1883, e que forma responsáveis pela fundação do primeiro núcleo populacional de Serra dos Aimorés.

Serra dos Aimorés foi elevada à sede de distrito de São Mateus em 1893. Em 1894 a sede do distrito foi transferida para a Vila Aimoreslândia. Mais tarde Vila Aimoreslândia recebeu o nome de Nova Venécia, como uma homenagem à origem italiana de parte dos primeiros colonizadores, vindos de Veneza²⁰³.

Vila Pavão começa sua história a partir da construção da ponte sobre o Rio Doce, em Colatina, além disso a abertura da estrada que liga Nova Venécia a Vila Pavão permitiu na década de 1940º desencadeamento de uma nova frente de povoamento de colonização que resultou no povoamento do que viria a ser um município. A divulgação por tropeiros e caminhoneiros de novas terras, chamadas de "terras quentes" aos imigrantes pomeranos e italianos que viviam na região atraiu grande número de seus descendentes para a vila que se constituía. O nome Vila Pavão tem origem na denominação que viajantes davam à casa onde pernoitavam e que ficava na encruzilhada que ficava onde hoje é o centro da cidade e que possuía um desenho de um pavão na varanda.

²⁰² Quem foi Antônio Rodrigues da Cunha, Barão de Aimorés Barão de Aimorés?. Disponível em <<http://projetcricare.blogspot.com.br/2012/10/quem-foi-antonio-rodrigues-da-cunha.html>>. Acesso em 14/09/2013.

²⁰³ Nova Venécia. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/espiritosanto/novavenecia.pdf>>. Acesso em 14/09/2013.

A criação do município só ocorreu, no entanto, em 1991 quando a lei nº 4517 foi promulgada estabelecendo a emancipação de Vila Pavão, desmembrada de Nova Venécia em dezesseis de janeiro de 1991²⁰⁴.

Vila Valério

Vila Valério faz parte do histórico de colonização europeia levada a cabo pela ação conjunta entre o governo da província do Espírito Santo e do Império do Brasil a partir da segunda metade do Século XIX. Mais precisamente se relaciona com a história da Colônia de Santa Tereza, que foi a base da fundação dos municípios de Santa Tereza e de São Roque do Canaã, posteriormente chamada de São Gabriel da Palha.

Esta região tem sua colonização iniciada da fundação da colônia Santa Tereza em 1875, com fundação de um núcleo colonizador composto de sessenta famílias vênetas e trentinas de imigrantes que chegaram ao Vale do Canaã após longa travessia do Atlântico a bordo do navio Rivadávia em no ano 1875, quando desembarcaram no Rio de Janeiro rumaram para Vitória. Navegando o rio Santa Maria acima estabeleceram-se nas montanhas capixabas a colônia de Canaã que, no mesmo ano, passou a chamar-se Santa Teresa. Em 1879, uma nova leva de imigrantes italianos chegou a bordo do veleiro La Valleja vindos de San Cassiano de Treviso.

A colonização organizada levada a cabo pelo Império do Brasil foca no Espírito Santo entendendo conjuntura de crise europeia que indicava o momento perfeito de atrair imigrantes, mão de obra branca que pudesse mudar o eixo de formação populacional do Brasil excessivamente composto de pessoas de etnias negras, tendo em vista o cenário de transformações ocorridas na Europa no século XIX, como os processos de unificação alemã²⁰⁵ e italiana²⁰⁶, a crise do feudalismo na Europa, com cercamento de terras e a transformação dos feudos em propriedade privada da terra²⁰⁷ e o reordenamento geopolítico na Europa que duraria até a metade do século XX.

²⁰⁴ Vila Pavão. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320515>>. Acesso em 16/09/2013.

²⁰⁵ O significado da Alemanha para a gênese da geografia moderna. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13235>>. Acesso em 14/09/2013.

²⁰⁶ A unificação italiana. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/historiag/unificacao-italia.htm>>. Acesso em 14/09/2013

²⁰⁷ A crise do sistema feudal. Disponível em <http://www.miniweb.com.br/historia/Artigos/i_media/crise_sist_feudal.html>. acesso em 16/09/2013.

Neste contexto a ocupação da região onde hoje está vila Valério seque o objetivo do Império do Brasil de organizar frentes de colonização país afora, em especial no Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Este primeiro eixo de colonização indicou um caminho que tem em Via Valério um de seus capítulos finais e o cenário da iniciativa de construir loteamentos por uma companhia polonesa capitaneada pelo engenheiro chefe Esteves Bonislau Rochisk em 1943. Os loteamentos eram compostos de casas de palmito roliço, cobertas por folhas de palmeiras e amarradas com cipó²⁰⁸.

Estes loteamentos recebiam imigrantes que devido à invasão da Polônia, em 1939, por Adolf Hitler, fugiam de uma Europa avessa à sua permanência e sem condições de sobrevivência para suas famílias, expropriadas de suas terras e seus direitos. Além dos poloneses que chegavam à região ocorreu a migração de mineiros, imigrantes italianos, alemães e pomeranos que habitavam outras colônias no estado.

O nome Vila Valério foi escolhido como homenagem ao médico polonês Dr. Walerjan Koszarowski que lutou muito combate à malária que atacava a força de trabalho empenhada na abertura desta frente de colonização.

O distrito de Vila Valério, subordinado ao município de São Gabriel da Palha, Valério foi criado em trinta e um de dezembro de 1963 pela lei estadual nº 1919 e foi emancipado pela lei estadual nº 4892 de vinte e oito de março de 1994 que desmembrou o município de São Gabriel da Palha e Linhares.

8.3. Ocupação de Terras

Para discutirmos a ocupação de terras pelos pomeranos temos de discutir o território como elemento de produção de identidade e reconhecimento dela. Este processo de identificação do território como base identitária ocorre por sua característica de fundamento do trabalho, da moradia, lugar onde se constroem relações comunitárias, familiares, de parentesco, políticas e onde ocorrem as trocas materiais e espirituais²⁰⁹.

²⁰⁸ Vila Valério. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320517>>. Acesso em 16/09/2013.

²⁰⁹ IMIGRAÇÃO POMERANA NO ESPÍRITO SANTO: TERRITÓRIO E IDENTIDADES. Disponível em <<http://lhpc.ufes.br/sites/lhpc.ufes.br/files/Helmar%20Spamer.pdf>>. Acesso em 16/05/2014.

Território é onde o indivíduo e os grupos sociais organizam seu cotidiano e produzem sua história. Assim, o território vai além da posse, da propriedade e não se define pela forma com que se apropria dele, mas pela carga simbólica, pelo princípio cultural de identificação, de pertencimento. A naturalização do território anula as dimensões de poder incrustadas nele. Toda a dimensão do território faz parte da cultura e é um equívoco conceitual reduzi-lo aos aspectos legais de definição da terra ou do local de moradia, como parte estritamente econômica da vida das pessoas e comunidades.

A busca por terras foi o principal motivo que impulsionou a imigração pomerana no território capixaba, ou seja, podemos sugerir que a origem da discussão da identidade pomerana no Espírito Santo passa pela ideia da ocupação da terra. Nesse sentido, identificamos uma lógica de produção de identidade a partir da compreensão da terra como elemento de transformação. A fixação na terra dependia da transformação do *locus* geográfico das famílias. Este elemento de produção de identidade transicional fez com que, entre os pomeranos a terra, tivesse acrescida a ela a ideia de porto, de destino final e, com isso, a posse de terra ultrapassava a concepção de posse de um bem, a terra adquiriu aí o sentido de raiz, de elemento de primordialidade.

Os pomeranos do Espírito Santo produziram uma ocupação organizada a partir do deslocamento de um grupo populacional originário da Pomerânia Estes grupos desembarcaram em Vitória em 1847 e foram enviados a três núcleos de imigração preparados para recebê-los e formados a partir de um projeto de ocupação da região Serrana Capixaba até as bacias dos rios Guandu e Doce. Estes núcleos eram: Santa Isabel, Santa Leopoldina e Rio Novo²¹⁰. A maior parte dos pomeranos do Espírito Santo se organizou a partir dessas primeiras levadas de ocupação em pequenas e médias propriedades. Estas propriedades obedeceram a uma ética grupal que enfatizava o trabalho familiar, que levou à elaboração de uma lógica familiar na transmissão da terra, considerando-a o bem mais precioso para a família e, conseqüentemente, para a comunidade. Esse valor é o eco histórico da ligação dos pomeranos com a terra. A transmissão familiar da terra também levou a uma redução do número de filhos por família, tendo em vista a escassez de terras para serem divididas e a equiparação legal

²¹⁰ TERRA, FAMÍLIA E TRABALHO ENTRE DESCENDENTES DE POMERANOS NO ESPÍRITO SANTO. Disponível em <<http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/1446/1557>>. Acesso em 15/05/2014.

dos direitos de todos os filhos. Assim, os direitos civis sobrepujaram a tradição vinda da Europa e como cada vez menos terras estavam disponíveis para os descendentes e a progressão de número de filhos era inversamente proporcional à área da terra que cada um teria para trabalhar, a saída encontrada foi a busca da redução da natalidade, evitando problemas de fome e de baixo nível de inserção econômica entre os pomeranos. É comum filhos casados morando em casas ao lado da dos pais e trabalhando na mesma propriedade. Outro aspecto é o direito exclusivamente masculino à herança da terra acompanhando uma tendência das comunidades campesinas como um todo. A tradição anterior trazida pelos imigrantes, no entanto, era do filho mais novo herdar os bens da família, tendo em vista seu papel de cuidador dos pais, mesmo possuindo esposa e filhos, permanecendo na casa dos pais com a responsabilidade de cuidar deles na velhice. Desta forma também se garantia a posse da terra pela família e a presença de ao menos um dos filhos no campo.

Por outro lado, outra solução foi adotada pelos pomeranos. Com a escassez da terra na área inicial da colonização, muitas famílias optaram pela venda das terras na região serrana original para a aquisição de novas terras mais ao norte, com preços mais baixos e área maior, nas cidades de Pancas, Vila Pavão, São Gabriel da Palha, Vila Valério, etc. Com terras maiores, era possível dar manutenção a tradição identitária de reconhecer o filho mais novo como herdeiro da casa paterna e da responsabilidade de cuidar dos idosos, em consequência, também da terra, ou das mulheres que não herdavam a terra, mas apenas gado e máquinas de costura. Porém a pressão sobre a tradição a partir dos direitos civis não torna fácil esta tradição cultural. A divisão das terras familiares com os filhos, novamente, levou a uma diminuição dos lotes e, mesmo nessa região norte serrana, o mesmo processo foi evidenciado e a solução foi novamente a venda das terras capixabas para a compra de terras em Rondônia. As porções de terras passaram a ser muito maiores e o argumento cultural da divisão das terras e do pertencimento ao território pode ser, então, evidenciado e experimentado sem restrições.

8.4. Língua

Os pomeranos falam a língua pomerana, uma língua das terras baixas da região do Mar Báltico (baixo-saxônica). Eles trouxeram sua língua materna quando imigraram para o Brasil e ela foi preservada até os dias de hoje. É comum em algumas localidades da área de influencia pomerana observar pessoas conversando em pomerano pelas ruas ou parados em alguma esquina²¹¹.

No meio familiar é tradição e os pais falam em pomerano com os filhos. Antigamente, as crianças aprendiam como primeira língua o pomerano e depois quando iam para a escola que aprendiam o português. Hoje, as crianças já chegam à escola falando português, mas ainda tem como primeira língua o pomerano e, em geral, são bilíngues. O que observamos é que as crianças aprendem o pomerano com as avós que cuidam dos netos enquanto os pais trabalham. O português, língua do país que eles nasceram, é usada nas questões formais do dia a dia, além de ser a língua de maior importância na sua vida formal, como hospitais, serviços públicos, escolas, faculdades, etc. Já o Pomerano é uma língua de tradição, de seus antepassados, e uma forma de preservar seus laços culturais e familiares. Falar o pomerano é uma forma identificação com seu grupo e sua cultura²¹².

Os pomeranos usam a língua para transmitir informações secretas quando estão em negociação de algum produto ou em situação que necessite falar sem que os outros não pomeranos saibam o que ele está falando.

Na época da segunda guerra mundial e por meio de uma campanha nacionalista implantada pelo governo de Getulio Vargas, houve severas restrições as línguas estrangeiras, o que afetou os falantes da língua pomerana²¹³. Assim, falar pomerano passou a ser algo proibido, um desrespeito à lei. Isto levou os pomerano a terem vergonha de falar a língua pomerana e se sentirem inferior por se comunicarem

²¹¹ TRESSMANN, Ismael. *O pomerano: uma língua baixo-saxônica*. **Educação, Cultura, Sociedade. Revista da Farese** (Faculdade da Região Serrana), vol. 1, pp. 10-21. Santa Maria de Jetibá. 2008. Disponível em <[http://www.farese.edu.br/pages/artigos/pdf/ismael/O%20POMERANO%20-%20UMA%20L%C3%8DNGUA%20B.-SAX%C3%94NICA%20\(R Revista%20da%20Farese\).pdf](http://www.farese.edu.br/pages/artigos/pdf/ismael/O%20POMERANO%20-%20UMA%20L%C3%8DNGUA%20B.-SAX%C3%94NICA%20(R Revista%20da%20Farese).pdf)>. Acesso em 05 jun. 2013.

²¹² SPINASSÉ, Karen Pupp. Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo. Disponível em <<http://www.artistasgauchos.com/conexao/3/cap10.pdf>> Acesso 01 fev., 2013.

²¹³ SANTOS, Fabiane dos. A construção do inimigo: é tempo de guerra, medo e silêncio. Revista Santa Catarina em História - Florianópolis - UFSC – Brasil, v.1, n.2, p. 62-72, 2007.

por meio dessa língua. Mesmo diante dos empecilhos criados pelo estado brasileiro, a língua pomerana continuou a ser falada dentro das casas pomeranas. Hoje, o pomerano é ensinado em algumas escolas e há um programa educacional do ensino da língua pomerana em quase toda a área de influência pomerana no Espírito Santo. Foi desenvolvido recentemente um dicionário pomerano pelo linguista Ismael Tressmann que contribui enormemente para a proliferação e perpetuação do número de falantes de pomerano²¹⁴.

8.5.. Arquitetura

A casa pomerana brasileira

Ao considerarmos um objeto arquitetônico sujeito a uma descrição física e técnica, é necessário identificar o contexto em que ele se insere e destacar as características que determinam sua identidade. A casa pomerana capixaba é, antes de tudo, uma habitação vernácula. Mesmo que seu “corpo” seja formado por técnicas vernáculas de origens geográficas diferentes, entende-se por edificação vernácula o edifício construído com os recursos oferecidos pelo entorno imediato e técnicas construtivas que tenham algum contexto histórico, que sejam capazes de adequar a edificação ao relevo e clima local.

Partindo deste conceito, aliado ao contexto histórico de inserção do bem, nosso elemento de descrição é a casa do imigrante pomerano que chegou ao Brasil no século XIX, por meio de uma política nacional de abertura à imigração destinada à ocupação das terras desabitadas, e o “clareamento” social da população, composta na época por grande parte de mestiços (negros, portugueses e indígenas).

As sociedades brasileiras e pomerana no século XIX e a imigração

Nesta época, a construção brasileira rural adotava técnicas construtivas advindas da junção do barro, da madeira e também da pedra, como o pau-a-pique, a taipa de pilão, o adobe, os tijolos cerâmicos, o tabique e os muros de pedra. Teixeira

²¹⁴ TRESSMANN, Ismael. Dicionário Enciclopédico Pomerano-Português. Santa Maria de Jetibá: Gráfica e Encadernadora Sodré, 2006

(2008)²¹⁵ afirma que *"essa arquitetura, no caso brasileiro, realizada com técnicas que utilizam a terra crua como principal material de construção, está relacionada com a falta de recursos técnicos e a pobreza."*

Castro Faria defende três tipos culturais de habitação popular no Brasil: a indígena, com as ocas e as formas de construir com madeira, palha e folha, além da forma distinta de se organizarem espacialmente; a negra, com as suas malocas; e a considerada pelo autor como branca, com características construtivas lusófonas. O autor salienta que o contato com a Índia e a África proporcionou ao colonizador português uma facilidade de acomodação às novas contingências.²¹⁶ O autor salienta em sua obra que a taipa foi um processo usual na construção em Portugal e que as construções primárias portuguesas no Brasil eram realizadas em pau a pique visto o desamparo de recursos. Com o passar do tempo, a arquitetura portuguesa perdeu o caráter provisório, instrumento da exploração territorial, e estabeleceu uma arquitetura doméstica, não lusófona, mas brasileira.

Em 1857, os primeiros pomeranos receberam o lote de terra, com mil braçadas quadradas, um rancho para habitação provisória, ferramentas, sementes, um casal de porcos, duas galinhas e um galo. Com poucos recursos, esses colonos precisavam erguer suas casas em a floresta ambrófila e estacional semidecidual característica da Mata Atlântica.

A Casa

A casa pomerana se apresenta quase como a casa vernácula rural brasileira do século XIX. Com paredes revestidas e preenchidas em barro e seus derivados, a mesma comprova a adaptabilidade de se construir dos pomeranos.

A moradia foi adaptada aos recursos naturais existentes, madeira e barro, e mesclada com a tradição construtiva trazida pela sua cultura, criando assim, paredes estruturadas em enxamel, técnica tipicamente alemã e pomerana, com peças em madeira encontradas no entorno imediato e preenchimento em pau-a-pique ou adobe, visto que não possuíam tecnologia nem condições financeiras para construir de outras maneiras.

²¹⁵ TEIXEIRA, Claudia Mudado. **Considerações Sobre Arquitetura Vernácula**. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, volume 15, número 17. 2º semestre de 2008. PUC Minas. Brasil, p. 32.

²¹⁶ FARIA, Castro. Origens Culturais da habitação popular no Brasil. **Boletim do Museu Nacional**. Rio de Janeiro, Secção de Antropologia, número 12, outubro 1951.

O clima local onde se instalou a comunidade pomerana no Espírito Santo, clima subtropical úmido, com verões chuvosos e invernos mais secos e frios, em áreas caracterizadas pelo relevo montanhoso e muito divergente da região original desse povo que se caracterizava por planícies, clima temperado e porções litorâneas.



À esquerda, Casa Bandeirista, em Idaiatuba / SP. Fonte: <www.warcoweb.com.br>. À direita, casa pomerana em Santa Maria de Jetibá. Fonte: Inventário da Oferta Turística de Santa Maria do Jetibá - SEBRAE

A divisão da casa em camadas construtivas é prática e necessário para a aplicação de um vocabulário técnico mais eficiente, sendo estas camadas, a Estrutural, descrevendo as fundações e o Enxaimel; a camada de Fechamentos, que descreve as paredes e suas técnicas de utilização (luso brasileiras e pomeranas); a camada de Elementos Arquitetônicos, abrangendo todas as peças de madeira que compõem a casa: janelas, portas, guarda corpos, pisos, etc.; e por fim, o Partido Arquitetônico, para detalhar os conceitos projetais da casa pomerana.

Estrutural

O sistema estrutural utilizado na construção das casas pomeranas na região da mata atlântica capixaba foi o mesmo utilizado pelo povo pomerano em sua terra natal, o enxaimel. De forma sucinta, o enxaimel é uma estrutura entrelaçada com peças robustas de madeira, compostas de vários contraventamentos, que ainda dispensava o uso de peças e componentes metálicos nos encaixes. O enxaimel, ou Fachwerk – espaço preenchido com material entrelaçado, é uma técnica de construção muito antiga, e embora esteja ligado culturalmente à Alemanha, existem evidências desta mesma prática na península ibérica, desde o século VI a.C..

Os padrões destas estruturas podiam ser muito variados, desde a complexidade dos encaixes até a opção de ressaltá-lo na fachada da edificação, como elemento de adorno. Em edificações mais humildes, é possível perceber o enxaimel demarcando o posicionamento das esquadrias. O enxaimel também configura a armação da cobertura da moradia, sua inclinação, extensão tipo de material a ser utilizado. Casos mais peculiares apontam moradias capazes de serem completamente desmontadas e remontadas em outros locais, aproveitando a maioria dos componentes iniciais.

Por se tratar de um conjunto estrutural, as peças posicionadas no sentido vertical, tinham dimensões mais robustas que as peças horizontais. Este “esqueleto” da moradia era diretamente ligado à fundação, feita de forma direta sobre o solo. Entre o solo local e o piso da casa do colono, havia um espaçamento, de modo que a casa não estivesse diretamente no chão. Este distanciamento é feito por uma peça de madeira vulgarmente chamada de ‘moleque’. Esse ‘moleque’, que também poderia ser em pedra, era responsável pela configuração do “porão alto”, técnica de condicionamento térmico comum do clima tropical úmido. As dimensões das peças do enxaimel variam com o tamanho da edificação proposta. Suas peças verticais (pilares) costumam ter seções generosas, de 40cm x 40cm, enquanto as horizontais chegam a ter no máximo 15cm x 15cm. Peças mais esbeltas são utilizadas na região mais externa do esqueleto, para demarcar esquadrias e outros elementos.

Fechamentos

Conforme já foi descrito, a estruturação da casa em enxaimel requer preencher os espaços vazios do “esqueleto” com os materiais disponíveis para essa vedação. Na Pomerânia, havia grande facilidade em encontrar pedras e fabricar tijolos de barro. Estes fechamentos, geralmente feitos em tijolos ou pedras moldadas, não foram viáveis no Brasil, pois aos colonos faltavam ferramentas apropriadas para moldar esta pedra. A adaptação vernácula adotada foi o uso de taipa de mão e adobe. Na Europa, estes recursos faziam parte de um grupo de técnicas consideradas rudimentares e primitivas, comumente utilizados para a edificação de celeiros, currais e moradias mais humildes.



Casa em enxaimel em Königswinter, Alemanha. À direita, detalhe do preenchimento. Königswinter, Alemanha, 2008. Foto: Liliane Corrêa

Os fechamentos utilizados na casa pomerana obedeceram às necessidades individuais de cada moradia, mas podemos destacar o mais comum, no caso da habitação capixaba, o uso da taipa de mão, principalmente nos períodos iniciais da ocupação pomerana. A taipa de mão é uma aplicação da Taipa padrão de forma diferenciada da taipa de pilão. Nesta técnica construtiva, também conhecida como pau-a-pique, o barro é aglutinado horizontalmente no esqueleto do enxaimel, junto à armações leves de fibras; bambu ou madeira. A aplicação é simples o suficiente para ser executada à mão e resultava em paredes leves, de 15 cm de espessura. A

descontinuidade da forma da taipa foi adequada para preencher o ‘esqueleto’ enxaimel da casa.

Outra técnica utilizada foi o adobe, um dos materiais mais antigos da construção, considerado antecedente do tijolo de barro. A forma do adobe foi muito satisfatória para o preenchimento dos vazios do enxaimel, e o resultado eram paredes mais espessas que as de taipa de mão, chegando a atingir até 30 cm. O adobe também se mostrou mais eficiente no quesito de condicionamento térmico da residência, oferecendo maior frescor ao interior da edificação. O adobe, porém, só foi utilizado em larga escala depois que grande parte dos emigrantes já haviam se estabelecido de forma definitiva, eliminando as preocupações oriundas da região inóspita em que se instalaram. O adobe é encontrado em maior escala nas edificações não habitacionais, como igrejas e casas paroquiais da comunidade pomerana e algumas casas mais ricas, edificadas em períodos posteriores.

Elementos Arquitetônicos

As esquadrias da casa pomerana são em sua totalidade feitas em madeira. As janelas, desconsiderando o “oitão”; abertura localizada no sótão, são separadas em 3 categorias: Janela de abrir com vidro, janela de abrir com folha cega e janela guilhotina. A janela guilhotina é um modelo mais recente, e por isso, encontrado na maioria das vezes, na fachada frontal da casa. O sentido da abertura das janelas de abrir também remonta o costume do povo pomerano, que se resguarda na receptividade, posicionando suas aberturas para fora da edificação, ao invés de para dentro (como fizeram os colonos italianos). As janelas de abrir com vidro levam na parte de baixo da folha, um acabamento em veneziana, com baixíssima visibilidade. As janelas de abrir com folha cega são mais rudimentares e, quando uma única folha é composta por pelo menos duas peças de madeira, é quase impossível disfarçar a fresta oriunda desta junção.

Os modelos de portas pomeranas seguem muito o padrão das janelas: duas ou uma folha, com ou sem acabamento em vidro. Combinando estas características, temos um total de variação de quatro modelos. Tal como as janelas, as

portas são confeccionadas em madeira, e costumam ter a dimensão vertical mais acentuada que o padrão (o mesmo ocorre com as janelas) para melhorar a incidência de luz no interior do ambiente. As portas também são utilizadas como demarcações de simetria, geralmente posicionadas no centro da fachada/edificação. Todas as esquadrias pomeranas foram inicialmente pintadas na cor azul em referência à antiga bandeira da pomerania.

*“O Telhado da edificação pomerana é simples, mas guarda curiosa ‘imponência’ nos detalhes de adorno e encaixe”*²¹⁷. O telhado da casa pomerana se assemelha aos telhados brasileiros convencionais em sua simplicidade de execução: duas águas, cobertura em telha de madeira e, posteriormente, cerâmica com beiral padrão. É muito comum encontrar nas edificações pomeranas uma tábuas assentada na extremidade do cachorro. Outro elemento encontrado é o Lambrequim, um ornamento de madeira, posicionado na extremidade do beiral.

O piso da casa pomerana é feito em madeira, conforme citado, a matéria-prima mais abundante em uma floresta. A confecção destes elementos evidencia a técnica vernácula pois se adaptavam as diferentes condições climáticas. Nas regiões de clima mais ameno, as tábuas do assoalho eram dispostas junto à outra, sem espaçamentos ou frestas, se organizando no que conhecemos como junta seca. Em regiões de clima quente, estas tábuas tinham um leve espaçamento entre si, para auxiliar no sistema de ventilação proposto pelo “porão alto”. As tábuas destes pisos são madeira de lei, extraídas de Cedro-rosa, Canela, Peroba, Jequitibá, Ipê e várias outras.

O modelo de forro utilizado nas casas pomeranas é do tipo “esteira”, que consiste em tábuas estreitas, uma ao lado da outra. Em suas juntas, está o elemento “mata-junta” como objetivo de ocultar as extremidades e proteger de sujeiras e insetos.

O gradil da casa pomerana também é feito em madeira. Sua função inicial é proteger que alguém caia da varanda e conferir um primeiro acesso (mesmo que facilmente sobreposto) para o interior imediato da casa. Este gradil geralmente se encontra na fachada frontal e nas sacadas do pavimento superior (se houver) e como o restante das peças de madeira, tem a pintura em cor azul. Algumas residências pomeranas têm as peças do gradil entalhadas em variados formatos. Essas formas remetem às edificações de seu período feudal, com adornos muito semelhantes aos

²¹⁷ CORONA, Bianca Aparecida. **Pomerisch Huss: A Casa Pomerana no Espírito Santo**. GM gráfica e editora. 2012. Vitória, Espírito Santo. Brasil.

eclesiásticos, e com elementos do enxaimel na demarcação, numa espécie de junção com o sistema estrutural.

Os encaixes das estruturas de madeira nas edificações pomeranas, dispensam o uso de peças metálicas para a fixação. Eles são feitos através de recortes nas peças, em uma formato peculiar, em “L” e o travamento se dá pelo peso da carga apoiada sobre eles. Estes encaixes servem de base para a elaboração de outros elementos, como as escadas, que remetem aos modelos usados nas embarcações. Estas escadas nas residências pomeranas, serviam de acesso ao sótão e ao porão, e são conhecidas como “escadas de bordo”.

Partido Arquitetônico

A casa pomerana parece em muito com a casa bandeirista brasileira. Sendo o piso elevado, a varanda incorporada ao corpo da casa, o telhado em duas águas, o fechamento em terra, a utilização da madeira e a tipologia das esquadrias muito familiares.

Corona defende que as residências construídas pelos pomeranos no Brasil remetem à memória das construções de sua terra natal, onde a terra feudal era dividida em residência do senhor feudal, abrigo da criadagem, choupana dos diaristas, destilaria, celeiros, currais e o bosque. Segundo a autora, *"a travessia até o solo brasileiro e a adaptação a ele, os anseios de realização dos sonhos, das conquistas e busca da certeza de que valeu a pena a mudança, foi materializada na construção da casa pomerana"*.²¹⁸

Sendo assim, o ritual de ocupação dos imigrantes pomeranos é estabelecido através da agricultura de pequenas propriedades, proporcionando a subsistência deste povo. Bons cultivadores, estes se estabelecem no território cedido pelo Império criando um povoado.

²¹⁸ CORONA, Bianca Aparecida. **Pomerisch Huss: A Casa Pomerana no Espírito Santo**. GM gráfica e editora. 2012. Vitória, Espírito Santo. Brasil.

A arquitetura pomerana, assim como seu povo, teve de se adequar à nova realidade, sendo esta estabelecida em um novo panorama com originalidade e a mistura de técnicas construtivas que permearam entre a arquitetura rural brasileira e a arquitetura vernácula europeia.

A localização da casa pomerana geralmente fica próxima a uma fonte de água potável, como rios e córregos, para que estas abasteçam a residência. Além disso, a residência é implantada paralela à via, com o telhado da casa pomerana seguindo o sentido da rua, sendo esta, uma característica trazida pela sua terra natal. Segundo Corona, a razão pela qual a cumeeira encontra-se paralela a via auxilia na camuflagem e na identificação dos visitantes.

Ao adequar-se ao clima subtropical úmido existente no Espírito Santo, as águas dos telhados possuem inclinações maiores para que em períodos chuvosos a chuva escorra mais rápido, como também para que o sol não esquite muito os materiais do teto visto que um plano inclinado em relação aos raios solares esquite menos que em um plano em ângulo reto.

Com a inclinação maior, consequentemente a cumeeira do telhado será mais alta, colaborando para a criação de um colchão de ar acima dos espaços de convivência que evita a penetração do calor.

A presença dos beirais proporciona, além da sombra, proteção para as paredes contra o desgaste causado pelo sol e pelas chuvas. Os beirais cobrem principalmente as varandas esticando-se até elas.

A disposição dos cômodos da casa pomerana também mescla a cultura pomerana com a necessidade de adaptação e absorção cultural adquirida no Brasil, como por exemplo, o "quarto do namoro", encontrado em várias casas pomeranas, advindo da Pomerânia Europeia, mas que em muito se parece com o "quarto de visitas" das casas bandeiristas. O "quarto do namoro" consiste em um dormitório localizado na parte frontal da casa, com uma abertura interna e outra de acesso à varanda.

Como também a presença da varanda entalada, junto ao corpo da casa, muito próxima a casa bandeirista que também possui a mesma. Brandão e Martins defendem que esta tipologia de varanda *"nada mais é do que a varanda embutida no*

corpo da fachada, muito comum nas residências paulistas na época dos bandeirantes e que era chamada de corredor."²¹⁹

Além disso, as casas são elevadas em relação ao terreno para que o ar frio circule embaixo da construção proporcionando maior conforto térmico, visto que, criam-se áreas ventiláveis no nível inferior controlando a temperatura da casa e buscando resfriamento do piso.

8.6. Agricultura

Os pomeranos ao chegarem ao Brasil foram dirigidos diretamente para o trabalho na lavoura, se adaptando com certa facilidade ao processo, sendo vistos como trabalhadores dedicados e com veloz adequação às condições climáticas e de solo. A dedicação ao trabalho na lavoura é, ainda hoje, uma característica destas comunidades. Um problema decorrente dessa atividade é a exposição ao sol que ocorre pelo trabalho cotidiano, levando aos pomeranos terem que receber cuidados diferenciados na saúde com o intuito de evitar o câncer de pele²²⁰.

A formação de núcleos de agricultura familiar típica pelos pomeranos adquiriu uma característica de complexificação da situação a partir de dois fatores: características culturais próprias e a escassez de mão de obra e recursos financeiros vividos pelas primeiras famílias²²¹. A agricultura familiar entre os pomeranos se dá não somente pelas pequenas propriedades de terra, mas pelo uso de mão de obra especificamente familiar, mães, pais, filhos e filhas, o que influencia toda a vida da comunidade. O aspecto laboral rural é reproduzido em outros espaços culturais da sociedade pomerana e pode ser percebido nos rituais de casamento e demais ritos de passagem, salientados com os elementos do imaginário rural nos rituais de batismo e outros associados à infância, como os rituais relativos à criança de um ano. A agricultura familiar, portanto, é presente na própria definição da propriedade onde

²¹⁹ BRANDÃO, Helena Câmara Lacé; MARTINS, Angela Maria Moreira. VARANDAS NAS MORADIAS BRASILEIRAS: do período de colonização a meados do século XX.

²²⁰ COMUNIDADE DE POMERANOS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9AXFFL/tese_biblioteca_pdf.pdf?sequence=1>. Acesso em 15/05/2014.

²²¹ TERRA, FAMÍLIA E TRABALHO ENTRE DESCENDENTES DE POMERANOS NO ESPÍRITO SANTO. Disponível em <<http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/1446/1557>>. Acesso em 15/05/2014.

produzem os pomeranos, caracterizada como propriedade familiar. Entendemos aqui como propriedade familiar o imóvel rural que, direta e pessoalmente, é explorado pelo agricultor e sua família, mas indo além, faz parte da própria noção de família dos pomeranos e sua relação com o trabalho, entre o grupo família e a comunidade e, também, entre a comunidade e a sociedade nacional como um todo. Assim, a unidade de produção familiar é também um aspecto de manutenção das relações de produção no âmbito das relações conforme a entendem os pomeranos, sendo mantida em níveis de familiaridade e parentesco do menor, a unidade familiar, ao maior, a comunidade pomerana. Desta forma, a propriedade familiar entre os pomeranos vai além da propriedade que emprega o esforço da unidade familiar e que lhes absorve toda a força de trabalho e lhes garante a subsistência – é um tipo de unidade social que inclui o processo identitário de construção de núcleos de manutenção da cultura pomerana, incluindo a divisão sexual da produção agrícola, a tradição de produção de ferramentas, entre outros elementos fundamentais no entendimento pelos pomeranos do que é sua cultura e a relação dela com a terra.

No entanto, a realidade da agricultura familiar entre os pomeranos obedece a processos diferentes da realidade da agricultura no país, que é desfavorável à manutenção da propriedade de administração familiar, e não obedece à ideia de pouca competitividade entre a agricultura nas pequenas e médias propriedades e produção dos grandes produtores. Os processos elencados para tal diferença são a ênfase na produção de gêneros alimentícios e o forte grau de associação entre eles para escoamento da produção. Além disso, a forte disciplina no trabalho leva às comunidade, a produzirem um rígido calendário de atuação que envolve toda a família, das crianças aos idosos.

Esta rotina rígida se baseia no trabalho na lavoura e é organizada da seguinte forma: acorda-se entre cinco e seis horas da manhã, o café é feito pela esposa que o serve enquanto o marido alimenta os animais. Após o café seguem para a lavoura, em geral, acompanhados pelas crianças mais velhas. Quando há crianças menores, os mais velhos cuidam dos mais novos enquanto os pais estão na lavoura, quando é possível os mais velhos deixam os irmãos de idade intermediária cuidando dos mais novos e trabalham junto com os pais seguindo a mesma rotina. O almoço é feito pela esposa a partir das dez da manhã. O marido retorna em torno de onze da manhã para almoçar. Ao meio dia, após o almoço, retornam à lavoura e ficam lá até às duas e meia

da tarde. Neste horário, retornam para tomar o café da tarde, em seguida, voltam ao trabalho até as seis ou sete da noite e aí retornam a sua casa para a rotina do fim do dia, com a produção do jantar pela mulher. Dormem entre oito e meia e nove horas da noite e esta rotina se estende por toda a semana. No sábado interrompem o trabalho após o horário do almoço e no domingo não trabalham, deixam o dia para tarefas religiosas e para o lazer²²².

As comunidades de pomeranos do Espírito Santo são conhecidas como grandes produtoras de café e hortifrutigranjeiros. Santa Maria de Jetibá se destaca como grande centro de avicultura onde se produz até oitocentos e quarenta mil ovos por dia, com uma organização orientada que permitiu uma indústria moderna e competitiva, sendo toda a base de produção advinda de pequenos produtores organizados em cooperativa. A expansão da produção é constante e com os cento e trinta associados avícolas, Santa Maria de Jetibá tornou-se o maior polo avícola do Estado e segundo produtor de ovos do país. A produção de hortaliças, a olericultura, é parte fundamental da produção econômica agrícola da região e tem em Santa Maria de Jetibá cerca de oitenta por cento das três mil propriedades familiares existentes com uma diversificada base de culturas abrangendo chuchu, repolho, cenoura, beterraba, couve-flor, pimentão, vagem, pepino, abobrinha, alface, alho e tomate. Essa produção é absorvida por variadas regiões, mas representa quarenta por cento do total de hortifrutigranjeiros consumido na grande Vitória, alcançando também Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro. O total produzido pela olericultura chega entre cento e vinte e cento e quarenta mil toneladas anuais. E se está buscando amplificar a produção de orgânicos²²³.

A produção de café é parte do cotidiano labora de cerca de dois mil agricultores e chega a produzir noventa mil sacas de café ao ano.

8.7. Música e Concertina

A musicalidade pomerana é central em seu processo identitário e a concertina ocupa um lugar próprio como instrumento cultural que reforça a identidade pomerana. O envolvimento da comunidade com a música é claro e evidenciado na

²²² Terra, família e trabalho entre descendentes de pomeranos no espírito santo. Disponível em <<http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/1446/1557>>. Acesso em 15/05/2014.

²²³ História. Disponível em <<http://www.pmsmj.es.gov.br/pg/24517/o-municipio-historia/>>. Acesso em 10/05/2014.

presença constante da comunidade em processos ligados à musicalidade, sejam corais de igreja, conjuntos musicais, organização de festivais de concertina. Este elemento é comum tanto nas comunidades pomeranas do Espírito Santo quanto nas comunidades pomeranas do sul do Brasil, o que nos leva a crer que a musicalidade é um elemento central na cultura pomerana, presente nas festas e eventos, mas também na vida cotidiana conforme declaração do doutor Ismael Tressman que é enfático em informar a forte presença de canções de ninar e de narrativas sobre a imigração e seu passado pomerano. No entanto, a presença desta musicalidade não se traduz na presença de um cancionário próprio pomerano, falado na própria língua. Não há registros de muitas músicas em pomerano de conhecimento da comunidade, seja no Espírito Santo ou no sul do Brasil²²⁴. Nesta pesquisa não registramos nas comunidades nenhum tipo de canção específica em pomerano, a não ser algumas canções cantadas pelas crianças dentro de atividades do PROEPO, já numa tentativa de resgate dessas tradições antigas.

A musicalidade com caráter jocoso, alegre e festivo é comum, o que faz eco a uma particularidade do humor pomerano registrado em campo, dadas as constantes referências à bebida e à brincadeira e o costume de incluir gargalhadas na métrica²²⁵.

A germanização dos pomeranos a partir da dominação germânica por séculos dificultou a diferenciação musical destes com os alemães, algo reforçado pela própria concepção da sociedade nacional de que pomeranos eram alemães, fruto da identidade produzida pelo estado nacional alemão ao qualificar os pomeranos como pertencentes ao povo alemão. A maior parte das canções que foram coletadas e registradas em material bibliográfico não possui, musicalmente falando, características claras que indiquem peculiaridade da musicalidade pomerana e que identifiquem esta musicalidade como algo diferente de uma origem germânica. A própria ideia das temáticas indicadas como peculiares aos pomeranos, por parte da comunidade nas reuniões de trabalho e apresentação do INRC, é vista na etnografia como comuns à cultura germânica. Essa ocorrência comum acontece na forma de narrativa, nas letras das canções ou na construção melódica. As letras e músicas, no entanto, podem ser vistas como reveladoras de significados e de uma percepção pomerana do mundo e

²²⁴ A MÚSICA POMERANA COMO NARRATIVA DA MEMÓRIA CULTURAL . Disponível em <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/viewFile/2652/2944>>. Acesso em 25/04/2014.

²²⁵ Idem.

como uma forma de narrativa cultural da memória presente em suas letras que contam histórias, narram fatos, expressam ideias e revelam traços culturais. Ao mesmo tempo em que as canções e letras são elementos de construção de memória e identidade, elas revelam o uso da musicalidade como forma de diferenciação e a ausência de peculiaridade na cultura musical pomerana. A música não é necessariamente peculiar, mas a narrativa é única e ela sendo expressa pela música dá um caráter de unicidade a essa tradição.

Esta categorização densa é necessária sob o ponto de vista da diferenciação entre a peculiaridade musical e a narração com o uso da ferramenta da música e da letra. A língua pomerana aparece pouco nas músicas, mesmo onde ainda existem registros eloquentes de seu uso na musicalidade. As próprias músicas e melodias não carregam diferenciação das demais referentes às outras comunidades germanófilas, o que diferencia é o uso da música como instrumento de narrativa, algo que é “peculiar” a todas as culturas. Queremos ressaltar que o uso da música como forma de contar histórias não diferencia os pomeranos das demais culturas tanto de origem ou sob a dominação germânica quanto qualquer outra, mas a que diferencia das outras culturas de matriz germânica são suas experiências únicas narradas sob a forma musical²²⁶. Nesse sentido, a musicalidade pomerana é um elemento de construção identitária por sua narrativa, não pela peculiaridade da produção musical.

A presença da música nas comunidades pomeranas nos leva à presença da concertina, do concertinista e, no âmbito das celebrações, o cerne da musicalidade que envolve o casamento pomerano, do convite à dança dos noivos, passando pela festividade em si e pela música que embala o baile dos convidados.

O convite, feito pelo *hochtiedsbirrer*, ou convidador, é feito de forma festiva, poética e musical, mesmo sem o acompanhamento de instrumentos. A utilização de versos em pomerano é declamada de forma musical, sendo parte da tradição musical pomerana. A recepção ao *hochtiedsbirrer* é festiva, alegre e o convite feito por recitação em alemão ou pomerano descreve todos os dados necessários para aquele que

²²⁶ A MÚSICA POMERANA COMO NARRATIVA DA MEMÓRIA CULTURAL . Disponível em <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/viewFile/2652/2944>>. Acesso em 25/04/2014.

recebe o convite, como a data, hora, local e a enfática descrição da música e da dança na festa e que levará aos convidados à satisfação²²⁷.

O concertinista assume um papel importante no contexto cultural das comunidades pomeranas dado que é presente em toda festividade pomerana. Além de sua presença nas festividades, o concertinista também atua em festivais próprios que são comuns em toda região de influência pomerana e adquirem um caráter de festividade popular e de reunião comunitária. O concertinista é também indispensável na maior parte dos eventos comemorativos pomeranos, desde eventos de danças típicas aos casamentos pomeranos. No casamento pomerano tradicionalmente os concertinistas ficam próximos à estrada do local da festa, já introduzindo os convidados no ritmo de festa, como uma recepção musical. Os músicos recebem recompensas a partir de doações dos convidados lançadas a um recipiente enfeitado onde colhem contribuições em dinheiro para os músicos. É comum que no entorno do concertinistas se forme um agrupamento de convidados que ali constroem coletivamente um núcleo da festa.

A concertina também é presença obrigatória no conjunto de danças que é identificada aqui como dança dos noivos, dança da grinalda e dança da vassoura que os noivos fazem despedindo-se da vida de solteiro. A dança da noiva, também chamada de Bruudanz, é o momento em que a noiva, à meia noite, dança com todos os convidados, sendo introduzida como mulher casada na sociedade pomerana. A dança da grinalda, etapa seguinte de danças, é denominada Kranzafdanze, e é mais precisamente uma dança onde se busca tirar a grinalda do noivo e onde se dá enfaticamente a despedida do noivo da vida de solteiro. O casal assim dança separadamente e em momentos diferentes, com seus amigos solteiros e solteiras. Na dança da grinalda, ao dançar com o último dos solteiros, a noiva tenta fugir da retirada por parte dos convidados de sua grinalda. Esta tradição a crença popular de que a pessoa que conseguir pegar a grinalda será a próxima a casar. Por último se dança a Bäsensdanz, ou a dança das Vassouras, onde quem não arrumar um parceiro dança com a vassoura²²⁸.

Para tratar especificamente do concertinista é preciso descrever o ato de tocar concertina. No tocar a concertina o pomerano produziu uma fusão de estilos melódicos e rítmicos. A fusão das músicas tradicionais populares europeias ocorreu de

²²⁷ NASR. Michelle Fonseca. A música pomerana capixaba: a festa e casamento e outras reflexões. Revista de História e Estudos Culturais, Uberlândia, ano VI, n. 4, p. 2-15, out/nov/dez 2009.

²²⁸ Idem.

forma articulada com os ritmos e melodias brasileiras. Esta fusão desaguou nas comunidades pomeranas com o entendimento do forró como estilo musical preponderante. A diferença do forró tradicional nordestino é a ausência do aspecto percussivo dessa musicalidade, negligenciado pelos pomeranos. Se há a presença nas apresentações de concertinistas do pandeiro ou triângulo, a zabumba não se faz presente, limitando a similaridade entre o forró brasileiro e o forró pomerano,

A concertina é um instrumento similar ao bandoneon, ao acordeon e à sanfona. A utilização de paletas metálicas que vibram a partir da passagem de ar que é produzido com o abrir e fechar do fole. Este fole ao inflar e desinflar faz o ar passar vibrando as paletas correspondentes às teclas abertas. Esta função é similar no acordeon, porém há a diferença da concertina possuir um fole maior que o acordeon e geralmente dividida em três partes, além disso, a concertina é um instrumento diatônico. Que não possui em nenhum caso uma nota única, com cada tecla da concertina correspondendo a um acorde, a uma soma de no mínimo três notas. Outra diferença é no acordeon a tecla fazer o mesmo som quando o tocador abre e fecha o fole e na concertina o som de fechar é diferente do som de abrir ao pressionar uma mesma tecla²²⁹.

A concertina não está presente só nas comunidades pomeranas, é também comum na tradição musical de outros grupos culturais tradicionais: italianos, alemães, portugueses, etc. Porém, na cultura pomerana, a concertina recebe destaque e no contexto do Espírito Santo se consagrou como instrumento típico pomerano. O tocador de concertina assume neste universo uma posição social de destaque.

A limitação de acesso à concertina é um problema para que esta tradição se mantenha. O instrumento é caro e a fabricação é tão difícil que para a maioria das comunidades pomeranas não existem mais fabricantes. O alto valor se dá por isso, pela quase exclusividade de fabricação de instrumento a nível nacional. No espírito santo esta fabricação ocorre na região de Melgaço, em Domingos Martins, sendo feita pelo artesão e concertinista Angelim Zaager. O senhor Angelim Zaager descreveu as etapas da fabricação da concertina a partir da descrição da produção das caixas de madeira da lateral, do fole de papelão especial, dos botões de madeira, das sapatilhas de madeira revestida de couro, das chapas de alumínio e das paletas de aço, estas últimas

²²⁹ Entrevista realizada pelo historiador Gilson Moura Henrique Junior com o concertinista Adenivaldo José dos Santos, o Zé do fole, em 27/04/2014.

produzidas sob encomenda. Este processo de produção de concertinas não é feito em larga escala e sim por encomendas, e a fabricação se iniciou a partir de 2006²³⁰. Como concertinista o senhor Angelim atua desde 1960 e também leciona concertina possuindo hoje sessenta alunos, e há procura para abrir novas turmas. Esta procura pelo aprender a tocar não encontra eco na busca de aprendizado da fabricação do instrumento.

O processo de fabricação das concertinas tenta imitar a produção dos instrumentos feitos antes da segunda guerra mundial e existentes na comunidade, e a motivação da busca de aprender a fazê-las se deu pelo fato de que as novas concertinas, feitas após a segunda guerra, não terem a sonoridade das primeiras. Além de fabricar os instrumentos a partir de modelos de concertinas feitas anteriormente, ele também fabrica e adapta instrumentos aos moldes das concertinas pomeranas, informando, no entanto, que apenas o acordeom italiano tem como ser adaptado²³¹.

A junção de vários concertinistas em um mesmo espaço é algo muito comum nas comunidades pomeranas do espírito santo, eles nomeiam estas festas como festivais de concertina. Esta manifestação é um tipo de manifestação cultural recente entre as comunidades e foram criados com um misto de salvaguarda espontânea que a comunidade buscou para este bem cultural e alternativa de diversão. Os festivais funcionam como um mecanismo divertido de resgate da importância da concertina para a tradição cultural pomerana. Ao celebrar a concertina, os festivais celebram tanto o saber tocar concertina como herança, quanto fornecem um caráter de união comunitária e de encontro social, de baile. Se o ato de tocar é geralmente, transmitida dentro da família, ou de pai para filho ou de tio para sobrinhos, os festivais são uma forma de festejo que junta o aspecto tradicional com a necessidade de extravasar pela via da festa as tensões cotidianas. O Senhor Valdomiro Kosanke é organizador de festivais de concertina há três anos e fala que, além do trabalho ser algo que dá retorno comercial, o objetivo maior é unir a comunidade em torno desse aspecto cultural que os pomeranos entendem como fundamental para sua cultura, juntamente com a demanda por diversão das comunidades rurais como um todo. Isso faz dos festivais eventos grandiosos e muito populares. A quantidade de concertinistas chega às centenas, muitos convidados diretamente pelo organizador, mas outros tantos que chegam a partir do

²³⁰ Entrevista realizada pelo historiador Gilson Moura Henrique Junior com o concertinista Angelim Zaager, em 04/11/2013.

²³¹ Entrevista realizada pelo historiador Gilson Moura Henrique Junior com o concertinista Angelim Zaager, em 04/11/2013.

boca a boca, dando ao festival uma diversidade imensa. Em alguns festivais só entram concertinistas, não entra acordeom. Nas do Senhor Valdomiro não há esta restrição²³². Há o costume de fornecer almoço aos concertinistas.

Os grupos de dança e de metais são outros aspectos da musicalidade pomerana que saltam aos olhos. Se os grupos de metais adquirem um caráter de tradição longeva, que remete ao início do século XX, os grupos de dança são fenômenos mais recentes, especialmente surgidos nas últimas décadas do século XX e que seguem a tradição da ênfase na dança como um aspecto cultural central para o povo pomerano.

Os conjuntos de metais, instrumentos de sopro, tem início a partir da influência de um pastor luterano de nome Friedrich Heinrich Wrede entre pomeranos no Estado do Espírito, que iniciou a organização de corais de trombone no início do século XX. Friedrich Heinrich Wrede tinha como hábito tocar trompete nos intervalos dos cultos ou durante suas longas caminhadas para atender os fiéis de sua Igreja²³³. Por seu amor à arte de tocar instrumentos de sopro, o pastor Friedrich criou o primeiro coral de trombone em Santa Maria de Jetibá. Após esta iniciativa vários coros de metais foram iniciados e integrados aos cultos e festas das comunidades religiosas dos pomeranos do Espírito Santo. No período de 1924 a 1962, grupos de trombonistas ganharam impulso nas comunidades de Santa Maria de Jetibá. O aumento da oferta desses instrumentos no mercado brasileiro fez com que essa tradição se fortalecesse, dessa maneira, hoje os conjuntos de metais são parte integrante da tradição das comunidades religiosas luteranas pomeranas no Espírito Santo. Os conjuntos de metais chegam a reunir grande número integrantes e marcam presença em quase todas as comunidades pomeranas capixabas. Esses grupos participam intensamente de diversas festas comunitárias, cultos religiosos, casamentos, batizados, bailes, festas folclóricas, etc²³⁴.

Os grupos de dança são uma busca de retomada, a partir do fim do século XX, das danças típicas da Pomerânia. Os grupos de dança buscam ser elementos de preservação de costumes e as tradições herdadas dos antepassados imigrantes. O que se convencionou a colocar-se como dança típica são manifestações culturais que se

²³² Entrevista realizada pelo historiador Gilson Moura Henrique Junior com o senhor Valdomiro Kosanke, em 27/04/2014.

²³³ Trombonistas. Disponível em <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/trombonistas-1>>. Acesso em 15/04/2014.

²³⁴ Entrevista realizada pelo historiador Gilson Moura Henrique Junior com o trombonista Carlos Seidler, em 02/11/2013.

pretendem preservadas, porém contém elementos de inspiração nas danças defendidas como tradicionais nas comunidades pomeranas do sul do Brasil. Há na comunidade, quem entenda isso como uma espécie de importação de identidade cultural, muitas vezes vindas de comunidades pomeranas, que não pertencem às comunidades pomeranas capixabas e que recebem muita influência alemã.

Mesmo assim, são inúmeros grupos de danças típicas pomeranas na área de influencia pomerana do Espírito Santo. Estes grupos são, em geral, formados por vinte e dois dançarinos, sendo onze homens e onze mulheres, podendo ser composto de adultos ou crianças. A presença da concertina é comum, mas os grupos de metais também são presentes. Os trajes usados pelos dançarinos remetem aos trajes que os antepassados vestiam quando chegaram ao Brasil e são compostos de calças bege, camisas brancas de mangas compridas, além de um colete pomerano, sem o uso do chapéu, para os homens, e vestidos rodados com anáguas, fofocas de cor branca, blusas com mangas fofas com bordados e por cima um avental também bordado, as sapatilhas de cor preta e as meias brancas, para as mulheres. O grupos de dança em Santa Maria de Jetibá surgiram nos anos oitenta²³⁵, em Afonso Cláudio o grupo de dança surgiu em 1987, em Vila Pavão, o primeiro grupo foi fundado em 15 de maio de 1988, o da comunidade de Barra de Jatibocas, em Itarana²³⁶, foi fundado em 1991, gerando uma espécie de fluxo de criação de outros grupos nas demais cidades, levando a existirem grupos em praticamente todo município onde há comunidade pomerana.

8.8. Religiosidade pomerana

A religiosidade pomerana obedece a um processo comum às religiões cristãs: a mescla de ritos cristãos com os de origem pagã anteriores ao cristianismo e adaptados ao cotidiano cristão²³⁷.

²³⁵ Grupos folclóricos. Disponível em <<http://www.pmsmj.es.gov.br/pg/24547/cultura-grupos-folcloricos/>>. Acesso em 15/04/2014.

²³⁶ Entrevista realizada pelo historiador Gilson Moura Henrique Junior com a senhora Marcileide Stuhr, em 03/11/2013.

²³⁷ CUNHA, Gladson Pereira da. Ritos de morte na vida: a ritualística mortuária pomerana em Santa Maria de Jetibá. CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – HISTÓRIA E SOCIEDADE, São Paulo, Vol. 8, n. 1, p. 34-60, 2010.

Esta característica ganha um quadro complexo quando o conflito entre a adaptação pomerana dos ritos pagãos se confronta com os dogmas cristãos presentes no luteranismo. Ao mesmo tempo o processo de acomodação entre partes conflitantes da estrutura religiosa presente entre os pomeranos, cria uma religiosidade peculiar, quase que de novo tipo no que tange às culturas tradicionalmente ligadas às religiões protestantes e levando a cabo um processo de *crossover* muito mais comum no catolicismo, mais presente nas culturas ibéricas que na religiosidade do centro/norte da Europa.

O movimento de supressão dos ritos e cultos populares levado a cabo pela igreja Católica Apostólica Romana no decorrer do período da consolidação de sua hegemonia como religião dominante na Europa, no período imediatamente após a queda do império Romano e que é vulgarmente chamada de Idade Média, teve um misto de busca de supressão por proibição com mescla destes com ritos e datas caras aos cristãos. No caso das religiões protestantes a busca de mescla foi menor que a de supressão, inclusive com uma compreensão de punição quase tão rígida quanto as presentes na Igreja Romana. Este processo já não obteve um sucesso absoluto na própria Europa, com permanências culturais pagãs ocorrendo, mesmo com toda pressão das igrejas, ainda no período entre os séculos XVI e XIX²³⁸. Com o processo de imigração as permanências pagãs tornaram-se mais livres da fiscalização eclesiástica e ganharam, especialmente no Brasil, um aspecto fundamental de eixo cultural, encontrando eco no diálogo que as próprias populações não pomeranas construíram com a religiosidade cristã popular, que bebendo nas tradições católicas criaram uma miríade de manifestações que enriquecem a tradição cristã com elementos pagãos e que permanecem presentes séculos a fio.

No caso da cultura pomerana a mescla que já existia na Europa ganhou fôlego no Brasil e mesmo sendo vista com reservas pelos pastores luteranos permaneceu como dado identitário paralelo à própria centralidade da religiosidade luterana. As benzedoiras são um exemplo de permanência cultural pagã que estabelece uma marca que difere os pomeranos das demais culturas que abraçam a religiosidade luterana.

Em um cenário como o das comunidades pomeranas onde cerca de 73% da população é luterana, e quem não é luterano em geral não é de origem pomerana, a

²³⁸ GINZBURG. Carlo. Andarilhos do bem: Feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 2007.

religiosidade mesclada, entre elementos pagãos e cristãos, fornece uma identidade única e uma característica de centralidade do aspecto mágico no cotidiano comunitário.

A centralidade mágica vai além dos aspectos puramente religiosos, abrange a própria concepção de cura e de percepção da paisagem, do entendimento da floresta, da plantação, da concepção de vida como parte de uma dinâmica fortemente marcada pela taxionomia social e pelos ritos de passagem, que tem na religiosidade pomerana, assim como na identidade comunitária, um processo de demarcação eloquente.

Assim como a religiosidade luterana estabelece todo um processo de parametrização do cotidiano, de paradigmas sociais, fortemente marcados pela acumulação de capital e pela relação íntima entre o ethos religioso e o ethos econômico, político e social²³⁹, a religiosidade mesclada com elementos do paganismo também permeia todo o tecido de relações entre os pomeranos e a realidade.

A percepção de sacralidade para além do luteranismo é estabelecida num processo que envolve todos os paradigmas construídos em torno dos ritos de passagem, desde os ritos envolvendo as crianças no primeiro ano, após o batismo, até os ritos funerários²⁴⁰.

Essa religiosidade popular protestante é fruto de uma diversidade de fatores combinados que estabeleceram um processo que fundiu um sincretismo anterior à imigração, com as circunstâncias próprias dessa imigração: dificuldades de comunicação com a população residente no Brasil, um choque cultural e linguístico entre os falantes do pomerano e do português e a ausência da religião oficial no país. Esse contexto gerou um vasto campo para que esta religiosidade popular protestante germinasse²⁴¹. A presença tardia de pastores formados na Europa foi um fator determinante deste tipo de construção de religiosidade e foi fruto inclusive da intervenção do governo imperial brasileiro no âmbito da política religiosa²⁴², restringindo a presença de protestantes no país. Esta ação gerou uma religiosidade

²³⁹ WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo, SP. Editora Guazzelli, 1999.

²⁴⁰ CUNHA, Gladson Pereira da. Ritos de morte na vida: a ritualística mortuária pomerana em Santa Maria de Jetibá. CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – HISTÓRIA E SOCIEDADE, São Paulo, Vol. 8, n. 1, p. 34-60, 2010.

²⁴¹ CUNHA, Gladson Pereira da. Ritos de morte na vida: a ritualística mortuária pomerana em Santa Maria de Jetibá. CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – HISTÓRIA E SOCIEDADE, São Paulo, Vol. 8, n. 1, p. 34-60, 2010.

²⁴² SOBOLL, Heinz Friedrich, Burros e Pastores na Terra do Espírito Santo. Edição bilingue. Gráfica Atrativa. 2011.

popular que mantêm, por exemplo, a ideia do não desmatamento das florestas, evitando que os espíritos maus percam seu lugar²⁴³. Esta concepção é um forte elemento de presença de aspectos culturais pré-cristãos mesclados com a religiosidade protestante. Esta mescla não foi sempre tolerada pela religião luterana, tendo encontrado nos pastores que aqui chegavam, no fim do século XIX e início do século XX, forte resistência.

A igreja luterana tem um forte papel no cotidiano popular pomerano. Ela está presente na formação da criança, a partir do batismo e depois do catecismo luterano, até a sociabilidade comunitária da vida adulta, com a associação de fiéis que gerem a igreja em parceria com o pastor. Essa associação, na maioria das vezes, também cuida dos cemitérios, em um processo cuja centralidade da religião é limiar à própria constituição da ideia de sociedade pelos pomeranos. Esta percepção de sociedade e comunidade atrelada à identidade religiosa atribui, na hierarquia social, um lugar especial a quem atua nos muitos aspectos da vida religiosa da comunidade, seja como pastor, benzedeira ou membro proeminente da comunidade religiosa por meio das associações comunitárias de organização das tarefas na igreja, cemitério, etc. O peso da religiosidade no cotidiano estabelece assim um lugar de proeminência social para quem se destaca como ator no teatro religioso e suas intrincadas relações com o cotidiano laico. A própria concepção de laicidade é senão uma parte integrante estrutural e presente na relação entre a igreja luterana e a comunidade. A sociedade se estrutura em torno da igreja luterana, mesmo quando a fé luterana não é objeto fundamental. A organização social comunitária tem na igreja um centro e por isso a cultura estabelece nos ritos de passagem presentes na fé, também ritos teus de construção da identidade coletiva. Assim, a associação comunitária parte da igreja para a sociedade e interage com o cotidiano secular reduzindo os conflitos e estabelecendo interação entre o profano e o sagrado, formando e erigindo alicerces que fazem parte da estrutura de identidade da comunidade como um todo²⁴⁴.

A alfabetização, por exemplo, muitas vezes ocorreu à revelia das políticas de educação do estado a partir da alfabetização em alemão das crianças para o

²⁴³ Triglaw: a proteção pomerana: entrevista com o teólogo Wilhelm Wachholz. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2091&secao=271>. Acesso em 15/04/2014.

²⁴⁴ DROOGERS, André. Religião, identidade e segurança entre imigrantes luteranos da Pomerânia, no Espírito Santo (1880-2005). *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 28(1): 13-41, 2008.

catecismo, acontecendo na igreja e dando ao pomerano um primeiro contato com outra língua que não a doméstica, nem a do país natal. Só posteriormente, no decorrer do século XX, mais precisamente no período Vargas, especialmente durante a segunda guerra, que esta prática foi proibida e se iniciou um processo de paulatina perda da relação entre a fé luterana e a língua alemã, também afetando o processo de letramento, assim como o da fala do pomerano como língua doméstica²⁴⁵. Esse processo de letramento começou a ser sanado nos anos de 1970 com as campanhas de alfabetização rural. As comunidades pomeranas e teuto-brasileiras foram profundamente afetadas com a medida varguista, dada a centralidade da língua na construção identitária destas comunidades como forma de cultivar seus costumes e tradições. Durante o chamado Estado Novo, erigido por Getúlio Vargas após um processo que pode ser chamado de golpe interno na revolução de 1930, as comunidades imigrantes, especialmente as teuto-brasileiras e pomeranas, foram vítimas, então, de um projeto de construção de um país unitário. Esse projeto nacionalista jogava por terra a pluralidade cultural através de um processo autoritário de exclusão da diversidade pela imposição da centralidade e unicidade de uma cultura nacional, falante de português e católica. Esta política autoritária e excludente não atingiu somente os protestantes e teuto-brasileiros, pomeranos, etc., mas todo âmbito de imigração e também as etnias indígenas e as culturas de origem africana que não comungassem com o ideário de brasileiroismo construído pela política estatal. Porém, para os pomeranos, cuja língua ainda tinha a particularidade de ter escrita, o choque foi muito maior. A perda da identidade se deu aqui no âmbito da cessão do uso da língua doméstica e também do rompimento com a tradição religiosa da educação em “Língua alta”, como denominavam o alemão. Aqui o choque foi o rompimento da cultura em dois eixos fundamentais da identidade pomerana.

²⁴⁵ SANTOS, Fabiane dos. A construção do inimigo: é tempo de guerra, medo e silêncio . Revista Santa Catarina em História - Florianópolis - UFSC – Brasil, v.1, n.2, p. 62-72, 2007.

9. Bibliografia

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

A crise do sistema feudal. Disponível em <http://www.miniweb.com.br/historia/Artigos/i_media/crise_sist_feudal.html>. Acesso em 16/09/2013.

ADDUCI, Cássia Chrispiniano. A “pátria paulista”: o separatismo como resposta à crise final do Império brasileiro. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2000.

A MÚSICA POMERANA COMO NARRATIVA DA MEMÓRIA CULTURAL. Disponível em <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/viewFile/2652/2944>>. Acesso em 25/04/2014.

ARANHA, Graça, Canaã. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1981.

APE. Estatísticas. Disponível em <<http://www.ape.es.gov.br/imigrantes/html/estatisticas.html>> Acesso 25 abril 2013.

APE. Hospedaria. Disponível em <<http://www.ape.es.gov.br/imigrantes/html/hospedaria.html>> Acesso 14 mai 2013. Para um esboço sobre as hospedarias em São Paulo, ver: PAIVA, Odair da Cruz; MOURA, Soraya. Hospedaria de imigrantes em São Paulo. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

Aspectos Históricos. Disponível em <<http://www.laranjadaterra.es.gov.br/exibir.aspx?pag=historia>>. Acesso em 14/09/2013.

As Teorias Racistas: Gobineau e Chamberlain. Disponível em <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/eugenia7.htm>>. Acesso em 14/09/2013.

A unificação italiana. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/historiag/unificacao-italia.htm>>. Acesso em 14/09/2013

BAHIA, Joana. O Tiro da bruxa: identidade, magia e religião na imigração alemã. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 95. Apud.: Elichirigoity, Maria Teresinha Py. *A formação do sentido e da identidade na visão bakhtiniana*. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 181-206, 2008.

BELTRÃO, Gabriel Magalhães. A continuidade da abordagem positivista acerca do folclore na obra de Théó Brandão. Revista Crítica Histórica; ano I, nº 2, Dezembro, 2010.

BEZERRA, Maria Cristina dos Santos. Imigração alemã para a cidade de Limeira. Disponível em < http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario5/c_imigra%E7ao_mariacristinabezerra.doc > Acesso em 01 de agosto 2013.

BOSENBECKER, Vanessa Patzlaff. Influência Cultural Pomerana Permanências e Adaptações na Arquitetura Produzida Pelos Fundadores da Comunidade Palmeira Cerrito Alegre, Terceiro Distrito de Pelotas (RS). Vanessa Patzlaff Bosenbecker; orientador: Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira Pelotas, 2012.

BOTOCUDOS FORAM OS PRIMEIROS HABITANTES DA REGIÃO. Disponível em <<http://www.colatina.es.gov.br/acidade/?pagina=historia&item=1>>. Acesso em 10/09/2013.

BRANDÃO, Helena Câmara Lacé; MARTINS, Angela Maria Moreira. VARANDAS NAS MORADIAS BRASILEIRAS: do período de colonização a meados do século XX.

CARVALHO, José Murilo de. Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a república que não foi, São Paulo, SP. Companhia das Letras, 1999.

CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 2011.

CINTRA, C. Carta topográfica da imperial colônia do Rio Novo, 1872. Fonte: Biblioteca Nacional.

COMUNIDADE DE POMERANOS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9AXFFL/tese_biblioteca_pdf.pdf?sequence=1>. Acesso em 15/05/2014.

CORONA, Bianca Aparecida. Pomerisch Huss: a casa pomerana no Espírito Santo. Vitória – ES: GM Editora, 2012.

COSTA, Emília Viotti da. Da monarquia à república: momentos decisivos. 6.ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

COSTA, João Ribas da. Canoeiros do Rio Santa Maria. Segunda Edição. Rio de Janeiro. 1951.

DAEMON, Basílio, 1834-1893. Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística. – 2.ed. – Vitória : Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010.

DANIEL, Camila. A imigração e a formação de uma nação: por um projeto de modernização do Brasil. XI Congresso Luso Afro brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e (des)igualdades. UFBA, Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

DIE GREIFEN. Die regierenden Herzöge. Udo Madsen, 1998. Disponível em <<http://www.ruegenwalde.com/greifen/ablauf/ablauf.htm>> Acesso em 15 mai 2013.

Domingos Martins, Espírito Santo-ES. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/espiritosanto/domingosmartins.pdf>>. Acesso em 14/09/2013.

DROOGERS, André. Religião, identidade e segurança entre imigrantes luteranos da Pomerânia, no Espírito Santo (1880-2005). *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 28(1): 13-41, 2008.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão social do trabalho*. São Paulo, SP. Editora Martins Fontes, 1999.

E. F. Vitória a Minas (1910-2010). Disponível em <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/efvm/baixo.htm>>. Acesso em 13/09/2013.

ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE. Rio de Janeiro: Editora Delta S.A, 1978, vol.4.

ESPÍRITO SANTO. Calendário de eventos 2013. Secretaria Estadual de Cultura, 2013. Eventos do Espírito Santo que mostram alguns eventos em cidades pomeranas.

FACHIN, Patricia. *Pomeranos: construtores de um império? Jairo Scholl Costa avalia a influência pomerana no desenvolvimento de São Lourenço do Sul*. **IHU On-Line – Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, nº 271, Ano VIII, 01.09.2008. Disponível <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2095&secao=271> **Acesso em 22 ago. 2013.**

FARIA, Castro. Origens Culturais da habitação popular no Brasil. *Boletim do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, Secção de Antropologia, número 12, outubro 1951.

FEHLBERG, J.; MELO, D. M. de; MENANDRO, P. R. M.; & RODRIGUES, M. M. P. Casamento Pomerano” e Trabalho Feminino: Um Estudo com Casais de Duas Gerações. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 7(1), São João del-Rei, janeiro/junho 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: editora Nova Fronteira, 1985.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Histórias de família: casamentos, alianças e fortuna*. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, RJ. Editora FGV, 2006.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da alimentação*. 4 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

FRIEIRO, Eduardo. Feijão, angu e couve: ensaios sobre a comida dos mineiros. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1982, p. 129.

GINZBURG, C. A micro-história e outros ensaios. Rio de Janeiro: DIFEL, 1991.

GINZBURG, C. Andarilhos do Bem: Feitiçarias e cultos Agrários nos séculos XVI e XVII. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, A. C. *Imigrantes italianos: entre a italianità e a brasilidade*. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em < <http://brasil500anos.ibge.gov.br/en/territorio-brasileiro-e-povoamento/italianos> > Acesso 10 jan 2013.

GONÇALVES, José Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.

Governador Lindenberg. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades/historico_conteudo.php?codmun=320225>. Acesso em 14/09/2013.

GRANZOW, Klauz. Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul: colonos alemães no Brasil. Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2009.

Grupos folclóricos. Disponível em <<http://www.pmsmj.es.gov.br/pg/24547/cultura-grupos-folcloricos/>>. Acesso em 15/04/2014.

HARTUWIG, Adriana Vieira Guedes. *Políticas públicas de reafirmação identitária em comunidades pomeranas do Espírito Santo*. V Congresso CONSAD, Centro de Convenções Ulysses Guimarães Brasília/DF – 4, 5 e 6 de junho de 2012.

HERBORDUS and EBO. The life of Otto apostle of Pomerania 1060-1139. Charles H. Robinton, D. D. London: Society for promoting Christina knowledge; New York: The Macmillam Company, 1920.

História. Disponível em <<http://www.colatina.es.gov.br/acidade/?pagina=historia&item=5>>. Acesso em 13/09/2013.

História. Disponível em <<http://www.govlindenberg.es.gov.br/index.php/historia>>. Acesso em 14/09/2013.

História. Disponível em <http://www.itaguacu.es.gov.br/mat_vis.aspx?cd=6495>. Acesso em 14/09/2013.

História. Disponível em <<http://www.santateresa-es.com.br/historia.htm>>. Acesso em 16/09/2013

História da cidade. Disponível em <<http://www.pancas.es.leg.br/historia/historia-cidade/historia-da-cidade/>>. Acesso em 14/09/2013.

Histórico da Ocupação, Etnia, Costumes e Tradições. Disponível em <<http://www.itarana.es.gov.br/default.asp>>. Acesso em 15/09/2013.

Historia de Domingos Martins. Disponível em <<http://www.domingosmartinsfacil.com.br/historia-geografia.php>>. Acesso em 13/09/2013.

História do Município de Afonso Cláudio. Disponível em <<http://www.ape.es.gov.br/index2.htm>>. Acesso em 10/09/2013.

História do município de Baixo Guandu. Disponível em <<http://www.pmbg.es.gov.br/v1/?page=conteudo&subfrom=Hist%C3%B3ria%20do%20Munic%C3%ADpio&pagina=41e6356351>>. Acesso em 13/09/2013.

História do Município. Disponível em <<http://www.marechalfloriano.es.gov.br/historia>>. Acesso em 14/09/2013.

História do Município. Disponível em <<http://www.santaleopoldina.es.gov.br/Conteudo.aspx?ct=HISTORIA&no=1>>. Acesso em 14/09/2013.

HOBBSAWM, Eric. A era das revoluções. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2009.

IBA MENDES Pesquisa. Doutrina do Branqueamento. Disponível em <<http://www.ibamendes.com/2011/01/doutrina-do-branqueamento.html>>. Acesso em 25/05/2013.

IBGE Cidades, Afonso Cláudio. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320010>>. Acesso em 10/09/2013.

IBGE Cidades, Baixo Guandu. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320080>>. Acesso em 10/09/2013.

IBGE Cidades, Colatina. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320150&search=espírito-santo|colatina#historico>>. Acesso em 10/09/2013.

Imigração alemã no Brasil. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_alem%C3%A3_no_Brasil>. Acesso em 25/05/2013.

IMIGRAÇÃO POMERANA NO ESPÍRITO SANTO: TERRITÓRIO E IDENTIDADES. Disponível em

<<http://lhpc.ufes.br/sites/lhpc.ufes.br/files/Helmar%20Spamer.pdf>>. Acesso em 16/05/2014.

IPHAN. INRC – Instrumento de Identificação do Patrimônio Imaterial. Power Point.

IPHAN. Inventário nacional de referências culturais: manual de aplicação. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. Brasília : Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

IPHAN. Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=12308&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional>> Acesso 20 ago 21 13.

Itaguaçu Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320270>>. Acesso em 14/09/2013.

Itarana. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades/historico_conteudo.php?codmun=320290>. Acesso em 14/09/2013.

JACOB, Jorge Kuster, A Imigração e Aspectos da Cultura Pomerana no Espírito Santo. Vitória, Estado do Espírito Santo. Departamento Estadual de Cultura. 1992.

JACOB, Jorge Kuster e JACOB, Jorcy Foesrte.. Cidades irmãs pomeranas: Vila Pavão (ES) e Espigão do Oeste (RO). Nova Venécia – ES: Gráfica Cricaré, 2011.

José Vieira de Carvalho e Cunha, Major. Disponível em <http://origem.biz/ver_cadastro1.asp?id=1604>. Acesso em 13/09/2013.

KALK, Celso. Mar Azul / Blag Sei: poesias de um pomerano. Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2009.

KRUGER, Vanildo. Pomeranos: a trajetória de um povo. Direção Vanildo Kruger, KG Produções, 2009/2010.

Laranja da Terra. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320316>>. Acesso em 14/09/2013.

LOPES, Almerinda da Silva, Albert Richard Dietze -Um artista-fotógrafo alemão no Brasil do século dezenove. Vitória, Estado do Espírito Santo. Gráfica e Editora A1. 2003.

MALTZAHN, Gislaine Maria. Família, ritual e ciclos de vida: estudo etnográfico sobre narrativas pomeranas em Pelotas (RS). Orientador : Flávia Maria Silva Rieth. – Pelotas, 2011.

Marechal Floriano. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/espiritosanto/marechalfloriano.pdf>. Acesso em 14/09/2013.

MARX, Karl. A origem do Capital: A acumulação primitiva. São Paulo, SP. Coleção Bases, 5ª ed. Global Editora, 1985.

MAUCH, C., VASCONCELOS, N.(Org). Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história. Canoas: Ed. Ulbra, 1994. Disponível em <http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/alemaes> Acesso 10 jan 2013.

Memória Jurisprudencial Ministro Nelson Hungria. Disponível em <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/publicacaoPublicacaoInstitucionalMemoriaJurisprudencial/anexo/NelsonHungria.pdf>. Acesso em 14/09/2013.

MONSMA, Karl *Vantagens de Imigrantes e Desvantagens de Negros: Emprego, Propriedade, Estrutura Familiar e Alfabetização Depois da Abolição no Oeste Paulista*. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 53, no 3, 2010, pp. 509 a 543.

NASR. Michelle Fonseca. A MÚSICA POMERANA CAPIXABA: A FESTA E CASAMENTO E OUTRAS REFLEXÕES. Revista de História e Estudos Culturais, Uberlândia, ano VI, n. 4, p. 2-15, out/nov/dez 2009.

NEVES, Delma Pessanha (Org.). Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil, v.2: formas dirigidas de constituição do campesinato. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

Nova Venécia. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/espiritosanto/novavenecia.pdf>. Acesso em 14/09/2013.

O Município, A História. Disponível em <http://www.pmsmj.es.gov.br/pg/24517/o-municipio-historia/>. Acesso em 14/09/2013.

O significado da Alemanha para a gênese da geografia moderna. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13235>. Acesso em 14/09/2013.

PAIVA, Odair da Cruz. Historiografia da imigração para o Brasil – 1940/1950. Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010. Cd-Rom.

Pancas. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320400>. Acesso em 14/09/2013.

PARKER, Geoffrey (ed). Atlas da História do Mundo da Folha de São Paulo. 4 ed. São Paulo: Empresa Folha da manhã S.A., 1995.

PERONI, Nivaldo. Ecologia e genética da mandioca na agricultura itinerante do litoral sul paulista: uma análise espacial e temporal. Tese apresentada ao Instituto de Biologia para obtenção do título de Doutor em Biologia Vegetal. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2004.

PETRI, Kátia Cristina Petri. “Braços para a lavoura”: a subvenção paulista para imigração (1886-1896). Revista Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade. Disponível em <www.pucsp.br/revistacordis> Acesso em 20 jan. 2013.

PORT, Ido e Diana Coseti Jacks. O Jardim da Igreja de Alto Jatibocas. Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo. Editora Follador. 2005.

_____, Os Altos de Itarana. Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo. Graficol. 2004.

Quem foi Antônio Rodrigues da Cunha, Barão de Aimorés Barão de Aimorés?. Disponível em <<http://projetcocicare.blogspot.com.br/2012/10/quem-foi-antonio-rodrigues-da-cunha.html>>. Acesso em 14/09/2013.

REBELO, Fernanda. Raça, clima e imigração no pensamento social brasileiro na virada do século XIX para o XX. Filosofia e História da Biologia, v. 2, p. 159-177, 2007.

Revolução Pernambucana. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/linhadotempo/epocas/1817/revolucao-pernambucana>>. Acesso em 14/09/2013

ROCHA, Levy, Viajantes estrangeiros no Espírito Santo. Brasília. Editora de Brasília. 1971.

ROCHE, Jean, A Colonização Alemã no Espírito Santo. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo (PUC). 1968.

RÖLKE, Helmar Reinhard, Descobrendo Raízes. Aspectos Geográficos e Culturais da Pomerânia. Vitória, Espírito Santo. UFES - Secretaria de Produção e Difusão Cultural. 1996.

SALAMONI, Giancarla. *A imigração alemã no Rio Grande do Sul – o caso da comunidade pomerana de Pelotas*. História em Revista, Pelotas, v. 7, 25-42, dezembro/2001.

Santa Leopoldina. anta Leopoldina. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320450&search=espírito-santo|santa-leopoldina#historico>>. Acesso em 14/09/2013.

SANTA MARIA DE JETIBÁ. História da Colonização de Santa Maria de Jetibá. Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo, 2001.

Santa Maria de Jetibá. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades/historico_conteudo.php?codmun=320455>. Acesso em 14/09/2013.

SANTOS, Fabiane dos. A construção do inimigo: é tempo de guerra, medo e silêncio. Revista Santa Catarina em História - Florianópolis - UFSC – Brasil, v.1, n.2, p. 62-72, 2007.

São Gabriel da Palha. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320470>>. Acesso em 14/09/2013.

São Roque do Canaã. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/espiritosanto/saoroquedocanaa.pdf>>. Acesso em 16/09/2013.

SCHWARTZ, L. H., SALAMONI, G. *Organização e reprodução social da agricultura familiar entre descendentes de imigrantes pomeranos no município de São Lourenço do Sul, RS*. XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária, São Paulo, 2009, p. 1-23.

SEBRAE. Inventário da Oferta Turística do Município de Itarana. Itarana, 2006.

SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MOIR, M. C., SANTOS, R. V. (orgs.). Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro. Fio Cruz/ CCBB, 1996.

SOBOLL, Heinz Friedrich, Burros e Pastores na Terra do Espírito Santo. Edição bilíngue. Gráfica Atrativa. 2011.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo. Disponível em <<http://www.artistasgauchos.com/conexao/3/cap10.pdf>> Acesso 01 fev., 2013.

TEIXEIRA, Claudia Mudado. Considerações Sobre Arquitetura Vernácula. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, volume 15, número 17. 2º semestre de 2008. PUC Minas. Brasil.

TERRA, FAMÍLIA E TRABALHO ENTRE DESCENDENTES DE POMERANOS NO ESPÍRITO SANTO. Disponível em <<http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/1446/1557>>. Acesso em 15/05/2014.

THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular e tradicional*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013.

TRESSMANN, Ismael. *Dicionário Pomerano-Português*. Dicionário de língua pomerana. Obra de consulta.

TRESSMANN, Ismael. *O pomerano: uma língua baixo-saxônica*. Educação, Cultura, Sociedade. Revista da Farese (Faculdade da Região Serrana), vol. 1, pp. 10-21. Santa Maria de Jetibá. 2008. Disponível em <[http://www.farese.edu.br/pages/artigos/pdf/ismael/O%20POMERANO%20-%20UMA%20L%C3%8DNGUA%20B.-SAX%C3%94NICA%20\(R Revista%20da%20Farese\).pdf](http://www.farese.edu.br/pages/artigos/pdf/ismael/O%20POMERANO%20-%20UMA%20L%C3%8DNGUA%20B.-SAX%C3%94NICA%20(R Revista%20da%20Farese).pdf)>. Acesso em 05 jun. 2013.

Triglaw: a proteção pomerana: entrevista com o teólogo Wilhelm Wachholz. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2091&secao=271>. Acesso em 15/04/2014.

Trombonistas. Disponível em <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/trombonistas-1>>. Acesso em 15/04/2014.

Usinas no Espírito Santo. Disponível em <<http://www.edpescelsa.com.br/aescelsa/usinas.asp>>. Acesso em 13/09/2013.

_____. 1998. *Bilingüismo no Brasil: O caso da Comunidade Pomerana de Laranja da Terra*. Associação de Estudos da Linguagem (ASSEL-Rio). Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Rio de Janeiro.

Vila Pavão. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320515>>. Acesso em 16/09/2013.

Vila Valério. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320517>>. Acesso em 16/09/2013.

VOLBRECHT, Edgar e outros, *A Igreja Centenária de Jequitibá. Resumo histórico dos cem anos da Igreja de Jequitibá*. Vitória, Estado do Espírito Santo. 1982.

VOLBRECHT, Edgar; SCHAEFFER, Dário Geraldo. *Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – Resumo histórico dos cem anos de existência da igreja de Jequitibá*. – Município de Santa Leopoldina. Vitória, 1982.

WAGEMANN, Ernst, *A colonização alemã no Espírito Santo* (trad. Reginaldo Santana). Rio de Janeiro. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 1949.

WEBER, Gerlinde Merklein Weber. A escolarização entre descendentes pomeranos em Domingos Martins. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo (Dissertação de Mestrado), 1998.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo, SP. Editora Guazzelli, 1999.

WEISS, Hugo (coord.). Enciclopédia Delta de história geral. Rio de Janeiro: Editora Delta S.A., 1966, vol. 4.

WEYRAUCH, C.S. Pioneiros Alemães de Nova Filadélfia: relatos de Mulheres. Caxias do Sul: EDUCS, 1997; DADALTO, Maria Cristina. *Relacionamento interétnico e memória: narrativas de colonizadores do norte do Espírito Santo*. Dimensões, vol. 18 – 2006;

WILLEMS, E. A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. 2 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980. p.38-39. Disponível em < <http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/alemaes/regioes-de-origem-e-de-destino-dos-imigrantes>> Acesso 10 jan 2013.

Sites:

<http://diovanifavoreto.blogspot.com.br/2011/05/acervo-iconografico-da-arquidiocese-de.html>

<http://www.ijsn.es.gov.br/Sitio/>

< http://www.ihges.com.br/biblioteca_hemeroteca.htm

<http://www.sebrae.com.br/uf/espírito-santo/>

http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/CNFCPartesanoato_entrevista_Lima.pdf

http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Patrimonio_Imaterial/Dossie_Patrimonio_Imaterial/Dossie_Jongo.pdf

http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Patrimonio_Imaterial/Dossie_Patrimonio_Imaterial/Dossie_Paneleira_Goiabeira.pdf

<http://www.estacaocapixaba.com.br>

www.ufes.br

<http://www.secult.es.gov.br/>

<http://www.ape.es.gov.br/index2.htm>

http://www.secult.es.gov.br/?id=/espacos_culturais/hotsites/biblioteca_publica/capa

<http://www.aves.org.br/>

<http://www.cnfcp.gov.br/>

<http://portal.iphan.gov.br/portal/>

[montarPaginaInicial.do?jsessionid=C54027641DD95549CD753BCB0BA61382](http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaInicial.do?jsessionid=C54027641DD95549CD753BCB0BA61382)

<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?>

[id=12755&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional](http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=12755&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional)

Entrevistas

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Cilmar Cesconetto Franceschetto em Vitória, em dezembro de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Roberval Sthur em Santa Maria de Jetibá, em dezembro de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Paulo Henrique Falqueto da Silva em Afonso Cláudio, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Alex Reblim Braun e Vanderlei Boldt em Serra Pelada, município de Afonso Cláudio, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Simone Mutz em Laranja da Terra, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Noemia Flegler Schult em Laranja da Terra, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Tarcila Tressmann em Laranja da Terra, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com D. Adélia em Laranja da Terra, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Irene Boldt Felhberg em Itarana, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Adolpho Brandenburg em Itarana, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Norberto Holz em Itarana, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Ernesto Ebermann em Itaguaçu, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Florinda Kipert Possebon em Vila Valério, em julho de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Marcela dos Santos em Colatina, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Alfredo Clabund em Tancredinho, município de São Roque do Canaã, em abril de 2013.

Expressão utilizada pelo pastor para mencionar os mortos.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com o pastor Nivaldo Geik Volz em Santa Teresa, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com D. Elza Lemhe em Santa Teresa, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Zilar Potier em Santa Maria de Jetibá, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Ismael Tressmann em Santa Maria de Jetibá, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Clara Lauvers Litke em Santa Maria de Jetibá, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Lúdia Gunz Ramlovw em Santa Maria de Jetibá, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Lucinei Vollbercht em Santa Maria de Jetibá, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Edgar Vollbrecht em Santa Maria de Jetibá, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com D. Elza Lemhe em Santa Teresa, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Bruna Neitzel em Domingos Martins, em abril de 2013. O vídeo do casamento segue em anexo.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Joel Velten em Domingos Martins, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Hilda Braun em Domingos Martins, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Diovani Favoreto com Clara Haese em Domingos Martins, em abril de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Florêncio Romais em Pancas, em julho de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Vanilda Haese Dettmann em Pancas, em julho de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Sr. Marcelino Schwanz e Elzira Schwanz em Pancas, em julho de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com D. Érica Schramm Hoffmann em Governador Lindenberg, em julho de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Mercedes Discher da Silva em São Gabriel da Palha, em julho de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Luísa Borchardt em São Gabriel da Palha, em julho de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Sr. Florêncio Schulz, e D. Hilda Schulz em Vila Valério, em julho de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Sr. Valdir Braum em Vila Valério, em julho de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Sr. Valter Ohnesorg em Vila Pavão, em julho de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Sras. Ivonete Morgan Tressmann e Maria da Conceição Santos Silva em Vila Pavão, em julho de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Sr. Jorge Kuster Jacob em Vila Pavão, em julho de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Sr. Arthur Pagung em Vila Pavão, em julho de 2013.

Entrevista realizada por Liliane Faria Corrêa Pinto e Luciano Faria Corrêa Lima com Sr. Valdir Wutke em Vila Pavão, em julho de 2013.

Entrevista realizada pelo historiador Gilson Moura Henrique Junior com o trombonista Carlos Seidler, em 02/11/2013.

Entrevista realizada pelo historiador Gilson Moura Henrique Junior com a senhora Marcileide Stuhr, em 03/11/2013.

Entrevista realizada pelo historiador Gilson Moura Henrique Junior com o concertinista Angelim Zaager, em 04/11/2013.

Entrevista realizada pelo historiador Gilson Moura Henrique Junior com o concertinista Adenivaldo José dos Santos, o Zé do fole, em 27/04/2014.

Entrevista realizada pelo historiador Gilson Moura Henrique Junior com o senhor Valdomiro Kosanke, em 27/04/2014.

Entrevista realizada pelo historiador Gilson Moura Henrique Junior com o senhor Alberto Braum, em 28/04/2014.